

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROCHELE ALLGAYER

AS EXPOSIÇÕES E EVENTOS NAS CONFERÊNCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO:
UM REPERTÓRIO PEDAGÓGICO PARA SE DAR A VER (1927 – 1956)

CURITIBA
2020

ROCHELE ALLGAYER

AS EXPOSIÇÕES E EVENTOS NAS CONFERÊNCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO:
UM REPERTÓRIO PEDAGÓGICO PARA SE DAR A VER (1927 – 1956)

Dissertação apresentada como critério para o grau de Mestra em Educação, na Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gizele de Souza

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Allgayer, Rochele.

As exposições e eventos nas Conferências Nacionais de Educação:
um repertório pedagógico para se dar a ver (1927-1956). / Rochele
Allgayer, 2020.
191 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gizele de Souza

1. Educação – História (1927-1956). 2. Congressos – Educação. 3.
Congressos – Conferências Nacionais de Educação. 4. Eventos. 5.
Associação Brasileira de Educação. I. Título. II. Universidade Federal do
Paraná.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -
40001016001P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ROCHELE ALLGAYER**, intitulada: **AS EXPOSIÇÕES E EVENTOS NAS CONFERÊNCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO: UM REPERTÓRIO PEDAGÓGICO PARA SE DAR A VER (1927 - 1956)**, sob orientação da Profa. Dra. GIZELE DE SOUZA, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 05 de Março de 2020.

GIZELE DE SOUZA
Presidente da Banca Examinadora

SOLANGE APARECIDA DE OLIVEIRA HOELLER
Avaliador Externo (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA CATARINE)

VERA LUCIA GASPAR DA SILVA
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

DULCE REGINA BAGGIO OSINSKI
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ROCHELE ALLGAYER



Exposição realizada na I Conferência Nacional de Educação, Curitiba, 1927.

AS EXPOSIÇÕES E EVENTOS NAS CONFERÊNCIAS NACIONAIS DE EDUCAÇÃO:
UM REPERTÓRIO PEDAGÓGICO PARA SE DAR A VER (1927 – 1956)

CURITIBA

2020



AGRADECIMENTO ESPECIAL

Agradeço à professora e orientadora Dra. Gizele de Souza, que do auge da sua sabedoria, compreendeu minhas dúvidas, limitações e, ainda assim, me guiou, apoiou com orientações constantes em toda a jornada. Aprendizado, rigor, competência e animação permearam nossos diálogos. Me sinto privilegiada pela excepcional orientação de uma professora intelectual, crítica e extremamente acessível. A professora Gizele me ajudou muito nesta pesquisa sempre atenta, minuciosa, crítica e pacienciosa. Agradeço também aos inúmeros empréstimos de livros da sua biblioteca particular. Ainda, por sempre me acolher tão bem em sua casa, em nossos dias de orientação e pelo excelente convívio familiar. A você, minha querida professora, carinho, amizade e muita, mas muita admiração!





AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me proteger, conduzir e abençoar sempre!

A realização de um Mestrado é um projeto intenso. Conciliar a vida acadêmica a vida profissional e pessoal, foi um grande desafio. Eu jamais teria conseguido trilhar este caminho sozinha. Esta conquista é o reflexo das inúmeras e sensacionais pessoas que cruzaram meu caminho e me ajudaram muito. Sou grata a todos!!

Agradeço às professoras Vera Lucia Gaspar da Silva, Dulce Regina Baggio Osinski e Solange Aparecida de Oliveira Hoeller por aceitarem o convite para compor a minha banca e pelas leituras criteriosas. Em específico: à Vera, pelas discussões sobre cultura material escolar; à Dulce pelas marcações minuciosas e pela paciência em me auxiliar com as imagens e à Solange por me apontar outros caminhos. As proposições e comentários dessas professoras possibilitaram reescrever o texto com uma nova lente.

Aos professores da Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.



À professora Dra. Nádia Gaioffatto Gonçalves pelos valorosos ensinamentos durante o processo de formação.



À professora Dra. Dulce Regina Baggio Osinski, pelas aulas sensacionais sobre modernidade, tão atuais e importantes para compor a minha formação. Agradeço o apoio, sugestões e indicações de rara sensibilidade em relação às imagens usadas neste trabalho.

À professora Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva pelas imprescindíveis sugestões e indicações que enriqueceram este trabalho. Por me dar suporte no meu primeiro Congresso voltado à materialidade, história e patrimônio e também pelas preciosas contribuições no trabalho de qualificação, além de sua amizade.

À professora Dra. Andreia Cordeiro pelos ensinamentos, incentivo e leveza sempre que nos encontramos.

Ao professor Dr. Carlos Eduardo Vieira pela ênfase dada à pesquisa e historiografia da educação brasileira durante a disciplina.





Ao grupo do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE), da UFPR, pelas trocas incríveis que foram promovidas durante a jornada.

Aos funcionários e arquivistas dos acervos. O trabalho e atendimento de cada um de vocês foi imprescindível para a realização deste texto. Em especial, agradeço à Raquel da Silva e ao Cláudio Alves, responsáveis pelo acervo da ABE, pelo excelente, eficiente e atencioso trabalho desta dupla que me apoiou durante toda a investigação. Agradeço também à equipe da Companhia Melhoramentos de São Paulo, pelo apoio tão especial!



Agradeço a atenciosidade de todos os funcionários com os quais dialoguei nos seguintes acervos: Departamento do Arquivo Público do Paraná, Arquivo Público Municipal Casa da Memória, Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes, Biblioteca de Humanas, Educação e Artes da Universidade Federal do Paraná, Biblioteca do Museu Paranaense, Biblioteca Pública do Paraná, Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá e Cinemateca de Curitiba, pela disponibilização dos documentos e competência na prestação de seus serviços.



Agradeço ao meu companheiro Marcos Lucato, por todo o incentivo ao longo da jornada. Mais do que isso, pelo apoio incondicional, pela parceria diária, pelas tantas vezes que me acompanhou nas idas e vindas aos acervos, pelas viagens aos congressos, por me suportar nos dias difíceis e pelas risadas e emoções nos dias bons. Também te agradeço por todo o auxílio com os quadros, com o suporte junto as imagens, as leituras importantes e demais investidas neste trabalho. Sem você eu não teria conseguido. Com todo o meu amor, sou eternamente grata!

À minha filha Yasmin Allgayer Sobé pelo amor, apoio e compreensão das minhas ausências.

Agradecimento especial à amiga Franciele França pelas várias leituras criteriosas, sugestões e apoio em todas as horas. Por me ouvir nos momentos de angústia, por me ajudar nos dias de batalha e produção, inclusive aos domingos. Acima de tudo pela amizade e parceria que se iniciou neste mestrado, a qual desejo cultivar sempre. Que venham os novos projetos!

Ainda em especial a amiga Patrícia Villar, pelo incentivo e parceria desde o início. Tua presença e apoio diário foram muito importantes na caminhada.





Agradeço à minha amada mãe Ruth Allgayer pelo apoio e amor incondicional. A minha querida tia Rachel Baptista Teixeira e tio Sérgio Gomes pelo amor e carinho de sempre. Por todo o suporte no Rio de Janeiro para que pudesse estar bem acolhida durante os longos dias de pesquisa e pelo fundamental apoio moral e logístico na participação dos Congressos. Gratidão!

Aos meus irmãos Christian Allgayer, Guinter Allgayer e Claus Allgayer por toda ajuda de sempre: incentivos, recursos, viagens, encontros e tudo mais que foi compartilhado.

Agradeço a companhia da minha amiga querida Gecia Aline Garcia, pelo aprendizado constante desde as primeiras aulas até as oficinas e projetos elaborados durante o processo de formação, pela leveza do nosso tempo juntas, pelas muitas alegrias e algumas angústias compartilhadas. Acima de tudo pela generosa e valorosa amizade!

Agradeço à amiga Fátima Branco Godinho de Castro pela amizade e troca tão profícua durante o percurso do mestrado. Sou grata pelo carinho, pelo incentivo, apoio e parceria, nesse tempo compartilhado por nós.



As queridas colegas do mestrado e doutorado pelos momentos alegres que vivemos. Em especial registro aqui meu agradecimento a colega Liceia Pires pelo apoio com as fontes localizadas em Paranaguá.

Agradeço às amigas Lívia Karina Franco e Odete Turatti pelo apoio e incentivo diário ao longo da caminhada.



Ao Miró, parceiro de muitas horas de leitura e digitação, por mastigar o apêndice todas as vezes que ele foi afixado na parede. Com certeza, a cada novo apêndice impresso, maior e mais detalhado ele se apresentou. Também por exigir brincar um pouco todos os dias.

A todos, o meu mais sincero agradecimento.





Dedico este trabalho à minha mãe
Ruth Allgayer, com todo o meu amor.



RESUMO

Os aspectos da cultura material escolar em Exposições e Eventos que ocorreram no século XX, vinculados às Conferências Nacionais de Educação (CNEs), entre 1927 e 1956, promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE), constituíram o tema deste trabalho. A ABE teve papel fundamental no campo pedagógico e da educação escolar no Brasil. Sua atuação se dava na realização de debates, inquéritos, pesquisas, exposições, bibliotecas, publicações, conferências e cursos que contribuíram para a educação nacional. Esta investigação procurou mapear as Exposições e Eventos, ligadas às CNEs, como possíveis constituidoras de um amplo repertório que divulgavam as práticas educativas e de produção material para a escola brasileira. Para além disso, elas podem ser tomadas como uma estratégia para dar a ver uma escola dita moderna e, também, para fomentar o debate em torno das condições materiais da instrução pública, naquele período. Este trabalho privilegia entre as inúmeras atividades e ações as exposições pedagógicas e escolares; as visitas às escolas consideradas referências; as apresentações de exercícios físicos em geral e de canto orfeônico, entre outras que constituíram um amplo repertório pedagógico. Para a investigação e coleta de fontes a pesquisa valeu-se de um *corpus* documental composto por ofícios, cartas, relatórios, impressos da ABE, fotografias, notícias publicadas na imprensa e periódicos. Todo o material arrolado está disponível nos acervos da ABE, da Companhia Melhoramentos de São Paulo, do Departamento de Arquivo Público do Paraná, da Biblioteca Pública do Paraná, da Biblioteca do Museu Paranaense, da Divisão de Documentação Paranaense, da Casa da Memória, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, da Cinemateca e da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, entre outros. O trabalho está dividido em três partes. A primeira delas é denominada Exposições e Eventos: cenas e cenários e as Conferências, na perspectiva de que as Exposições e Eventos seriam as cenas e, as Conferências, os cenários em que elas se deram. A segunda explora as Exposições e Eventos – um repertório pedagógico em destaque, no intento de descrever alguns eventos inseridos nos programas das Conferências, apoiada concomitantemente pelas notícias publicadas na imprensa. E a última parte Entrelaçando os fios e ajustando o foco no Paraná, propõe aproximar-se das articulações para I CNE (1927), em Curitiba, bem como explorar a mostra do Paraná, na Exposição do Congresso de Goiânia (1942) e as Exposições e Eventos ocorridos na XI CNE (1954), também em Curitiba. As referências teóricas para o auxílio analítico vinculam-se à perspectiva dos estudos sobre a cultura material escolar e da história cultural. As autoras Rosa Fátima de Souza, Vera Lucia Gaspar da Silva e Gizele de Souza com o aporte para a cultura material escolar. Roger Chartier e Michel de Certeau na história cultural. Entre tantas outras bibliografias que vão auxiliar a compor as análises destacam-se as contribuições de Marta Carvalho acerca da ABE e das Conferências Nacionais de Educação. Sobre a história da educação, da escola e da cultura ancora-se nas referências propostas por Agustín Escolano Benito.

Palavras-chave: Cultura Material Escolar, Exposições, Conferências Nacionais de Educação, Eventos Pedagógicos, Associação Brasileira de Educação.

ABSTRACT

The theme of this work is composed by aspects of the school equipment culture presented in exhibitions and events during the 20th century, linked to National Education Conferences (NECs) that happened between 1927 and 1956 promoted by the Brazilian Education Association (ABE). This association played a key part in the pedagogical and the formal schooling fields in Brazil. It operated by organizing debates, enquiries, researches, exhibitions, libraries, publications, conferences and courses which contributed to Brazilian education historical development. The present investigation sought to map the Exhibitions and Events related to NECs, as possible constituents of a large repertoire made to publicize the educational materials and practices for Brazilian schools.

Furthermore, they can be viewed as a strategy to idealize a so said modern school and also to foster the debate on public education material conditions during that period. This work prioritizes, amongst all activities and actions, the pedagogical and school exhibitions; study visits to referential schools; physical exercise and choir singing presentations in general, amongst others that formed a broad pedagogical repertoire.

Several documents were utilized to compose the research and collection of data, such as circular letters, letters, reports, ABE printed documents, photographs, historical press news and periodicals. All the listed material is available on the BEA catalogue, Melhoramentos Company (São Paulo), Parana's Public Archive's Department, Parana's Documentation Division, Memory House, Parana's Historical and Geographical Institute, Parana's Cinema Collection and Hemeroteca Digital from the National Library, amongst others. The present work is divided in three parts. The first of them is called Exhibitions and Events: scenes and sceneries and the Conferences, being exhibitions and events the scene and Conferences the scenarios where they were placed. The second part explores exhibitions and events – a highlighted pedagogical repertoire, which tries to describe some integrated events on the Conference's programs, whilst supported by press News. The last part, Interweaving threads and focusing in Parana, intends to approach I CNE articulations in Curitiba, and also to explore Parana's Mostra (Exhibition) on the Goiânia Congress (1942) and the exhibitions and events that happened during the XI CNE (1954), also in Curitiba. Theoretical reference for the analysis binds itself to school cultural material and cultural History. The authors Rosa Fátima de Souza, Vera Lucia Gaspar da Silva e Gizele de Souza bring the support to the school material culture. Roger Chartier and Michel de Certeau in cultural history. Amongst all the literature composing the analysis, it is possible to highlight the contributions from Maria Carvalho about BEA and National Education Conferences. Agustín Escolano Benito contributed with references on education history, school and culture.

Key words: School Material Culture, Exhibitions, National Education Conferences, Pedagogical Events, Brazilian Education Association.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - MOSTRUÁRIO DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, SECÇÃO ESCOLAR, RJ, 1922	49
FIGURA 2 - OUTRO ASPECTO DO MOSTRUÁRIO DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, NO RIO DE JANEIRO, EM 1922	50
FIGURA 3 - ASPECTOS DA PARADA ESCOLAR, COM ALUNOS DO 3º E 4º ANOS DOS GRUPOS ESCOLARES DE CURITIBA, NA I CONFERÊNCIA, NA RUA XV DE NOVEMBRO, EM 1927.....	55
FIGURA 4 - CAPA E PÁGINA 1 DO LIVRO ÁLBUM DA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EM 1927.....	56
FIGURA 5 - ENTRADA DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR E PEDAGÓGICO, DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA III CNE, 1929, NA CIDADE DE SÃO PAULO.....	61
FIGURA 6 - PLANETÁRIO ZEISS IN MILANO, DONAZIONE HOEPLI, PROGETTATO DALL' ARCH.P.PORTALUPPI, IL QUALE HÁ VOLUTO OFFRIRE ALA CITTÀ DI MILANO LA SUA PREZIOSA QUANTO DISINTERESSATA OPERA	63
FIGURA 7 - VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PLATEIA ASSISTE À DEMONSTRAÇÃO ORFEÔNICA, NO CAMPO DO VASCO DA GAMA, EM 1935.....	70
FIGURA 8 - ENTRADA PRINCIPAL PARA O RECINTO DAS EXPOSIÇÕES, VENDO-SE A PARTE DO EDIFÍCIO DA ESCOLA TÉCNICA ONDE OCORREU O OITAVO CONGRESSO DE EDUCAÇÃO E ASSEMBLEIAS, EM 1942.....	71
FIGURA 9 - HALL E STAND PRINCIPAL DA SEGUNDA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CARTOGRAFIA E ESTATÍSTICA	72
FIGURA 10 - CAPAS DOS PROGRAMAS DE ALGUMAS CNES	77
FIGURA 11 - CAPAS DOS PROGRAMAS AVULSOS DO VII CNE, RJ, 1935	80
FIGURA 12 - ENVELOPES DA ABE.	81
FIGURA 13 - A EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS NA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA.....	85
FIGURA 14 - OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA, EM 1927	85
FIGURA 15 - EXPOSIÇÃO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM 1927.	87

FIGURA 16 - ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA RUA LÍBERO BADARÓ, EM 1929	90
FIGURA 17 - OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA RUA LÍBERO BADARÓ, EM 1929	90
FIGURA 18 - PÁGINA DA REVISTA DIVULGANDO ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO PEDAGÓGICA ANEXA À V CONFERÊNCIA COM DESTAQUE PARA O MODERNO MOBILIÁRIO PARA O JARDIM DE INFÂNCIA	96
FIGURA 19 - EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, REALIZADA NA ESCOLA NORMAL DOM PEDRO II, EM 02/02/1934, NA CIDADE DE FORTALEZA.....	100
FIGURA 20 - OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, REALIZADA NA ESCOLA NORMAL DOM PEDRO II, EM 02/02/1934, NA CIDADE DE FORTALEZA	101
FIGURA 21 - LISTA DE REVISTAS, FOLHETOS E CARTAZES PARA A EXPOSIÇÃO DO VII CNE, RJ, 1935	105
FIGURA 22 - LISTA DE CATÁLOGOS E LIVROS PARA A EXPOSIÇÃO DO VII CNE, RJ, 1935.....	106
FIGURA 23 - CONGRESSISTAS E ESTUDANTES NA II CNE, EM BELO HORIZONTE. ATIVIDADE CULTURAL E VISITA A UMA ESCOLA (1928).....	110
FIGURA 24 - RELATÓRIO INSERIDO NO ÁLBUM DE EDIFÍCIOS ESCOLARES DE SÃO PAULO, EM 1929	111
FIGURA 25 - IMAGEM DE UMA DAS ESCOLAS FOTOGRAFADAS, INSERIDA NO LIVRO EDIFÍCIOS ESCOLARES (1929)	111
FIGURA 26 - IMAGEM DOS CONGRESSISTAS NA ESCOLA ORSINA DA FONSECA, POR OCASIÃO DO VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EM 1935	113
FIGURA 27 - IMAGEM DOS CONGRESSISTAS EM VISITA AS INSTALAÇÕES DO CENTRO DE DEMONSTRAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO, DURANTE A XI CNE, EM 1954	115
FIGURA 28 - ANÍSIO TEIXEIRA E DELEGADOS EM VISITA À ESCOLA PARQUE, SALVADOR, EM 1956	120
FIGURA 29 - OUTRO ASPECTO DA ANÍSIO TEIXEIRA DA VISITA À ESCOLA PARQUE,	121

FIGURA 30 - ALUNOS DOS 3º E 4º ANOS DOS GRUPOS ESCOLARES DE CURITIBA EM EXERCÍCIOS EM FRENTE A UNIVERSIDADE	124
FIGURA 31 - APRESENTAÇÕES DE EXERCÍCIOS FÍSICOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS SECUNDÁRIAS, EM 1935	126
FIGURA 32 - A PARADA DOS ATLETAS COM APRESENTAÇÕES DE EXERCÍCIOS FÍSICOS, EM 1935	127
FIGURA 33 - EXIBIÇÃO DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS NO VIII CNE, EM 1942	128
FIGURA 34 - REVISTA DA SEMANA COM DESTAQUE PARA APRESENTAÇÃO DE CANTO ORFEÔNICO, EM 1935	131
FIGURA 35 - MATÉRIA DA REVISTA ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE - Nº 02 - DEZEMBRO DE 1927	136
FIGURA 36 - RECIBO DE PAGAMENTO AO FOTÓGRAFO GROFF ASSINADO POR LYSIMACO FERREIRA DA COSTA	138
FIGURA 37 - RECIBO DE PAGAMENTO DO FILME DOCUMENTÁRIO PELO PARANÁ MAIOR ASSINADO POR LYSIMACO FERREIRA DA COSTA	139
FIGURA 38 - RECIBO DE PAGAMENTO DE MATERIAL GRÁFICO ELABORADO PARA A I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EM CURITIBA, ENCAMINHADO PARA A INSPETORIA GERAL DE EDUCAÇÃO, EM 1927.	142
FIGURA 39 - MATÉRIA PUBLICADA NO DIÁRIO DA TARDE EM 23 DE SETEMBRO DE 1927 ANUNCIANDO CURITIBA COMO SEDE DA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (ESQUERDA)	144
FIGURA 40 - PÁGINA 2 DO PROGRAMA DA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO (DIREITA)	144
FIGURA 41 - REVISTA DA SEMANA, COM DESTAQUE PARA AS EXPOSIÇÕES, AGOSTO DE 1942	148
FIGURA 42 - REVISTA DA SEMANA, OUTROS ASPECTOS DAS EXPOSIÇÕES, AGOSTO DE 1942	149
FIGURA 43 - CAPA DO O PARANÁ EM NÚMEROS, DISTRIBUÍDO NA II EXPOSIÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DE CARTOGRAFIA E ESTATÍSTICA, NO VIII CNE, GOIÂNIA, EM 1942	153
FIGURA 44 - PÁGINA REFERENTE AO CENSO EDUCACIONAL DO PARANÁ EM 1940	154
FIGURA 45 - PÁGINA COM ASPECTOS DA SITUAÇÃO CULTURAL PARANÁ EM 1940	155

FIGURA 46 - CROQUI DAS INSTALAÇÕES DA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DO CAFÉ, NA REGIÃO DO TARUMÃ.....	157
--	-----



LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: DEMONSTRATIVO DAS 13 CNES, TEMAS E EXPOSIÇÕES ENTRE 1927 E 1967.....	40
QUADRO 02 - LISTA DE EXPOSIÇÕES E EVENTOS OCORRIDOS NAS CNES (1927 A 1956).....	44
QUADRO 3 - LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES DOS PROGRAMAS DA CNES 1927 A 1956	79



LISTA DE SIGLAS DAS FONTES E DOS ARQUIVOS CONSULTADOS

ABE - Associação Brasileira de Educação – Rio de Janeiro – RJ

APMCM - Arquivo Público Municipal Casa da Memória – Curitiba – PR

BCEB - Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – Curitiba – PR

BHEA/UFPR - Biblioteca de Humanas, Educação e Artes da Universidade Federal do Paraná

BMP - Biblioteca do Museu Paranaense – Curitiba – PR

BPPR - Biblioteca Pública do Paraná – Curitiba – PR

CC - Cinemateca de Curitiba – PR

CM – Companhia Melhoramentos de São Paulo – São Paulo – SP

DEAP-PR - Departamento do Arquivo Público do Paraná – Curitiba– PR

IHGPR - Instituto Histórico e Geográfico do Paraná – Curitiba-- PR

IHGP - Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá –Paranaguá – PR



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1 - CENAS E CENÁRIOS: AS EXPOSIÇÕES/EVENTOS E AS CONFERÊNCIAS	46
CAPÍTULO 2 - AS EXPOSIÇÕES E EVENTOS: UM REPERTÓRIO PEDAGÓGICO EM DESTAQUE	74
2.1 UM PASSEIO PELOS IMPRESSOS DA ABE	76
2.2 AS EXPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS E AS EXPOSIÇÕES ESCOLARES	82
2.3 VISITAS ÀS ESCOLAS	107
2.4 EXIBIÇÃO DE EXERCÍCIOS FÍSICOS	122
2.5 O CANTO ORFEÔNICO	128
CAPÍTULO 3 - ENTRELACANDO FIOS E AJUSTANDO O FOCO NO PARANÁ	133
3.1 A MOSTRA DO PARANÁ NA II EXPOSIÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DE CARTOGRAFIA E ESTATÍSTICA	145
3.2 A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CAFÉ, A FEIRA DO TARUMÃ E AS VISITAS ÀS ESCOLAS DE CURITIBA	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
FONTES:.....	164
REFERÊNCIAS:	170
APÊNDICE:	181

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema “Exposições Pedagógicas” surgiu ao ler algumas teses, dissertações e artigos científicos relacionados às Conferências Nacionais de Educação (CNEs¹) promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE). Tais estudos se dedicaram, mais especificamente, à pesquisa historiográfica sobre a ocorrência dos congressos de educação voltados a identificar os temas debatidos, as questões políticas, os discursos dos intelectuais, as estratégias de intervenção, os projetos de nação, entre outros assuntos. Dentre estes trabalhos estão: Maria José Franco Ferreira da Costa (1987); Maria José Franco Ferreira da Costa, Denilson Roberto Schena e Maria Auxiliadora Schimidt (1997); Marta Maria Chagas de Carvalho (1998); Aurélio Bona Júnior (2005); Geysa Spitz Alcoforado de Abreu (2007); Telma Faltz Valério (2013); Solange Aparecida de Oliveira Hoeller (2014); Carlos Eduardo Vieira (2017), entre outros que se dedicaram a analisar as conferências e suas interfaces.

Marta Maria Chagas de Carvalho, em *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*, desenvolve, como tese de doutoramento, uma investigação minuciosa nos arquivos da ABE. Com este trabalho, ela explica o sentido eminentemente político da atuação dos educadores associados na ABE a partir de 1924. Maria José Franco, uma das filhas do professor Lysimaco Ferreira da Costa, escreveu algumas publicações voltadas a registrar a obra do educador: *Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem)*, em 1987 e a obra *Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem – III) “O Economista”*, em 1994, entre outros trabalhos. Ainda, com o apoio do INEP e em parceria com Denilson Roberto Schena e Maria Auxiliadora Schimidt, elaboraram uma obra sobre a história da I Conferência Nacional de Educação, realizada em Curitiba, em 1927. Aurélio Bona Júnior (2005) estudou as Conferências estaduais do Paraná, voltando-se aos discursos educacionais, ocorridos nos anos 20. Geysa Spitz Alcoforado de Abreu (2007) analisou a trajetória de Lysimaco Ferreira da Costa como educador, reformador e político no

¹ Neste trabalho usaremos a sigla CNEs, com referência à Conferência ou a Congresso Nacional de Educação. Após a I Conferência (1927), outras doze foram realizadas no período de 1928 a 1967, sendo que em 1935 e 1942 o título do evento foi mudado para Congresso Nacional de Educação, sem alteração na ordem de ocorrência, conforme segue: II Conferência Nacional de Educação – Belo Horizonte (1928); III Conferência Nacional de Educação – São Paulo (1929); IV Conferência Nacional de Educação – Rio de Janeiro (1931); V Conferência Nacional de Educação – Niterói (1932-1933); VI Conferência Nacional de Educação – Fortaleza (1934); VII Congresso Nacional de Educação – Rio de Janeiro (1935); VIII Congresso Nacional de Educação – Goiânia (1942); IX Congresso Brasileiro de Educação – Rio de Janeiro (1945); X Conferência Nacional de Educação – Rio de Janeiro (1950); XI Conferência Nacional de Educação – Curitiba (1954). XII Conferência Nacional de Educação – Salvador (1956); XIII Conferência Nacional de Educação – Rio de Janeiro (1967). Fonte: ABE.

cenário educacional, no final do século XIX e início do século XX. Telma F. Valério (2013) estudou a organização das Conferências entre 1928 e 1942. Carlos Eduardo Vieira (2017) analisou os discursos educacionais dos eventos organizados pela ABE denominado de Conferências Nacionais de Educação entre os anos de 1927 e 1967. Destaca-se ainda o trabalho de Solange Aparecida de Oliveira Hoeller (2014), intitulado “As conferências educacionais: projetos para a nação e modernidade pedagógica nos anos de 1920 - Brasil”, uma vez que a autora em sua tese dedicou o capítulo 5 para tratar de “outros lugares e outras de formas de sociabilidade: entornos das conferências” (p. 375). Neste tópico, a autora descreve uma série de atividades inseridas nos programas das Conferências, tais como as visitas às escolas, as exposições escolares, os jantares, os bailes, as mensagens e as homenagens, entre outras ações, ainda possíveis de serem exploradas.

O estudo dos trabalhos citados acima permitiu identificar que as Exposições Pedagógicas² eram atividades paralelas às CNEs e se configuravam como parte dos eventos relacionados à educação, ainda pouco exploradas pelos pesquisadores da História da Educação Brasileira. Também foi fundamental para perceber que existe uma vasta produção relacionada às CNEs, ao mesmo tempo em que se evidencia uma lacuna no que tange à materialidade das Exposições Pedagógicas e eventos, que ocorreram atreladas às Conferências. Neste sentido, essas leituras foram essenciais para desenhar o estudo aqui pretendido.

Mas, para além das leituras, como eu cheguei a este tema? Primeiro tive a oportunidade de participar de algumas aulas³ do Curso de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Paraná (UFPR), momento em que tomei contato com a bibliografia voltada à História da Educação Brasileira, à cultura material e à cultura material escolar, essenciais para a minha pesquisa. Ainda, nesse período, tive acesso a uma matéria publicada (1933) na Revista Vida Doméstica, que dava destaque à Exposição Pedagógica anexa à V Conferência Nacional de Educação, realizada em Niterói no mesmo ano. A fotografia inserida na página retratava móveis escolares adequados ao Jardim de Infância e me chamou a atenção. Eu venho de uma formação acadêmica em Comunicação Social com as habilitações em Jornalismo e também em Publicidade e Propaganda e meus sentidos foram aguçados, despertados para buscar mais

² Esta pesquisa utiliza o termo Exposições Pedagógicas em letra maiúscula, para fazer referência às Exposições Pedagógicas que representam as atividades atreladas às Conferências Nacionais de Educação, configurando-se algumas vezes como anexas às CNEs e, em outras, como paralelas às CNEs. Vale destacar que, embora as Exposições Pedagógicas tenham ocorrido ligadas aos congressos de educação, nem sempre elas foram realizadas no mesmo espaço físico.

³ Assisti alguns encontros da disciplina de História, Escolarização e Cultura Escolar ministrada pelas professoras Dra. Gizele de Souza e Dra. Andréa Bezerra Cordeiro, no primeiro semestre de 2017, na UFPR.

informações sobre o tema. O historiador norte-americano Robert Darnton, em uma entrevista a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, observa as semelhanças entre o trabalho de um repórter e de um historiador. “Os repórteres também têm que ser fiéis aos fatos e organizá-los em uma narrativa convincente”, (PALLARES-BURKE 2000, p. 240). Para Darnton, todo historiador deveria trabalhar algum tempo em um jornal, cobrindo a coluna policial, pela prática da averiguação minuciosa dos fatos. Em suas palavras, “pesquisa sólida e respeito por exatidão são coisas cruciais” (PALLARES-BURKE 2000, p. 238). Nesse sentido, entre tantas disciplinas da ciência social aplicada à Comunicação Social, tenho interesse pela fotografia, que entendo como um registro histórico com potencial revelador. E foi a partir daquela fotografia, que fui levada a investigar outras imagens, outros textos e notas na imprensa, visitei arquivos, vasculhei pistas relacionadas às Conferências que me ajudaram a vislumbrar este trabalho. Este fio inicial me levou a alguns fatos, que não são nada sem a sua trama (VEYNE, 1998), ainda, naquele momento, a ser descoberta e construída.

Também contei com todo o apoio, incentivo e suporte Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE), da UFPR. Este grupo promoveu a troca de experiências com outras pesquisadoras, bem como acesso a uma vasta bibliografia que me auxiliou na compreensão dos temas relacionados a esta investigação. Destaco ainda a união e parceria com as colegas de grupo, as mestrandas Gecia Aline Garcia e Fatima Godinho, orientandas da professora Gizele de Souza, que também voltaram seus estudos a temas próximos, dentro da cultura material escolar, promovendo, para além do compartilhamento empírico, uma intensa e profícua convivência para todas nós.

Ainda no percurso da pesquisa bibliográfica foi possível perceber que a materialidade das exposições poderia conter informações e elementos, na perspectiva da cultura material, que ajudariam a elaborar uma narrativa deste passado e contribuir para a historiografia da educação. Marc Bloch (2002) nos diz que o historiador é chamado a prestar contas. Para o estudo aqui desenvolvido, este “prestar contas” seria aprofundar a pesquisa de documentos dos arquivos da ABE, nos acervos públicos e, em relatos de jornais e revistas da época, como uma maneira de adentrar às exposições, mediar as fontes que possam auxiliar a visualizar e a decifrar parte da materialidade que existia na educação naquele tempo.

Evidencia-se que nesta investigação as cenas analisadas são as Exposições Pedagógicas e demais Eventos, que têm espaço de produção e divulgação inseridas nos cenários das Conferências Nacionais de Educação, constituídas nesta pesquisa como *o lugar* (CERTEAU, 1982). Por *Lugar*, Certeau (1982) entende uma posição ocupada pelo historiador, “lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (p. 65). Nessa perspectiva, compreende-se

portanto que não é possível separar as Exposições Pedagógicas e eventos da esfera em que se encontram circunscritas. Assim, ao tratar das exposições pedagógicas e demais eventos como cenas, é necessário explorar também os cenários em que elas acontecem, ou seja, volta-se o olhar também para as CNEs e para sua instituição promotora - a ABE. Essa instituição social fornece os documentos para os procedimentos de análise, essenciais para a construção de uma narrativa relacionada às Exposições e Eventos, objeto de estudo desta pesquisa.

As CNEs foram organizadas e promovidas pela Associação Brasileira de Educação (ABE). Fundada em 1924, a ABE desempenhou um papel fundamental para o debate e a organização política do sistema educacional escolar no Brasil. De acordo com Marta Carvalho,

(...) um grupo de intelectuais imbuí-se da missão de regenerar o país pela educação, lançando-se à propaganda da “causa educacional”. Procuram ganhar a adesão da opinião pública por meio da imprensa e do rádio e, no espaço das cidades, promovem festas, exposições e competições escolares no intuito de arregimentar adeptos. Nos congressos que organizam sedimenta-se certo consenso quanto às mudanças que a escola era chamada a promover. (CARVALHO, 2000, p. 237, grifos da autora).

A Associação funcionava como uma sociedade civil, com adesões voluntárias, reunindo professores, intelectuais, médicos, engenheiros e interessados em educação. Sediada no Rio de Janeiro, a ABE mantinha representações em vários Estados do país, por meio das seções regionais.

Entre as inúmeras propostas e ações realizadas, a Associação promoveu 13 Conferências Nacionais de Educação, em diferentes estados, configurando-se em instâncias de debates. Também promoveu debates que fracassaram, como por exemplo, a tentativa de implantar o primeiro planetário do Brasil, nos anos 30. Nesse sentido, a ABE, como organizadora das CNEs, é responsável pela definição dos locais de realização dos congressos, pelos temas a serem debatidos, pela definição das pessoas envolvidas e devidas funções a serem exercidas durante o desenrolar dos encontros nacionais. Para além do plano dos debates dos temas essenciais voltados à educação brasileira, as CNEs também se configuram em lugar de produção e divulgação para os diferentes suportes pedagógicos, por meio das Exposições Pedagógicas e eventos ocorridos durante toda a programação das Conferências.

Diante disso, o objetivo deste trabalho é realizar um mapeamento e análise sobre **as Exposições Pedagógicas e Eventos, bem como sobre o provimento material que circulava nessas exposições vinculadas às CNEs**. E desta feita, o problema de pesquisa se volta para **compreender de que modo as Exposições e Eventos se constituem em repertório pedagógico no percurso das Conferências Nacionais de Educação, entre 1927 e 1956**.

Para melhor compreensão do objeto de estudo, buscou-se os significados dos termos exposições, eventos e repertório. Para o termo *exposições* foi observado o significado da palavra *exposição*, definido como substantivo feminino que significa ato de se expor. Como o trabalho se volta para as exposições relacionadas ao universo educacional, também foi realizada uma pesquisa na obra *Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction primaire*, de Ferdinand Buisson, publicada em 1887. Neste encontra-se o verbete *exposições escolares (expositions scolaires)*, que, em sua definição, apresenta quase 4 páginas com explicações de como deveria ser uma exposição que mostrasse a educação, os alunos, os professores, o ensino e todos os elementos que deveriam compor tal mostra para refletir com clareza o trabalho realizado pela instrução elementar. As Exposições Universais são usadas como referências para compor o verbete, e de acordo com o autor, a Exposição Universal de Paris, em 1855, foi a primeira, ainda que timidamente, a abrir uma subdivisão especial para exibir elementos relacionados a escola, conforme seu programa. O autor ainda aponta a Exposição Universal de Londres, em 1862⁴, como aquela que dedica um espaço exclusivo para mostrar os métodos e materiais de ensino elementar, e em que, além de Inglaterra, que tinha tomado iniciativa, várias nações, França, Saxônia, Baviera, Wurtemberg, Áustria, Bélgica, Suíça, Rússia, Dinamarca, Suécia, Noruega, Itália e Portugal foram mais ou menos representadas por 180 expositores (BUISSON, 1887, p. 976).

Mas em que consiste exposições pedagógicas e eventos? Nesta investigação, considera-se o conjunto de ações realizadas junto às Conferências Nacionais de Educação, que representaram uma série de atividades tais como as exposições dos trabalhos escolares, as visitas às escolas ou aos prédios novos, as apresentações de canto orfeônico e de exercícios físicos, como repertório pedagógico para dar-se a ver a uma educação considerada referência naquele momento histórico.

⁴ Texto original: verbete exposição escolar foi escrito por Charles Defodon - *Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire*. BUISSON, Ferdinand. I Parte - Tomo I, p. 974-978 Paris: Librairie Hachette, 1887. "Mais ce programme ne reçut qu'un très faible commencement d'exécution, et l'on peut dire que véritablement les expositions scolaires ont eu pour premier modèle la classe XXIX de l'exposition de 1862, exclusivement consacrée aux méthodes et au matériel de l'enseignement élémentaire, et dans laquelle, outre l'Angleterre qui en avait pris l'initiative, diverses nations, la France, la Saxe, la Bavière, le Wurtemberg, l'Autriche, la Belgique, la Suisse, la Russie, le Danemark, la Suède, la Norvège, l'Italie et le Portugal, furent plus ou moins représentées par 180 exposants. Des rapports, signés des noms de MM. Flandin, Rapet, Dufau, Jules Cloquet, Daubrée, Leblanc, Léon Say, Charles Robert, le général Morin et Tresca, sur les huit sections de ta classe XXIX, forment une partie fort intéressante de l'ensemble des rapports publiés alors, sous la direction de M Michel Chevalier, par les membres de la section française du jury international, et on y peut trouver, au point de vue de l'historique de l'instruction primaire, de très utiles renseignements. A tradução das páginas 974, 975, 976 e 978 foi feita sob encomenda para esta dissertação. O material foi traduzido pelas educadoras Maria Helena Pupo Silveira e Maria Teresa da Costa Coimbra.

Neste sentido, esse conjunto de ações extrapola a ideia de um leque de exposição de objetos e artefatos (livros, mapas, quadros, móveis, filmes, brinquedos pedagógicos, laboratórios, equipamentos e objetos de uso para ensinar) para assumir uma estratégia de afirmação, crítica, proposição e difusão de uma dada escola primária e de sua materialidade. Aqui, entende-se que essas ações contribuem para a produção de sentidos de uma escola primária brasileira, ou seja, as ações de visitas às escolas e exposições escolares por exemplo, tanto refletem e projetam debates e ideias acerca de ‘padrões modelares’, como também expressam representações e sentidos atribuídos a dimensões escolares e cotidianas.

Na mesma proposta, buscou-se o significado do termo *evento*. Segundo os dicionários, a palavra deriva do latim *eventus* e relaciona-se a acontecimentos de especial interesse. Partindo dessa perspectiva, nesta investigação, eventos serão compreendidos como as ações inseridas nos programas das CNEs. Para o historiador e arqueólogo Paul Veyne, a História é, acima de tudo, uma narrativa de eventos. “A história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página” (VEYNE, 1998, p. 18). Para o autor, o que os historiadores classificam como *um evento* é apreendido de uma maneira direta e completa, mas sempre incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios... a história, é em essência, um conhecimento por meio de documentos (VEYNE, 1998, p. 18).

Outro questionamento pertinente, é compreender o sentido do termo *repertório*. Para isso, foram consultados três dicionários⁵ no intento de averiguar o significado do termo: um dicionário de língua portuguesa de 1832, um dicionário de francês para latim de 1834 e um dicionário da língua portuguesa datado de 1939. Os dicionários apresentam a palavra como um substantivo masculino proveniente do latim - *repertorium*, definindo-a como: ideia de coleção organizada por ordem, coletânea, conjunto, compilação, reunião de conhecimentos e esclarecimentos, conjunto de leis e documentos oficiais, conjunto de obras, conjunto de músicas, conjunto de conhecimentos sobre determinado assunto. Desta forma, vale ressaltar que, a apropriação utilizada e a inserção das exposições e eventos neste espectro ocupam uma perspectiva conceitual, e não meramente substantiva.

Vera Teresa Valdemarin (2010), em seus estudos sobre história dos métodos e materiais de ensino, discorre sobre a produção de um repertório pedagógico e modos de uso na Escola Nova. De acordo com a autora, “uma forma para perceber o desenvolvimento, a difusão e incorporação por professores e profissionais de educação das mudanças pedagógicas pode ser

⁵ Os dicionários consultados para a pesquisa foram buscados no Acervo Digital da Universidade de São Paulo e no Museu Paranaense, inseridos no item Referências Bibliográficas.

a investigação da apropriação pelos usuários, acompanhando-se o significado atribuído às concepções mediante seu uso” (VALDEMARIN, 2010, p. 129). Isso significa refletir que a realização destas conferências produziu, não somente debates acerca da educação nacional, mas igualmente relevante, um conjunto de Exposições e Eventos - aqui nomeados como repertório pedagógico – colaboradores com o debate e com a proposição e difusão de uma materialidade da educação primária brasileira.

As exposições pedagógicas e eventos e seu repertório pedagógico para *dar-se a ver* não estão descolados de um sentido de escola moderna, presente neste momento histórico. Na educação brasileira é possível perceber que o discurso da modernidade alinhado ao termo progresso e a valorização do novo se faz presente em várias bibliografias.

A modernidade não é marcada por um período com rígidas fronteiras e espaços de tempo. Foi percebida e citada ao longo dos séculos por pensadores, filósofos e historiadores. Berman (1987) situa a modernidade no início do século XVI com a fase inicial do Renascimento, na sequência com a Revolução Industrial e suas implicações posteriores e no século XX. Segundo o autor, a modernidade se expande em nível mundial. Berman denominou modernidade como “um conjunto de experiências” do sujeito. Para ele o indivíduo moderno deveria “encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos.” (BERMAN, 1987, p.15).

Após a Revolução Industrial, a partir do século XVIII, o surgimento de máquinas mais complexas, movidas a outros tipos de energia que não a força humana, representou nos séculos seguintes uma enorme transformação para a humanidade. Neste processo, de passagem do feudalismo para o capitalismo, ocorreram transformações que mudaram a organização do trabalho e da vida em sociedade. Tais mudanças transformaram o modo de trabalhar, de se relacionar, de pensar, de agir e de como utilizar o tempo. Carlota Boto (1996) ao escrever sobre a Educação, no ideário iluminista, pondera sobre a escola do homem novo:

O homem seria integralmente tributário no processo educativo a que se submetera. A educação adquire, sob tal enfoque, perspectiva totalizadora e profética, na medida em que, através dela, poderiam ocorrer as necessárias reformas sociais perante o signo do homem pedagogicamente reformado. (BOTO, 1996, p. 21).

No panorama da educação se difundiu a ideia de que era preciso uma escola nova para moldar esse homem moderno ligado ao desenvolvimento industrial e à urbanização. Rosa Fátima de Souza (2000) descreve que muitos modelos, temas e estratégias desenvolvidos em

vários países, ditos civilizados, foram debatidos no contexto brasileiros, na esfera política e pedagógica.

(...) métodos de ensino, a ampliação dos programas com a inclusão de novas disciplinas, livros e manuais didáticos, a classificação dos alunos, a distribuição dos conteúdos e do emprego do tempo, o mobiliário, materiais escolares, certificados de estudos, a arquitetura, a formação de professores, a disciplina escolar. Diversos meios possibilitaram a circulação dessas ideias e modelos: as Exposições Universais, os congressos de instrução, relatórios oficiais elaborados por ministros e inspetores do ensino, publicações de livros, artigos, jornais e revistas especializadas no campo educacional. (SOUZA, 2000, p. 11).

As mudanças no espaço escolar, no método do professor, nos instrumentos de ensino, nos artefatos pedagógicos, na organização da escola ocorreram em diferentes proporções e lugares.

Marta Maria Chagas de Carvalho (2003, p. 23), indica que a escola, após a proclamação da República, em São Paulo, “representava um futuro luminoso em que o saber e a cidadania se entrelaçariam trazendo o Progresso”. As reflexões da autora apontam que:

(...) para se fazer ver, a escola devia se dar a ver. Daí os edifícios necessariamente majestosos, amplos e iluminados, em que tudo se dispunha em exposição permanente. Mobiliário, material didático, trabalhos executados, atividades discentes e docentes - tudo deveria se dado a ver de modo que a conformação da escola aos preceitos da pedagogia moderna evidenciasse o Progresso que a República instaurava. (CARVALHO, 2003, p. 24).

O dar-se a ver das Exposições e Eventos e a constituição do repertório pedagógico são pensados nesta pesquisa pelo referencial teórico elaborado por Marta Carvalho, como uma das formas de se expor, de se exhibir, de ostentar e mostrar as inovações inseridas no universo escolar.

No estado do Paraná, à luz do trabalho de Gizele de Souza (2004), a ideia de educação e escola moderna com o intuito de alavancar o progresso também se faz presente no debate, na arquitetura e nos discursos da imprensa e na circulação das ideias de educadores, no início do século XX.

A representação da escola como ferramenta de civilização, como “cellula mater” de onde se irradiava a luz da instrução, do progresso e da modernidade sobre a população e que afastava as trevas da ignorância — todas essas imagens eram fortes argumentos que sustentavam as propostas de edificação de “casas escolares” adequadas, traduzidas em grupos escolares. Entende-se que a construção dos jardins-de-infância no estado do Paraná ancorava-se na hipótese de constituição desta modalidade escolar como componente de um projeto ampliado de organização do ensino marcado por exemplos internacionais e nacionais de reformas pedagógicas. (SOUZA, 2004, p. 24, grifos da autora).

Dessa maneira, a investigação pela materialidade das exposições pedagógicas e eventos que compõe o repertório pedagógico pode auxiliar na interpretação histórica voltada ao provimento escolar oferecido nas Conferências Nacionais de Educação. Acredita-se ainda que seja possível compreender também como as Exposições eram compostas: seriam de trabalhos escolares ou eram trabalhos elaborados pelos professores? Quais materiais as exposições poderiam trazer? Poderia ser uma estratégia para mostrar quais elementos eram produzidos na escola? Ou ainda, que outros elementos começam a figurar nas exposições? Parte dessas indagações podem ser respondidas nesta investigação.

Para dar luz aos acontecimentos, o historiador precisa recorrer às fontes que são os vestígios da história. Bloch (2002, p. 69) reforça a exigência de uma apurada análise de documentos sobre fatos antigos que existam e persistam, que são testemunhos de determinadas épocas, “das eras que precederam, só poderíamos [portanto] falar segundo testemunhas (...) elas exigem, no entanto, serem sensivelmente nuançadas”. O conhecimento da humanidade é baseado em testemunhas e resquícios, vestígios do passado que nos oferecem histórias, testemunhos escritos e não escritos que auxiliam ao pesquisador a desvendar parte da História. Ainda nas palavras de Bloch (2002, p. 82), “reunir documentos que estima necessários é uma das tarefas mais difíceis do historiador. De fato, ele não conseguiria realizar sem a ajuda de guias diversos: inventários de arquivos ou de bibliotecas, catálogos de museus, repertórios bibliográficos de toda a sorte”.

Bloch (2002) indica que por definição, o passado é algo que não mais se modifica, no entanto, pode oferecer elementos que ajudem a perceber parte dele. Carlo Ginzburg no texto *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário* propõe uma análise dos indícios como um modelo de pensamento que pode fornecer informações para narrar uma história.

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira de ciladas (...). Decifrar ou ler as pistas dos animais são metáforas. (GINZBURG, 1989, p. 151-152).

Neste sentido, cabe ao historiador investigar, mediar, comparar e balizar as fontes para tentar capturar tal interpretação e redigir uma narrativa que represente aquilo que um dia pode ter sido. Consequentemente, cabe a ele também, indicar o que será lembrado. Nas palavras de Antoine Prost (2012, p. 50) “a história é uma prática tanto social, quanto científica: além disso, é o produto dos trabalhos dos historiadores”.

Fontes e acervos

O trabalho de pesquisa exigiu o esforço de buscar fontes e acervos que guardassem os documentos e relatos referentes às CNEs, no rastro de indicadores e evidências sobre a materialidade do tema analisado. Nas afirmações de Arlette Farge (2009),

(...) o arquivo é uma brecha no tecido dos dias, a visão retraída de um fato inesperado. Nele, tudo se focaliza em alguns instantes de vida de personagens comuns, raramente visitados pela história, a não ser que um dia decidam se unir em massa e construir aquilo que mais tarde se chamará de história. O arquivo não escreve páginas da história. (FARGE, 2009, p. 14).

Historiadores trabalham com vestígios do passado em seu fazer historiográfico e esses vestígios podem se apresentar em diferentes suportes: iconográficos, escritos e orais. Este trabalho utiliza fontes iconográficas e escritas; respectivamente, com imagens e textos de periódicos e jornais.

Para a coleta de fontes, a pesquisa se valeu dos acervos disponíveis na Associação Brasileira de Educação (ABE)⁶, localizada no Rio de Janeiro, do acervo da Casa da Memória de Curitiba⁷, do arquivo da biblioteca do Museu Paranaense⁸, da Biblioteca Pública do Paraná⁹, do Departamento de Arquivo Público do Paraná (DEAP-PR)¹⁰, da Cinemateca¹¹ de Curitiba,

⁶ A Associação Brasileira de Educação (ABE) criada em 1924, com sede no Rio de Janeiro, desenvolveu papel fundamental no direcionamento e na organização política do sistema educacional escolar no Brasil. Ao longo de dez anos, o acervo da ABE, denominado, posteriormente, acervo Carmem Jordão, (em homenagem à associada Carmem Jordão), foi organizado e recuperado pelo trabalho dedicado da associada Arlette Pinto de Oliveira Silva. A ABE é considerada de interesse público e social desde abril de 2006, por força do Decreto número 4.073, do então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva. Ressalta-se que no decorrer do curso de mestrado foi possível realizar uma visita técnica à sede da ABE, em julho de 2018, a fim de examinar os documentos ali presentes. Atualmente a ABE está situada na Rua México, n.º 11, Centro, no Rio de Janeiro e seu arquivo, mantido com financiamento de organizações de cunho privado, é de grande valia para pesquisadores e estudiosos interessados em conhecer a história da instituição. Fonte: ABE.

⁷ A Casa da Memória é um Centro de Documentação e Pesquisa que tem entre suas atribuições a pesquisa, preservação e conservação do acervo documental referente à história de Curitiba e do Paraná. Algumas fotos de exposições e da I CNE estão disponíveis neste acervo. Fonte: Casa da Memória.

⁸ A Biblioteca Romário Martins pertencente ao Museu Paranaense e dispõe em seu acervo jornais da época pesquisada, entre eles a Gazeta do Povo. Também dispõe de exemplares da Revista Ilustração Paranaense, com referências a I CNE. Fonte: Museu Paranaense.

⁹ A Biblioteca Pública do Paraná tem um acervo que reúne cerca de 630 mil livros, periódicos, fotografias, mapas, cartazes e materiais de multimeios e multimídia. Neste espaço, a pesquisa mapeou o Jornal Gazeta do Povo (1927) que não está digitalizado. Fonte: <http://www.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=3> Acesso em: 14/01/2020.

¹⁰ Alguns dos documentos disponíveis no Arquivo Público do Paraná, compõem os livros APS, organizados por ano, com as correspondências encadernadas por mês, sem uma ordem de assunto ou tema. Algumas vezes ordenadas pelas letras referentes as iniciais do emissor da correspondência. Nestes APS, buscaram-se registros da correspondência do Inspetor Geral do Ensino no Paraná, Lysimaco Ferreira da Costa.

¹¹ Cinemateca de Curitiba possui um rico acervo de filmes (suportes em película, vídeo e dvd), além de biblioteca especializada em cinema, banco de dados, materiais e componentes cinematográficos, cartazes, equipamentos antigos, câmeras, projetores (parte destes em exposição permanente), que estão disponíveis para pesquisas, consultas e visitas. Neste espaço, pesquisou-se referências da I CNE, de 1927 e a XI CNE de 1954, ambas

do Círculo de Estudos Bandeirantes¹² e do acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo¹³.

Destaca-se aqui que as investigações nos acervos da ABE (RJ) e da Companhia Melhoramentos de São Paulo (SP) ocorreram in loco. Ambos os arquivos são férteis em possibilidades ainda a serem pesquisados. Em um primeiro momento, houve uma aproximação por telefone e email para o agendamento e programação para a realização da pesquisa. O primeiro acervo a ser visitado foi o da ABE, que funciona como “centro de documentação e de preservação da memória da própria entidade” (MIGNOT; XAVIER, 2004, p. 13). A ABE guarda uma série de documentos que permite ao pesquisador acessar algumas das ideias práticas que permearam os educadores que atuaram para a democratização do ensino. Nesse sentido, Ana Chrystina Mignot e Libânia Xavier (2004), chamam a atenção para a manutenção do arquivo da Associação que

(...) oferece aos interessados na história da educação brasileira o acesso a fontes diversificadas, como registros das conferências nacionais de educação; atas das reuniões do conselho diretor, das assembleias gerais, das seções; publicações periódicas e eventuais, sem lacunas, desde o ano da fundação até os dias atuais. Além destes, o acervo documental da ABE reúne fotografias, fitas cassete, correspondências enviadas e recebidas, livros da antiga biblioteca da entidade e outros registros. (MIGNOT; XAVIER, 2004, p. 13).

Na sede da ABE, a pesquisa ocorreu durante seis dias úteis, em julho de 2018. O foco foi o arquivo que guarda os documentos referentes às Conferências Nacionais de Educação. Na mesma visita, investigou-se também, o acervo de fotos da ABE, em busca de imagens das Exposições e Eventos. Registra-se o prestativo e importante trabalho dos dois funcionários¹⁴ da Associação, que me auxiliaram a acessar um grande volume de documentação textual e fotográfica.

A visita à Companhia Melhoramentos de São Paulo demandou uma articulação um pouco mais demorada devido aos processos de melhorias em que o acervo se encontra. Atualmente, todo o material da Melhoramentos vem sendo digitalizado para ampliar as possibilidades de acesso. Após alguns contatos, definiram-se as datas para uma visita in loco,

realizadas em Curitiba. Fonte: <http://www.fundacaoculturaldecuitiba.com.br/espacos-culturais/cinemateca-de-curitiba/> acesso em 14/01/2020/

¹² No acervo do Círculo dos Bandeirantes buscaram-se referências da I CNE e do Inspetor Geral do Ensino no Paraná, Lysimaco Ferreira da Costa (1927).

¹³ No acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo, buscaram-se referências sobre as Exposições atreladas às Conferência Nacionais de Educação em que a casa participou, conforme relatos publicados em jornais. Ressalta-se que este acervo foi visitado durante o mestrado, em julho de 2019, para examinar os documentos ali preservados. O acervo é privado e situa-se à Rua Tito, n.º 479, Vila. Romana, São Paulo. Fonte: Companhia Melhoramentos de São Paulo.

¹⁴ Raquel da Silva e Cláudio Alves são os funcionários da Associação Brasileira de Educação.

que foram aprovadas pela direção da Companhia Melhoramentos de São Paulo. A visita ocorreu em julho de 2019 e durou dois dias úteis. Lá foi possível encontrar algumas imagens referentes às exposições pedagógicas ocorridas nas Conferências e exibidas neste trabalho. Também foi possível conhecer os catálogos dos materiais que a CM comercializava naquele período. O acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo é outro espaço que oferece uma potente documentação a ser investigada. A Melhoramentos conta com uma equipe de três pessoas que trabalham na conservação de documentos, fotos, revistas e catálogos. Também auxiliam ao pesquisador que ali se encontra em busca de fontes e materiais, facilitando o alcance à documentação.

Em tempos em que quase tudo pode ser feito pela internet, considera-se importante narrar ao leitor os aspectos destes acervos e das visitas in loco, com o intuito de valorizar estes importantes espaços e suas equipes gestoras, bem como a prática fecunda da ida e do contato físico junto aos arquivos. Para o historiador, estar dentro do arquivo que se pretende perscrutar, é um momento de árduo trabalho, entretanto prazeroso e enriquecedor, por aquilo que se pode revelar.

Ainda em busca de fontes, abarcou-se também os periódicos como jornais¹⁵ e revistas¹⁶, de circulação local e nacional, no período aqui em estudo, que trouxessem notícias sobre a ocorrência das Exposições Pedagógicas e eventos nas Conferências. Os jornais e revistas foram acessados pela Hemeroteca Digital Brasileira, na qual consta um acervo nacional variado em jornais, revistas, boletins, além de publicações seriadas. Da mesma maneira, foram acessados os jornais, em arquivos físicos, que integram os documentos da Biblioteca Pública de Curitiba e do Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá. A pesquisa com jornais e revistas, ainda que trabalhosa, é enriquecedora, pois as informações dadas em notícias, anúncios, publicações oficiais exibidas pela e na imprensa (decretos, licitações, chamadas), textos em revistas, podem evidenciar uma série de práticas presentes no cotidiano de uma determinada época. Metodologicamente, a busca, neste acervo online, deu-se por palavras-chaves¹⁷ que levassem ao encontro do tema pretendido. Igualmente, foram realizadas buscas pelas datas das CNEs.

¹⁵ Registros em notícias de jornais: a **Gazeta do Povo** relata sobre a I Conferência Nacional de Educação e Exposição Escolar, em Curitiba, em 1927, no acervo da Biblioteca Pública do Paraná. O jornal **O Paiz** relata sobre a II Conferência Nacional de Educação e visita à Exposição Escolar, em Belo Horizonte, em 1928; o jornal **Correio Paulistano** sobre III Conferência Nacional de Educação, em São Paulo, ano de 1929; todos disponíveis na Hemeroteca Digital – BNDigital Biblioteca Nacional.

¹⁶ Revista **Vida Doméstica** relata sobre Exposição Pedagógica anexa à V Conferência Nacional de Educação; **Revista da Semana** relata sobre o VIII Congresso Nacional de Educação e II Exposição Nacional de Educação e Cartografia, em Goiânia, ano de 1942, ambas disponíveis na Hemeroteca Digital – BNDigital Biblioteca Nacional.

¹⁷ Palavras-chave buscadas: Conferências Nacionais de Educação, Congressos Nacionais de Educação, exposições, exposições didáticas, exposições escolares, programas das Conferências, Associação Brasileira de Educação.

Para isso, procurou-se por informações sobre as 13 CNEs que tenham sido noticiadas na imprensa em geral (local e nacional) e em revistas da época, bem como evidências de Exposições Pedagógicas e eventos vinculados às CNEs. Entre os jornais pesquisados citam-se: Jornal do Comércio (RJ), O Paiz (RJ), O Jornal (RJ), Diário de Notícias (RJ), Diário da Noite (RJ), A Manhã (RJ) O Paiz (SP) Jornal do Comércio (SP), Correio Paulistano (SP), Diário Nacional (SP), Gazeta do Povo (PR), Diário da Tarde (PR), Diário do Comércio de Paranaguá (PR).

Como resultado desta operação, foi elaborado o apêndice, sistematizando um conjunto de informações referente às Exposições e Eventos, destacados nesta investigação como vitrines para a cultura material escolar, ao longo das Conferências Nacionais de Educação no século XX. O apêndice se configura em um banco de dados, constituído pelo cotejamento das diferentes fontes, exigindo um trabalho de busca, levantamento, mapeamento e verificação.

Sobre as fontes da imprensa periódica e de revistas brasileiras destaca-se que a materialidade dos jornais, revistas e impressos pode ter diferentes formatos, dependendo do momento em que eles foram produzidos. Conforme Chartier (1991, p. 182), “é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há compreensão de um escrito (...) que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor”. Nesta perspectiva, as notícias podem ser consideradas *representações* (CHARTIER, 2002) oferecidas em jornais impressos diários, como parte importante de uma estrutura de mídia diversa que auxilia na leitura do mundo.

No Brasil, o jornal impresso começou a marcar presença no início do século XIX, porém seus primeiros passos datam do início do século XVIII:

Os primórdios da imprensa brasileira datam de 1703, quando uma tipografia, em Recife, imprimia orações e letras de câmbio, tipografia essa que foi confiscada pelo governo português no ano de 1706. Em 1746 foi aberta, na cidade do Rio de Janeiro, outra tipografia, que logo no ano seguinte foi fechada. Somente em 1808, com a instalação da Corte Portuguesa no Brasil, foi que a imprensa, então, começou a se desenvolver, época em que o regente D. João instituiu – através do Decreto de 13 de maio de 1808, a Impressão Régia¹⁸. (NEVES, 2011, p. 56).

O primeiro jornal da colônia foi a Gazeta do Rio de Janeiro, veículo em que circulavam algumas notícias, porém funcionava mais para promover a imagem da Família Real de

¹⁸ A Impressão Régia foi estabelecida pelo decreto de 13 de maio de 1808, com a finalidade de se imprimir toda a legislação e papéis diplomáticos provenientes das repartições reais e quaisquer outras obras. Subordinada à Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Guerra, sua abertura no Brasil representou o fim da proibição de instalação de tipografias, que vigorou durante o período colonial, disponível em Memória da Administração Pública Brasileira - <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/204-impressao-regia>

Bragança. É importante destacar que a liberação das gráficas não significava dizer que a imprensa era livre. O *Correio Braziliense*, por exemplo, jornal de oposição que circulou entre 1808 e 1822, organizado por Hipólito da Costa, era impresso em Londres.

A imprensa ainda pode ser considerada como fonte de compreensão da paisagem urbana, ao ilustrar personagens e anônimos, dar visibilidade para eventos públicos e privados, para aspectos sociais e econômicos, como também para as experiências e conflitos sociais de um tempo, possibilitando ao historiador juntar e analisar relatos daquele período, na construção do cenário pesquisado. Pallares-Burke (1998), ao escrever sobre a imprensa educativa aponta que “a imprensa periódica, no seu veio mais propriamente cultural que noticioso, assumiu explicitamente as funções de agente de cultura, de mobilizadora de opiniões e de propagadora de ideias” (PALLARES-BURKE, 1998, p. 146). Nesse sentido, pensar os conjuntos de informações descritas no texto advindo da imprensa pode oferecer ao historiador a possibilidade de se aproximar de alguns vestígios relacionados às Exposições e Eventos anexos às CNEs.

Conforme descreve Roger Chartier (2002, p. 17), “a história cultural tem como principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Desta maneira, pode-se pensar que as notas nos jornais, nas revistas e a divulgação de catálogos, estavam informando ou auxiliando na circulação de determinados assuntos atrelados à ciência e à retórica da educação moderna. A historiadora Tania Regina de Luca (2008, p. 121) aponta que “o cenário citadino do século XX abrigava uma infinidade de publicações periódicas (...) que abarca o itinerário da imprensa, em diferentes espaços, além de se constituírem em importantes instrumentos de pesquisa”.

Esta investigação também trouxe uma série de fotografias, mais de 40 imagens, encontradas nos acervos em que se realizaram as buscas, como uma testemunha ocular com potencialidade para o estudo da cultura material conforme sustenta Peter Burke ao escrever sobre as imagens como fontes

O testemunho das imagens é ainda mais valioso porque elas revelam não apenas artefatos do passado (que em alguns casos foram preservados e podem ser diretamente examinados), mas também sua organização; os livros nas prateleiras de bibliotecas e livrarias, por exemplo, ou os objetos exóticos arrumados em museus, ou “gabinetes de curiosidades” (...) imagens também revelam como os objetos eram usados (...). (BURKE, 2004, p. 121 e 122, grifos do autor).

As imagens, como registro histórico, podem oferecer detalhes e agregar novos significados ao tema pesquisado e também integram os elementos publicados pela imprensa.

Sublinha-se ainda que “documento algum é neutro, e sempre carrega consigo a opinião da pessoa e/ou do órgão que o escreveu” (BACELLAR, 2005, p. 63). Nesse sentido, a imprensa

e os periódicos, que não são imparciais, trazem em suas páginas as articulações, os debates, as imagens e as discussões sobre a experiência da cidade, bem como dos projetos de futuro; entre outros tantos assuntos, e caberá ao historiador buscar as respostas. “Para ser um bom historiador, o que se precisa ter é, acima de tudo, imaginação, perspicácia e uma sensibilidade para descobrir as questões relevantes e os lugares certos para encontrar respostas a elas” (BURKE, 2000, p. 205).

Os estudos de Michel de Certeau (1982, 1994) também contribuem para pensar que o conhecimento da história leva ao reconhecimento do mundo. Diante disso, conhecer fragmentos da história das Exposições e Eventos, inseridos no arco temporal já citado, pode fornecer elementos para perceber a que materiais oferecidos naquelas exposições, os educadores tiveram acesso.

Fazer história é estabelecer uma relação com o tempo. Escrever a história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir no presente uma razão, é para uma sociedade, substituir a experiência opaca do corpo social pelo progresso controlado de um querer fazer. (CERTEAU, 1982, p. 65).

De acordo com Rosa Fátima de Souza (2007), a expressão cultura material escolar passou a ser utilizada na área da História da Educação, influenciada pelos estudos em cultura escolar, por conta da renovação da Nova História Cultural e da preocupação dos historiadores em preservar as fontes de pesquisa do universo escolar.

Ao recortar o universo da cultura material escolar, especificando um domínio próprio, isto é, dos artefatos e contextos materiais relacionados à educação escolarizada, a expressão não apenas amplia seu significado reinserindo as edificações, o mobiliário, os materiais didáticos, os recursos audiovisuais, e até mesmo as chamadas novas tecnologias do ensino, como também remete à intrínseca relação que os objetos guardam com a produção de sentidos e com a problemática da produção e reprodução social. (SOUZA, 2007, p. 170).

Algumas Exposições Pedagógicas e eventos e o repertório pedagógico apresentado por elas, seguiam como modelo, guardadas as devidas proporções, as Exposições Universais¹⁹. De acordo com uma parcela de pesquisadores²⁰, as Exposições Universais foram as vitrines para

¹⁹ O século XIX, a partir da segunda metade, apresentava uma conjuntura de aceleração e ampliação do processo de industrialização, movidas pelas estratégias de expansão imperialista do capitalismo, projeto hegemônico centrado na Europa. Trazia os primeiros fenômenos de massa, a metropolização das cidades e com isto, as multidões e novas experiências e sensações. A partir de 1851, realizavam-se as primeiras exposições universais, que se constituíam na mais condensada representação material do projeto capitalista de mundo. Reuniam, num mesmo espaço, representações das regiões em expansão (países europeus e Estados Unidos emergentes), das regiões sob pleno regime colonial e das regiões distantes (do ponto de vista imperialista), promissoras fontes de matérias-primas, como a América Latina. Fonte: Heloisa Barbuy, 1996, p. 211.

²⁰ Sobre Exposições Universais ver: PESAVENTO, 1997; KHULMANN Jr., 2001, 2004; ESCOLANO BENITO, 2001, 2017; BARBUY, 1996; PLUM, 1979; SANJAD, 2017; SOUZA e GASPAR da SILVA, 2016.

demonstrações de progresso das civilizações. Em relação à educação, Agustín Escolano Benito (2018) aponta o tema das Exposições Universais como um campo de alto valor testemunhal para os historiadores da cultura empírica da escola. Para o autor, as exposições deram publicidade e visibilidade social às primeiras representações do mundo contemporâneo. Realizadas a partir de 1851, as Exposições Universais, organizadas por países europeus e os Estados Unidos, e emergentes em diferentes países, constituíram-se em uma representação material do mundo, expunham produtos tecnológicos, marcados pela retórica da ideia de desenvolvimento e do progresso. Sandra J. Pesavento (1997), em seu estudo sobre essas exposições, destaca a efervescência daquele momento:

As exposições funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos ‘novos tempos’ e como vitrina de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica. No papel de arautos da ordem burguesa, tiveram o caráter pedagógico de ‘efeito-demonstração’ das crenças e virtudes do progresso, da produtividade, da disciplina do trabalho, do tempo útil, das possibilidades redentoras da técnica, etc. Por meio das exposições, a burguesia encontrou um veículo adequado para a circulação não só de mercadorias, mas de ideias em escala internacional. Ou seja, as exposições não visavam apenas ao lucro imediato, advindo do incremento das vendas ou do estímulo à produção industrial pela comparação entre os potenciais das diferentes nações. As exposições foram também elementos de difusão/aceitação das imagens, ideais e crenças pertinentes ao ethos burguês. (PESAVENTO, 1997, p. 14).

Werner Plum (1979), ao analisar as Exposições Mundiais²¹ do século XIX como grandes espetáculos da transformação sócio cultural, destaca que eram a encarnação do futuro e necessitavam de atrações. O autor atenta para a força simbólica presente nos monumentos erguidos nos locais das Exposições, como o Palácio de Cristal em Londres, em 1851, a Estátua da Liberdade, exposta ainda inacabada na Exposição de Paris, no ano de 1878 e a Torre Eiffel, emblema da Exposição Mundial de Paris, em 1889. “Para que seja reconhecido por todos como o começo de uma nova era, dota-se-lo de símbolos” (PLUM, 1979, p. 29). O Brasil também se fez vitrine nas primeiras décadas do século XX e realizou duas grandes exposições: em 1908, organizou a Exposição Comemorativa do Centenário da Abertura dos Portos, promovida pelo Governo Federal, com o objetivo de mostrar os progressos da economia do país daquela época; em 1922²², sediou a Exposição do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro, que, à

²¹ Os eventos denominados por muitos autores como Exposições Universais são nomeados por Werner Plum como Exposições Mundiais.

²² Entre 1851 e 1922 ocorreram 23 Exposições Internacionais, com base em Kuhlmann Jr (2001, p. 10) e nas autoras Vera Lucia Gaspar da Silva e Gizele de Souza (2016, p. 265).

princípio, seria uma exposição nacional²³ e acabou se transformando em uma Exposição Internacional, permanecendo aberta até abril de 1923. Esta última exposição “representou o auge deste tipo de evento no país” (KUHLMANN JR., 2001, p. 56).

Os discursos da modernidade e do progresso, presentes na imprensa, na política e na História eram narrados nos campos da ciência, da educação, da literatura e da técnica e se apresentavam em renovações científicas, em novas descobertas e em novos comportamentos sociais desde meados do século XIX. Marshall Berman (1987) descreve parte da modernidade como

o turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, com a mudança da nossa imagem do universo e do lugar que ocupamos nele; a industrialização da produção, que transforma conhecimento científico em tecnologia, cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; descomunal explosão demográfica, que penaliza milhões de pessoas arrancadas de seu habitat ancestral, empurrando-as pelos caminhos do mundo em direção a novas vidas; rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano; sistemas de comunicação de massa, dinâmicos em seu desenvolvimento, que embrulham e amarram, no mesmo pacote, os mais variados indivíduos e sociedades. (BERMAN, 1987, p. 15).

Simultaneamente às mudanças e aos avanços tecnológicos, as Exposições Universais celebravam os impérios e traziam a ideia de progresso material como necessário às nações modernas. A educação passou a ser inserida nestes grandes e regulares eventos, auxiliando a moldar a forma de exhibir e ver o mundo. De acordo com Khulmann Jr (2001, p. 9), “a educação esteve presente em todos (os eventos), desde 1862, em Londres, quando ganhou espaço para figurar ao lado da exibição industrial e artística e da demonstração de novidades tecnológicas”. Para Agustín Escolano Benito (2018, p. 96) “as Exposições Universais foram as primeiras vitrines em que se mostrou publicamente o mundo do ensino”.

Neste sentido, as Exposições Universais ajudaram a divulgar muitos dos objetos presentes nas escolas ao exhibir uma infinidade de artefatos voltados à proposição de uma educação moderna. Ainda conforme as afirmações de Agustín Escolano Benito (2018, p. 93), “as Exposições Universais abriram espaços para acolher e exhibir as invenções que

²³ Ver a obra: A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, 1992, de Marly da Silva Motta. Na p. 76, a autora cita o Decreto nº 4.175, de 11 de novembro de 1920, em que se determina "a realização de uma Exposição Nacional na Capital da República" dentro do programa de comemorações do Centenário da Independência. A regulamentação oficial das atividades comemorativas é citada no Decreto nº 15.066, de 24 de outubro de 1921, que previa, além da Exposição, a inauguração do Panteão dos Andradas, em Santos, do novo Palácio do Conselho Municipal e do edifício completo da Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, a realização de congressos sobre direito, educação e história, e a publicação do Dicionário histórico, geográfico etnográfico do Brasil e do Arquivo diplomático da Independência.

instrumentaram os primeiros modos de produção escolar, desenvolvidos em paralelo com as origens dos sistemas nacionais de educação”. O autor relaciona a etnohistória com a cultura material escolar e com as representações da educação exibidas nas Exposições Universais. Ainda evidencia que foram esses eventos que deram visibilidade às representações do mundo contemporâneo para visitantes de vários lugares do mundo.

Muitas dessas imagens passaram aos manuais escolares, aos murais das salas de aulas, aos programas das instituições educativas, à imprensa, aos museus pedagógicos e etnográficos e a outras mediações culturais, codificando estereótipos iconográficos acerca do mundo natural, etnoantropológico, social e estético dos povos, das nações e dos impérios. Todo esse repertório de textos, ícones e realidades institui um imaginário, a dizer, uma cultura. (ESCOLANO BENITO, 2018, p. 93).

O conceito moderno de cultura que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes adquiridos pelo homem como sociedade foi definido por Edward Tylor (1832-1917). O autor sintetizou as palavras *kultur* (de origem germânica), voltada aos aspectos espirituais de uma comunidade, e *civilization* (de origem francesa), que se referia aos feitos materiais de um povo (LARAIA, 2014, p. 25). A partir disso, marca-se a ideia de que a cultura poderia ser aprendida, em oposição à ideia de que o sujeito já nascia culto. Ainda, ao tratar o termo cultura, pode-se pensar na perspectiva defendida pelo antropólogo Clifford Geertz (1989), que se pauta em Max Weber para definir que o homem é um ser amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu. A cultura busca significado e interpretações.

O ancoramento em tais conceitos, ajuda na percepção de possibilidades de aproximação à cultura material escolar como objeto de investigação. Rosa Fátima de Souza (2000), evidencia que os artefatos materiais são inseridos na escola e estão vinculados às concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional, constituindo aspecto significativo da cultura material escolar. Diana Vidal e Vera Lucia Gaspar da Silva (2010) indicam que a busca pelos elementos da cultura material escolar tem levado os pesquisadores a procurar

(...) indícios da materialidade da escola e da escolarização em um leque alargado de fontes. Não apenas vem sendo revisitada a documentação escrita, como a documentação oral e iconográfica tem sido requisitada de modo a oferecer vestígios que nos permitam, além de inventariar os artefatos presentes historicamente no interior das instituições escolares, percebê-los no âmbito de uma história sensorial da escolarização. (VIDAL; GASPAR da SILVA, 2010, p. 31-32).

Rosa Fátima de Souza (2007), em sua abordagem sobre cultura material escolar, indica que as Exposições Pedagógicas realizadas no interior das Exposições Universais foram as

vitrines para a circulação dos produtos industriais de modernização educacional à disposição nos países europeus e nos Estados Unidos.

Os mais variados materiais estavam contemplados nessas exposições públicas, desde a planta dos prédios escolares, móveis e acessórios, até os materiais de uso de sala de aula para finalidades diretas do ensino: quadro negro, mapas, livros e etc. Essa diversidade é reveladora dos múltiplos sentidos que o termo materiais escolares obteve no final século XIX e nas décadas iniciais do século XX. (SOUZA, 2007, p. 165).

Os estudos da “cultura material escolar” estão relacionados com a renovação da História da Educação pela Nova História Cultural no final do século XX e início do XXI. Desta maneira para a compreensão do conceito é preciso olhar para os estudos referentes à materialidade, bem como, sua inserção no campo investigativo. Autores como o historiador e arqueólogo francês Jean-Marie Pesez (2005) e o historiador Fernand Braudel (1970) trouxeram importantes contribuições sobre a cultura material enquanto fonte. O estudo da cultura material enfrentou os problemas de definição, de metodologia e de fontes, segundo o balanço apresentado por Pesez (2005). O autor aponta ainda as contribuições dos russos e poloneses e da arqueologia como investigadores da cultura material. Anos mais tarde, com o fazer historiográfico praticado pelos Annales resultantes na perspectiva da Nova História Cultural, o campo da cultura material teve suas investigações ampliadas. Para dar sentido aos objetos era preciso questionar o contexto social. “A expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado” (MENESES, 1998, p. 100). Partindo da definição dada por Ulpiano Meneses, pode-se pensar sobre a materialidade e a biografia dos objetos, inseridos no cotidiano da vida escolar.

O termo cultura material diz respeito à relação dos homens com os objetos. Rosa Fátima de Souza (2007, p. 169) amplia esta lente e ressalta que “é preciso ter em vista que os artefatos são produtos do trabalho humano e apresentam duas facetas: eles têm uma função primária (uma utilidade prática) e exercem funções secundárias, isto é, simbólicas”. Nesta perspectiva, pode-se inferir que os artefatos inseridos, devidamente representados pela sua materialidade na educação, funcionariam como mediadores das atividades humanas e do ensino e aprendizagem.

Para Viñao Frago (1995, p. 68) a “história cotidiana de fazer escola -, objetos materiais - função, uso, distribuição no espaço, materialidade física, simbologia, introdução, transformação, desaparecimento (...)”²⁴, constituem um aspecto significativo da cultura

²⁴ Ver texto original de Viñao Frago, **Historia de la educación y historia cultural Posibilidades, problemas, cuestiones**. Revista Brasileira de Educação n. 02 set/out/nov/dez. 1995. pp.63-82. Na p.68 o autor afirma: “a historia cotidiana del hacer escolar —, objetos materiales — función, uso, distribución en el espacio, materialidad física, simbología, introducción, transformación, desaparición...”

material escolar. Agustín Escolano Benito (2017) destaca ainda que a história cultural da educação, nas diversas aproximações da escola, pelas investigações dos objetos, das imagens dos textos e das vozes trouxe a realidade da vida cotidiana das instituições e que “os testemunhos das coisas e das pessoas compõem, precisamente, o patrimônio material e imaterial que o passado na escola deixou” (ESCOLANO BENITO, 2017, p. 26). Ainda para as autoras Gizele de Souza e Eliane Peres (2011, p. 56) a cultura material escolar é “entendida como o conjunto dos artefatos materiais em circulação e uso nas escolas, mediados pela relação pedagógica, que é intrinsecamente humana, revelador da dimensão social”.

Diante disso, a pesquisa sobre as Exposições Pedagógicas e eventos, considerados como um repertório pedagógico, que exibiam exercícios físicos, práticas, canto orfeônico, livros didáticos, objetos e demais materiais levados do/para o cotidiano da escola, pode indicar pela sua materialidade, elementos para a compreensão de parte do cenário que compõe a cultura material escolar. A escola é parte de um tecido social amplo, que envolve todo o contexto social, em que a cultura escolar poderia ser descrita, segundo Dominique Julia (2001),

como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas. (JULIA, 2001, p. 10).

Neste sentido, buscar as evidências nos elementos que compunham as Exposições e Eventos, é buscar indícios de cultura material escolar, em um percurso histórico, que podem auxiliar a compreender que forma e que ferramentas oferecidas nestas exposições poderiam compor as práticas escolares.

Delimitação temporal e composição do estudo

Acerca da delimitação cronológica da pesquisa, opta-se pelo período de 1927 a 1956. Inicia-se em 1927 por se tratar do ano da realização da I CNE²⁵, uma iniciativa da ABE, em Curitiba, no Paraná. Este evento, primeiro de uma sequência de 13, pode ser lido como uma das tentativas da Associação Brasileira de Educação de discutir e propor os desígnios da educação nacional. Ainda, de acordo com Vieira (2017, p. 26), “as CNEs adotaram uma sistemática de organização que pouco se alterou ao longo das treze conferências, cabendo destaque para os

²⁵ No cenário nacional, a I CNE ocorreu em Curitiba, no ano de 1927. Ela foi a primeira de uma série de 13 CNEs promovidas pela ABE, que propunham estudar os problemas educacionais brasileiros.

temas principais de cada evento, as sessões temáticas e a presença de teses da diretoria, que funcionavam como guias para os debates”. A definição do período final (1956) se deu a partir da investigação sobre as Exposições e Eventos que ocorreram, a qual, em seu percurso, indicou a última ocorrência no ano de 1956. Neste arco temporal, entre 1927 e 1956, é possível identificar algumas atividades que perduraram nos programas como, por exemplo, as exposições pedagógicas, as visitas às escolas tidas como modelares naquela época; mas também ações específicas em determinados momentos históricos, como o debate para instalar o primeiro planetário do Brasil, junto à Exposição Pedagógica anexa à IV Conferência Nacional de Educação, em 1931.

Com o propósito de compreender a materialidade das Exposições e Eventos associados às CNEs, este estudo primeiramente mapeou tais ocorrências em todas as 13 edições (1927 a 1967). As únicas cidades que realizaram CNEs mais de uma vez, ao longo deste período, foram Rio de Janeiro e Curitiba. Apresenta-se este levantamento no quadro 1.

QUADRO 1: DEMONSTRATIVO DAS 13 CNES, TEMAS E EXPOSIÇÕES ENTRE 1927 E 1967.

ANO	CNES	CENÁRIOS	TEMAS	CENAS/ EXPOSIÇÕES E EVENTOS*
1927	I CNE	Curitiba 19/12/ a 23/12/1927	Ensino Primário e Formação dos Professores	X
1928	II CNE	Belo Horizonte 04/11 a 11/11/1928	Educação Política, Sanitária, Agrícola, Doméstica e Ensino Secundário.	X
1929	III CNE	São Paulo 07/09 a 15/09/1929	Ensino Primário, Ensino Secundário, Ensino Profissional, Organização Universitária	X
1931	IV CNE	Rio de Janeiro 12/12 a 20/12/1931	Diretrizes para a Educação Popular	X
1932	V CNE	Niterói 26/12/1932 a 02/01/1933	Sugestões à Assembleia Constituinte	X
1934	VI CNE	Fortaleza 31/01 a 12/02/1934	Educação Pré-escolar	X
1935	VII CNE	Rio de Janeiro 23/06 a 07/07/1935	Educação Física	X
1942	VIII CNE	Goiânia 18/05 a 28/05/1942	Ensino Primário e Educação Demográfica	X
1945	IX CNE	Rio de Janeiro 22/05 a 28/05/1945	Educação Democrática	X
1950	X CNE	Rio de Janeiro 15/11 a 30/11/1950	Do Estado e Instituições do Ensino	não houve
1954	XI CNE	Curitiba 07/01 a 13/01/1954	Divulgação das Nações Unidas e Financiamento do Ensino	X
1956	XII CNE	Salvador 01/07 a 09/07/1956	Contribuição da Escola à compreensão e à utilização das descobertas científicas. Os processos da educação democrática nos diversos graus de ensino e na vida extra escolar	X

ANO	CNES	CENÁRIOS	TEMAS	CENAS/ EXPOSIÇÕES E EVENTOS*
1967	XIII CNE	Rio de Janeiro 19/11 a 25/11/1967	Educação para o progresso científico e tecnológico	não houve
* Esta coluna refere-se à ocorrência de Exposições e Eventos.				

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base nas informações do Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação (ABE) e no trabalho de Telma F. Valério (2013).

O quadro 1²⁶ apresenta as Conferências, os temas e algum tipo de exposição e eventos ocorridos dentro do recorte inicialmente trabalhado. Os temas das Conferências propunham debater diversos assuntos relacionados à educação, tais como a uniformização do ensino primário, a escolarização, o currículo, a saúde e a higiene, os exercícios físicos, a legislação, a educação democrática, a escola pública e gratuita para todos, a diferenciação entre escolas urbanas e rurais, entre outros. As Exposições e Eventos, em alguns momentos, estão relacionadas aos temas propostos pela ABE, em outros, a Associação lança mão de Exposições ou eventos já programados pelo governo do Estado que estava sediando a Conferência. Por exemplo, no VII Congresso, realizado no Rio de Janeiro, em 1935, o tema foi Educação Física e as Exposições e Eventos foram voltados à ginástica e aos exercícios físicos. No VIII Congresso, em Goiânia, em 1942, o tema foi Ensino Primário e Educação Demográfica e a Exposição foi voltada à Educação, Cartografia e Estatística, organizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Nestes dois eventos, temas e Exposições estavam alinhados. Por outro lado, na XI Conferência, em Curitiba, o tema volta-se à Divulgação das Nações Unidas e Financiamento do Ensino e a Exposição proposta pela organização do evento foi visitar a Feira Internacional do Café e Exposição Internacional do Café e à Feira de Curitiba.

Pelo corpus documental consultado para essa pesquisa, há registros de Exposições e Eventos que constituem o repertório em onze, das treze Conferências organizadas pela ABE (apêndice). Pelos programas das Conferências, a X CNE, realizada em 1950, e a XIII CNE, realizada em 1967, constam sessões plenárias, sem indicações de exposição pedagógica ou visitas a prédios escolares ou outras atividades.

Como resultado desta operação, foi elaborado um apêndice, sistematizando um conjunto de informações, que permitiu visualizar a materialidade que compõe as Exposições e Eventos. O apêndice se configura em um banco de dados, constituído pelo cotejamento das diferentes

²⁶ Conforme dados do Guia de Apresentação de teses da USP, os quadros são definidos como arranjo predominante de palavras dispostas em linhas e colunas, com ou sem indicação de dados numéricos. Diferenciam-se das tabelas por apresentarem um teor esquemático e descritivo, e não estatístico. Fonte: http://www.biblioteca.fsp.usp.br/~biblioteca/guia/i_cap_04.htm acesso em 14/01/2020.

fontes, exigindo um trabalho de busca, levantamento, mapeamento e verificação dos elementos nele contido.

A maior parte das informações inseridas no apêndice advém dos programas e Anais das Conferências Nacionais de Educação que foram preservados e arquivados na ABE. Foram encontrados Anais da III, VII, VIII e X CNEs. Quanto aos programas, arrolam-se os da I, V, VI, VII, VIII, XI, XII, XIII CNEs, também arquivados na ABE. Na busca por mais elementos, pesquisou-se, além da imprensa, as correspondências e os relatórios de professores participantes. Um exemplo disso é a programação da IV CNE, sobre a qual os dados foram retirados do relatório²⁷ elaborado pelo Professor Adriano Mosimann, delegado de Estado representando Santa Catarina na IV CNE, apresentado ao Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, General Ptolomeu de Assis Brasil. Por este relatório foi possível identificar qual foi o cronograma de atividades ocorridas na IV Conferência. Ainda se buscou em periódicos daquela época (já citados anteriormente), notas e matérias que deram visibilidade ao objeto de estudo, com o objetivo de ampliar o mapeamento. Os registros encontrados sobre a IX CNE, advém da imprensa, que noticiou a ocorrência de uma exposição anexa ao evento. Por fim, a pesquisa ainda fez uso das informações inseridas em livros mais contemporâneos relacionados às CNEs que apresentaram registros destas atividades²⁸.

Ao enfrentar este corpus documental, fizeram-se necessárias algumas escolhas, juntamente com as indicações das fontes, para compor e organizar as Exposições e Eventos ao longo das 13 CNEs. No preenchimento destes dados, muitas vezes algumas informações são recorrentes e encontram categorias bem definidas, porém outras não cabem nas classificações existentes, ou ainda poderiam ser listadas em duas ou mais categorias. Neste sentido, optou-se por seguir a nomenclatura dada nos programas e Anais das Conferências para todas as atividades que eram comuns e criou-se algumas categorias para inserir as demais. Citam-se as categorias: atividades extras, concertos, desfiles e marchas, visitas ao Palácio do Governo e agenda oficial, elaboradas pela pesquisadora. As demais categorias listadas (apêndice) são citadas nas fontes analisadas. Dessa maneira, o apêndice é composto por 15 categorias que passam por: atividades extras; concertos, desfiles e marchas; exposições artísticas/culturais; exposições de canto orfeônico; exposições de exercícios físicos; exposições de filmes; exposições escolares e pedagógicas; formaturas escolares; eventos sociais, palestras, visitas às escolas,

²⁷ Relatório da Quarta Conferência Nacional de Educação, 1931, SC disponível em <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101121?show=full>, acesso em 22/02/2019.

²⁸ Obras que abordam a I CNE: COSTA, 1987; COSTA; SCHENA; SCHIMIDT, 1997.

visitas a outros prédios e espaços; visita a pontos turísticos, visitas ao Palácio do Governo e agenda oficial.

O mapeamento das Exposições e Eventos que constituem o repertório (apêndice) indicou as diferentes formas utilizadas pelos organizadores da ABE para se dar a ver, ao longo de quase 30 anos. O amplo repertório está para além da materialidade dos objetos e artefatos em si e agrega outras atividades como as exposições escolares; as visitas às escolas consideradas referências ou aos prédios escolares novos; as apresentações de canto orfeônico e de exercícios físicos em geral. Como já demarcado anteriormente, no total foram 13 CNEs (1927 a 1967) e registram-se Exposições e Eventos em 11 CNEs, dentro do arco temporal de (1927 a 1956). Destaca-se que neste recorte e seguindo pelo mapeamento realizado, identificam-se ações recorrentes e certas permanências. Algumas dessas atividades permaneceram nos programas das Conferências, em quase todas as edições. Toma-se como exemplo, as Exposições Pedagógicas e as Exposições Escolares, com registro de 10 ocorrências em 13 CNEs, até onde esta pesquisa conseguiu levantar. Uma outra ação é a visita às escolas tidas como referências, com registro em 9 das 13 CNEs.

Após este primeiro levantamento exposto no quadro 1 (Demonstrativo das 13 CNEs, temas e Exposições) e a organização de fontes que gerou o apêndice, foi elaborado o quadro 2 com as Exposições Pedagógicas e eventos com intuito de demonstrar o vasto repertório pedagógico e de apontar os eventos mais recorrentes, por ordem decrescente (de maiores para menores ocorrências). Este quadro demonstra que as Exposições e Eventos apresentaram um repertório pedagógico significativo e agregaram inúmeras e diferenciadas ações. A ideia aqui foi ajustar o foco e aproximar a lente, com o intento de gerar um novo panorama focado nas Exposições e Eventos, de forma a construir uma ferramenta para operar com o volumoso corpus documental.

QUADRO 02 - LISTA DE EXPOSIÇÕES E EVENTOS OCORRIDOS NAS CNES (1927 A 1956).

Nº	ATIVIDADE	1927	1928	1929	1931	1933	1934	1935	1942	1945	1954	1956	TOTAL
1	Exposições pedagógicas e Exposições escolares	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	10
2	Eventos sociais	⊗	⊗		⊗	⊗	⊗	⊗	⊗		⊗	⊗	9
3	Visitas às escolas consideradas como referências	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗	⊗			⊗	⊗	9
4	Visitas a outros prédios		⊗		⊗	⊗	⊗	⊗	⊗				6
5	Visitas a pontos turísticos	⊗				⊗	⊗	⊗	⊗		⊗	⊗	7
6	Visitas ao Palácio do Governo e agenda oficial	⊗	⊗				⊗		⊗		⊗		5
7	Exibição de exercícios físicos	⊗	⊗	⊗				⊗	⊗				5
8	Exibição de filmes		⊗		⊗			⊗	⊗				4
9	Exibições artísticas culturais	⊗					⊗	⊗	⊗				4
10	Concertos		⊗		⊗			⊗				⊗	4
11	Atividades extras			⊗	⊗							⊗	3
12	Exibição de canto orfeônico			⊗				⊗					2
13	Desfiles e marchas	⊗		⊗									2
14	Formaturas escolares			⊗									1
15	Palestras						⊗						1

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base no apêndice

Este trabalho pretende explorar alguns dos itens exibidos no quadro acima, identificados pelos números 01, 03, 07 e 12, - exposições pedagógicas e as exposições escolares; as visitas às escolas consideradas como referências; a exibição de exercícios físicos e as apresentações de canto orfeônico. Tal escolha se justifica pelo número de ocorrências e permanência durante o recorte temporal e pela ideia de dar-se a ver e de se expor, no sentido de ser visto publicamente por um número maior de pessoas, (população, comunidade e imprensa) legitimando as ações educacionais da ABE. Nos elementos estudados, as exposições pedagógicas e as exposições escolares e as visitas às escolas consideradas como referências podem oferecer em parte a materialidade, tanto dos objetos quanto das estruturas arquitetônicas e dos espaços necessários para exibir um repertório pedagógico daquele momento. Já a exibição de exercícios físicos e as apresentações de canto orfeônico iluminam outros sujeitos e não somente os congressistas e demais participantes, mas sobretudo as crianças/alunos/estudantes ligadas à escola primária, no recorte trabalhado.

O estudo desenvolvido se estrutura em três capítulos. O primeiro, denominado Cenas e Cenários: *As Exposições/Eventos e as Conferências*, aborda alguns cenários/Conferências, bem como apresenta algumas cenas representadas pelas Exposições e Eventos, constituidores do repertório pedagógico, aqui estudados.

O segundo capítulo, *As Exposições e Eventos – um repertório em destaque*, abrangerá, a partir de alguns programas e impressos da ABE, fontes fundamentais para a elaboração do apêndice e do quadro 2, inseridos nesta pesquisa. Sublinha-se que o programa é uma espécie de guia mestre das ações e participações nos certames promovidos pela ABE, portanto estima-se que ao mapear estes programas e suas informações, seja possível revelar parte da trama²⁹ material que essa teia pode trazer. Na sequência serão abordados as Exposições e Eventos separados em quatro tópicos respectivamente: as exposições pedagógicas e escolares, as visitas às escolas tidas como referência naquela época, a exibição de exercícios físicos e o canto orfeônico.

Já o terceiro capítulo, *Entrelaçando fios e ajustando o foco no Paraná*, propõe ampliar a lente sobre as articulações realizadas por Lysimaco Ferreira da Costa, Inspetor Geral de Ensino do Paraná naquela época, para realizar em Curitiba, a I Conferência Nacional de Educação, em 1927. Além disso, apresentará parte da materialidade que o Paraná exibiu na Exposição do VIII CNE, em Goiânia, em 1942, bem como tratar da XI CNE, em Curitiba, em 1954.

Diante do exposto até aqui, a pesquisa sobre as Exposições e Eventos – um repertório pedagógico para se dar a ver, convida ao leitor a conhecer algumas cenas das exposições narradas, seus significados e possível materialidade. Os relatos da imprensa contribuem para a compreensão do passado. Um caminho a ser percorrido por meio desta investigação, das estratégias, das fontes, da memória e de uma infinidade de escolhas que podem contribuir para uma faceta da história.

²⁹ Ver obra: *Como se escreve a história*, de Paul Veyne, em que o autor situa o conceito de trama, partindo da ideia de que a história é uma construção; que as informações a serem historicizadas são recortadas por aquele responsável pelo relato. Assim, o historiador se torna o construtor de uma trama. Referência completa no item Referências Bibliográficas.

CAPÍTULO 1 - CENAS E CENÁRIOS: AS EXPOSIÇÕES/EVENTOS E AS CONFERÊNCIAS

As primeiras décadas do século XX marcaram o Brasil com anos de efervescência cultural e política. A década de 1920 foi palco de movimentos que procuravam retratar o Brasil, diagnosticando as causas de seus males e seus atrasos, bem como promovendo um esforço de organizar iniciativas que pudessem demonstrar os avanços empreendidos (CAMARA, 2013, p. 86). Em 1922 o país completava um século de independência e celebrava com a realização de uma Exposição Comemorativa do Centenário³⁰ da Independência do Brasil (1822-1922), no Rio de Janeiro. Esta Exposição, inaugurada no dia 7 de setembro daquele ano, se prolongou até o dia 24 de julho do ano de 1923 e “Destacou-se como a mais ambiciosa das atividades comemorativas então programadas para dar prova do grau de adiantamento e civilização do Brasil, e sua capital, havia atingido nesse século de vida independente” (MOTTA, 2004, p. 31).

A Exposição pretendia mostrar as vitrines do progresso, bem como a representação econômica e social do país. Organizada pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio a exposição exibiu 8 pavilhões: do Comércio, Higiene e Festas; das Pequenas Indústrias; da Viação e Agricultura; da Caça e Pesca; da Administração; de Estatística, aos quais se somavam os palácios das Indústrias e dos Estados. De acordo com Marly Motta:

Para cumprir o objetivo de "ser a expressão da vida econômica e social do Brasil em 1922, a Exposição Nacional se comporia de 25 seções³¹ representativas das principais atividades do país: a educação e ensino, instrumentos e processos gerais das letras, das ciências e das artes; material e processos gerais da mecânica; eletricidade; engenharia civil e meios de transporte; agricultura; horticultura e arboricultura; florestas e colheitas; indústria alimentar; indústrias extrativas de origem mineral e metalurgia; decoração e mobiliária dos edifícios públicos e das habitações; fios, tecidos e

³⁰ Segundo Eric J. Hobsbawm, os centenários foram inventados no fim do século XIX. De acordo com o autor, em algum momento entre o centésimo aniversário da Revolução Americana (1876) e o da Revolução Francesa (1889) –ambos comemorados com as exposições internacionais de praxe – os cidadãos instruídos do mundo Ocidental tomaram consciência do fato de que aquele mundo, nascido entre a Declaração da Independência, a construção da primeira ponte de ferro e a tomada da Bastilha, estava completando cem anos (2008, p. 30).

³¹ Na descrição dos pavilhões trazida por Marly Motta (1992, p. 68) “a Exposição compôs-se de uma seção nacional, localizada na Misericórdia, entre o antigo Arsenal de Guerra e o novo mercado, estendendo-se em parte da área conquistada ao mar com o desmonte do Castelo. Neste local, concentravam-se os pavilhões do Comércio, Higiene e Festas, das Pequenas Indústrias, da Viação e Agricultura, da Caça e Pesca, da Administração, de Estatística, e os palácios das Indústrias e dos Estados, além de um "grandioso" parque de diversões. Pavilhões de municípios como o Distrito Federal e Campinas, e de empresas nacionais e estrangeiras como a Brahma e a General Elétric, aí também foram montados. Na Avenida das Nações, que se estendia do antigo Arsenal até o Palácio Monroe (onde funcionava o bureau de informações), alinharam-se "e os palácios de honra das representações estrangeiras -Argentina, México, Inglaterra, Estados Unidos, França, Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Tchecoslováquia, Bélgica, Noruega e Japão sendo que alguns desses países ainda construíram "mostradores" para a exposição de seus produtos industriais na Praça Mauá (Bélgica, Portugal, Estados Unidos, França, Itália e Tchecoslováquia).

vestuários; indústria química; indústrias diversas; economia social; higiene e assistência; ensino prático, instituições econômicas e trabalho manual da mulher; comércio; economia geral; estatísticas; forças de terra e esportes. (MOTTA, 1992, p. 67-68).

A Exposição do Centenário da Independência do Brasil teve caráter internacional e treze países tiveram representação: Estados Unidos, Argentina e México (América); Inglaterra, França, Itália, Portugal, Dinamarca, Suécia, Tchecoslováquia, Bélgica e Noruega (Europa) e o Japão (Ásia). A exposição de 1922 foi a primeira após a I Guerra Mundial e para o Brasil era um momento oportuno para expor uma ideia de nação moderna. Mas que ideia? Uma ideia de identidade nacional e de civilização que exibisse os progressos técnicos e científicos. Nessa perspectiva, educação, saúde e trabalho foram pautas recorrentes nos discursos dos intelectuais. O trinômio era visto como entrave para a construção de um país moderno. Fazia-se necessário estabelecer mudanças que reduzissem o analfabetismo e as doenças. Camara (2013) aponta que a reforma do ensino ganha força a partir da metade da década de 1920. Segundo a autora, para os reformadores tratava-se de reformular inteiramente a concepção das práticas pedagógicas do ensino primário e profissional, a criação de uma verdadeira universidade, através das diferentes faculdades e instituições de pesquisa que teriam como função orientar a nação” (CAMARA, 2013, p. 92).

Um fragmento do texto *A Escola Brasileira*³², escrito pelo educador Pedro Deodato de Moraes³³ para uma Conferência, publicado na *Revista Nacional*³⁴, ajuda a perceber a tônica do momento e reforça a retórica construída “é de escolas que precisamos. Mas precisamos de escola brasileira, para o povo brasileiro, com ideias brasileiros e com recursos brasileiros. De

³² Texto da Conferência realizada no Teatro Municipal de Niterói, em 7 de outubro de 1922, com a presença dos representantes oficiais Presidente do Estado, Secretário Geral, Diretor Geral da Instrução Pública, Diretores do Centro de Professores Fluminenses e grande número de membros do magistério público e particular. Fonte: *Revista Nacional*, ano II, abril de 1923, número 4, p. 239.

³³ Pedro Deodato de Moraes era um pedagogo paulista. Nasceu em Xiririca (município do Estado de São Paulo que, atualmente, chama-se Eldorado), a 22/10/1885. Em 1906 formou-se pela antiga Escola Normal de Itapetininga. Em 1914 obteve seu diploma de Pedagogia Científica pelo Curso Superior de Cultura Pedagógica, realizado no Laboratório de Pedagogia Científica, na Escola Normal Secundária, de São Paulo. Esse curso foi ministrado pelo doutor Ugo Pizzoli, livre docente da Universidade de Modena (Itália), um médico que se dedicou aos estudos que buscavam aproximar medicina e educação. Deodato foi professor de Pedagogia e de Psicologia Experimental da Escola Normal de São Paulo, além de Inspetor Escolar do Distrito Federal. Participou da Associação Brasileira de Educação e, juntamente com o psiquiatra Porto-Carrero, escreveu artigos e ministrou várias palestras sobre a psicanálise. Na I CNE apresentou 5 teses: Tese nº 18: A higiene pelo hábito; Tese nº 34: Rumo ao campo; Tese nº 65: A psicanálise na educação; Tese nº 99: A Escola e a Família; Tese nº 100: A Escola Nova. Fonte: Ver trabalho de mestrado de Tatiana da Graças Correia, intitulado **O uso público da palavra: sobre alguns dos posicionamentos firmados por Pedro Deodato de Moraes na arena educacional brasileira (1924-1927)**, UFRJ, 2017.

³⁴ A *Revista Nacional* foi publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, no período compreendido entre outubro de 1921 até dezembro de 1923. A coleção completa tem 27 exemplares. Fonte: Companhia Melhoramentos de São Paulo.

escola própria que prepare, dirija e fortaleça o nosso povo para a vida brasileira” (REVISTA NACIONAL. MORAES, 1923, p. 239). Deodato aludia a uma escola que ensinasse a pensar, a trabalhar e a vencer, uma escola ativa, prática e útil. Da mesma forma que se falava em reformas urbanas, se falava em reformas educacionais.

Sob os signos da modernidade, da civilização, da educação e da imagem do Brasil representados nas Exposições Universais, vários trabalhos foram elaborados. Os estudos de Kuhlmann Jr. (2001), Neves (2001) e Pesavento (1997) tratam da retórica da representação desse progresso. Moysés Kuhlmann Jr. (2004) reforça a ideia ao apontar que as instituições e outras propostas para a infância foram fomentadas nas Exposições Internacionais, desde 1851.

As exposições universais tiveram uma repercussão significativa em seu tempo, na sua organização transparecia uma intenção didática, normatizadora, ‘civilizadora’, junto aos diferentes países e setores sociais. Além disso, elas prestigiaram a educação como um signo de modernidade, difundindo um conjunto de propostas nessa área, que abarcava materiais didáticos, métodos pedagógicos e diferentes instituições (...) A educação é identificada como um dos elementos do progresso cultuado, ao lado da eletricidade, das máquinas, das inovações, dos produtos industriais (KUHLMANN Jr., 2004, p. 119).

Na Exposição do Centenário da Independência do Brasil, de 1922, houve divulgação de material voltado às inovações educacionais. A Companhia Melhoramentos de São Paulo, empresa editorial que teve importante atuação na produção e comercialização de uma série de objetos escolares nas primeiras décadas do século XX, apresentou por ocasião um mostruário divulgando livros e material didático. De acordo com Heloísa Helena Pimenta Rocha:

(...) criada em 1890, a Companhia Melhoramentos deslocou os seus investimentos, a partir de 1915, da impressão e encadernação para a edição de livros, a produção e a venda de materiais escolares os mais diversos, com vistas a dar suporte às práticas escolares, ao mesmo tempo em que buscava suscitar novas necessidades de consumo e ampliar os seus negócios, num contexto marcado pela difusão da escola primária em São Paulo. (ROCHA 2019, p. 95).

A Revista Nacional, uma publicação editada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, registrou os grandes prêmios da Exposição Internacional do Centenário.

Segundo a publicação³⁵ o Diário Oficial da União do Jury Internacional da Exposição do Centenário no julgamento à parte escolar, compreendendo as 6 classes seguintes: 1.^a Educação da criança, Ensino primário, Ensino de adultos, 2.^a Ensino secundário, 3.^a Ensino Superior, Instituições Científicas, 4.^a Ensino especial artístico, 5.^a Ensino agrônomo e 6.^a Ensino especial, industrial e commercial. Nesse julgamento proferido por uma comissão techinca que fizeram parte delegados especiais representantes de diversas nações, São Paulo salientou-se brilhantemente, obtendo tres *Grandes Premios*, conferidos um ao Governo do Estado, outro ao Lyceu de Artes e

³⁵ Todas as notas extraídas de revistas, jornais e impressos tiveram a sua grafia original preservadas.

Offícios desta Capital e o outro à *Secção Editora da Companhia Melhoramentos de São Paulo*, que se inscreveu nas 6 classes referidas. (REVISTA NACIONAL, ANO II, abril 1923, número 4, p. 251).

Ser premiado nas Exposições Universais representava um crédito de qualidade para o produto exibido e potencializava as relações de mercado. Para se ter uma ideia, pelos dados apresentados na Revista Nacional, em 1922, a Companhia Melhoramentos de São Paulo atingiu a produção de 344.000 volumes, o que representa mais de 1.100 exemplares editados por dia. Quanto aos produtos, são descritos como encadernações sólidas, na sua maioria livros escolares, ornados com gravuras artísticas coloridas, elaborados em papel produzido pela própria editora (p. 251). Destaca-se abaixo imagem do material oferecido aos educadores naquele período.

FIGURA 1 - MOSTRUÁRIO DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, SECÇÃO ESCOLAR, RJ, 1922



FONTE: Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E248).

Esta imagem retrata uma parte da seção escolar da editora, com a exposição de materiais como livros e quadros, disponíveis no mercado para os educadores.

FIGURA 2 - OUTRO ASPECTO DO MOSTRUÁRIO DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA EXPOSIÇÃO DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO BRASIL, NO RIO DE JANEIRO, EM 1922.



FONTE: Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E248).

Por meio da imagem acima (Figura 2) é possível ver com mais precisão alguns materiais oferecidos pela Cia Melhoramentos de São Paulo para uso nas escolas em 1922: o mapa mundi e o quadro de sistema métrico decimal pendurados na parede; materiais escolares Montessori dispostos nos dois lados com a exibição dos numerais e das figuras geométricas mais ao centro; artefatos para o ensino de aritmética e para o curso de cartografia do Brasil, situados à esquerda da imagem. Ainda compõe o mostruário uma variedade de livros didáticos. Todos estes elementos eram produzidos pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Um questionamento possível, a partir deste registro, que apresenta os aspectos de uma das companhias da época, seria pensar que outras editoras, fábricas de móveis escolares, de brinquedos pedagógicos e livrarias estariam também expondo em 1922. Alguns dos materiais citados nessa imagem serão detalhados mais à frente na Exposição Pedagógica da III CNE, em 1929, momento em que a Companhia Melhoramentos de São Paulo também se fez presente.

Ainda no contexto da retórica do Brasil moderno dos anos de 1920, aponta-se a criação da Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1924, no Rio de Janeiro. A ABE deu formato a um movimento de renovação educacional que fortaleceu e fomentou um projeto de política nacional de educação. De acordo com as reflexões de Marta Maria Chagas de Carvalho (1998),

a fundação da ABE se dá por meio de pessoas que estavam atreladas aos movimentos políticos militantes e do insucesso da organização do partido político Ação Nacional.

Em outubro de 1924, um grupo de treze intelectuais cariocas – fundou em uma sala da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de Educação. A iniciativa foi resultado de entendimentos iniciados em março do mesmo ano, em reunião promovida por Heitor Lyra da Silva. Aproveitando a passagem de Lysimaco da Costa pelo Rio, programou um jantar no Hotel Glória, para qual convidou Everardo Backeuser, Edgar Sússekkind de Mendonça e Francisco Venâncio Filho, cuja finalidade era discutir a viabilidade de uma Federação de Associação de Ensino. (CARVALHO, 1998, p. 54).

A ABE desenvolveu ações para o direcionamento e a organização política do sistema educacional escolar no Brasil. Nesse sentido, em seu primeiro estatuto aprovado, atribuía-se à Associação objetivos pedagógicos como “promover no Brasil a difusão e aperfeiçoamento da educação em todos os ramos e cooperar com todas as iniciativas que tendam direta ou indiretamente, a esse objetivo” (ESTATUTOS ABE, 1926 *apud* CARVALHO, 1998, p. 55). Independente da formação e pontos de vista diferentes, os intelectuais ligados à ABE comungavam da mesma ideia de constituir uma nacionalidade no país. Sediada no Rio de Janeiro, a Associação reunia professores, engenheiros, médicos, intelectuais e interessados em educação, tendo realizado inúmeras ações voltadas ao debate da educação nacional. Um exemplo disso é a promoção e organização das Conferências Nacionais de Educação (CNEs) e das Exposições Pedagógicas pela Associação. Pelos relatórios da ABE e por notícias da imprensa, a tônica era nacionalista. “Certame luminoso voltado para o debate sobre o grande problema da educação nacional. Festa cívica nacionalista cuja finalidade única e razão de ser eram a unidade e a grandeza da Pátria por um ensino bem orientado.” (CARVALHO, 1998, p. 308).

Embora a ABE tenha sido fundada em 1924, sua projeção no cenário nacional se deu a partir da organização das CNEs. Até 1927, ano de realização da primeira CNE, “as realizações da ABE ficaram restritas a pequenos espaços, ocupados pelos intelectuais que compunham e pelos contatos pessoais que estabeleciam em outras instituições (VALÉRIO, 2013. p. 44). Segundo Vieira (2017, p.4) “esses encontros nacionais delinearão um campo de disputa política, teórica e institucionais”.

A ABE por meio das Conferências, inquéritos, reuniões e demais atividades debateu durante os anos 20 e 30 vários assuntos do âmbito educacional: educação elementar, profissional, ensino superior, a escola e a família. Debateu ainda sobre as bibliotecas, as estatísticas, o rádio, o cinema, a higiene e a educação física. As Conferências Nacionais de

Educação, cenários destes debates, dentre todas as atividades propostas pela ABE, foram as que tiveram maior longevidade e repercussão. A I CNE (1927) organizada pela ABE e pelo governo do Estado do Paraná, ocorrida em Curitiba, deu início a uma série de Conferências em várias cidades: Curitiba, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Fortaleza, Goiânia e Salvador. Posto que os anos 20 tenham sido permeados pela ideia de fazer da educação uma bandeira da construção de um país moderno (XAVIER, 1999, p. 37), evidencia-se que a ABE teve um papel mais atuante nas reformas educacionais propostas na esfera estadual e nacional, entre os anos de 1927 e 1935, período em que, coincidentemente, realizou-se praticamente uma conferência por ano.

Ao longo do período áureo de atuação da entidade, essas Conferências funcionaram como o elo necessário entre governo federal, os governos estaduais e representantes da sociedade civil – professores, jornalistas, cientistas, lideranças religiosas e políticas dentre outros –, constituindo importante estratégia de difusão de ideias e princípios caros a determinados projetos de organização do ensino, que por sua vez, correspondiam a uma bem mais ampla organização do Estado e da Nacionalidade. (MIGNOT, XAVIER, 2004, p. 11).

Após 1935, não foram realizadas Conferências por um período de sete anos, demonstrando a redução das atividades da ABE. Foi um momento em que houve forte repressão movida pelo governo contra os educadores liberais e a demissão de Anísio Teixeira³⁶ da Diretoria da Instrução Pública do Distrito Federal. Somente em 1942, ocorre o VIII CNE, em Goiânia. As demais CNEs ocorreram com espaçamento de três, cinco, quatro, dois e onze anos, já indicando menor regularidade e prestígio do evento. Mas é nessas Conferências, consideradas aqui como os cenários, que as Exposições Pedagógicas e Eventos, que neste estudo se configuram como cenas, ocorrem. Maria Helena Camara Bastos (2005), no artigo que discorre sobre a educação como espetáculo, indica que no século XIX

³⁶Anísio Spínola Teixeira nasceu em Caetité (BA), em 1900. Formou-se em ciências jurídicas e sociais no Rio de Janeiro em 1922. Entre 1924 e 1928, foi diretor-geral de instrução do governo da Bahia e promoveu a reforma do ensino naquele Estado. Em seguida foi para os Estados Unidos, onde estudou na Universidade de Colúmbia e travou contato com as ideias pedagógicas de John Dewey, que o influenciariam decisivamente. Em 1931, de volta ao Brasil, trabalhou junto ao recém-criado Ministério da Educação e Saúde, dedicando-se à tarefa de reorganização do ensino secundário. Por essa época, assumiu a presidência da Associação Brasileira de Educação (ABE) e foi - junto com Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e outros - um dos mais destacados signatários do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, documento que defendia uma escola pública gratuita, laica e obrigatória. Em contrapartida, sofreu forte oposição da Igreja Católica, cujo projeto educacional era calcado em pressupostos inteiramente diferentes dos seus. Em 1946, viveu na Europa, tornou-se conselheiro da Unesco. Em 1947, de volta ao Brasil, assumiu a Secretaria de Educação da Bahia, a convite do governador Otávio Mangabeira. Na década de 1950, foi secretário-geral da Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e dirigiu o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP). Em 1963 foi nomeado reitor da Universidade de Brasília (UnB), mas foi afastado do posto em 1964, em virtude do golpe militar que derrubou o presidente João Goulart. Nos anos seguintes, lecionou em universidades norte-americanas. Fonte: Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

(...) as conferências disseminaram-se como uma estratégia de educação e de vulgarização do conhecimento. Caracterizam-se pela reunião de pessoas interessadas em ouvir/discutir temas da atualidade. Integram-na professores e outros intelectuais, figuras proeminentes, autoridades públicas e políticas dentre outros. Isso decorre também da exigência da formação de professores primários e da disseminação das escolas normais, da contribuição de um sistema de instrução pública em vários países. (BASTOS, 2005, p.117).

As CNEs ocorridas no século XX, promovidas pela ABE, também se constituíram como momentos de encontro de educadores de vários Estados da Federação, assim como um espaço utilizado por cada Estado sede para demonstrar o que se considerava naquela época como investimentos e inovações no campo educacional. Ainda à luz do trabalho de Bastos (2005), pode-se afirmar que as Conferências estão vinculadas à ampliação do mercado editorial, no campo da educação, voltadas às bibliotecas em geral. Por essa lente, podem ser consideradas como uma espécie de seara da modernidade intelectual, atualizada às mudanças socioeconômicas. Nesse panorama, faz sentido perceber que em quase todas as Conferências organizadas pela ABE, ocorreu algum tipo de Exposição e Eventos, constituindo o que aqui neste estudo denominou-se repertório pedagógico.

Na retórica da educação moderna, é possível identificar dentro do recorte aqui proposto (1927 a 1956), um campo de disputas entre diferentes projetos. Libânia Xavier (1999) situa o projeto da Igreja Católica, nos anos de 1920, engajado na luta e ampliação de espaços nas esferas políticas, culturais e do ensino. Já em 1931, as ações da Reforma³⁷ de Francisco Campos³⁸, nomeado por Getúlio Vargas como Ministro da Educação e Saúde Pública são postas em prática. Foi neste ano que ocorreu a IV CNE, no Rio de Janeiro. Em 1932, foi lançado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova³⁹, documento direcionado ao Governo e à Nação que defendia a educação obrigatória, laica e gratuita para todos como mecanismo de democratização do ensino. Carvalho (1998) analisou os debates que circularam nas CNEs via pareceres, relatos e documentos, ocorridos nas cinco primeiras Conferências (1927 - 1935),

³⁷ Reforma baixada pelo Decreto número 18.890 de 18 de abril de 1931.

³⁸ Francisco Luís da Silva Campos nasceu em 18 de novembro de 1891 em Dolores de Indaiá e faleceu em Belo Horizonte em 1968, aos 77 anos. Na Revolução de 30 foi nomeado como Ministro Interino da Justiça em 1932 e Secretário de Educação da Prefeitura do Distrito Federal em 1936. Foi primeiro Ministro da Educação e Saúde do Brasil, ocasião em que fez a reforma do ensino secundário e superior. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-luis-da-silva-campos>

³⁹ O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova foi redigido por Fernando de Azevedo e assinado pelos educadores Afrânio Peixoto, Sampaio Doria, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Roquete Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mário Casatta, C. Delgado de Carvalho, Ferreira de Almeida Júnior, J.P Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Atílio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meireles, Edgar Sussekund de Mendonça, Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Leme e Raul Gomes. Fonte: Ver livro a Trajetória da Associação Brasileira de Educação 1924 a 2001, de Ernesto de Souza Freire Filho, p. 19, conforme indicado nas referências.

promovidas pela ABE. Segundo a autora, as Conferências podem ser descritas como uma “festa cívica nacionalista cuja finalidade única e razão de ser eram a unidade e a grandeza da Pátria por um ensino bem orientado” (CARVALHO, 1998, p. 308). A mesma autora descreve algumas características das CNEs como: o caráter marcadamente nacionalista; a garantia da unidade nacional; o cimento da unidade nacional; o patriotismo católico para moldar a alma nacional; o ensino religioso e as questões morais e sanitárias.

Nos anos de 1920, ganha espaço a intenção de consolidar a nação republicana, com apelo aos ideais do progresso e do moderno. Khulmann Jr. (2004) indica que o início do século XX demarcou, para a infância e para a educação, uma fase que integrou os discursos sobre a edificação da sociedade moderna. Nas décadas de 1920 e 1930 se desenrolou no Brasil um movimento chamado de renovação educacional. A movimentação em prol e defesa do novo (renovadores da educação) em contraposição ao velho (tradicionalistas), ocorria em um mesmo campo de debate. Segundo Carvalho (1998), tal oposição não era tão acirrada e os grupos possuíam muito mais aproximações e similaridades em seus discursos do que se imagina, por exemplo, em relação ao projeto de “Formação da Nacionalidade”. Sobre isso a autora aponta,

(...) em primeiro lugar, pretende-se criticar a oposição tradicionalistas X renovadores enquanto categoria descritiva que biparte o movimento em dois campos nitidamente diferenciados e antagônicos. No movimento educacional em 20 não estiveram engajados apenas apologistas do “novo”, sendo possível distinguir nele, “tradicionalistas” e “renovadores”. As diferenças entre eles, contudo, foram relativamente compatibilizadas. “Renovadores” e “tradicionalistas” movimentavam-se no mesmo campo de debates. Propunham a questão educacional preponderantemente na ótica da “formação da nacionalidade”. Por isso, nas propostas, as semelhanças eram mais relevantes que as diferenças. (CARVALHO, 1998, p. 24, grifos da autora).

Embora os grupos apresentassem propostas distintas para a educação, ambos concordavam que a educação era uma causa cívica de redenção nacional. A ABE teve papel importante nesse contexto ao promover ações que gestaram as políticas educacionais desencadeadas a partir dos anos 30 (CARVALHO, 1997, p. 115).

É neste contexto que as Exposições Pedagógicas e Eventos com a circulação de um amplo repertório pedagógico, institucionalizados nas ações propostas pela ABE, poderiam se configurar como dispositivos de visibilidade. Se as CNEs são os cenários, as exposições podem ser tomadas como as cenas de uma narrativa. Uma nota da imprensa sobre a I Conferência, publicada pelo jornal da capital da federação, **O Paiz**⁴⁰, em 1927, pode ser vista como um

⁴⁰ O jornal **O Paiz** foi fundado pelo imigrante português João José dos Reis Júnior, mais tarde agraciado com o título de conde de São Salvador de Matosinhos, circulou de 1 de outubro de 1884 até a Revolução de 1930. Seu primeiro redator-chefe foi Rui Barbosa, que, após apenas três dias no cargo, foi substituído por Quintino Bocaiuva

exemplo de que a programação das Conferências pode ser considerada como uma das estratégias para exibir a retórica do progresso na educação brasileira.

Com grande brilhantismo realizaram-se hontem os festejos da Escola Normal Secundária da grande data paranaense. Todos os delegados dos Estados ao Congresso de Educação compareceram aos festejos e à abertura da grande Exposição de Prendas, confeccionadas pelos alumnos. Pela manhã realizou-se uma parada escolar, na qual tomaram parte 6.000 crianças, todas uniformizadas, assistiram ao desfile o presidente do Estado e todos os auxiliares do Governo, altas autoridades, assim como todos os Delegados do Congresso de Educação. (O PAIZ. Primeira Conferencia Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 21/12/1927, p. 4, c. 6).

FIGURA 3 - ASPECTOS DA PARADA ESCOLAR, COM ALUNOS DO 3º E 4º ANOS DOS GRUPOS ESCOLARES DE CURITIBA, NA I CONFERÊNCIA, NA RUA XV DE NOVEMBRO, EM 1927.

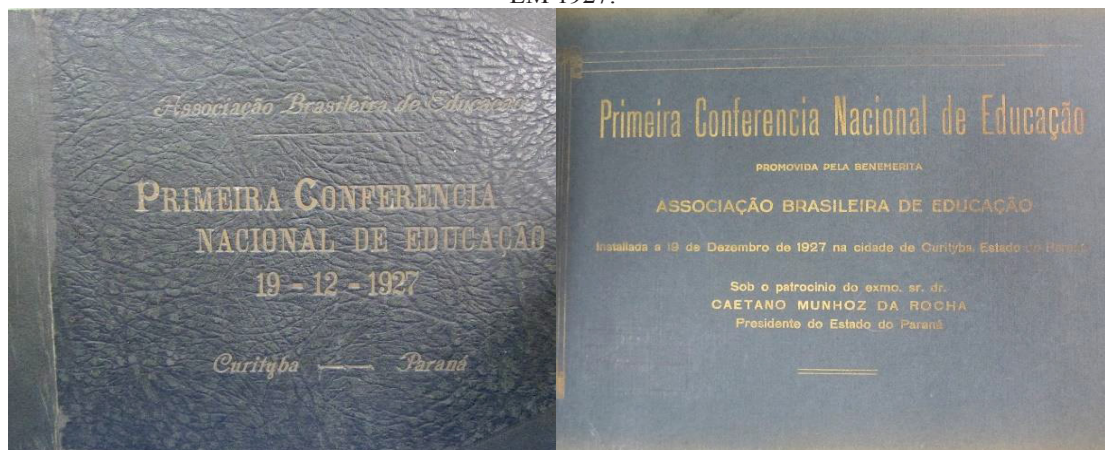


FONTE: Álbum da I Conferência Nacional de Educação (1927). Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação (ABE, A08-02).

Na Figura 3 é possível perceber a ideia de visibilidade e legitimidade. As crianças paranaenses uniformizadas desfilam pelo centro da cidade de Curitiba, exibindo parte da educação para os delegados de vários estados da Federação, para a imprensa, para os governantes e para a comunidade.

(1836-1912), então presidente do Partido Republicano, que ficou no cargo de 1885 até ao início do século XX. (FONTE: Disponível no site da Biblioteca Nacional Digital: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>. Acesso em: 20/01/2019).

FIGURA 4 - CAPA E PÁGINA 1 DO LIVRO ÁLBUM DA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EM 1927.



FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação (ABE, A08-02).

A Figura 4 reproduz a imagem do livro álbum de fotos da I CNE, encontrado no arquivo da Associação Brasileira de Educação. Ele é constituído por 43 fotos, mede 24 x 34 cm, em formato paisagem. As fotos são coladas em um fundo de cor azul e tem as legendas impressas em dourado. Ao que tudo indica, o material foi elaborado com o objetivo de deixar uma narrativa fotográfica como documento/memória da Conferência propriamente dita. Na primeira página consta a inscrição *Primeira Conferência Nacional de Educação, promovida pela Benemérita Associação de Brasileira de Educação, sob o patrocínio do exmo. sr. dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado do Paraná*. A partir disso, sua narrativa fotográfica, passa pela vista geral da cidade de Curitiba; registra a instalação solene do evento, ocorrida no Teatro Guayra, registra ainda as autoridades presentes e discursos; a marcha escolar nas ruas da cidade; as exposições escolares nas Escola Normal Secundária e na Escola de Aplicação, o baile no Clube Curitibano, as escolas normais do Estado, as apresentações artísticas de bailado russo, entre outras; e por fim registra o Sanatório São Sebastião, localizado na Lapa e do Leprosário São Roque, em Deodoro, Paraná. Em relação às imagens, em algumas delas é possível identificar o nome de Leo Linzmeyer como o fotógrafo. Porém, no entrecruzamento com as fotos existentes e catalogadas na Casa da Memória em Curitiba, algumas delas foram registradas também por João Batista Groff.

O Paraná⁴¹, também nas primeiras décadas do século XX, procurou se alinhar aos signos do progresso. A Curitiba do início do século XX, de acordo com a descrição do viajante Tobias

⁴¹ O Paraná foi emancipado de São Paulo em 1853 e, até 1961, era o Estado mais novo da Federação. Sua economia era baseada na erva-mate. Com poucos recursos, o Estado ainda era pouco representativo no cenário nacional. A capital, Curitiba, se caracterizava como um lugar de beneficiamento de erva-mate e de comércio. No século XIX, recebeu muitos imigrantes, estabelecidos nos arredores, em colônias agrícolas. Ver a coleção de 5 livros que foi

Monteiro⁴², era uma cidade agradavelmente surpreendente. Sobre a rua da Liberdade ele descreveu:

A cidade triplicou nos últimos anos (...) quem lá não esteve ao inaugurar-se a estrada de ferro em 1885, nem pode imaginar o que eram a rua principal e a praça onde se erigiu a catedral. O último recenseamento dá 53.000 habitantes para o município; muitas ruas são calçadas, algumas de paralelepípedos; a praça da catedral é ajardinada; toda a cidade e arredores, iluminada a luz elétrica e servidos de bondes; as construções já têm melhor aspecto, e grandes prédios de boa arquitetura são dignos de figurar em maiores cidades. (MONTEIRO, 1903 *apud* TRINDADE, 2017, p. 65).

Pelo relato de 1903, pode-se perceber que a população havia aumentado e Curitiba se modernizava, sinais apreendidos pela descrição de Monteiro sobre os aspectos urbanísticos, as ruas pavimentadas, a luz elétrica, o bonde, os novos edifícios e a rua central. Parte dessa modernização se deu a partir da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá que depois estendeu-se até Ponta Grossa, União da Vitória e Wenceslau Braz, ligando todo o Estado. No mesmo período, foram instaladas algumas fábricas como o engenho de erva-mate de David Carneiro, a cervejaria Leitner, as massas alimentícias Todeschini, a fábrica de fósforos Mimosa e a fundição Müller (VICTOR, 1996, p. 100-120). Em tempo, vale destacar que o Paraná já participava de Exposições Nacionais e Internacionais expondo erva-mate, madeira e água mineral, obtendo inclusive premiações e certificações. Por exemplo, no catálogo de propaganda⁴³ que fora distribuído gratuitamente na seção paranaense da Exposição Nacional do Rio de Janeiro de 1908, há registros da premiação de erva-mate de David Carneiro neste evento, bem como a conquista do grande prêmio nas Exposições de S. Luiz, nos EUA, em 1904 e na Exposição de Milão, em 1906.

Sobre a erva-mate, Lysimaco Ferreira da Costa, então Inspetor Geral do Ensino, nomeado também como delegado do Paraná para o primeiro convênio dos Estados Cafeeiros, em um discurso representando o Paraná na cidade de São Paulo, em setembro de 1927, reforçou

originalmente publicada em 2001 pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, intitulada Coleção História do Paraná. Destaca-se: Vida material, vida econômica, por Carlos Roberto Antunes dos Santos; Cultura e educação no Paraná, por Etelvina Maria de Castro Trindade e Maria Luiza Andreazza, indicados nas referências.

⁴² Tobias Monteiro foi escritor, jornalista e político. Nasceu em Natal no dia 29 de julho de 1866, filho de Jesuíno Rodolfo do Rego Monteiro e de Maria Inácia do Rego Monteiro. Como escritor, Tobias Monteiro recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra. Além dos jornais já citados, colaborou em A República, Gazeta da Tarde, Correio Paulista, O Paíz e Diário de Notícias. Foi ainda sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. Faleceu em Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 1952. Publicou O Sr. Campos Sales na Europa, notas de um jornalista (1900); Cartas sem título (1902); Do Rio ao Paraná (1903); Pesquisa e depoimentos para a história (1913); Funcionários e doutores (1917); As origens da guerra e o dever do Brasil (1918); História do Império: a elaboração da Independência (1927); História do Império: o Primeiro Reinado (1939). Dados disponíveis em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MONTEIRO,%20Tobias.pdf> Acesso em: 16/06/2019.

⁴³ Catálogo disponível no setor Obras Raras, da Casa da Memória, em Curitiba. O certificado de premiação de 1908 oferecido à David Carneiro também está disponível no mesmo acervo.

em uma síntese que nos 74 anos de autonomia do Estado, era ainda a erva-mate a principal fonte de riqueza particular e pública do Paraná:

(...) é ainda a preciosa rubiácea convertida, ano a ano, em ouro do mais puro quilate, circula por toda a parte, fundando núcleos civilizadores e de trabalho, aformoseando a capital e desenvolvendo cidades, ligando-as por grandes artérias de circulação intensa, disseminando instrução, fomentado em todos os seus aspectos o progresso geral do Estado. (COSTA, 1994, p. 39).

Curitiba e as demais cidades do Estado do Paraná, aumentavam em tamanho e em população⁴⁴. No entanto, a infraestrutura não conseguia acompanhar tal crescimento e as condições sanitárias eram precárias. Este cenário traz à tona uma nova escala de indigência e de violência urbana (CABAS, 2004, p. 54). Outro ponto eram as doenças e as epidemias que frequentemente ocorriam, devido à falta de emprego para a população curitibana, que vivia em péssimas condições no centro da cidade, facilitando a propagação de moléstias e doenças. A associação entre pobreza e doença, desordem e sujeira, estabelecida também em várias cidades do Brasil, comprometia o projeto de desenvolvimento republicano de modernização, progresso e multiplicação de riquezas. As campanhas de higiene⁴⁵, saúde e saneamento estavam nos discursos higienistas e civilizadores desde o início do século XX.

No que diz respeito à instrução pública paranaense, Etelvina Maria de Castro Trindade descreve que esta tentava atingir o maior número possível de população, apoiada inclusive pela legislação, com a obrigatoriedade⁴⁶ do ensino. Em 1922, já havia quase 35 mil alunos no Paraná (TRINDADE, 2017⁴⁷, p. 80).

⁴⁴ De 126.722 em 1872, o número de habitantes aumentou para 327.136, em 1900. No município da capital estimava-se já uma população de 53.928, em 1905. Pelo censo de 1920, o Paraná ocupava o 13º lugar no país e sua população atingia 685.711 habitantes. 2,2% da população brasileira. Ver obra de Etelvina Maria de Castro Trindade, *Cultura e Educação no Paraná*, 2017, p. 72.

⁴⁵ As práticas voltadas à saúde, ao saneamento e higiene no Brasil já ocorriam antes. O médico sanitário Belisário Pena (1868-1939) é uma figura importante neste assunto, durante a Primeira República. Em 1904 trabalhou na Diretoria Geral de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, combatendo a febre amarela e a malária entre outras doenças, abrangendo o território nacional. Membro ativo da Comissão Central Brasileira de Eugenia. Participou da I CNE abordando temas relacionados a higiene e saúde. É autor do livro *Saneamento no Brasil* (1918). Dentre os vários estudiosos sobre o tema higienismo, destacam-se os trabalhos de Heloísa Pimenta Rocha.

⁴⁶ Ao longo do período provincial foram postas em circulação cinco leis instituindo a obrigatoriedade do ensino, em 1854, 1857, 1874, 1877 e 1883. Guardadas as variações, basicamente todas procuraram delimitar critérios de inclusão/exclusão na obrigatoriedade, tendo por base a idade dos alunos, as condições das diferentes infâncias, a distância da residência da criança em relação à escola, o financiamento de materiais e roupas para os alunos pobres e o estabelecimento de uma “estatística da infância” que possibilitasse o conhecimento real sobre quem eram as crianças em condições de frequentar as escolas na província do Paraná. Ver a obra: VIDAL; SA; GASPAR da SILVA (org.) *Obrigatoriedade Escolar no Brasil*, 2013, Cuiabá, EduFMT.

⁴⁷ A Coleção História do Paraná foi elaborada em 2001 pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná. A obra apresenta interpretações da História Regional e aborda diversos aspectos que conferiram identidade ao Estado. Mais recentemente, foi lançada uma segunda edição do material, que ora é denominada Coleção Paraná-Textos introdutórios. Fonte: Texto de apresentação da edição de 2017.

A nota do Jornal **O Paiz** e a Figura de n.º 3, a qual ilustra os aspectos escolares, respalda a ideia de pensar que as exposições ou a forma de se exhibir, constituem um amplo repertório, indo para além da exposição de objetos e artefatos em si (livros, mapas, quadros, móveis, filmes, brinquedos pedagógicos, laboratórios, equipamentos e objetos de uso para ensinar). E essas agregam também as exposições escolares, as visitas às escolas consideradas referências ou aos prédios novos, as apresentações de canto orfeônico, desfiles e marchas, bem como a demonstração de exercícios físicos em geral. Este repertório revela elementos da cultura material escolar e um conjunto de ações promovidas e proposições veiculadas pelas Exposições Pedagógicas localizadas, que expressam práticas educativas em circulação no Brasil.

As investigações de Vera Lucia Gaspar da Silva e de Gizele de Souza (2016), voltadas à cultura material escolar, sugerem que o uso dos objetos de utilidade prática da escola também se relaciona com a obrigatoriedade do ensino, articulado ao desenvolvimento da indústria.

A instalação desta instituição, a escola, pressupõe o uso de tecnologias e o ensino de modos de operá-las. Para a instalação de escolas serão criados projetos e normativas, prescrevendo "modos e formas" de instalar, apoiados em geral em preceitos higienistas e sanitaristas e defendidos como elementos capazes de sintonizar ao progresso. (GASPAR da SILVA; SOUZA, 2016, p. 262).

No tocante à composição material escolar, ela passa a ocupar um espaço maior no final do século XIX, pautada tanto pela obrigatoriedade do ensino escolar, quanto pela indústria escolar. As autoras Diana Vidal e Vera Lucia Gaspar da Silva fornecem elementos importantes sobre o tema:

(...) ao entremear obrigatoriedade escolar, método simultâneo de organização de aula, ensino graduado e intervenção do Estado no disciplinamento das rotinas escolares e dos saberes difundidos, a escola tornou-se uma poderosa instância de aquisição de materiais escolares produzidos em série: um atraente mercado para a indústria, especialmente respaldado por um comprador de lastro (o Estado). (VIDAL; GASPAR da SILVA, 2010, p. 32).

É importante ressaltar que este foi um período marcado por algumas transformações sociais como a urbanização das cidades, o crescimento demográfico, caracterizado também pela construção de novos prédios escolares, o surgimento de novos materiais escolares, o desenvolvimento da pedagogia moderna e, não menos importante, o estabelecimento de um mercado industrial.

Dos museus escolares do século XIX à lousa eletrônica do século XXI, uma ampla gama de materiais invadiu o universo da escola que nela passou a ter assento. Testemunham concepções pedagógicas concorrentes e diferentes expectativas sobre o lugar social da escola e da escolarização, partilhada por distintos grupos e construída de interesses mais diversos, que se estendem das reivindicações de camadas sociais a demandas estatais e de grandes

conglomerados comerciais e industriais. Ao mesmo tempo, essa materialidade é diferentemente apropriada pelos sujeitos escolares em seus vários níveis hierárquicos e posições institucionais, e produz efeitos, por vezes inesperados. Captar esses movimentos possibilita, no estudo das escolas, manifestar a complexidade das relações sociais. (VIDAL; GASPARG da SILVA, 2010, p. 34).

As Conferências, as Exposições e os Eventos reforçavam a ideia de uma nacionalidade brasileira, da pedagogia do progresso e de modernidade propagando as mudanças, bem como os novos objetos de consumo dentro do universo da educação. Em cada uma das Conferências, realizadas no período aqui delimitado, havia a formação de comissões para organização e reuniões preparatórias que envolviam todo o trabalho pertinente ao evento tais como os prazos para recebimento das teses, o regimento, as temáticas, a programação, os convites, as palestras, a divulgação, as sessões de instalação, as plenárias e o encerramento. Ainda foram organizadas ações, atividades e ritos que reforçavam a exibição da nova educação.

Um texto que ocupou mais de meia página, publicado no jornal **Correio Paulistano**, do dia 12 de setembro de 1929, durante a III Conferência Nacional de Educação, apresentou a programação para os dias seguintes da Conferência, informando sobre os horários e locais das visitas, das exposições, das apresentações, das inaugurações e demais atividades que compreendiam o importante certame educacional. O mesmo texto oferece um dado estatístico com efeito comparativo sobre os investimentos feitos na esfera educacional:

O presente gráfico é interessante: Revela-nos a despesa com o ensino primário, nos últimos 40 anos de regime monarchico, que foi de 12.127:544\$008, ascendendo, no governo republicano, de 1890 a 1929, a 594.058:250\$155. Nada prova melhor a evolução do ensino paulista do que essa marcha ascensional das despesas que vem o Estado realizando com a instrução popular – base da grandeza de São Paulo. (CORREIO PAULISTANO. III Conferência Nacional de Educação. São Paulo, 12/09/1929. cl. 2, 3 e 4).

Tais informações ajudam a vislumbrar o cenário da educação em São Paulo naquela época, bem como o cenário em que a III Conferência estava inserida.

A programação do evento de celebração do 7 de setembro de 1929 - efeméride da pátria brasileira – era vasta e pretendia ser um espetáculo inesquecível. Tinha desfile e marchas pelo Ipiranga, apresentações cívicas, instalação solene da III CNE, recepção no Palácio do Governo, entre outras ações que integravam esse rol de atividades cívicas e patrióticas. Segundo a imprensa, a organização do evento contratou uma empresa cinematográfica para fazer a reportagem do dia (CORREIO PAULISTANO, 06/09/1929, p. 9), além da ampla divulgação em jornal e cobertura pelo rádio. Esses fragmentos encontrados nas notícias da imprensa possibilitam a reflexão sobre a importância dada às datas cívicas, às Conferências e às demais

atividades que davam a ver aquele momento. As grandes festas e celebrações podem ser usadas como estratégias de governos e líderes para marcar seu tempo na história.

Neste panorama destacamos alguns registros fotográficos para ilustrar as Exposições Pedagógicas e Eventos, com parte do repertório pesquisado.

FIGURA 5 - ENTRADA DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR E PEDAGÓGICO, DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA III CNE, 1929, NA CIDADE DE SÃO PAULO.



FONTE: Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E249).

A fotografia (Figura 5) exhibe a entrada da Exposição de Material Escolar da Companhia Melhoramentos, no Club Commercial, sito à rua Libero Badaró n. 30, mesmo espaço em que ocorreu a III CNE. Isso significa pensar que as Exposições poderiam se dar em diferentes espaços físicos, desde que canceladas pelo evento da Conferência Nacional de Educação. Outra reflexão plausível é que as Exposições e Eventos poderiam ser vistos por pessoas da comunidade em geral, indo além dos educadores, professores, intelectuais, médicos e interessados na educação nacional, garantindo visibilidade e legitimidade.

Uma matéria de cobertura do evento descreve as festividades e demonstrações cívicas das comemorações do 7 de setembro do ano de 1929 e da solene instalação da III Conferência Nacional de Educação. A coluna denominada Pela Saúde e Pela Pátria, exalta o evento e dá

destaque à festividade patriótica e divulga as atividades programadas para toda a Conferência.

Entre estas, evidencia-se a que foi destaque no jornal **Correio Paulistano**:

(...) a convite dos diretores da Companhia Melhoramentos de S. Paulo, foi hontem inaugurada, após a sessão da Conferencia de Educação, pelo senhor dr. Julio Prestes, presidente do Estado, a Exposição de livros didacticos e material escolar, que a referida empresa realiza à rua Líbero Badaró, n.30 no prédio do Club Commercial em homenagem à Conferencia de Educação. Aos atos assistiriam também os srs. dr. Fábio Barreto, secretário o Interior; dr. Amadeu Mendes, Diretor Geral da Instrucção, congressistas, professores e pessoas gradas. Essa exposição permanecerá franqueada ao público, diariamente, das 13 às 23 horas, enquanto durar a Conferencia. (CORREIO PAULISTANO. A instalação solenne da III Conferência Nacional de Educação. São Paulo, 08/09/1929. p.9, cl.8)

O panorama da educação pública em geral, naquele período, era pouco favorável. Para se ter uma ideia, o relatório de Anísio Teixeira, Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal, publicado em 1932, acentuava a insuficiência de escolas para atender a milhares de crianças em idade escolar, em plena capital do país, que deveriam ao menos ter direito às oportunidades elementares da educação primária, (TEIXEIRA *apud* DÓREA⁴⁸, 1932b, 307). Pelos números, apresentados, apenas 45% dos alunos existentes teriam acesso à educação na capital.

As Conferências da ABE tiveram um papel importante no debate educacional, funcionando como um elo entre governo federal, estadual e a sociedade civil, bem como importante estratégia de difusão de ideias (VALÉRIO, 2015, p. 406). Vários foram os temas, as ações e as propostas que poderiam promover e difundir as causas educacionais, em âmbito nacional, abordados nesses encontros e divulgados pela imprensa da época.

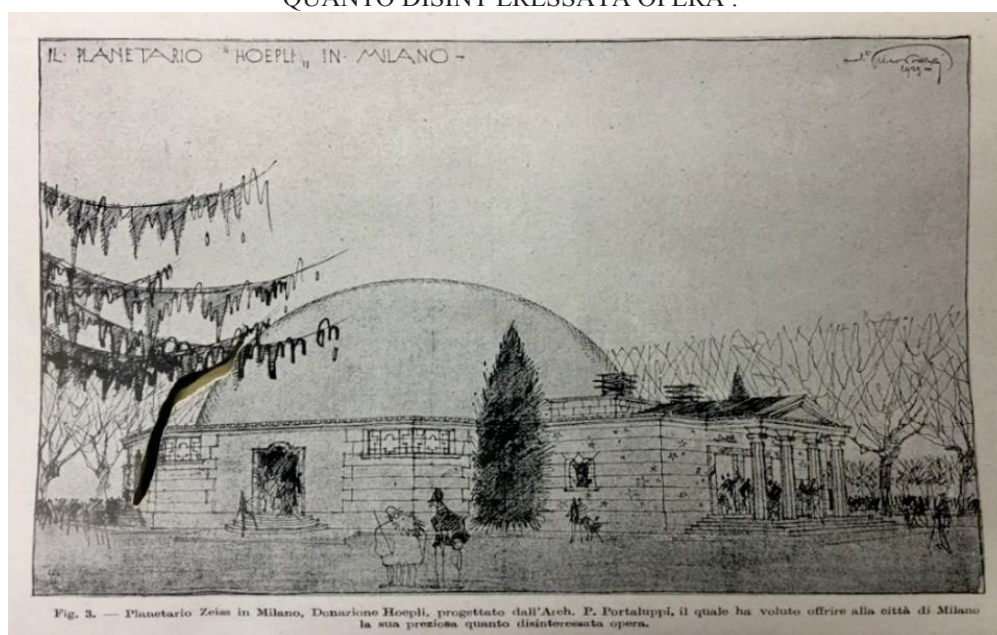
É possível evidenciar também ações debatidas internamente na ABE que não obtiveram êxito. Em 1931, ocorreram algumas tratativas e negociações entre a casa Carl Zeiss⁴⁹ e a Associação, por ocasião da organização da IV Conferência Nacional de Educação e também da Exposição Pedagógica que comporia o evento, para implantar o primeiro Planetário Zeiss da

⁴⁸Naquele ano, para uma população escolar mínima (crianças de 6 a 12 anos) de 196 mil indivíduos, só existiam escolas para 85 mil crianças, isto é, para menos de 45%, conforme Teixeira, (1932b) ... dada as dificuldades encontradas no acesso à educação escolar, disseminava-se amplamente a ideia de que qualquer educação, ou qualquer escola serviriam, desde que ensinassem a ler, escrever e contar. FONTE: Tese de doutorado de Célia Rosângela Dantas Dórea, p.56, registrada nas referências.

⁴⁹ A casa Carl Zeiss é uma empresa com uma longa tradição, fundada por Carl Zeiss em 1846, em Jena, como uma fábrica de mecânica de precisão e ótica. A partir de 1872, os microscópios feitos em Jena eram construídos com base em cálculos científicos, exibindo, assim, propriedades óticas consideravelmente melhores. Essa liderança tecnológica, que garantiu o reconhecimento global da empresa, é atribuída ao físico e matemático Ernst Abbe, que se tornou um sócio oculto na fábrica de ótica em 1876. A alemã Zeiss continua fabricando lentes e é famosa pelo avanço tecnológico de seus produtos. Ver mais referências: https://www.zeiss.com.br/vision-care/pt_br/about-us/a-historia-da-empresa-de-carl-zeiss.html

América do Sul, um instrumento contemporâneo, com capacidade de simular o céu em qualquer tempo. A Casa Carl Zeiss também comercializava lentes, cinematógrafos e microscópios. Quais seriam os propósitos da ABE em debater a aquisição de um Planetário em tempo para a IV CNE? Reforçar o aporte em instrumentos e equipamentos para a educação nacional de professores e alunos? Ganhar visibilidade e legitimidade, enquanto grupo de intelectuais, voltados a pensar a educação brasileira? Um dado importante a ser avaliado é que até o início da II Guerra Mundial, havia cerca de 25 planetários no mundo (STEFANI; VIEIRA, 2013).

FIGURA 6 - PLANETÁRIO ZEISS IN MILANO, DONAZIONE HOEPLI, PROGETTATO DALL' ARCH.P.PORTALUPPI, IL QUALE HÁ VOLUTO OFFRIRE ALLA CITTÀ DI MILANO LA SUA PREZIOSA QUANTO DISINT ERESSATA OPERA .



FONTE: Imagem retirada do encarte A Propósito del Planetario Zeiss, 1929, p.2. Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação (A05-15).

A sugestiva imagem acima destacada provém de um catálogo italiano, arquivado no acervo da ABE, no Rio de Janeiro. A data do catálogo, da mesma maneira que um planetário, pode fazer o pesquisador voltar no tempo, mais especificamente ao ano de 1929. A ilustração sugere o início ou o término de uma sessão do planetário, localizado em Milão. Que outras informações este documento poderia revelar? Que sinais a biografia de um objeto documento poderia trazer para a pesquisa da memória e cultura material na esfera da educação? Levando em consideração que o artefato é um elemento importante da cultura material (MENESES, 1998), o que este catálogo poderia indicar? Quais seriam os objetivos ou as ideias dos intelectuais da ABE ao tratar sobre o tema Planetário? Um informe no jornal indica que a Comissão Executiva da IV Conferência Nacional de Educação vinha trabalhando para fazer do evento um espaço para dialogar sobre as questões do progresso no ensino do país.

A Comissão Executiva da Conferencia tem tomado deliberações de inegável acerto e que redundam em realizações de alta finalidade cultural e educativa. Para só citarmos as mais importantes, bastará lembrar das projetctadas visitas collectivas dos conferencistas a varias instituições scientificas e de educação entre as quaes a Escola Superior de Agricultura e Veterinaria de Viçosa, estabelecimento modelar de ensino technico, a do lançamento da idéa de ser instalado o mais cedo possível, o Planetario do Rio de Janeiro, destinado a ser o primeiro da America do Sul, a da iniciativa em prol dos parques infantis, já se pode prever que será inaugurado precisamente em 12 de outubro, em ponto central e pittoresco da cidade, na praia do Russell; e finalmente a organização no próprio recinto em que se realizará a Conferencia, de uma exposição de material e livros escolares. (JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 20/08/1931, p. 3, c. 04).

Pelo texto do jornal infere-se que havia a intenção de realizar, para além dos debates de teses ocorridas na I, II e III Conferências, outras ações seriam planejadas para a IV Conferência. Neste programa inserem-se as exposições pedagógicas e/ou escolares, as visitas às escolas tomadas naquela época como modelares, a exposição de objetos e artefatos e as apresentações de canto orfeônico e de exercícios físicos em geral. Todas essas práticas, que se apresentam com diferentes roupagens, podem ser consideradas como dispositivos de exibição, com a ideia de dar visibilidade ao que era referência naquele momento, algumas ainda inéditas, como por exemplo, a implantação do primeiro planetário no país. Ainda cabe ponderar que naquele momento havia um governo provisório recentemente instalado⁵⁰, que precisava de uma vitrine para dar visibilidade às ações voltadas à bandeira da educação e a IV Conferência seria um espaço e um momento oportuno para que o Ministro expusesse os planos que poderiam efetivar a Reforma baixada pelo governo.

O debate para promover a instalação do primeiro planetário ocorreu nos anos 30 e envolveu o governo, os intelectuais e os educadores presentes na esfera educacional do país, mais precisamente na ABE. As reflexões de Carvalho (1998) evidenciam a inserção política na IV Conferência Nacional de Educação e na própria ABE, promotora do evento. Deste modo, “o Ministério da Educação participou ativamente da promoção da Conferência. A 4 de dezembro de 1931, divulgou, pela Imprensa, comunicado que enaltecia a ‘valiosa cooperação ao governo’, que a Conferência podia prestar” (CARVALHO, 1998, p. 376). Ainda segundo a autora, o Estado tinha expectativa de que na Conferência fossem formuladas as “novas

⁵⁰ O Governo Provisório iniciou-se em 1930, quando Getúlio Vargas foi nomeado presidente logo após a Revolução de 1930, e estendeu-se até 1934, quando Vargas foi reeleito em eleição indireta, dando início ao Governo Constitucional. O Ministério da Educação foi criado no Brasil em 14 de novembro de 1930 com o nome de Ministério da Educação e Saúde Pública. Sua criação foi um dos primeiros atos do Governo Provisório de Getúlio Vargas, que havia tomado posse em 3 de novembro. Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas/anos30-37/IntelectuaisEstado/MinisterioEducacao> acesso em 11/08/2019.

diretivas” que vinham “procurando imprimir às atividades brasileiras no terreno educacional” (CARVALHO, 1998, p. 380). A IV Conferência, presidida por Fernando Magalhães, presidente da Abe, debateu sobre o tema “As Grandes Diretrizes da Educação Popular”. Contou com a presença do Chefe do Governo Provisório, Getúlio Vargas e com o Ministro de Educação e Saúde, Francisco Campos.

O intento para a instalação do Planetário não se concretizou naquele ano. Pelos documentos analisados, disponíveis no acervo da ABE, não foi possível identificar como terminou tal debate. Um motivo poderia estar relacionado ao alto preço do equipamento⁵¹. O primeiro planetário do Brasil só foi efetivamente implantado em 1957, em São Paulo, pelos esforços da Associação de Astrônomos Amadores de São Paulo (AAA-SP), liderados pelo professor Aristóteles Orsini⁵², que atuou como primeiro diretor.

Considerar o assunto Planetário inserido neste debate promovido pela ABE, implica em refletir como tal invento poderia ser um dispositivo ou um suporte para exibir uma ideia de mundo e de educação moderna. Os textos publicados⁵³ na imprensa daquele período, podem ser considerados como representações (CHARTIER, 1990, p. 28) que indicam a circulação do tema *planetário* – como um mecanismo moderno, um potente instrumento a ser usado, tanto pela população quanto pela ciência, em outros países. Como destaca Chartier (1990), é através das representações que um indivíduo ou grupo ganha consciência de sua relação com os outros e

⁵¹ Sobre o preço do planetário uma correspondência enviada da Casa Carl Zeiss para a ABE, endereçada ao Presidente da Comissão Organizadora da IV Conferência Nacional de Educação aponta um orçamento de preço mínimo de 72 mil dólares, mesmo valor do instrumento Planetário Zeiss posto em Jena, na Alemanha. Há informações sobre as possibilidades de pagamento. Sugere ainda à Comissão organizadora da IV Conferência que faça um movimento para obtenção de fundos para custear o planetário. Informa também que a Casa Zeiss somente constrói o instrumento planetário após algumas garantias financeiras, mas devido à crise que a Alemanha se encontra, a casa faz questão de mostrar boa vontade em auxiliar aos cientistas e estudiosos do Brasil. Fonte: Associação Brasileira de Educação ABE. Documentos Diversos referentes à IV CNE. PASTA A05-15, carta datada de 10/12/1931.

⁵² Aristóteles Orsini (1910-1998) nasceu em Avaré, no interior paulista, e mudou-se para São Paulo em 1922. Graduiu-se em Medicina pela USP em 1933, doutorando-se em 1934 e estudando também Física e Matemática na mesma Universidade. Foi professor da Escola Paulista de Medicina e da Faculdade de Farmácia e Odontologia da USP, onde, em 1947, seria aprovado em concurso para Professor Catedrático. Mais tarde receberia também o honroso título de Professor Emérito da Universidade de São Paulo (Varella, 2005). Atuou médico e professor universitário, Orsini foi astrônomo amador dos mais conceituados. Seu nome está estreitamente ligado a Associação de Amadores de Astronomia de São Paulo (AAA-SP), da qual foi um dos fundadores e diretor durante muitos anos, bem como ao Planetário do Ibirapuera (o primeiro no Brasil) e a Escola Municipal de Astrofísica, ambos na capital paulista. Orsini seria o principal responsável pela implantação dessas duas entidades (respectivamente em janeiro de 1957 e janeiro de 1961); ele as dirigiria até o ano de 1980. Ambas as Instituições levam hoje, meritoriamente, o nome do professor Orsini. A AAA-SP foi criada em 1949 nas dependências da Faculdade de Farmácia. Para saber mais acessar http://site.mast.br/pdf_volume_2/dos_tempos_imperio_observatorios_roboticos.pdf

⁵³ Em 1927 O Jornal do Brasil aborda o tema Planetário. Em 1928, os jornais Gazeta de Notícias, O Jornal, O Imparcial todos do Rio de Janeiro também trataram do tema. Em 1931, os jornais Diário da Noite, Jornal do Commercio e a Revista O Cruzeiro publicaram matérias sobre vários Planetários existentes em outros países e textos aludindo a possível instalação de um deles no Brasil.

com o mundo. Os jornais diários podem se constituir em fontes, como um suporte de sentido para perceber a experiência do cotidiano (LUCA, 2008). A imprensa apresenta registros de fatos e ocorrências, ainda que fragmentados do meio social. Tais evidências apontam a ocorrência deste debate e da circulação da ideia de implantação de um planetário entre os intelectuais da ABE, a imprensa e o governo. Integrantes dessas esferas promoveram o debate e a circulação da ideia de que adquirir um planetário seria importante para as “novas perspectivas” da esfera educacional que a educação tomava naqueles anos 30.

Outro ponto a refletir, pela lente de CERTEAU (1994), volta-se para o lugar e para as estratégias. Por exemplo, a inserção do debate sobre o planetário nas articulações para a organização da IV Conferência Nacional de Educação e Exposição Pedagógica, um espaço potente, em que vários educadores e intelectuais estariam reunidos para a Conferência, fazendo valer a chancela do lugar e da instituição que ela representa – Conferências/ABE. Antes mesmo de estar definida a aquisição do planetário, há publicações na imprensa fomentando e promovendo as possíveis contribuições deste instrumento na esfera educacional. Ainda pela lente de Certeau (2012, p. 222) *lugar* pode ser entendido como “um conjunto de determinações que fixam seus limites em um encontro de especialistas e que circunscrevem a quem e como lhes é possível falar quando abordam a cultura entre si”. Os promotores dos debates se valem do lugar que ocupam para veicular as vantagens do planetário.

Entre 1930 e 1945, no período de reorganização das forças políticas⁵⁴, ocorreu a centralização do poder e a instalação do Estado Novo. O projeto do Estado configurado durante a Era Vargas, desde o início, partia da concepção de educação como problema nacional para justificar a intervenção cada vez mais intensa do governo Federal nas esferas de ensino e a crescente centralização do aparelho educativo (XAVIER 1999, p. 49). Durante a longa gestão do Ministro Gustavo Capanema⁵⁵ (1934 -1945), foi realizada uma série de projetos voltados à

⁵⁴ Para promover o Programa de Reconstrução Nacional do Governo de Getúlio Dornelles Vargas (1930-1954), os Ministros da Educação e Saúde Pública Francisco Luís da Silva Campos (1930-1932), Belisário Augusto de Oliveira Penna (1932-1933), Washington Ferreira Pires (1934) e Gustavo Capanema (1934-1945) estabeleceram políticas nacionais para as quais se subordinariam os sistemas estaduais de educação e saúde. A educação escolar caberia ramificar-se pela cultura nacional em seu amplo espectro de ensinamentos valorativos e de atributos morais. Fonte: texto de Marta Maria de Araújo, p.10.

⁵⁵ Gustavo Capanema Filho nasceu em Pitangui, Minas Gerais, em 10 de agosto de 1890 e faleceu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1985. Era formado em Direito. Foi Deputado Federal e Interventor Interino do Estado de Minas Gerais, Capanema foi homem público presente em longo período da história brasileira do século XX. O registro mais significativo da sua atuação foi a sua passagem pelo Ministério da Educação entre 1934 a 1945, durante a chamada era Vargas. Fonte:

reorganização do ensino no país. Schwartzman; Bomeny; Costa, que analisaram o acervo⁵⁶ do ministro, apontam que nesse período

(...) a reforma da educação empreendida por Capanema visava um ensino público abrangente, padronizado e centralizador, controlado por vasta burocracia (...) Ela teve início com o Plano Nacional de Educação, enviado ao Congresso em maio de 1937. Proposto para durar dez anos sem alterações, com pedido do ministro no sentido que fosse votado “em globo”, dificilmente poderia aprovar-se em regime democrático. O golpe de Estado de novembro do mesmo ano permitiu, entretanto, sua aplicação parcial, através da universidade padrão, da implantação do ensino industrial e, sobretudo, da reforma do ensino secundário, destinada a formar, nos estudantes, “consciência humanística e consciência patriótica”, através de “um ensino patriótico por excelência”, para incluir “a compreensão da continuidade da história da pátria” (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 13).

Em linhas gerais, a ênfase na consolidação da nacionalidade marcou a política educacional durante o Estado Novo.

Em períodos de conflitos e divergências políticas, as representações podem ser muito úteis. Claude Rivière, em seus estudos sobre as liturgias políticas, atenta sobre a sacralização dos ritos e elementos, os quais

(...) em especial são vetores de ritualização do político certas fases críticas de toda sociedade, principalmente as de insegurança e as de institucionalização. Não poderíamos deixar de constatar que à semelhança de toda religião que se propõe ao mesmo tempo como um sistema de explicação do homem e do universo e como um sistema de ação organizada para remediar aquilo que tem de imprevisto, de caprichoso e de acidentalmente trágico a vida social e individual, o político, que pretende elaborar-se em torno de crenças nos valores fundamentais que o militantismo deseja tomar absolutos; pátria, partido, revolução, humanidade, paz, república (...), e que exigem devotamento, solidariedade, sacrifício. Quanto mais ele percebe a fragilidade no seu interior e a insegurança em torno de si, mais se protege com interditos, mais enuncia cerimonialmente os seus princípios e os seus códigos de ação, mais exige dos cidadãos os signos exteriores, repetitivos, ritualizados, de obediência e de integração social. (RIVIÉRE, 1989, p. 20-21).

A queda do Estado Novo, em 1945, e o início do processo de redemocratização do país reforça as bases do nacional-desenvolvimentismo.

A ideologia nacional desenvolvimentista enfatizava o problema da justiça social e da construção de uma sociedade democrática enfatizando o desenvolvimento industrial e o planejamento; o recurso ao capital estrangeiro e a busca da racionalidade na administração pública – inclusive criando órgãos paralelos de assessoria técnica com o intuito de obter diagnósticos precisos da situação – e associando todos esses elementos à meta maior de promover o ingresso do país na modernidade. Nesse caso, a modernidade se

⁵⁶ Simon Schwartzman, Helena Maria Bousquet Bomeny e Vanda Maria Ribeiro Costa analisaram o acervo de Gustavo Capanema, composto por duzentos mil documentos, legado pelo próprio ministro ao CPDOC da Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro. Fonte: Tempos de Capanema, dos mesmos autores indicados nas Referências Bibliográficas.

consubstanciaria pela atuação do Estado como instrumento deliberativo e efetivo do desenvolvimento econômico por meio do qual se elevaria o padrão de vida da maioria da população, seja na geração de novos empregos seja pelo maior índice de produtividade alcançado pela nação. (XAVIER, 1999, p. 53).

No governo de Eurico Gaspar Dutra foi promulgada a Constituição de 1946, que buscou restituir os preceitos democráticos da Carta de 1934, que precedia o Estado Novo. Nesse momento é posta em debate a formulação das Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), prevista na Constituição de 1946. “Nesse processo, voltaram ao centro do debate, as questões relativas ao embate público-privado, ainda associado à relação Estado-Igreja e seus desdobramentos na esfera educacional” (XAVIER, 1999, p. 59).

Na mesma linha Schwartzman; Bomeny; Costa (2000, p.19) explicam que o Brasil não conhecia outra maneira de lidar com a educação, além da criada no governo Vargas:

A presença do Gustavo Capanema no Congresso, depois de longa permanência no Ministério da Educação, inibiu as discussões que tomavam como ponto de partida o projeto elaborado sob a sua gestão no período de 1934 a 1945. Em pauta desde 1948, por iniciativa de Clemente Mariani, ministro de Educação de Dutra, a lei só seria votada em 1961, em meio a um debate que reproduzia, até mesmo nos personagens, as disputas de 30 anos antes. A principal diferença era que, nos anos 30, católicos e leigos disputavam o controle da educação pública; nos anos 1960, a disputa aparece como um confronto entre a educação pública que se pretendia universal e gratuita, a proporcionada pelo Estado, e a educação privada, defendida como um direito das famílias, as quais o setor público deveria apoiar. Anísio Teixeira e a Escola Nova de um lado; Carlos Lacerda e Dom Hélder Câmara de outro, com a Igreja Católica defendendo a primazia dos direitos da família e os interesses das escolas católicas, que respondiam por parcela significativa do ensino privado oferecido no país (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p.19 e 20).

No Brasil dos anos 50, com uma população predominantemente rural, Getúlio Vargas é eleito e retorna democraticamente à Presidência da República. Ele assume pela segunda vez o governo da nação. Entre as suas principais realizações do segundo governo de Getúlio Vargas estiveram as criações do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico - BNDE (1952), da Petrobrás (1953), e a proposição de criação da Eletrobrás (1954). Permaneceu no governo até agosto de 1954, quando deixou o Palácio do Catete morto.

Em 1955, Juscelino Kubistchek é eleito presidente com a promessa de desenvolver “50 anos em 5”. JK terminou a construção de Brasília e transferiu a capital da República do Rio de Janeiro para a recém fundada capital. O projeto era desenvolvimentista. No Plano de Metas do governo, “ao definir os pressupostos básicos da educação para o desenvolvimento, tal plano

alocou prioridade acentuada à área técnica, em conformidade com as determinações da política econômica”, (XAVIER, 1999, p. 56).

Embora tenham ocorrido mudanças na seara política e econômica do país ao longo do período estudado, foram nesses cenários em que as Conferências se realizaram. No que tange à organização das CNEs, em diferentes Estados da Federação, poucas foram as modificações em sua estrutura básica. Elas se organizavam de maneira bastante semelhante, ainda que em cada uma delas fossem apresentados temas diferentes e, Exposições e Eventos próprios, em cada edição.

Segundo Telma F. Valério (2013, p. 55), que fez a análise da organização⁵⁷ das Conferências entre 1928 e 1942, “os procedimentos adotados pelas CNEs para organização, seleção das teses, organização e hierarquização dos temas, mostram que estes eventos foram compostos mais de continuidades do que de rupturas”, não implicando na alteração de seu formato e condução dos trabalhos. Na tese de Hoeller (2014) encontra-se uma descrição mais minuciosa desta organização das CNEs pela ABE. Segundo a autora:

Para as conferências educacionais formavam-se as comissões de organização ou preparatórias que estabeleciam pontos regimentais: o envio de circulares a convidados e autoridades; a definição das temáticas a serem tratadas, as datas e locais em que ocorreriam; os convidados e integrantes, a mesa de honra, o presidente, bem como os secretários do evento; as sessões de instalação, ordinárias, de encerramento; programação interna das sessões, que tratariam dos temas; as comissões de análise; e os entornos das conferências – festas cívicas, visitas às escolas, apresentação de números artísticos, dentre outros. (HOELLER, 2014, p. 130).

Assinala-se ainda que cada Conferência elaborou um desenho próprio de Exposições e atividades oferecidas nas edições que percorreram alguns estados do Brasil.

⁵⁷ Segundo Valério (2013), as CNEs eram rigorosamente organizadas pela ABE e os temas eram delimitados pela mesma. Ainda, poderiam participar das CNEs todos que tivessem interesse pelo ensino, desde que fizessem o pedido de sua inscrição, por escrito, até cinco dias antes da abertura do evento. Na véspera da abertura, na reunião preparatória, distribuíam-se as atividades de cada membro, elegia-se o presidente, mediante a votação entre os membros da ABE (p. 55-56).

FIGURA 7 - VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. PLATEIA ASSISTE À DEMONSTRAÇÃO ORFEÔNICA, NO CAMPO DO VASCO DA GAMA, EM 1935.



FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação – ABE.

A quantidade de público que assistia às apresentações chanceladas pelas Conferências Nacionais de Educação e pelo governo da época pode ser percebida nas figuras 7 e 8. A figura 7 foi registrada na Era Vargas (1930 a 1945). Em primeiro plano, pode-se identificar da esquerda para direita, o diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal Anísio Teixeira; o presidente Getúlio Vargas, o prefeito do Distrito Federal Pedro Ernesto e o ministro da Educação e Saúde Pública Gustavo Capanema, entre outros representantes do governo, da ABE e da esfera oficial do evento. Em segundo plano, percebe-se um grande público que prestigiou as apresentações daquela Conferência, como o Canto Orfeônico, regido pelo maestro Villa Lobos, que tinha o apoio do regime de governo de Vargas. Na figura 8, referente à Exposição realizada em Goiânia, em 1942, também há registro de público na entrada do parque de exposição.

FIGURA 8 - ENTRADA PRINCIPAL PARA O RECINTO DAS EXPOSIÇÕES, VENDO-SE A PARTE DO EDIFÍCIO DA ESCOLA TÉCNICA ONDE OCORREU O OITAVO CONGRESSO DE EDUCAÇÃO E ASSEMBLEIAS, EM 1942.



Entrada principal para o recinto das Exposições, vendo-se a parte do edifício da Escola Técnica onde funcionaram o Oitavo Congresso Brasileiro de Educação e as Assembleias.

FONTE: Anais do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação de Goiânia, Junho de 1942, p. 55.

Outro ponto interessante na figura 8, da entrada do VIII Congresso Brasileiro, guardadas as devidas proporções, é um testemunho visual que pode ser relacionado ao imaginário das Exposições Universais, tidas como modelares. O grande portal de entrada desta Exposição, remete aos parques construídos para abrigar as Exposições Universais. Werner Plum (1979), atenta que para, além do seu papel no desenvolvimento econômico, “a atração particular das exposições mundiais situava-se na formação do inventário do progresso universal, que estava documentado na constante renovação dos inventos e das construções, e na acelerada acumulação dos meios de produção de bens materiais” (PLUM, 1979, p. 155).

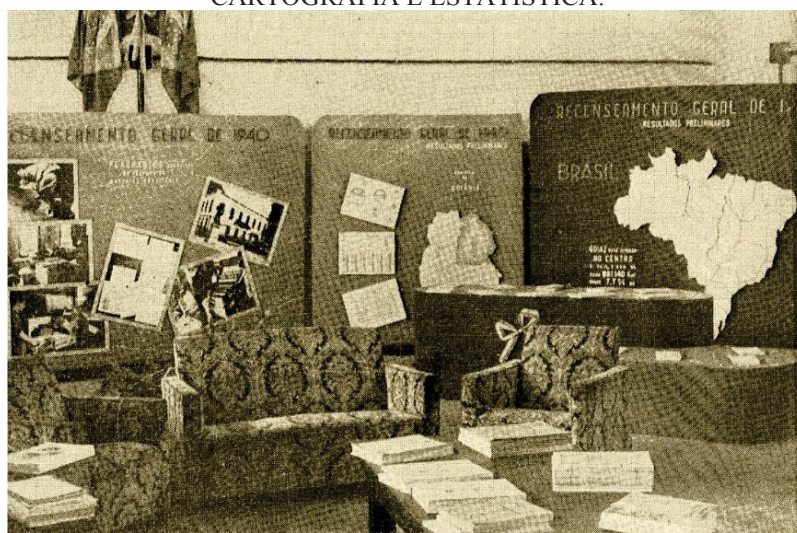
As exposições podem ser descritas como uma mostra pública de objetos, máquinas, plantas, entre outros, dispostos com o objetivo de comunicar, apresentar, mostrar uma representação da realidade, “eram também oportunidade de lucro, glória da indústria, festa do trabalho, lição das coisas, parque de diversões e foram também monumentos à nacionalidade” (PESAVENTO, 1997, p. 54). Estes eventos podem se configurar em várias formas: se utilizam de pavilhões, edificações modelos, objetos, artefatos, fotografias, cinema, artes para oferecer as multidões que visitavam os tais eventos uma leitura do mundo moderno. A museóloga Heloisa Barbuy (1995, p. 1-2) indica que “eram como modelos de mundo materialmente construídos e

visualmente apreensíveis (...) um veículo para instruir (ou industrial) as massas sobre os novos padrões da sociedade industrial (um dever-ser de ordem social)”. Considerar as Exposições e suas formas de exibição implica em pensar como elas poderiam ser suportes para exibir uma ideia de mundo (CHARTIER, 2002) e de educação. As Exposições eram uma espécie de passeio, uma visita ao futuro, ao propósito de moderno.

Boa parte dos objetos e utensílios usados para ensinar, exibidos em exposições pedagógicas de diferentes tipos (universais, pedagógicas e escolares) materializava o progresso e a inovação tecnológica almejada entre o fim do século XIX e início do XX. Todas essas práticas, que se apresentam com diversas roupagens, podem ser consideradas como dispositivos de exibição, com a ideia de dar visibilidade ao que era considerado referência naquele momento. Também podem ser pensadas como oportunidades para ocupar posições e espaços no cenário da educação para além das conferências, das teses e das propostas debatidas. Eram possibilidades de externar, projetar e disputar a imagem da educação moderna. Vera Lucia Gaspar da Silva e Gizele de Souza (2016) demarcam que

(...) tanto os Museus Pedagógicos como os Escolares tiveram nas Exposições Universais espaços modelares de inspiração e os produtos ali expostos e comercializados prometiam aliar quem os tinha à modernidade tão almejada na virada de século XIX e início do XX. Como vitrine singular a favor da indústria, as Exposições Universais ganham projeção, investimentos de grande monta e setorizam a comercialização de produtos, incluindo aqueles destinados a escola de massas. (GASPAR da SILVA; SOUZA, 2016, p. 268).

FIGURA 9 - HALL E STAND PRINCIPAL DA SEGUNDA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, CARTOGRAFIA E ESTATÍSTICA.



Hall e stand principal da Segunda Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística

FONTE: Anais do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação de Goiânia, Junho de 1942, p. 57.

Estes eventos, conforme demonstram as figuras já expostas, exibiam por meio das exposições pedagógicas, os novos suportes materiais e visuais para compor o inventário de objetos de uso escolar.

A Exposição Pedagógica e Eventos constituíam-se em uma forma para se dar a ver, mas também para fomentar o debate em torno das condições materiais da instrução pública. A exposição, entendida como uma construção, uma espécie de simulacro, facilitaria ou limitaria a experiência do sujeito com a cultura material, podendo ser considerada como um resumo do mundo dentro de um espaço. Dewey (1978) indica o conceito de experiência como uma fase da natureza, pela qual ocorre a interação entre o ser e o ambiente e estes são modificados. Relacionando-o com a educação, seria “(...) o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (DEWEY, 1978, p. 17). Nesse contexto, pensar uma exposição é pensar uma experiência que exhibe elementos visuais (objetos, fotos, filmes, ritos, apresentações) organizados para a produção de sentidos (MENESES, 1994 p. 24).

Partindo destas perspectivas, esta investigação entende que as Exposições Pedagógicas e Eventos foram um amplo repertório pedagógico para a cultura material escolar, bem como se constituem em um inventário importante para a história da educação brasileira, campo este ainda pouco explorado na historiografia.

CAPÍTULO 2 - AS EXPOSIÇÕES E EVENTOS: UM REPERTÓRIO PEDAGÓGICO EM DESTAQUE

Este capítulo pretende primeiramente exibir fragmentos dos programas impressos das Conferências promovidas pelas ABE, que se constituíram em guias norteadores para esta investigação. Na sequência, serão abordados, conforme já sinalizado e demarcado no quadro 2, inserido na página 41, as Exposições e Eventos constituidores de um repertório pedagógico, tratando especificamente das atividades compreendidas nesta investigação tais como: 1) as exposições pedagógicas e escolares; 2) as visitas às escolas; 3) os exercícios físicos; 4) o canto orfeônico.

A dinâmica das Exposições e Eventos que ocorreram nas Conferências Nacionais de Educação ajudam a compreender algumas estratégias (CERTEAU, 1994) usadas pela ABE (instituição) nestas Conferências (lugar). Outro ponto a ser destacado é que a escola era um mercado em expansão, e tinha no Estado, um grande comprador para os produtos oferecidos pelas casas de comércio e ou fabricantes destes artefatos. O movimento pode ser considerado duplo, táticas e estratégias - ao mesmo tempo que expõe e oferece, também possibilita o dar a ver e legitima a retórica de uma escola moderna. Ainda pode se fazer uma relação entre exibir uma escola considerada moderna por meio das Exposições e Eventos, ligadas às CNEs, como as solenidades e festas cívicas, numa liturgia política, que enaltecia a causa educacional (RIVIÉRE, 1989, p. 24). O uso dos objetos de ensino no espaço escolar ocorre desde o século XIX e pode ajudar a pensar sobre os projetos modernizadores da educação brasileira. Conforme pontua Katya Braghini (2017, p. 67, grifos da autora) “a ideia de obtenção do conhecimento por meio da experiência direta com a chamada ‘realidade’ passou a elencar o objeto, ou as ‘coisas’ como recursos imediatos e meios profícuos para que fosse executado o ato de ensinar”. Ainda no decorrer do século XIX, difundiu-se a ideia de que a escola era um equipamento social que poderia ser utilizado para alavancar o progresso, para modernizar e propor mudanças sociais. Nessa perspectiva as renovações educacionais relacionam-se com a profusão e diversidade de artefatos para ensinar e aprender, bem como a produção de materiais escolares em massa.

Gaspar da Silva e Souza (2018, p. 119), em seus estudos sobre cultura material indicam que os objetos de utilidade prática para o ensino elementar, que chegaram e passaram a compor as escolas, via museus pedagógicos e escolares, tendo as Exposições Universais como modelares e potencializadoras deste universo, podem auxiliar na compreensão sobre uso e popularização dos artefatos tecnológicos que integram o repertório material da escola brasileira.

Ainda, conforme Agustín Escolano Benito (2018), as Exposições Universais representaram o grande teatro do mundo

As Exposições Universais da segunda metade do século XIX e na terça parte inicial do XX foram as primeiras vitrines que se mostrou publicamente o mundo do ensino em duas dimensões antes apontadas: de um lado, no que se refere à codificação escolar da imagem que se queria oferecer através dos textos e de outras mediações didáticas da realidade natural, social e técnica dos povos do mundo como conteúdo curricular de instrução, de outro, no que se afeta à própria cultura interna da escola, toda a vez que, naquele teatro da civilização, se puderem exhibir e comunicar os primeiros objetos, ícones e textos da incipiente indústria da educação e do instrumental ergológico do trabalho do professor. (ESCOLANO, 2018, p. 96).

Para além das Exposições Universais, os museus escolares e pedagógicos concebidos no final do século XIX, também se configuraram em importantes instrumentos de apoio pedagógico. Segundo Bastos (2005, p. 123), “a maioria dos museus de educação, voltava-se inicialmente para servir aos educadores, mas pelo próprio nome - museu - foram abertos aos alunos e ao grande público”. As autoras Petry e Gaspar da Silva (2018) apontam a seguinte diferenciação entre museus escolares e pedagógicos:

... o primeiro - escolar -, alojado dentro das instituições educativas, deveria servir a professor e a alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva. O segundo - pedagógico - caracteriza-se como um centro de formação para professores, onde seriam desenvolvidos, testados, apresentados e difundidos novos métodos, mobiliários e instrumentos didáticos. (Petry; Gaspar da Silva, 2013, p. 82).

A ideia de museu escolar e/ou pedagógico insere-se na representação da modernidade intelectual brasileira, decorrente da participação da Exposições Universais, do contato com as publicações e de visitas aos estabelecimentos estrangeiros” (BASTOS, 2005, p. 123-124). Benjamim Constant cria o Pedagogium⁵⁸, um estabelecimento de ensino profissional, na cidade do Rio de Janeiro, como um centro que impulsionaria reformas e melhorias na esfera educacional. O Pedagogium foi um símbolo da modernidade educacional republicana.

⁵⁸ Ver obra de MIGNOT, Ana Chrystina (org.). Pedagogium: Símbolo da Modernidade Educacional Republicana. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2013.

2.1 Um passeio pelos impressos da ABE

Nesta pesquisa os programas das CNEs, aqui tomados como fontes, foram fundamentais para investigar os registros das Exposições e Eventos. A visita ao acervo da ABE possibilitou avistar, além de outros documentos, os programas impressos de boa parte das Conferências, inclusive o da I CNE. Outro material impresso encontrado nas pastas da IV CNE (1931) e da V CNE (1932/1933), é constituído por envelopes assinados pela ABE, com mensagens de divulgação de sua causa educacional.

Para melhor conhecer os programas, a proposta aqui é expor um conjunto de capas dos mesmos que permite ao leitor e investigador visualizar a dimensão do corpus documental e sua potencialidade. Os programas são considerados como uma espécie de guia da organização das inúmeras atividades propostas nas Conferências que tiveram a duração de 7 a 15 dias. Por meio deles, e com o auxílio concomitante da busca em jornais e revistas, foi possível compor um grande mapeamento das Exposições e Eventos, apresentados no apêndice, e posteriormente no quadro 2 (na página 40).

O programa era um entre os vários materiais de divulgação das Conferências tais como: jornal, palestras transmitidas pelo rádio, cartas e ofícios escritos pelos abeanos. Assim como a ABE enviava cartas-convites para que algumas pessoas específicas inscrevessem teses (VALÉRIO, 2013, p. 68), é possível que encaminhasse também o programa para a direção geral de cada Estado com o objetivo de fomentar e motivar a participação nos certames. Esse percurso todo poderia levar alguns meses, pelo menos nas primeiras Conferências, devido às condições de transporte na época. Valério descreve a participação dos professores das escolas no certame “(...) eles eram escolhidos pelo Diretor Geral de Instrução de cada estado. Os estados que sediavam as conferências geralmente dispensavam os professores de suas atividades cotidianas para que participassem (...) VALÉRIO, 2013, p.68”.

Foram arrolados nessa pesquisa sete programas correspondentes às Conferências realizadas entre 1927 e 1956: da I, da V, da VI, da VII, da VIII, da XI e da XII. Destaca-se que no VII CNE (1935) foram impressos, além do programa oficial, outros três programas avulsos, devido aos diferentes locais em que ocorreram as apresentações e à grande quantidade de informações inseridas nos impressos referenciados no intuito de exibir a materialidade que constitui parte desta narrativa.

Adiante exhibe-se as capas dos sete programas trabalhados no recorte deste estudo. A forma como os quadros foram dispostos correspondem à estética da página

FIGURA 10 - CAPAS DOS PROGRAMAS DE ALGUMAS CNES.

I CNE – Curitiba 1927	V CNE – Niterói 1932	VI CNE – Fortaleza 1934
		
VII CNE – Rio de Janeiro 1935	VIII CNE – Goiânia 1942	XI CNE – Curitiba 1954
		
XII CNE – Salvador 1956		
		

Fonte: Associação Brasileira de Educação nas pastas A1-ICNE, A5/12; A5/22; A5/46, A52

Os programas apresentam configurações distintas graficamente, em tamanho, fonte, imagens e tipo de papel de impresso. Quanto às informações, quase sempre apresentam os dados pertinentes a cada Conferência, tais como: ano, local, horário, comissão executiva, regimentos, homenagens, temas, cronograma oficial de todo o evento, o patrocínio da ABE e dos governos dos respectivos Estados, nos diversos lugares do território nacional em que ocorreram as CNEs. Em relação ao número de páginas, podem conter de 6 páginas (o menor) a 24 páginas (o maior). O menor programa é o da I CNE (1927), e apesar de bastante sucinto, o impresso fornece as informações mais importantes para quem desejava participar. O maior programa é o do VIII CNE, de Goiânia (1942), que apresenta formato de revista, com 24 páginas. Quanto à forma, os demais programas arrolados mantêm o formato de livreto.

No que tange às imagens como evidências históricas, os programas das I, V, VI e VIII CNEs utilizaram fotografias de monumentos, praças, estátuas e pontos turísticos das cidades sedes. O programa da I CNE trouxe na página 1, a vista panorâmica da cidade, em primeiro plano o Palácio Municipal. A página 2 exibe imagens da Universidade Pública do Paraná, da Catedral e da Escola Normal Secundária, representando as construções significativas da capital. Ademais, pode-se refletir que estas imagens estão alinhadas ao evento voltado ao debate sobre educação naquela época, bem como canceladas pela frase *“Pela Unidade Nacional”*, exposta na capa. Na sequência, a página 3 apresenta uma montagem com a sobreposição de 3 fotos de estátuas de importantes personalidades e figuras históricas: o Tiradentes, a Professora Júlia Wanderley e o Visconde do Rio Branco. A página 4, última deste programa, apresenta outra montagem de 3 fotos evidenciando aspectos da cidade de Curitiba.

O programa da V CNE, com 14 páginas, apresenta três fotos. Na página 3 exibe uma imagem da Assembleia Legislativa de Niterói, sede da Conferência, então capital do Estado Rio de Janeiro. Na página 9, apresenta uma imagem da Escola do Trabalho de Niterói, que naquela Conferência foi visitada pelos congressistas. Por fim, na página 13, está exposta a imagem de um trecho da praia de Icaraí, um dos pontos turísticos expressivos da cidade de Niterói.

O material do VI Congresso Nacional de Educação ostenta na capa a imagem de duas jangadas e alguns pescadores em um trecho da praia de Iracema. Na página 5, há uma imagem do Passeio Público - Ceará.

Já o programa do VIII CNE, constituiu-se o mais completo de todos aqui apresentados e o Congresso estava atrelado a inauguração oficial da nova capital do Estado de Goiás. Talvez isso se justifique pelas articulações de Mario Augusto Teixeira de Freitas, que era o diretor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) neste período e anteriormente também

havia presidido a ABE. Em 1939, ABE e IBGE organizaram na recentemente fundada cidade de Goiânia, no estado de Goiás, a I Exposição Nacional de Educação e Estatística. Tanto a primeira quanto a segunda Exposição de Cartografia foram patrocinadas pelo governo de Goiás. (ANAIS VIII CNE, 1942, p.5). Nessa perspectiva faz sentido que o material impresso oferecesse um completo histórico sobre os debates e conquistas da educação das Conferências anteriores; reportagens que abordassem o evento, a cidade sede e o IBGE como organizador da II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística, inaugurada em Goiânia. Destaca-se aqui um fragmento do convite da ABE, publicado no programa, direcionado aos educadores.

O VIII Congresso Brasileiro de Educação, convocado para reunir-se em junho de 1942, na nova Capital Goiaz, não desmentirá a tradição dos que o precederam, a julgar pela felicidade com que foi delineado o programa a ser discutido no sugestivo ambiente da jovem cidade sertaneja. O tema geral da conferência será o ensino primário fundamental, considerado na sua organização e no seu espírito. (PROGRAMA VIII CNE, 1942, p. 22).

As fotos inseridas no material do VIII Congresso são: o Edifício do Cine Teatro de Goiânia, local das solenidades e dos festejos do Congresso (p. 7); a imagem do Bairro de Campinas (p. 8); a perspectiva do Centro Cívico de Goiânia (p. 9); os aspectos parciais da Escola Técnica de Goiânia, o local da II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística (p. 10); a Sede do Automóvel Clube de Goiânia, local de algumas sessões plenárias e celebrações (p. 10); a vista parcial da Praça Cívica de Goiânia (p. 12); o Grupo Escolar de Goiânia (p. 13); a Avenida Goiás e Palácio do Governo (p. 14); o Palácio do Governo (p. 17); a Praça Cel. Joaquim Lúcio, no bairro de Campinas (p. 21), e por fim, a imagem do Grande Hotel (p. 23), local onde ocorreram algumas sessões plenárias do Congresso.

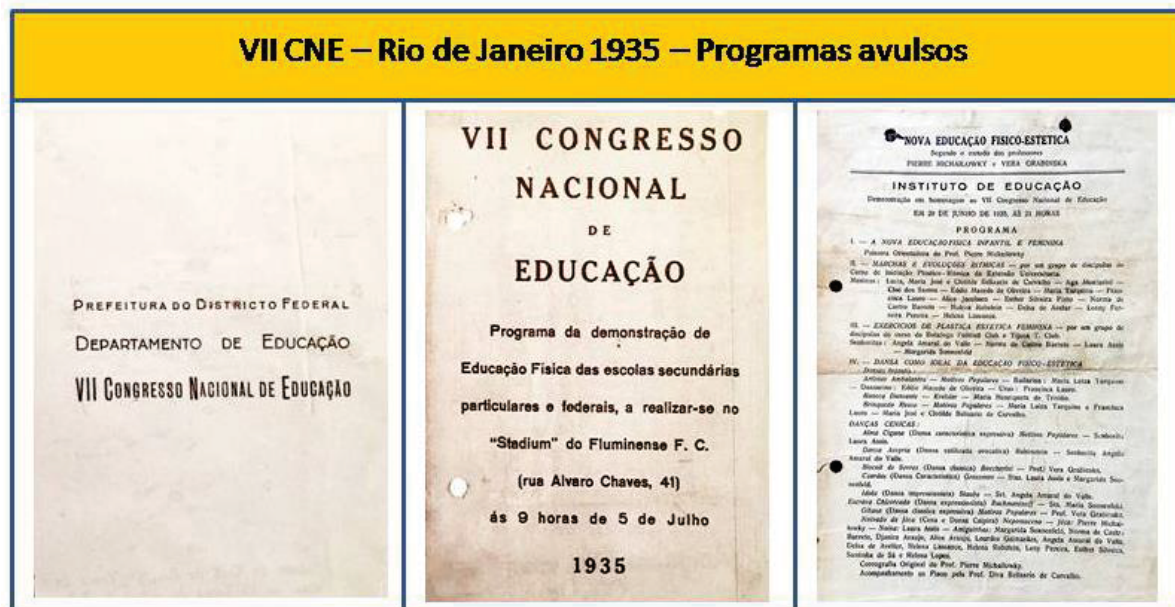
QUADRO 3 - LEVANTAMENTO DE INFORMAÇÕES NOS PROGRAMAS DA CNES 1927 A 1956

Conferência	I CNE - 1927	V CNE - 1932	VI CNE - 1934	VII CNE - 1935	VIII CNE - 1942	XI CNE - 1954	XII CNE - 1956
Conteúdo							
Formato (cm)	15 x 20,5	16x 21,5	14x20,5	14,5x20	22x29	15x23	10,5x23,5
Nº páginas	6	16	8	12	24	8	12
Tipografia capa (*)	Calibri	Adobe Ming Std L	desconhecida	Franklin Gothic Book	Bodoni MT Black	Gungshu Che	MS Gothic
Tipografia texto (*)	Times New Roman	Times New Roman	Times New Roman	Times New Roman	Adobe Garamond Pro	Calibri	Times New Roman
Imagens	9	3	2	0	12	0	0
Comissão executiva	sim	sim	sim	sim	sim	sim	sim
Temas	sim	sim	não	sim	sim	sim	não
Regimentos	sim	não	não	sim	sim	não	sim
(*) Tipografia semelhante à nomenclatura atual							

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base nos programas arrolados.

Ademais, no VII CNE, realizado no Rio de Janeiro, registram-se três programas avulsos que contemplavam as atividades de educação física espalhadas pela cidade.

FIGURA 11 - CAPAS DOS PROGRAMAS AVULSOS DO VII CNE, RJ, 1935



FONTE: Arquivo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação na pasta A5/22.

As exhibições de exercícios físicos e apresentações do VII Congresso Nacional de Educação ocorreram em vários locais do Distrito Federal. De acordo com os programas avulsos destacados acima: o primeiro refere-se às atividades promovidas pela prefeitura; o segundo promove as demonstrações das escolas secundárias como um todo, realizadas no Stadium do Fluminense F.C.; e o terceiro destaca a apresentação da Educação Física Estética, realizada no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro.

Outro conjunto de impressos, composto por seis envelopes, pode ser tomado como rastro de uma chancela da causa educacional promovida pela ABE. Abaixo destacam-se alguns envelopes com assinatura da ABE

FIGURA 12 - ENVELOPES DA ABE.



FONTE: Associação Brasileira de Educação.

Marta Carvalho (2003), ao escrever sobre as Conferências Nacionais de Educação, aponta que elas foram além da instância de debate (...) e também funcionaram como propaganda da causa educacional (CARVALHO 2003, p. 47). As frases inseridas nos envelopes da ABE reforçam a ideia da missão que a ABE, tomou para si de realizar uma obra cívica voltada à educação do país. Toma-se por exemplo a frase: *Se em vários núcleos do Brasil já se aprecia*

uma civilização quantitativa, falta por toda a parte a civilização qualitativa. A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO lutará para suprir esta deficiência. Ainda, em outro exemplo: No interior do Brasil está latente a sua redempção. Preparar o coração do país educando sua gente, eis no que pensa a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO.

O intento aqui proposto, ao dar visibilidade à materialidade destes programas das CNEs e materiais de divulgação como os envelopes, arquivados pela ABE, é importante no sentido que tais documentos se configuram em fontes ricas de informações sobre as atividades ocorridas nas Conferências e demais ações atreladas aos eventos, como as Exposições Pedagógicas e as suas atividades. Estes programas são documentos históricos que podem ajudar a investigar uma trama composta por sujeitos como nomes de professores, oradores, homenageados e patronos; pelos locais citados como as escolas, os institutos e pelos lugares visitados; pelas atividades compostas por um vasto repertório, pelos patrocínios de governos e organizações, etc.

Os envelopes, como um material de propaganda, também podem ser tomados como uma forma de exibir os ideais da ABE, bem como reforçar a assinatura do grupo que trabalhava e atuava em prol da educação nacional. As frases escritas e assinadas pelas ABE dão conta de propor alguns lemas que legitimariam o projeto da Associação. Tais dados presentes nos impressos, podem ser como os fios condutores de Ginzburg (1989), instigadores e até mesmo norteadores de um caminho para futuras pesquisas.

2.2 As Exposições Pedagógicas e as Exposições Escolares

As Exposições Pedagógicas e as Exposições Escolares ocorreram em 10 das 11 CNEs, perdurando de 1927 a 1954, conforme as fontes arroladas até o presente momento. Tais atividades ocorriam vinculadas às Conferências, ora se constituindo no mesmo espaço da realização das Conferências, ora nas escolas ou em espaços cedidos ou chancelados para a sua realização. Destaca-se aqui que algumas Exposições organizadas junto às CNEs eram realizadas com parcerias entre a ABE e outras instituições ou com Governo da cidade sede. Por exemplo, em 1942, foi exibida no VIII CNE, em Goiânia, a II Exposição Nacional de Cartografia e Estatística organizada pelo IBGE com a colaboração da Associação Brasileira de Educação; e em 1954, em Curitiba, na XI CNE, à Exposição Internacional do Café e à Feira de Curitiba, organizadas pelo governo de Bento Munhoz da Rocha para celebrar o Centenário do

Paraná⁵⁹ e exibir a sua “capacidade realizadora de grandes ações” (Catálogo da Exposição Nacional do Café, 1953, p. 01).

Segundo o verbete *Expositions Scolaires*, escrito por Charles Defodon no Dictionnaire de Pédagogie et d'Instruction primaire, coordenado por Ferdinand Buisson (1887), uma exposição escolar organizada no interior das exposições universais deveria ter a seguinte configuração:

Uma exposição escolar, para responder as benevolentes preocupações do público e para servir aos estudos dos mestres, deve compreender como diria Sr. Buisson, a propósito disto, em 1878, quatro tipos de elementos. Primeiro, o que representa e de que maneira o discurso oficial, compreendendo os documentos administrativos e as prestações de contas estatísticas, etc.; esta é a parte das autoridades dirigentes e também das associações que contribuem para a educação e para o ensino. Em seguida, vem a seção puramente material, é a que concerne aos prédios escolares e suas instalações: construções, mobiliário, material de exercícios de classe, sistema de ventilação, de aquecimento, de saneamento; dependências escolares: corredores, pátio, pátio coberto, jardins; aparelhos de ginástica, de exercícios militares, etc. e etc. É a parte mais fácil de expor, e não, aliás, a menos útil. Em terceiro lugar deve figurar as ferramentas do ensino propriamente dito: jornais escolares destinados aos professores e alunos, livros, manuais, globos, mapas, aparelhos de estimulação de toda a natureza; meios acessórios indiretos da instrução e da educação; bibliotecas, grupos, reuniões e associações de jovens representados por Estatutos, boletins, etc. Quarto lugar, enfim, os trabalhos dos mestres: planos de estudo, emprego do tempo, memórias sobre as questões pedagógicas e os trabalhos dos alunos (...). (DEFODON, 1887, p. 975)⁶⁰.

⁵⁹ “De 1.236.976 habitantes em 1940, passamos para 2.149.509 em 1950. Essa marcha é também da evolução do Paraná em todos os setores. Formamos já uma potência econômica e um modelo de civilização, dentro da Pátria. Contribui o Paraná com cerca de 20% da exportação nacional, e com 22% da produção total do país. A sua produção agrícola vai alcançando oito bilhões de cruzeiros. Por outro lado, em 1940 possuíamos 2.265 fábricas, e em 1950 elas haviam subido a 20.431, ou seja um aumento de 805%, enquanto no mesmo período o número de operários industriais passava de 3.762 a 38.243, isto é, 900% acima. Uma Universidade federalizada conta já com 40 anos de existência, e somos um Estado de febricitantes preocupações espirituais. Esse ambiente excepcionalmente auspicioso do Centenário, em cujo variado programa de comemoração avulta o Congresso e a Exposição Internacional do Café. O Paraná vive hoje o “Ciclo do Café”. Nas terras do Norte, os mais férteis do globo, brotam cidades que rapidamente se consolidam em grandes centros econômicos e sociais. Somos o segundo exportador daquele produto e os nossos cafezais somam 533.310.927 pés, dos quais 280.383.430 em produção”. **Catálogo da Exposição Internacional do Café**, elaborado pela Comissão de Comemoração do Centenário, realizada em 1953, em Curitiba. (Disponível no Museu Paranaense, 633.73 - E96 e Ex.2).

⁶⁰ Texto original : Une exposition scolaire, pour répondre à ces i bienveillantes préoccupations du public et pour servir aux études des maîtres, doit comprendre, comme le disait M. Buisson à propos de celle de 1878, quatre sortes d'éléments. D'abord, ce qui en représente, en quelque sorte, la partie officielle, comprenant les documents administratifs, les comptes-rendus statistiques, etc.; c'est là la part des autorités dirigeantes et aussi des associations qui contribuent à l'éducation ou à l'enseignement. Vient ensuite la section purement matérielle, ce qui concerne les bâtiments scolaires et leur installation: constructions, mobilier, matériel d'exercices de classe, systèmes de ventilation, de chauffage, d'assainissement; dépendances scolaires: cours, préaux, jardins; appareils de gymnastique, d'exercices militaires, etc., etc. C'est la partie la plus facile à exposer, et non d'ailleurs la moins utile. En troisième lieu doit figurer l'outillage de l'enseignement proprement dit : journaux scolaires destinés aux maîtres ou aux élèves, livres, manuels, globes, cartes, appareils d'encouragement de toute nature; moyens accessoires et indirects d'instruction et d'éducation bibliothèques, cercles, réunions et associations de jeunes gens représentées par des statuts, des bulletins, etc. Quatrièmement, enfin, les travaux de maîtres: plans d'études, emplois du temps,

Ainda que, as Exposições Pedagógicas e as Exposições Escolares, vinculadas às CNEs, que perduraram por quase 30 anos, tenham se dado de forma diferente, a prática das exposições escolares, pode ser relacionada com as Exposições Universais do século XIX, que exibiam o progresso da civilização ocidental no geral. As exposições escolares podem ser tomadas também como um desdobramento das Universais, como uma estratégia de visibilidade e prestação de contas do ensino junto à comunidade local. Rosa Fátima de Souza (1998), aponta em seus estudos sobre a implantação da escola primária graduada em São Paulo, no período compreendido entre 1890 e 1910, que as exposições escolares integravam os ritos da escola.

De certa forma, as exposições escolares correspondiam a transposições para o universo da escola das exposições escolares realizadas no interior das Exposições Universais e das Exposições Pedagógicas – uma forma característica de exibição e publicidade em voga na segunda metade do século XIX e início do século XX. (SOUZA, 1998, p. 264).

As exposições escolares eram lugar de apresentação daquilo que havia sido produzido durante o ano, constituídas por materiais elaborados pelos alunos e professores, e com isso podem ser tomadas como forma de exibir e apresentar à sociedade o trabalho proposto nas escolas, principalmente nas disciplinas de Trabalhos Manuais, Trabalhos de Agulha e de Desenho. A disciplina de trabalhos manuais era destinada aos alunos do sexo masculino e a disciplina de trabalhos de agulha aos do sexo feminino. Todavia, as alunas também realizavam Trabalhos Manuais. As exposições escolares ocorriam usualmente no final do ano, como resultado do trabalho daquele ano letivo.

Em 1927, na I CNE, ocorreu uma Exposição Escolar na Escola Normal⁶¹ e na escola de Aplicação, que ficava anexa ao prédio. A finalidade da Escola de Aplicação era ser um campo de Estágio para as alunas da Escola Normal "aplicarem" os conhecimentos recebidos no curso da Escola Normal. Na Escola de Aplicação, no curso primário, eram matriculados alunos e alunas.

mémoires sur des questions pédagogiques, et les travaux d'élèves(...). Verbete Exposition Scolaire, escrito por Charles Defodon - Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire, de Ferdinand Buisson. I Parte - Tomo I, Paris: Librairie Hachette, 1887, p. 974-978. (A tradução das páginas 974, 975, 976 e 978 foi feita sob encomenda para esta dissertação. O material foi traduzido pelas educadoras Maria Helena Pupo Silveira e Maria Teresa da Costa Coimbra).

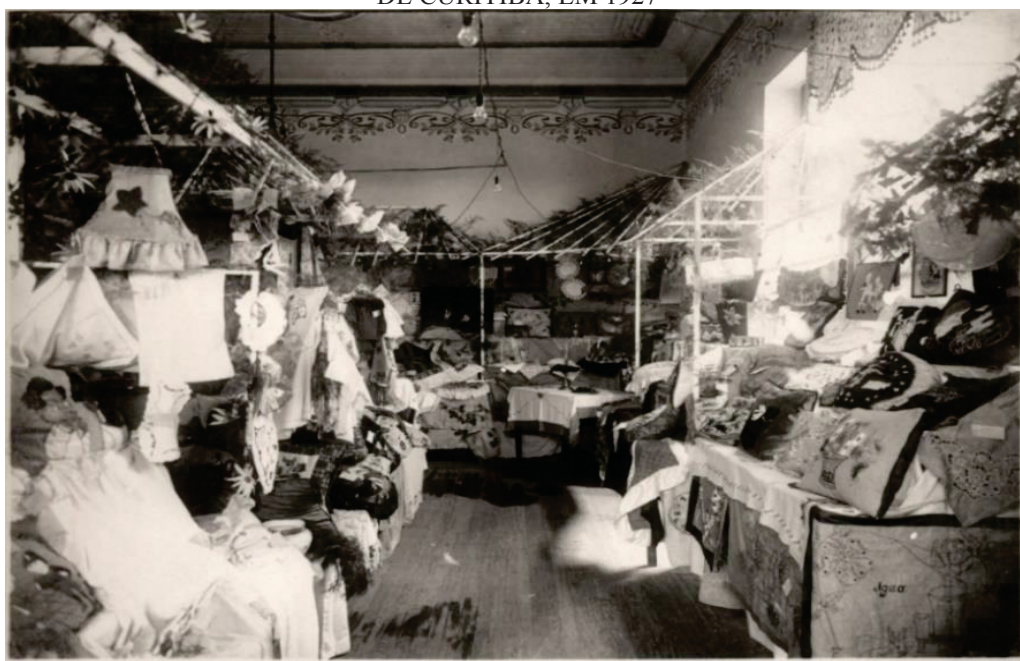
⁶¹ Em 1876, o Instituto foi criado com o nome de Escola Normal de Curitiba. Torna-se Instituto de Educação do Paraná apenas em 1922 e passa ocupar a atual sede na Rua Emiliano Perneta, no Centro da Capital paranaense. Em 1994, o prédio é tombado como patrimônio histórico. Três anos depois recebe a denominação de Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto, uma homenagem ao ex-secretário da Educação do Paraná. Fonte: <http://www.educacao.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=8099&tit=Instituto-de-Educacao-do-Parana-Erasmo-Pilotto-completa-143-anos> Acesso em: 19/11/2019.

FIGURA 13 - A EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS NA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA



FONTE: Casa da Memória de Curitiba, (n.º do cadastro: FO, 6088 - SN, 6079).

FIGURA 14 - OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA NORMAL DE CURITIBA, EM 1927



FONTE: Casa da Memória de Curitiba. (n.º do cadastro: FO, 6091 - SN, 6082).

Sobre as figuras 13 e 14 é possível perceber uma grande quantidade de materiais postos para a exibição. Alguns deles apresentam etiquetas, as quais não é possível dizer se servem para identificar ou/e precificar os produtos. Entre os objetos expostos, listam-se diferentes tipos de abajures, alguns vasos, flores e enfeites que aparentemente foram elaborados em ferro ou

madeira, decorados com tecidos, pedrinhas, canutilhos e etc. Ainda é possível visualizar uma infinidade de almofadas confeccionadas em vários formatos e tamanhos, toalhas bordadas em diferentes pontos, guardanapos, trabalhos em bordado, crochê, costura entre outros produtos amontoados na exposição. Essas imagens provocam alguns questionamentos: 1) Todos estes produtos seriam feitos pelos alunos ou havia a participação dos professores? 2) Quais eram os trabalhos elaborados pelos meninos e quais pelas meninas? Seria possível ainda que as mães dos alunos contribuíssem para a exposição? 3) Pela quantidade avolumada de produtos expostos, seriam eles comercializados com intuito de reverter os valores para a escola?

A docente e jornalista Cecília Meireles⁶² descreve em seus textos publicados na Página da Educação, no jornal **Diário de Notícias**⁶³, nos anos 30, algumas dessas Exposições Escolares. Na crônica *Ainda as Exposições...* critica a colaboração indevida dos professores nos eventos, bem como convida o leitor “a percorrer as escolas no fim do ano para os ver, ficará surpreendido, ‘se souber olhar’ com a quantidade de coisas inúteis que aparecem e que se dão como executadas na escola”. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. MEIRELES, 10/12/1930, grifos no original).

As críticas seguem sendo publicadas em outros textos de Cecília Meireles que abordam o tema. Em uma delas intitulada *Exposições Escolares*, a escritora publica um comunicado da administração pública do Rio de Janeiro, determinando como as exposições escolares deveriam ocorrer conforme texto abaixo:

A fim de que cessem hábitos e praxes irregulares que esta Diretoria formalmente condena, recomendo-vos a expedição das seguintes instruções, que deverão ser observadas pelo professorado sobre a nossa jurisdição: a) Não permitir que, sob o pretexto da ultimação de trabalhos manuais para as exposições, se prolonguem pelo período das férias a obrigação do comparecimento de adjuntos e alunos aos institutos de ensino; b) Inaugurar as referidas exposições, com solenidades ou não, de 14 até 20 de novembro, o

⁶² A carreira docente de Cecília Benevides de Carvalho Meireles apresenta várias nuances: ingressou no magistério do ensino médio lecionando a disciplina de Desenho, na Escola Normal do Distrito Federal, em 1920. De junho de 1930 a dezembro de 1933, escreve suas crônicas para o Diário de Notícias, na coluna Página da Educação, atuando como jornalista, editora e cronista produzindo vários textos sobre vários assuntos relacionados à esfera educacional. Em 1934, foi designada para o Instituto de Pesquisas Educacionais do Distrito Federal. A convite de Anísio Teixeira, organizou a primeira biblioteca infantil brasileira do Centro de Cultura Infantil. Na Universidade do Distrito Federal, lecionou as disciplinas de Literatura Luso-brasileira e a de Técnica e Crítica Literária, durante o ano de 1935. A partir do ano de 1939, retoma a docência pública, atuando como regente de turma no Jardim de Infância Campos Salles. Em 1940, leciona a disciplina de Literatura e Cultura Brasileira na Universidade do Texas. De volta ao Brasil, foi transferida para a Escola Medeiros e Albuquerque, da rede pública municipal do Distrito Federal, em 1949. Nesse ano, foi nomeada para a direção da Escola Bahia, permanecendo nessa instituição até a sua aposentadoria, no ano de 1951. Fonte: Ver texto de Lôbo, Yolanda. Cecília Meireles. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

⁶³ O Diário de Notícias foi criado pelos jornalistas Orlando Ribeiro Dantas, Nóbrega da Cunha e Alberto Figueiredo Pimentel, em 12 de junho de 1930, e tinha como redator chefe João Maria dos Santos. Fonte: Ver texto de Lôbo, Yolanda. Cecília Meireles, p. 21.

mais tardar, com os trabalhos concluídos durante o período letivo; c) somente realizar festas de encerramento das aulas na sede das escolas; d) não tolerar que os trabalhos expostos pelos alunos sejam confeccionados por outras pessoas, prática essa prejudicial, porque sobre não ser educativa habitua a criança a falsear a verdade; podendo, no entanto, ser admitidos trabalhos de adjuntos, desde que dos mesmos conste essa circunstância declarada por escrito. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. MEIRELES, 6/09/1931)

Ainda na I CNE, outro aspecto da mesma Exposição Escolar apresenta características completamente diferentes das imagens anteriores. A figura 18 registra artefatos para o ensino de ciências, como os quadros de insetos, os animais empalhados (taxidermia) e os animais conservados em vidros (fixação úmida) para demonstração e fins didáticos.

FIGURA 15 - EXPOSIÇÃO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM 1927.



FONTE: Associação Brasileira de Educação.

A Exposição Escolar exibida em 1927, em Curitiba, também pode ter recebido materiais didáticos vindos de outros lugares para compor o acervo. Em uma carta⁶⁴, encaminhada pelo então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, professor Roquete Pinto, para o professor Barbosa de Oliveira, diretor da Escola Wenceslau Braz na época, fornece um indício. Neste documento, o remetente solicita à Barbosa de Oliveira que leve para a cidade de Curitiba, uma caixa com dispositivos para o Ensino da História Natural; uma coleção de quadros murais e

⁶⁴ A carta está descrita na página 305/306 do livro: COSTA, Maria José Franco Ferreira da. Lysimaco Ferreira da Costa (a dimensão de um homem) Curitiba: UFPR, 1987.

cartões editados pelo Museu Nacional, a serem apresentados na Conferência de Curitiba, como contribuição daquele Instituto ao evento. É possível que outras instituições, escolas, bibliotecas e até mesmo casas de comércio de livros e materiais didáticos também tenham encaminhado materiais para a I CNE, que poderiam ter sido expostos juntamente com os trabalhos manuais e escolares.

Na II CNE, em Belo Horizonte, também há registros de exposições escolares. Uma delas foi disposta em algumas salas do Grupo Afonso Penna e reuniu os trabalhos do estabelecimento, feitos durante o ano.

A exposição está dividida em partes. A primeira consta do ensino, a cargo do professor José Maria do Espírito Santo Filho; há lindos e interessantes trabalhos de madeira, executados pelos alunos das diversas aulas do estabelecimento. A segunda parte consta de uma seção de trabalhos de costura feitos pelas alunas das diferentes classes do Grupo, dirigidas pelas professoras D. Olga Meireles e Carmelinda Vaz de Mello; notam-se belos bordados e outras peças. Os trabalhos em argila são feitos pelos alunos do segundo ano. Os trabalhos de costura e os trabalhos em madeira foram feitos pelos alunos do 3º e 4º anos, (PÁGINAS DA HISTÓRIA. Notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE, p. 182)

As exposições pedagógicas ofereciam suportes materiais, móveis, acessórios, objetos, artefatos, equipamentos, livros, mapas, materiais de uso em sala e tudo mais que fosse necessário ao ensino e aprendizagem. Rosa Fátima de Souza (2007) explica que a busca por novos materiais remonta a períodos anteriores:

(...) tal preocupação pode ser percebida nos textos de Comenius, no século XVI, a invenção da lousa no século XVIII pelos lassalistas e na utilização de novos artefatos no ensino mútuo (Hopmann, 1991; Barra, 2001). Mas foi no século XIX que a construção de prédios escolares, o surgimento de moderno mobiliário escolar e novos materiais de ensino proliferaram de forma considerável articulando-se com a moderna pedagogia; o processo de escolarização em massa e a expansão do mercado industrial. (SOUZA, 2007, p. 163).

A Primeira Exposição Pedagógica, realizada no Rio de Janeiro em 1883⁶⁵, foi composta por expositores nacionais, europeus e americanos e trazia materiais diversos para três níveis de ensino: jardim da infância, escola primária e normal. Tinha como objetivo “fazer conhecer as novidades pedagógicas, propagandear as casas comerciais e livrarias pedagógicas nacionais e internacionais e implementar a renovação do ensino no país”, (SOUZA 1998, p. 226). Na mesma perspectiva, as Exposições e Eventos promovidos nas CNEs, também buscavam dar a ver tudo aquilo que pudesse compor e contribuir para a educação.

⁶⁵ Mais detalhes sobre a Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro de 1883 ver a obra *Templos de Civilização – a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890 - 1910)*, de Rosa Fátima de Souza. Editora Unesp, 1998.

As exposições pedagógicas e as exposições escolares se constituíram como vitrines para o ensino, partindo da perspectiva que tais eventos locais, seguiam, guardadas as devidas proporções, o modelo das Exposições Universais. Vidal e Gaspar da Silva apontam que em relação à educação,

(...) grande vitrine de invenções, as Exposições acolhiam o trânsito frequente de educadores, políticos e industriais e ofereciam alternativas aos vários domínios da vida humana, estimulando o comércio. A educação era exibida tanto em estandes oficiais, patrocinados pelos governos, como em estandes privados, detidos por proprietários de colégios ou por empresas dedicadas à produção e comercialização de materiais de ensino. Os modismos educacionais não deixam de representar uma das faces do intrincado jogo de interesses que entrelaça o pedagógico, o Estado e a indústria ainda na atualidade. A escola permanece com as características gerais de uma instituição de massa, que requer artefatos produzidos em série e em largas quantidades. (VIDAL; GASPARG da SILVA, 2010, p. 32-33).

Se por um lado, as exposições escolares exibiam os trabalhos elaborados nas escolas como forma de atestar e legitimar a educação oferecida nessas instituições, por outro, as pedagógicas, ao apresentarem uma gama de objetos escolares, evidenciavam que a escola era um grande mercado em potencial.

Em 1929, a III Conferência Nacional de Educação, realizada em São Paulo⁶⁶, promoveu segundo os Anais da mesma, uma gama de atividades. Segundo o registro, não sendo possível a visita a todos os grupos escolares da capital, a Diretoria Geral de Inspeção organizou grande exposição de trabalhos gráficos e manuais, com quadros explicativos e estatísticos e processos informativos das Escolas Normais do Braz, do Colégio Santa Ignez e Batista Brasileiro, Escolas Isoladas, Escola Normal da Praça e as Profissionais, nos próprios edifícios escolares, conforme certame pedagógico. Em Campinas, na Escola Profissional Bento Quirino, foram expostos os trabalhos de todas as escolas Profissionais do interior. No prédio do 4º Grupo Escolar, os trabalhos das Escolas Normais Oficial e Livres e dos grupos escolares da cidade. Ainda havia

⁶⁶ Entre 1900 e 1950 a população do estado de São Paulo quadruplicou (DEAN, 1996). Foi também um período de intenso processo de urbanização, de afluxo de trabalhadores do campo para os centros urbanos, especialmente a capital. Em 1900, 90% da população brasileira estavam no campo. No fim da Primeira República, em 1930, o Brasil permanecia um país essencialmente agrícola, com 70% da população no campo, mas a população urbana crescera substancialmente e a indústria também ia crescendo, dando a base para o maior desenvolvimento industrial que ocorreria com a política industrialista do pós-30. A massa de trabalhadores agrícolas, sobretudo de imigrantes, que se dirigiu para as cidades buscando melhores condições de vida e de trabalho transformou-se em mão de obra abundante e barata para essas indústrias e também participou de movimentos de reivindicações importantes. Beneficiada com a expansão da economia cafeeira, a indústria era, sobretudo, de bens de consumo e passou a abastecer um mercado em expansão. Essa urbanização também favoreceu a expansão das classes médias, que participaram das mobilizações e transformações do período. Fonte: Um panorama da história social e política de São Paulo da ascensão à queda de Júlio Prestes (1909-1930) escrito por Edilene Toledo http://www.arquivoestado.sp.gov.br/revista_do_arquivo/04/pdf/TOLEDO__E_-_Um_panorama_da_historia_social_e_politica_de_Sao_Paulo_da_ascensao_a_queda_de_

exposições escolares dos trabalhos das Escolas Normais, Profissionais e de Grupos Escolar e, para além das nominadas nos Anais, há o registro da Exposição de Material Escolar da Companhia Melhoramentos de São Paulo, conforme demonstra a figura 16.

FIGURA 16 - ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA RUA LÍBERO BADARÓ, EM 1929



FONTE: Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E249).

FIGURA 17 - OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, NA RUA LÍBERO BADARÓ, EM 1929



FONTE: Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E249)

As figuras 16 e 17 retratam um estabelecimento que produzia e comercializava um rol de objetos direcionados para a escola primária, nas primeiras décadas do século XX. Tais retratos podem nos aproximar e fornecer elementos dos materiais expostos para professores, congressistas e interessados em educação. É possível observar: manequins feminino e masculino para expor os uniformes escolares, brinquedos pedagógicos, jogos, mobiliário como cadeiras e carteiras adequados ao Jardim de Infância, material para trabalhos manuais, material de Jardim de Infância Montessori⁶⁷, quadros de aprendizado do sistema métrico decimal⁶⁸, dos mapas geográficos, do mapa mundi⁶⁹ e os quadros da fauna brasileira⁷⁰ entre outros materiais. Outro ponto interessante a ser avaliado é a dimensão da exposição, que representa uma sala de aula ou jardim de infância em tamanho natural. Ainda é possível ler as frases dos cartazes promovendo os produtos, indicando a utilidade e os resultados obtidos, propagandeando os artefatos fabricados para ensinar: *“Conheçamos o que é nosso. Essa collecção da encanto as aulas e atrae o espírito dos jovens brasileiros para as possibilidades econômicas do paiz”*, e *“Um milhão de crianças brasileiras tem aprendido a calcular, rapidamente, por estes quadros!”*. Frases que podem auxiliar na reflexão sobre a importância que a dimensão material assume, no universo escolar, neste período.

Uma extensa matéria, publicada no **Jornal do Commercio**, datada de 20 de agosto de 1931, anuncia a Exposição Material e Livros Escolares, programada para ocorrer junto à IV CNE, no Rio de Janeiro. Além de informar sobre a organização da Conferência, a matéria transcreve parte do texto de uma circular escrita pelo então Professor Fernando Magalhães⁷¹,

⁶⁷ O material Montessori para Jardim de Infância, para a Casa da Infância, da Dr. Maria Montessori, consta de jogos (565 peças) muito interessantes e admiravelmente adaptados à atividade espontânea da criança, que chega por eles a um alto grau de desenvolvimento sensorial, preparando assim bases sólidas para a formação do seu espírito. Tais exercícios constituem o programa do melhor jardim de infância moderno e são aplicáveis também as classes iniciais de um curso primário, com grandes resultados educativos. Fonte: Cia Melhoramentos de São Paulo. Catálogo de Livros e Material Didático. Junho de 1929, p. 82.

⁶⁸ Pela descrição o quadro apresentava a medida de 115 x 74 centímetros, em papel com tira de pano e moldura, voltado as necessidades da vida prática que impunha o conhecimento do sistema métrico decimal. Fonte: Cia Melhoramentos de São Paulo Catálogo de Obras da Nossa Edição, agosto de 1924, p. 21.

⁶⁹ Apresenta formato de 76 x 112 centímetros, sobre tela, com verniz armado e com 2 suportes de madeira. O primeiro mapa mundi feito no Brasil e obedecendo a todas as regras da arte cartográfica moderna. Apresenta aspecto de relevo, com impressão nítida com 9 cores, que podem ser lidos a distância. Fonte: Cia Melhoramentos de São Paulo. Catálogo de Livros e Material Didático. Junho de 1929, p. 80.

⁷⁰ Coleção formada por 20 quadros em formato de 89 x 115 cm., em tela envernizada, e com moldura, de que já estão prontos e à venda os quadros de: Pássaros (I a III), As lindas Aves do Amazonas (IV), Corujas e Galinhas (V), Aves aquáticas e paludículas (VI), Aves de Rapina e do Sertão (VII) Edentados, Marsupiais, Tapirus e Suínos (VII). Os quadros foram organizados pelo naturalista Conrado Günther, da Universidade de Friburgo, que esteve longo tempo no Brasil. Estes quadros vêm preencher uma lacuna sensível do ensino de História Natural. São desenhados a cores, impressionam de modo indelével o espírito dos alunos. Fonte: Cia Melhoramentos de São Paulo. Catálogo de Livros e Material Didático. Junho de 1932, p. 108.

⁷¹ Segundo o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, Fernando Magalhães nasceu no Rio de Janeiro, em 18 de fevereiro de 1878, e faleceu em 10 de janeiro de 1944, na mesma cidade. Filho de Antônio Joaquim Ribeiro

Reitor da Universidade do Rio de Janeiro e Presidente da Comissão Executiva da Conferência, endereçada às autoridades estaduais em administração e cultura, para que a Exposição que vinha sendo preparada fosse composta por materiais vindos de todas as unidades da Federação.

Pelo entusiasmo com que a essa idéia está sendo recebida nos meios interessados, é de se esperar que a projectada Exposição logre acentuado relevo e forneça proveitosos ensinamentos. E fora de duvida, porém, que se lhe poderá dobrado interesse uma vez que os seus mostruários constituam uma expressiva demonstração dos esforços que as administrações estadoaes estão empregando no sentido não só de melhorar technicamente a sua organização didactica, dotando-a de instalações condignas, material moderno e padronizado, e uma literatura pedagógica original e bem afeiçoada as condições do nosso meio social, como também imprimir-lhe novas directrizes, e rithmos novos de funcionamento, de acordo com os progressos da pedagogia. Eis porque a Comissão Executiva da IV Conferência Nacional de Educação me determinou que, ao fazer-vos a comunicação supra, vos dirigisse também um cordial apelo afim de que esse Estado se fizesse representar condignamente na alludida Exposição. Fazendo-o com satisfação e na certeza de lograr um cordial acolhimento, peço ainda licença para lembrar, a título de sugestão, que entre os muitos elementos de contribuição, possíveis, por parte dos Estados, destacam-se 1º *maquettes* e conjuntos fotográficos demonstrando os aspectos interessantes do seu equipamento didactico: 2º grandes artísticos cartogrammas, esquemas, quadros estatísticos e graphics sobre a sua organização escolar; 3º colleccoes, encadernações de luxo, da literatura escolar regional, nesta incluídas as obras editadas pelo próprio Estado, principalmente as de especial significação, como sejam, por exemplo, álbuns ilustrados, atlas corographics, cancioneros, hinários, livros de jogos infantis e etc; 4º films cinematográficos representando paradas escolares ou festividades outras, de particular relevo, organizados pelos quadros escolares ou a que comparecimento destes tenham dado um alto significado (...). (JORNAL DO COMMERCIO. Exposição de Material e Livros Escolares- sua próxima inauguração na Capital. Rio de Janeiro. 20/08/1931, p. 03, cl. 04).

O texto é revelador do esforço feito para organizar a Exposição, ademais descreve quais materiais deveriam compor a mostra. A ABE usava ampla e publicamente a rede de contatos para agregar valor às suas ações.

Magalhães e Deolinda Magalhães. Fez o curso de humanidades no Colégio Pedro II, bacharelando-se em Ciências e Letras (1893). Formou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, com grau de doutor em 1899. Professor de clínica obstétrica (livre-docente e catedrático) da mesma Faculdade. Diretor do Hospital da Maternidade do Rio de Janeiro, do Conselho. Nacional de Educação, diretor da Faculdade de Medicina, reitor da Universidade do Rio de Janeiro, diretor de Hospital Pro-Matre, consultor do Hospital da Beneficência Portuguesa, presidente da 1º e da 4º Conferências Nacionais de Educação, delegado do Estado do Rio de Janeiro à Assembleia Constituinte de 1933. Presidente da Academia Brasileira de Obstetrícia e Ginecologia, do Sindicato Médico Brasileiro, da Associação Médica Brasileira, da Associação Brasileira de Educação, da Academia Nacional de Medicina, da Sociedade de Medicina e Cirurgia, da Liga Brasileira de Higiene Mental. Também foi membro da Liga da Defesa Nacional, Colégio Americano de Cirurgiões, Societé d'Obstétrique de Paris, Acad. das Ciências de Lisboa, Soc. Médico-cirúrgica do Equador, Acad. Paulista de Medicina, Soc. de Medicina de PE, PB e SP, das Soc. Médicas de Campos e Petrópolis, da Acad. de Medicina do México, de Buenos Aires, Madri, Soc. de Obstetrícia de B. Aires, da Assoc. Médica Argentina, da Soc. Acad. de Medicina e Cirurgia. Fonte: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/FARMagalhaes.html> Acesso em: 15/07/2019.

Outra matéria do **Diário da Noite**, publicada no dia 26 de agosto do mesmo ano, informa que a Exposição Pedagógica anexa a IV CNE, seria composta por material escolar, jogos educativos e livros didáticos, entre outros elementos, e organizada pela professora Ilka Labarthe⁷², que naquela época dirigia a seção de material escolar do comércio Casa Vilas Boas⁷³, provavelmente no Rio de Janeiro. Pelo mesmo texto, as sessões plenárias ocorreriam no Palácio das Festas.

Fui realmente convidada pela Diretoria da A.B.E. para tomar parte nos trabalhos da 4ª Conferência Nacional de Educação. No recinto da exposição pedagógica pretendo fazer ligeiras palestras, explicando, principalmente o manejo e aplicação dos jogos educativos brasileiros e que tão grande aceitação merecem das nossas professoras, em substituição aos de Decroly (...). (DIÁRIO DA NOITE. 4 Conferência Nacional de Educação. Exposição Pedagógica. Rio de Janeiro, 26/08/1931, p. 03).

Entretanto, na semana da instalação da IV CNE, o **Jornal do Comércio** publicou uma matéria com informações da Conferência, da qual destaca-se o trecho a seguir, que aborda a inauguração da exposição pedagógica, na Escola Nacional de Bellas Artes⁷⁴.

Segunda-feira, as 17 horas, com a presença do Dr. Francisco de Campos, Ministro da Educação; Dr. Fernando de Magalhães, Director Geral Instrução Pública Municipal; Dr. Isaias Alves, sub-diretor tecnico, grande número de delegados officiaes dos Estados, professores etc, inaugurou-se a Exposição Pedagógica promovida pela Associação Brasileira de Educação, na Escola Nacional de Bellas Artes. No local em que a Associação Brasileira de Educação instalou a sua Biblioteca Pedagógica foi recebido por D. Armanda Álvaro Alberto⁷⁵, que há muito tempo vem se dedicando ao problema do livro

⁷² Ilka Labarthe iniciou a carreira como radio educadora na equipe da Rádio Escola Municipal (PRD5) onde comandou várias atrações infantis. O Tapete mágico foi seu programa de maior sucesso: que permaneceu no ar durante, pelo menos, quinze anos. A partir de 1935 esta produção passou a ser irradiada pela Rádio Mayrink Veiga (PRA9) e, nos anos 1940, veio a ser transmitida pela Rádio Nacional até a década seguinte. Em 1937, o conteúdo do programa foi publicado em O tapete mágico da Tia Lúcia em dois volumes, pela Companhia Editora Nacional. O Tapete mágico da Tia Lúcia foi ao ar pela primeira vez na Rádio Escola Municipal (PRD5), em 1934. A atração, dirigida ao público infantil, foi elaborada por Ilka Labarthe, que como nos lembra Moreira compunha o quadro de professoras da estação idealizada por Edgar Roquette Pinto, interpretava a Tia Lúcia. Ao microfone, ela comandava um tapete, meio de transporte que conduzia seus ouvintes visitassem qualquer lugar do mundo. Cada programa abordava um país diferente, com lições sobre sua História e sua Geografia. A atração contava com a participação de crianças que faziam perguntas a todo o momento. A partir das respostas, eram desenvolvidos os vários temas. (Cadernos de História da Educação, v. 16, n.2, p. 539-553, mai.-ago. 2017, p. 548). Conferir também: A radioeducação no Brasil e o culto ao pacifismo (1919-1939). Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/39603/20789>

⁷³ Até o momento não foi possível encontrar outros registros da Casa Vilas Boas.

⁷⁴ A pesquisadora efetuou pesquisa junto ao Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro em busca de outros registros da Exposição Pedagógica que teria sido realizada na mesma, sem sucesso.

⁷⁵ Armanda Álvaro Alberto nasceu no Rio de Janeiro, na época Distrito Federal, em 1894. Armanda foi uma das fundadoras da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924 e membro da primeira diretoria. Em dezembro de 1927, compareceu à I Conferência Nacional de Educação, promovida pela ABE, em Curitiba. Nesse encontro, a Escola Regional de Meriti recebeu um especial voto de aplauso do conselho diretor da ABE. Em maio de 1935, foi uma das criadoras e, depois, a primeira presidente da União Feminina do Brasil (UFB), movimento político filiado à Aliança Nacional Libertadora (ANL), fechado em 11 de julho do mesmo ano, juntamente com a ANL, pelo Decreto nº 229. Casou-se em 1928 com Edgar Sussekind de Mendonça, que também pertenceu à ANL.

para a criança e ali se deteve examinando os trabalhos estrangeiros e o que já se vae fazendo entre nós. Teve ocasião de folhear os primeiros livros para crianças da Biblioteca Pedagógica Brasileira dirigida pelo Dr. Fernando de Azevedo, o autor da reforma na Instrucção do Distrito Federal. Por fim reafirmou sua promessa de ter o mais breve possível uma realidade a 1^a Biblioteca Publica para crianças e adolescentes por cuja criação a Associação Brasileira de Educação vem se batendo ha muito tempo. Retirou-se em seguida, opticamente impressionado. A Exposição Pedagógica fundada pela Associação Brasileira de Educação é das mais interessantes inciativas que funcionam a margem da IV Conferência Nacional de Educação e merece ser visitada por todos os professores e publico em geral. Funciona diariamente das 14 às 17 horas e das 19 às 22 horas, sendo a entrada gratuita para todos os interessados. (JORNAL DO COMMERCIO. IV Conferencia Nacional de Educação. Inauguração da Exposição Pedagógica na Escola Nacional de Bellas Artes. Rio de Janeiro. 16/12/1931. p. 04, cl. 01).

Entre os documentos investigados na ABE, uma carta do Ministério das Relações Exteriores, datada de 21 de agosto de 1931, encaminhada para Fernando Magalhães, indica algumas articulações para compor junto à Exposição anexa à IV Conferência, uma parte que fosse dedicada aos livros infantis. A carta é uma resposta a Fernando Magalhães, que havia escrito primeiramente solicitando aos “representantes diplomáticos na Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai e Peru, a inclusão nesse certame de livros infantis, didáticos e recreativos adotados naqueles países”. Nesta carta reposta, o então secretário geral, Cavalcanti de Lacerda, em nome do ministro de estado, confirma que faria o pedido às missões diplomáticas nos referidos países.

Outra correspondência guardada nos arquivos da ABE, datada de 20 de agosto de 1931, enviada da Casa Carl Zeiss também para Fernando Magalhães, sobre a Exposição de Material Escolar anexa à IV Conferência Nacional de Educação, revela que a Zeiss ofereceu uma gama de filmes denominados educativos alemães da Fábrica Ufa⁷⁶ (kulturfilms) sobre astronomia, botânica, zoologia e etc. Ambos os registros evidenciam a circulação de material pedagógico

Armanda Álvaro Alberto morreu no dia 5 de fevereiro de 1974. Publicou: Escola Regional de Meriti — uma tentativa de escola moderna (tese, 1927), Primeiro inquérito sobre leituras infantis nas escolas públicas e particulares do Distrito Federal (1928), Biblioteca para crianças e adolescentes (1930). Segundo inquérito sobre leituras infantis nas escolas públicas e particulares do Distrito Federal (em colaboração com Edgar Sussekind de Mendonça, 1930), Bibliotecas públicas infantis(1932), Livros, jornais e revistas para crianças, Leitura para adultos e a coletânea A Escola Regional de Meriti (documentário): 1921-1964 (1968). Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/armanda-alvaro-alberto>

⁷⁶ O Estado alemão fundou, em dezembro de 1917, a UFA (Universum Film Aktiengesellschaft), companhia que passou a centralizar a maior parte da produção, distribuição e exibição de filmes na Alemanha, ao anexar as três principais companhias cinematográficas alemãs (a Pagu, de Paul Davidson; a Messter, de Oskar Messter; e a Nordisk, de David Oliver) e diversas pequenas produtoras, transformando-se no maior truste da Europa. Fonte: História do Cinema Mundial, p.65, indicado nas referências bibliográficas.

para compor as Exposições e Eventos, indicando que a ABE articulava com vários sujeitos e instituições na tentativa de ampliar o material exposto.

Outra nota do jornal, publicada no dia 20 de dezembro, também informa o encerramento da Exposição Pedagógica anexa à IV Conferência Nacional de Educação, realizada no Rio de Janeiro, em 1932. A publicação situa o leitor sobre as editoras participantes, as casas de comércio para o aparelhamento das escolas, bem como sobre exposição de volumes da literatura nacional e internacional. Ainda dá destaque aos trabalhos escolares reveladores do ensino no país. Era uma vitrine para a educação promovida pela ABE.

Encerra-se hoje a Exposição Pedagógica anexa à IV Conferência e installada na Escola Nacional de Belas Artes. Concorrem a esse excelente certame as Directorias de Instrução de Pernambuco, do Rio Grande do Sul, de Minas Gerais, do Ceará, do Espírito Santo, do Rio Grande do Norte que apresentam numerosos trabalhos reveladores do desenvolvimento do ensino nesses Estados. O Instituto Benjamin Constant e o Instituto de Surdos e Mudos expõem também optimos trabalhos. A Associação Brasileira de Educação expõe uma interessante colecção de livros infantis da França, da Inglaterra, da Alemanha, do Uruguai, do México, da Bolívia e do Paraguai. Contribuem para o êxito da exposição as seguintes casas editoras que apresentam numeroso livros didácticos: Francisco Alves, Companhia Melhoramentos, F. Brigulet, Jacinto Ribeiro dos Santos, Livraria Espanhola, J.R. de Oliveira e Cia, Livraria do Globo, de Porto Alegre e etc. A Sra. professora D. Maria Ribeiro de Almeida apresenta o seu “Lote Instructivo” e o Professor Mauro Montagna, o mappa do Districto Federal, de madeira, em relevo. As casas Lohrner, Lutz Ferrando, Carl Zeiss e Meister Irmãos expõem numerosos aparelhos adoptados em escolas. (JORNAL DO COMÉRCIO. IV CNE – A sexta sessão plenária – Exposição Pedagógica. Rio de Janeiro. 20/12/1931, p. 07, cl. 02).

No ano seguinte ocorreu a V Conferência Nacional de Educação, na virada de 1932 para 1933, em Niterói, cidade vizinha à capital federal. Esta CNE promoveu estudos e debates com o tema Sugestões à Assembleia Constituinte. Neste assunto, sugeriu no anteprojeto da Constituição Brasileira de 1934, um plano de educação nacional. Durante esta mesma Conferência, uma Exposição Pedagógica foi montada para compor as atividades do evento. A revista **Vida Doméstica**⁷⁷, edição do mês de fevereiro de 1933, divulgou a Exposição anexa à V CNE, indicando móveis adequados para compor um Jardim de Infância moderno, bem como

⁷⁷ No Rio de Janeiro, em março de 1920, instituía-se mais um periódico voltado para à mulher e o lar. Trata-se da revista Vida Doméstica, fundada pelo jornalista Jesus Gonçalves Fidalgo, repórter fotográfico do Jornal do Brasil e da Revista da Semana. O periódico somava-se a outros cujo público-alvo era a mulher tais como o Jornal das Moças (1914) e A Cigarra (1914) e a Revista Feminina que em 1914 era o jornal chamado a Luta Moderna e tinha 4 páginas. Em 1915, transforma-se em Revista Feminina, de circulação quinzenal e depois mensal. A Revista Vida Doméstica teve vida longa, perdurando até 1960 e atuou em um contexto de expansão das relações capitalistas, de modernização das relações de gênero e de desenvolvimento da cultura de massas no Brasil. No contexto em que o periódico foi criado, o Rio de Janeiro exercia o papel de metrópole modelo. Este material está disponível neste link <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/viewFile/84/61>

propagandeando a Casa Cavalier⁷⁸ e sua fábrica de móveis. A revista apresenta 148 páginas não enumeradas e a matéria citada ocupou página inteira, inserida quase no final da mesma.

FIGURA 18 - PÁGINA DA REVISTA DIVULGANDO ASPECTOS DA EXPOSIÇÃO PEDAGÓGICA ANEXA À V CONFERÊNCIA COM DESTAQUE PARA O MODERNO MOBILIÁRIO PARA O JARDIM DE INFÂNCIA

FEVEREIRO - 1933

VIDA DOMÉSTICA
Revista do Lar e da Mulher

**EXPOSIÇÃO PEDAGÓGICA ANEXA À 5.ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO
REALIZADA EM NITERÓY**



Entre os "stands" mais visitados nesse certame, destacamos o da antiga Casa Cavalier, situada à rua de São José n. 63, e que é considerada um verdadeiro centro artístico, assaz conhecido em todo o Brasil e na qual todos quantos se dedicam à arte da pintura, conhecendo-lhe a organização perfeita, adquirem os objetos que lhes são indispensáveis.

Fornecedora de todos os artistas e escolas do paiz, a Casa Cavalier tem anexa ao seu estabelecimento uma fábrica de móveis, ramo que a torna no seu gênero, a única casa especializada.

Essa fábrica está situada à rua General Petrópolis n. 403 e nela também são fabricados todos os móveis de uso nos ateliers de pintura, de desenhistas e de architectos. O mobiliário escolar merece especials considerações, e o justo galardão dessa perfectibilidade teve a Casa Cavalier com o premio obtido na referida exposição.

Nas photographias desta pagina fixamos dois aspectos da referida Exposição Pedagógica que esteve aberta de 26 de Dezembro a 2 de Janeiro na vizinha capital do Estado do Rio. Esse certamen despertou o mais vivo interesse, sendo vultosa a concurrencia aos seus mostruários.

Foi grandemente admirado o conjunto de installações modernas para Jardim de Infância.

E' justo e opportuno pois recomendar a todas as Escolas e Estabelecimentos do paiz esta já bastante acreditada casa, que honra o nosso commercio e que tanto eleva o nome da industria nacional.



NA ESTANTE

Concursos sobre a mulher, por Mme. Bét. — Acompanha de receber, em volume já desenhado, um volume de 20 paginas, em que uma distinta e culta senhora, boada commentarios e tira justas illuções, em torno da questão matrimonial e das revindicações femininas, que, a seu ver, "podem vir a dar, futuramente, uma idéja nova à familia brasileira".

Mae extenuosa (o livro é dedicado a suas filhas) alma crente e esposa exemplar, a senhora bate-se pela mulher no lar, onde não lhe faltam, aliás, energias penhoradas e de relevante valia, na formação moral dos filhos e felicidade da familia, pois que, a seu ver, "a verdadeira felicidade moral, a perfeita felicidade, para uma mulher, só a encontramos no lar". "No lar, onde existe a harmonia e o entendimento entre o casal, onde a esposa pode ter a tranquillidade de espirito que resulta dos corações que estão satisfeitos consigo mesmos, cujas ambições modestas não são excitadas pela vaidade da evidência e em cujo interior não turbilhoam os sentimentos mais descontrolados".

"A mulher que deseja que seu marido viva satisfeito, e que em justa pertença aspira vir-se cercada de certo conforto, precisa criar ambiente para isso".

Entrando depois no segundo capitulo a senhora detalha e commenta as vantagens que tira, para a mulher, o homem perder o romantismo, trata da occupação da mulher de conformidade com a sua organização physiologica, da organização da familia no Brasil, das mulheres fúteis.

A pagina 4, escreve Mme. Bét: "O homem quando só encontrar em nós a rival que lhe disputa as prerrogativas, perderá esse ideal romantico e então a vida nos será bem dura. Como o instincto de conservação da especie impõe, igualmente, no interior de ambo os sexos, termos que nos suppletar à satisfação de seus desejos, como irracionalismos, em as compensações da parte sentimental do amor".

Não é abandonando os direitos do homem, disputando-lhe alguns privilegios, temendo os encargos domesticos, economicos e singelos, que tornamos a vida mais sublime."

E a proposito da maternidade: "A maternidade é a lei fatal a que estamos destinadas. Nella sentimos esta vibração sublime, este estado misto de divino e humano que resulta da vida palpitar na vida e que num progredir se estende até fibra do nosso proprio ser".

"Precisamos, porém, de alguma coisa mais espiritual que complete a matéria e integre este prazer na felicidade que resulta de vivermos por alguém."

"E' clicando, moldando, formando o caracter de nossos filhos, que contribuímos muito mais pelo progresso de nossa Patria, do que vivendo nos ruas, em propagandas, "meetings", conferencias, edificando o nome sobre uma urna, enquanto que os filhos, os homens de amanhã, estão em casa abandonados, entregues às amas, que não sabem absolutamente lidar com os cuidados e deveres necessários, com amor e affecto, que só nós, mães, sabemos proporcionar."

Tratando depois da "mulher na intimidade", aconselha às casadas:

"Os casados, esses pequenos maldos de que falo, como não para agradecer, não devem ser desapparecidos; são pouco exclusivos para a sociedade; antes devem ser para todos os dias, embora singelos, embora discretos, mas com a intenção de prender os maridos."

"O homem que encontra na sua esposa uma amiga incondicional, uma cooperadora sincera, íntima que transforma a casa em ninho de ventura, diligentemente se acurará na tentativa arcaica de uma amor ephemero que poderá destruir a sua felicidade".

"REVIVER", um novo livro de Didi Callet. — A senhora srta. Didi Callet, que é uma bella talento litterario plenamente affirmado com o seu trabalho de estylo "Tan", publica o seu novo livro "Reviver", ludo e suave romance de amor, cheio de innocencia e graça, editado pelos Irmãos Pouget e distribuido por Flores & Mazon.

Os criticos tem feito referencias eloquias ao "Reviver", além lantante merecidas pela fina elaboração do enredo.

Vaticinando a senhora, uma lre: "Baste carreira litteraria, propozição este justificado pelo valor dos seus primeiros trabalhos, consagrados pela critica, que recorda na srta. Didi Callet, um talento de escol."

A "Reviver", o seu recente e novo romance, está, reservado, verdadeiro exito de livraria.

FÁBRICA DE MOBILIÁRIO LAMAS DO RIO DE JANEIRO



Sóla de gosto simples muito confortável. Procurem os productos destas grandes fabricas nas principais casas de moveis do Brasil.

FONTE: Revista Vida Doméstica, ano 1933 | Edição 00179. Biblioteca Nacional Digital.

O texto inserido na revista traz as seguintes informações:

Entre os — "stands" mais visitados neste certame destacamos o da antiga Casa Cavalier, situada a rua José n.63, que é considerada um verdadeiro centro artístico, assaz conhecido em todo o Brasil e na qual todos quantos se dedicam à arte da pintura, conhecendo-lhe a organização perfeita, adquirem objetos que lhe são indispensáveis. Fornecedora de todos os artistas e escolas do paiz, a Casa Cavalier tem anexa ao seu estabelecimento uma fábrica de móveis, ramo que a torna no seu gênero, a única especialista. Essa fábrica está situada à rua

⁷⁸ Há registros da Casa Cavalier na Hemeroteca Digital como um comércio de materiais especiais e completos para desenho, pintura, artes aplicadas, engenharia, escolas e papelaria, situada a rua José, número 63. Pelos anúncios está ligada ao nome B. SARAIVA & CIA.

General Pedra n. 403 e nella também são fabricados todos os modernos moveis de uso nos atelier de pintura, de desenhistas e architectos. O mobiliário escolar merece especiaes cuidados, e o justo galardão dessa perfectibilidade teve a Casa Cavalier com o prêmio obtido na referente exposição. Nas fotografias desta página fixamos dois aspectos da referida Exposição Pedagógica que esteve aberta de 26 de dezembro a 2 de Janeiro, na vizinha capital do Estado do Rio. Esse certâmen despertou o mais vivo interesse, sendo vultosa a concorrência aos seus mostruários. Foi grandemente admirado o conjunto de instalações modernas para Jardim de Infância. E justo e oportuno pois recomendar a todas as Escolas e Estabelecimentos do paiz esta já bastante acreditada casa, que honra nosso commercio e que tanto eleva o nome da indústria nacional. (REVISTA VIDA DOMÉSTICA, 1933, s.p, grifos no original).

A página exhibe duas composições de móveis escolares. Destaca-se que, mesmo em imagens como essas, produzidas com o interesse de divulgar e ou comercializar produtos, é possível identificar um modelo pedagógico e/ou uma prática escolar, tomadas naquele período como exemplares. A primeira foto, por exemplo, alude a uma sala de aula com quadro negro, armário, mesas e cadeiras. Este modo de organizar a sala e a turma, com carteiras duplas em fileiras e o quadro de maneira frontalizada, remete ao ensino simultâneo. Este método de ensino exige que o quadro seja frontalizado com o professor como a figura central. O trabalho de Valdeniza Barra (2001, 2013) analisa a relação entre material e método como uma possibilidade para traduzir concepções de ensino, como a lousa colocada no centro da sala, poder ser inscrita no conjunto das práticas escolares, que consolidam esses modelos. A segunda foto retrata mesas redondas e triangulares, algumas cadeiras, em uma proporção reduzida, adaptada para as crianças menores, demonstrando uma preocupação com a mobília para os pequenos. A tese de doutoramento de Gizele de Souza (2004), intitulada “Instrução, o talher para o banquete da civilização: cultura escolar dos jardins de infância e grupos escolares do Paraná, 1900-1929”, examina a constituição de uma forma escolar infantil e primária, por meio do estudo da cultura escolar no Paraná. No capítulo “Espaço e Mobília Escolar: templos e utensílios de instrução”, aponta entre outras coisas, alguns aspectos:

Quanto ao ensino infantil, em especial a mobília nos jardins-de-infância, identifica-se uma mudança significativa em fins da década de 20. Já se examinou a mudança no método adotado nos jardins-de-infância paranaenses da perspectiva froebeliana para a montessoriana. Essa alteração também implicou em mudança do mobiliário. (SOUZA, 2004, p. 258).

Ainda sobre a V Conferência Nacional, uma outra matéria no **Jornal do Comércio** faz um convite a todos os interessados no ensino do Brasil a comparecer a Exposição, descrevendo-a minuciosamente no jornal.

Serão compostas pelas seguintes seções: **1) Jardins da Infância e escolas maternas** – Planos e architecturas dos edificios. Mobiliário apropriado aos

exercícios e as salas de trabalho. Apparelhos, instrumentos, modelos, brinquedos, jogos e materiais destinados aos exercícios. Mobiliário dos refeitórios, dormitórios e recreios. Bebedouros, lavatórios. Horários dos trabalhos e exercícios. Programmas de ensino. Livros sobre o ensino, methods, exercícios e trabalhos. Trabalhos feitos pelos alumnos. Vestuario escolar. **2) Escolas primarias (isoladas ou grupadas)** - Planos e architecturas dos edificios de escolas isoladas e grupos escolares. Bancos-carteiras, singelos, duplos ou singulares, mesas, cadeiras, estrados, quadros-negros, porta-mappas, relógios, apropriados às aulas. Material para illustrar o ensino de linguagem. Quadros para leituras, cadernos de escripta. Apparelhos e modelos para desenhos. Material para modelagem. Apparelhos para ensino de arithmetica e dos systema métrico. Typos de quadros-negros fixos, giratórios, duplos ou não, quadriculados. Globos geográficos, adosiados, hipsometricos. Cartas ou mapas geográficos. Quadros e mapas para o ensino de História. Pantheon escolar. Instrumentos e aparelhos meteorológicos. Instrumentos e aparelhos para o ensino de chimica. Catálogos e aparelhos para o ensino de physica e de chimica. Apparelhos e instrumentos para o ensino de musica. Museus gabinetes para o ensino da physica, de chimica e da historia natural. Colecções de geologia, mineralogia, botânica e zoologia. Apparelhos e instrumentos e quadros para o ensino de anatomia e physiologia. Modelos em papel maché ou gesso ou cêra, do homem e de outros animaes, com as vísceras moveis. Modelos artificiaes e engrandecidos de vegetaes, enxertos, animaes e uteis. Museu escolar do tipo Deyrolle, em português ou outra língua. Programmas, horários, manuscriptos ou impressos. Livros de Escripturação escoalr. Apparelhos de ensino de gymnastica. Instrumentos e aparelhos para a psychologia experimental e antropométrica. Apparelhos, instrumentos e modelos de hygiene e socorros médicos. Livros didáticos para a leitura e demais disciplinas do ensino primário. Planos de museus escolares. Planos de bibliotecas escolares. Mobiliario e dispositivos para acomodar o material de ilustrar o ensino. Planos de caixas econômicas escolares. Material para trabalhos manuais. Trabalhos de desenho, cartographia, califraphia, manuaes, agulhas recorte dos alumnos com a designação de methods. Material para o cinema escolar, aparelhos e films. Phonographos escolares. Radio escolar. Apparelhos e dispositivos para a iluminação e a ventilação das salas de aula. Vestuário escolar: fardamentos, roupa de trabalho e calçados, eac. **3) Escolas Profissionais – escolas normaes – Lyceus** - Plano e architecturas dos edificios. Mobiliario: bancos, cadeiras, quadros-negros etc., para as aulas. Instrumentos, aparelhos, quadros manuais, etc., para o ensino intuitivo da physica da chimica, da hистoria natural, geographica, cosmografia e demais disciplinas. Apparelhos de gymnastica e jogos. Material para desenhos, calligraphia e escripta. Programmas e horários. Livros didacticos. Instrumentos para a pratica de officios. Trabalhos de alumnos. **4) Ensino Profissional** – Plano e architecturas de edificios, de acordo com o ensino em cada um. Mobiliario das aulas e oficinas. Instrumentos e aparelhos. Objectos fabricados pelos alumnos. **5) Documentos e publicações** – Leis, decretos, regulamentos, resoluções, programas e horários escolares. Trabalhos gráficos sobre a estatística escolar, revistas, obras, catálogos, e outras publicações sobre ensino e educação. Professor Honorio Peçanha, especialmente designado para a organização da Exposição, receberá os pedidos de inscrição até o dia 23 de agosto. Os objectos referentes a mesma deverão ser enviados para o edificio da escola Normal e Lyceu de Nitheroy, onde pessoa autorizada effectuará as formalidades de recebimento. A Commissão Executiva deliberou também consentir aos expositores juntarem noticias explicativas do material exposto e respectivo preço, além de catálogo geral que será distribuído durante a semana da visita. A exposição terá um character pratico e

aos expositores serão dadas as acomodações necessárias para as demonstrações especiais do material exposto, cuja devolução se fará após o certame. (JORNAL DO COMMERCIO. V Conferencia Nacional de Educação. Rio de Janeiro. 11/12/1932, p. 7, cl. 4 e 5, *grifos meus*).

A organização da Exposição Pedagógica da V CNE previa exhibir um grande conjunto de materiais e objetos voltados ao ensino. A matéria do jornal, que ocupou duas colunas de texto, informou que a Exposição seria dividida em 5 seções: Jardim da Infância e escolas maternais; escolas primárias isoladas ou grupadas; escolas profissionais, normais e liceus; ensino profissional e documentos e legislações. Para cada seção lista-se um rol de utensílios utilizados na escola percorrendo as plantas dos prédios escolares, as maquetes, o mobiliário adequado aos tipos de salas e ao ensino, mapas, globos terrestres e celestes, quadros, quadros negros, jogos, aparelhos de ginástica, aparelhos e instrumentos para o ensino das ciências em geral, livros e catálogos de toda ordem, estatísticas escolares, legislações, programas e horários escolares entre outros itens. Essa diversidade de materiais e objetos, divulgada pela imprensa, sugere que a instalação de uma exposição que contemplasse o cenário educacional brasileiro da época. Ainda pelo texto publicado no jornal, informa-se que os expositores poderiam agregar material de divulgação como catálogos e informações e exibição prática do uso dos aparelhos e equipamentos de ensino, durante todo o período em que a exposição estivesse aberta. A nota é rica em fornecer detalhes do que seria exposto e ajuda a pensar o tamanho e a diversidade desta exposição. Para além disso, evidencia uma rede de participação de empresas na composição de objetos postos em circulação.

Na VI CNE, no ano de 1934, em Fortaleza, ocorreu uma Exposição de Arte Regional, na Escola Normal Pedro II. De acordo com os registros da ABE, a Exposição teria sido organizada pelo padre Helder Câmara, integrante da comissão executiva do evento, e uma comissão de professoras. Também foram previstas exposição de trabalhos escolares cearenses e do interior do Maranhão e exposição de livros didáticos da Companhia Melhoramentos.

FIGURA 19 - EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, REALIZADA NA ESCOLA NORMAL DOM PEDRO II, EM 02/02/1934, NA CIDADE DE FORTALEZA



FONTE: Acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E250).

No verso desta fotografia constam os seguintes nominados: ao centro o Interventor Cap. Roberto Carneiro de Mendonça; ao lado esquerdo do Interventor, o Dr. Joaquim Moreira de Souza, diretor da Instrução e presidente do Congresso; Dr João Hypolito de A. e Sá, diretor da Escola de Normal Pedro II, a seguir do ajudante de ordens, o Dr. Raymundo Girão, prefeito de Fortaleza. Ao lado deste o Dr. Menezes Pimentel, diretor da Faculdade de Direito, a seguir o Pe. Helder Câmara, assistente da Liga de Professores Cathólicos, o último do mesmo lado, Dr. Pedro Paulo da Silva Moreira, presidente do Supremo Tribunal do Estado. A direita do Interventor, o Major Tiburcio Cavalcanti, Secretário da Fazenda, a seguir o Dr. José Martins Rodrigues, professor da Escola Normal e o Dr. Francisco Mattos de Alencar, procurador da República.

FIGURA 20 - OUTRO ASPECTO DA EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO, REALIZADA NA ESCOLA NORMAL DOM PEDRO II, EM 02/02/1934, NA CIDADE DE FORTALEZA



FONTE: Acervo da Companhia Melhoramentos de São Paulo (C13-E-250).

A partir dessas imagens pode-se considerar que as exposições ocorriam de maneiras diversas. Na Conferência realizada em Fortaleza, por exemplo, a exposição se dá junto à inauguração da escola e as imagens retratam um caráter de solenidade, com a presença de autoridades e do professorado. Ainda se pode atentar a maneira como ela está organizada, mesas cobertas com panos longos, vasos de flores e a disposição do material didático sobre as estantes, bem como quadros murais para o ensino e outros elementos exibidos. Vemos também a bandeira do Brasil como elemento central de uma das salas de exposição e os cartazes dispostos nas paredes, elementos que podem dar a ideia de educação relacionada ao progresso. Algumas frases dão a tônica: *“Conheça o que é nosso; Um milhão de crianças brasileiras; Conhecer o Brasil é preparar-se para amá-lo e engrandecê-lo!”*

Em 1935, pelo programa do VII CNE, no Rio de Janeiro, dedicado ao tema da Educação Física, os investimentos foram em uma exposição de livros e materiais de educação física. Segundo os Anais do mesmo Congresso, houve também uma exposição de material para o Jardim de Infância.

(...) estiveram abertas no Instituto de Educação duas exposições: uma relativa ao material de educação física e sanitária, contribuindo por diversas

instituições e estabelecimentos do país e do estrangeiro; outra de material apropriado a jardins de infância, contribuído pela Diretoria de Educação do Estado de Pernambuco. (Anais do VII Congresso Nacional de Educação, 1935, p. 12).

Estudos históricos voltados ao tema *educação física* indicam que, há mais de 150 anos, diferentes projetos e práticas voltadas às atividades físicas concretizaram, de uma forma ou de outra, no Brasil. Marta Carvalho (1997) atenta para a mudança sutil e gradativa da educação do corpo ortopédico pela educação do corpo como eficiência, ocorrida a partir dos anos 20. Tarcísio Mauro Vago (2002) dedicou-se a estudar a educação física e a ginástica como práticas constitutivas dos corpos entre 1906-1920, em Minas Gerais. Meily Assbú Linhales (2006, 2009) estudou os projetos de educação física presentes na escola e no esporte sobre a ótica da energização do caráter, atrelados à Associação Brasileira de Educação (1925-1935) e aos militares. Linhales explorou nas fontes junto à ABE, a Secção de Educação Physica e Higiene (SEPH), que funcionou por onze anos, conforme Livro de Actas da SEPH, com reuniões ocorridas de maio de 1926 a junho de 1937. Vários sujeitos traziam à Secção as propostas para debater os assuntos relativos à educação higiênica e também à Educação Física, constituindo-se como um lugar de trocas plurais e orientadas por variados métodos e modelos pedagógicos, gestados desde o século XIX, em diferentes países da Europa e também nos Estados Unidos (LINHALES, 2009, p. 76). De acordo com a autora, no ano de 1929, a Seção de Educação Física e Higiene da ABE realizou um inquérito sobre a educação física no Brasil.

O mesmo tinha como principal finalidade fundamentar um parecer que a entidade considerou necessário produzir, acerca de um anteprojeto enviado ao Congresso Nacional pelo Ministério da Guerra com o propósito de regulamentar o ensino de Educação Física em todo o país. A origem militar do referido anteprojeto provocou entre os educadores da ABE intensos debates. (LINHALES 2009, p. 78).

Entre 1933 e 1935, a SEPH tentou ainda implantar um Projeto de Educação Física Nacional. Nesse panorama, em 1935 ocorre o VII Congresso Nacional de Educação monotemático, voltado inteiramente à Educação Física, com o slogan “uma pátria forte, quer filhos fortes”. Diferente das Conferências anteriores, a partir da VII edição, o evento passou a se chamar Congresso Nacional de Educação.

Os trabalhos apresentados aconteceram a partir de convites da comissão organizadora e não por livre iniciativa dos educadores associados à ABE. No processo de organização de grupos e tarefas, surgiu a iniciativa de convidar os militares para compor a Comissão Executiva do evento, sob responsabilidade do Coronel Newton Cavalcanti, da Escola de Educação Física do Exército. (LINHALES, 2006, p. 228)

A programação deste Congresso foi vasta e a imprensa periódica noticiava, como parte dela, uma grande parada de educação física e desportiva. O texto inicial do programa assinado pela SEPH e ABE, entidades promotoras do debate pedagógico educacional, indica:

Por iniciativa do presidente da Secção de Educação Física do Departamento do Rio de Janeiro da Associação Brasileira de Educação, Dr. Renato Pacheco, aprovada pelo Dr. Renato Eloy de Andrade, presidente da Secção de Educação Física da A.B.E e, também, pelo presidente do mesma Associação, Dr. Lourenço Filho, o VII Congresso Nacional de Educação será dedicado aos problemas da Educação Física. (Programa do VII Congresso Nacional de Educação, s/n de página, 1935).

Ainda no texto do programa do VII Congresso:

As sessões do Congresso (salvo a sessão inaugural), as conferencias e as demonstrações de canto orfeônico e as sessões cinematográficas efetuar-se-ão no Auditorium do Instituto de Educação, as demonstrações de educação físicas serão realizadas no Gymnasium do mesmo Instituto: as exceções segundo os locais abaixo indicados. Haverá anexa ao Congresso uma exposição de livros e material de educação física, instalada ainda, no mesmo Instituto. Haverá também no período inicial e final do Congresso reuniões de Assembléa Geral e das Secções da Associação Brasileira de Educação. Nas primeiras tomarão parte os representantes das sociedades filiadas à A.B.E., e nas segundas os educadores que se tiverem inscrito numa das secções. Os nomes dos conferencistas não são colocados adiante nos logares respectivos, porque ainda se esperam respostas de convites feitos. Já se sabe, porém, que falarão: o Dr. Afonso Pena Junior sobre “*Os fundamentos educacionais do escotismo*”; o Prof. Roquete Pinto sobre “O Rádio e a educação física”; o Prof. Oswaldo Diniz Magalhães sobre “O valor da recreação na vida adulta”, a Prof. Wrey Warner sobre “Tendencias modernas relativas ao recreio” (Programa do VII CNE, 1935).

Seguindo pelo descrito no programa do VII Congresso Nacional de Educação, haveria exposição de livros e materiais de educação física, instalada no Instituto de Educação. As exposições eram maneiras de exibir ao professorado e interessados em educação, os instrumentos educativos existentes, alguns deles utilizados nas escolas cariocas. Também consta no programa uma exposição sobre serviços de educação física efetuados em diferentes localidades do país, pelos Drs. Arno Enge, Renato Eloy de Andrade e pelos Profs. Guilherme Gaelzer, Heitor Rossi Belache, José de Oliveira Gomes, Lois Marieta Willians e Cap. Horacio Gonçalves, organizada para ocorrer no dia 24/06/1935, das 9 às 14 horas.

Especificamente sobre a exposição de materiais de educação física, alguns documentos relacionados ao VII Congresso, no acervo da ABE, como ofícios, convites ou agradecimentos encaminhados por Oswaldo Diniz Magalhães e Gustavo Lessa para algumas empresas⁷⁹,

⁷⁹ Trojan Playground Equipment Manufacturing encaminhou catálogos e material de divulgação descrevendo equipamentos direcionados aos parques infantis. A.G, Spalding Bros Inc., é uma empresa americana de artigos

inclusive estrangeiras, podem ser reveladores das articulações empreendidas para compor a Exposição: Trojan Playground Equipment Manufacturing Company; A.G, Spalding Bros – Athletic Outfitters, W.B. Saunders Company Publishers e Casa Lohner. Nestes ofícios, outras empresas e associações também são citadas. A carta resposta da Trojan informa que a Associação Nacional de Recreação dos EUA oferecerá catálogos e revistas. A resposta da Spalding informa que a loja do Rio de Janeiro, chamada Usabra S.A, oferece os itens da Spalding que atendem a exposição.

Gustavo Lessa era membro do Conselho Diretor da ABE. Oswaldo Diniz Magalhães integrava a Comissão de Educação Física. Segundo Linhales, Oswaldo Diniz Magalhães formou-se em Educação Física pelo Instituto Técnico das Associações Cristãs, frequentou curso realizado durante dois anos no Rio de Janeiro e dois anos em Montevideu. Em 1929, trabalhando na ACM de São Paulo, foi um dos respondentes ao inquérito promovido pela SEPH sobre Educação Física (LINHALES, 2009).

A seguir (figuras 21 e 22) apresentam-se duas listas de materiais recebidos para a Exposição da VII CNE.

esportivos, abriu sua primeira loja em Chicago em 1876. Conhecida simplesmente como Spalding, a empresa tem uma longa história na fabricação de bolas de beisebol, bolas de futebol, basquete, vôlei, bolas de futebol e uma ampla variedade de equipamentos e roupas esportivas. A Casa Lohner, com sedes no Rio de Janeiro e São Paulo, subsidiária da Siemens, foi uma das expositoras de material pedagógico em alguns Congressos de Educação. Ela comercializava aparelhos de raio x e instrumentos para laboratórios de biologia, geografia e cosmografia. Também fornecia materiais para as exposições voltadas ao cinema educativo. A W.B. Saunders Company Publishers é uma editora com publicações voltadas aos temas de saúde e medicina.

FIGURA 21 - LISTA DE REVISTAS, FOLHETOS E CARTAZES PARA A EXPOSIÇÃO DO VII CNE, RJ, 1935

MISSELANIA					
Revistas, folhetos e Cartazes recebidos para a exposição do Setimo Congresso Nacional de Educação					
Nº	Natureza	Titulo	Autor	Nº Pag. Quantidade	Quantidade
1M	Revista	Recreation May 1934	National Recreation Association	----	2
2M	Revista	Recreation Nov. 1934	"	-----	1
3M	Folheto	Cho-Cho and the Health Fairy	E.G. Griffith	39	1
4M	Cartaz	Build Children's Health	?	--	1
5M	Folheto	Rosy Cheeks and)Stragg Heart	J. M. Andress	47	1
6M	"	Rhymes of Cho-Cho's)Grandma	F. Peterson	17	1
7M	"	Every Child's Book	"	32	1
8M	"	Child Health Alpha- bet	"	32	1
9M	"	Nineteen Recreations Principales	NATIONAL Recreation Association	7	25
10M	"	Fundamentals in Com- munity Recreation	"	10	25
11M	"	Recreation	"	4	23
12M	"	Recreation for girls and women	"	1	64
13M	"	What People Say About Play Areas	"	4	26
14M	"	88 Successful play activities	"	1	27

FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação – ABE (A5-22)

Na figura 21 pode-se perceber que Associação Nacional de Recreação dos EUA, citada também nos ofícios da ABE, teria encaminhado oito elementos: 2 revistas e 8 folhetos abordando o tema recreação, atividades e exercícios. Os demais elementos nominados são representados por folhetos dos autores Eleanor Griffith⁸⁰, J. Mace Andress e Jessie Gillespie Peterson.

⁸⁰ Eleanor Griffith, uma estrangeira, que teve a história Cho-cho e a Fada Saúde traduzida para o português, publicada no ano de 1929. O texto de Eleanor compunha uma cartilha da American Child Health Association (Associação Americana de Proteção à Saúde) e aborda a saúde infantil com aspectos higienistas. A autora também teve material publicado na Revista O Agricultor (p.105) Fonte: Ver tese de doutorado da autora Eliane Oliveira Moreira, *Essencialmente Agrícola*?? Progresso, modernização e propaganda agrícola nas entrelinhas da Revista o Agricultor (1922-1943), 2018, disponível em <http://repositorio.ufla.br/jspui/handle/1/29280>, acessada em 20/01/2020.

FIGURA 22 - LISTA DE CATÁLOGOS E LIVROS PARA A EXPOSIÇÃO DO VII CNE, RJ, 1935.

CATALOGO DOS LIVROS VINDOS PARA A EXPOSIÇÃO DO SETIMO CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO			
Numero	Titulo	Autor	N. Pag.
1-L Con.	The Body's Needs	Charters- Smiley- Strang	423
2-L "	Games	Jessie H. Bancroft	463
3-L "	Keeping Healthy	Charters- Smiley- Strang	363
4-L "	(Introduction To Physical Education	Jackson R. Sharman	317
5-L "	(Handbook of Athletic Games)	J. Bancroft and Pulvermacher	627
6-L "	(Achievement Scales in Phy- sical Educations Activities	N.P. Neilson	171
7-L "	(Health Through Science	r/ Charters- Smiley- Strang	460
8-L "	(Recreation for Girls and Women	Ethel Bowers	425
9-L "	(Social Games for Recreation	Mason and Mitchell	
10-L "	(Tumbling	S.F. Harby	216
11-L "	(Principles of Physical Education	J.F. Williams	468
12-L "	(Personal Hygiene Applied	J.F. Williams	529
13-L "	(The Athlete in the Making)	Williams Nixon	258
14-L "	(The Administration of Heal- th and Physical Education	Williams Brownell	598
15-L "	(Construccion de Gimnasies	Narragansett Machine Co	79
16-L "	(Health Through Leisure Ti- me Recreation	Edith M. Gates	216
17-L "	(An Introduction to Physi- cal Education	Frederick Cozens	262
18-L	The Boy of Play	Mitchell and Mason	

FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação – ABE (A5-22)

As listas de materiais exibidas na figura 22 ajudam a visualizar parte dos elementos que foram exibidos naquela exposição. Entre o material elencado encontram-se 18 obras e mais de uma dúzia de cartazes e folhetos, todos estrangeiros, voltados aos temas dos exercícios físicos, da saúde e da alimentação. Na lista dos livros estão nominados os autores Charter Smiley Strang, Jessie Hubbel Bancroft, Jackson R. Sharman, J. Bancroft and Pulvermacher, N.P Neilson, Ethel Bowers, J.F. Williams, Edith M. Gates, Frederick Cozens, Narragansett Machine e S.F. Harby, Mason and Mitchell. Além disso, as articulações presentes nos ofícios e cartas

trocados entre a ABE e as casas de comércio de material e equipamentos esportivos contribuem para refletir sobre a circulação de ideias e materiais entre Brasil e, principalmente os EUA.

Sete anos depois, no VIII CNE, voltado aos estudos de Ensino Primário e a Educação Demográfica, em Goiânia, em 1942, ocorreu a II Exposição Nacional de Cartografia e Estatística, organizada pelo IBGE com a colaboração da Associação Brasileira de Educação. Em 1945, na IX CNE, no Rio de Janeiro, segundo uma nota⁸¹ de agradecimento publicada na imprensa, ocorreu uma exposição chamada “Educação para a Saúde”, organizada pelo Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). Já em 1954, na XI CNE, em Curitiba, os congressistas foram levados a apreciar a Exposição Internacional do Café e a Feira de Curitiba, no bairro Tarumã. As exposições de 1942 e de 1954 serão tratadas mais à frente.

2.3 Visitas às escolas

Ao abordar especificamente as visitas às escolas compreendidas como referência, atividade longa e presente nos programas das CNEs por mais de 30 anos, volta-se aos prédios escolares modernos construídos nos anos 1920 e 1930, como uma maneira de organizar o espaço público. Segundo Escolano Benito, o “lugar que a escola teve que ocupar na sociedade foi um ponto de especial preocupação para os reformadores do fim do século XIX e início do XX” (ESCOLANO BENITO, 2001, p. 30). Souza (1998), em seus estudos sobre a implantação da escola primária em São Paulo na instauração da República, evidencia

(...) que o prédio-escola deveria exercer, portanto, uma função educativa no meio social. Além disso, estabelecer a correspondência entre a importância da escola e o espaço ocupado. Deveria ser um fator de elevação do prestígio do professor, um meio de dignificar a profissão e provocar a estima dos alunos, e dos pais pela escola... Dessa forma, os edifícios dos primeiros grupos escolares puderam sintetizar todo o projeto político atribuído à educação popular: convencer, educa, dar-se a ver! O edifício escolar torna-se portador de uma identificação arquitetônica que o diferenciava dos demais edifícios públicos e civis ao mesmo tempo em que o identificava como um espaço próprio – lugar específico para as atividades de ensino e do trabalho docente. (SOUZA, 1998, p. 123).

⁸¹ Nota publicada no O Jornal, do Rio de Janeiro, em 01/07/1945, número de página ilegível, na edição - 07722 (1), intitulada Moções aprovadas pelo Nono Congresso de Educação. Fonte disponível na Hemeroteca, acessada em 24/04/2019 no link <http://memoria.bn.br/DocReader/11052304/28074>

No período republicano a escola foi um veículo para o progresso histórico com a função de transformar e educar o povo. Se a República era o novo, era preciso reorganizar o espaço físico e por consequência o espaço em que a escola estava inserida. Souza (1998, p. 124) afirma que “a arquitetura escolar haveria, pois, de simbolizar as finalidades sociais, morais e cívicas da escola pública”.

Sobre as escolas tidas como referências e exibidas como modelos, Faria Filho e Vidal (2000, p. 25) indicam: “eram apresentados como prática e representação que permitiam aos republicanos romper com o passado imperial, os grupos escolares projetavam para o futuro, projetavam um futuro, em que na República, o povo, reconciliado com a nação, plasmava uma pátria ordeira e progressista”. A arquitetura dos prédios escolares ganhou espaço, com direito a exposições sobre o tema. A ABE organizou em 1934, a primeira exposição de arquitetura escolar. Nesse sentido, a escola teve nos novos prédios escolares uma forma de expandir para fora e além dela (NUNES, 2000, p. 387).

Por essa lente, ao perceber as visitas escolares como uma prática que inicialmente tinha como objetivo exibir as inovações pedagógicas nas escolas, faz todo o sentido que a ABE aproveitasse cada Conferência para oportunizar aos educadores pelo menos uma visita à escola local vista como a melhor daquela época. Era uma maneira de a escola dar-se a ver em todos os quesitos disponíveis (prédios, mobiliários, bibliotecas, museus e etc.) e de subsidiar os professores com novas possíveis práticas de trabalho.

A ação de visitar as escolas ocorreu em 9 das 11 CNEs: I CNE, em Curitiba (1927); II CNE, em Belo Horizonte (1928); a III CNE, em São Paulo (1929); a IV CNE, no Rio de Janeiro (1931); a V CNE, em Niterói (1932/1933); a VI CNE, em Fortaleza (1934); a VII CNE, no Rio de Janeiro (1935); a XI CNE, em Curitiba novamente (1954) e a XII CNE, em Salvador (1956).

Em 1927, na I CNE, realizada em Curitiba, foram visitadas as escolas normais que existiam no Estado. Costa (1987) apresenta uma matéria publicada no **Jornal do Comércio** de São Paulo, no dia 3 de janeiro de 1928, na qual consta uma entrevista concedida por Lourenço Filho ilustrando suas impressões sobre a I CNE. Destaca-se aqui, parte do texto, com a narrativa sobre as visitas escolares e o ensino paranaense.

A melhor possível. Visitei três escolas normais: de Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa. Sem exagero, posso lhe afirmar que são modelares as instalações e no entusiasmo com que o professorado exerce a sua missão. Professores, há no ano primário, como no secundário, de grande valor intelectual. Na Conferência, onde também compareceram, vários deles se revelaram brilhantemente. (JORNAL DO COMÉRCIO DE SÃO PAULO *apud* COSTA, 1987, p. 356).

Uma matéria publicada na imprensa do Rio de Janeiro, capital à época, também divulga as atividades da Conferência de 1927. O professor Lindolpho Xavier, do Instituto Lafayette, da Escola Normal de Artes e Ofícios Wenceslau Braz e membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, participante do evento com a apresentação da tese chamada Necessidades da pedagogia moderna, descreve as visitas:

Visitamos vários grupos escolares em Curitiba e Ponta Grossa, encontramos animação, boa ordem e entusiasmo pelo ensino, tanto pela parte do ensino, quanto pela parte dos alunos. O Estado tem dispensado respeitáveis somas com a construção de prédios escolares e aquisição de material, sendo ambos do melhor tipo e dignos de um Estado que tanto se avanta na sua educação (...). Visitamos a Universidade, amplamente dotada de prédio e material didático. O professorado esmera-se em ministrar bom ensino superior. Grandiosa é a instalação e competentes os educadores. As salas de Física e Química e História Natural são fartamente providas de moderno material Deyrolles; a sala de Anatomia é igualmente bem provida. (O JORNAL. Impressões do Paraná. Primeira Conferência Nacional de Educação. Professor Lindolpho Xavier fala ao O Jornal. Rio de Janeiro. 12/01/1928, p. 03, cl. 1, 2 e 3).

Em 1928, na II CNE, realizada em Belo Horizonte, três escolas foram visitadas: Escola Normal, Grupo Escolar Pedro II e o Grupo Escolar Barão do Rio Branco. No livro Páginas da História – Notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE⁸², organizado por Arlette Pinto de Oliveira e Silva, há registros das visitas: “Dentre as primeiras sobressaem as visitas que foram feitas aos ‘grupos escolares’ de Belo Horizonte e a outros estabelecimentos de ensino da mesma capital (...)” (SILVA, 2004, p. 49, grifos da autora).

O jornal **O Paiz** reportou a sessão de instalação e também descreve parte das visitas:

Belo Horizonte (A.A). Os delegados da 2 Conferência Nacional de Educação, visitaram hoje a Escola Normal desta Capital, onde foram recebidos a porta do edifício por uma prolongada salva de palmas e vivas, estando os alunos formados em alas. Os membros da Congregação e o Dr. Aduino Bolivar, diretor, prodigalizaram as maiores gentilezas aos visitantes, que percorreram demoradamente todas as dependências das escolas, recebendo ótima impressão. Depois de examinarem detidamente os trabalhos de cartografia, modelagem, desenho, costura, etc. que constituíam a exposição dos milhares de exemplares feitos pelos alunos de todos os cursos e estabelecimentos, os visitantes assistiram às aulas do curso de adaptação, de canto, de francês, de história natural e de português, sendo muito cumprimentadas as respectivas professoras DD. Branca de Carvalho Vasconcellos, Maria Rita Burnier, Zenobia Rabello e Adilia Amador. Também agradaram muito os exercícios de gímnastica rítmica dirigidos pelas professoras Guiomar Meireles e

⁸² Em 2004, a Associação Brasileira de Educação (ABE) completou 80 anos de existência. Como forma de registrar a importância dessa entidade para a consolidação do campo pedagógico e da educação escolar no País foi elaborada a publicação do livro Páginas da História: notícias da II Conferência Nacional de Educação. Esta publicação encontra-se disponível no seguinte endereço eletrônico <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484184/P%C3%A1ginas+da+hist%C3%B3ria+not%C3%ADcias+da+II+Confer%C3%A2ncia+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+da+ABE+%28Belo+Horizonte%2C+4+a+11+de+novembro+de+1928%29/56fd1a0d-053f-494d-9a8e-9070d69f1423?version=1.2>

Helena Versiani Velloso. Os conferencistas foram acompanhados na visita pelo Dr. Francisco Campos, secretario do interior do Estado, e presidente da Conferência (...) Hoje pela manhã, os membros da 2 Conferencia Nacional de Educação farão uma visita ao Grupo Escolar Pedro II. (O PAIZ. Segunda Conferência Nacional de Educação de Bello Horizonte. Rio de Janeiro. 07/11/1928, p. 04, cl. 1, 2, 3).

Percebe-se o tom laudatório dos autores que escreviam para a imprensa daquela época, que recorrentemente, usavam a retórica nacionalista, promovendo os eventos e as ações do governo.

FIGURA 23 - CONGRESSISTAS E ESTUDANTES NA II CNE, EM BELO HORIZONTE. ATIVIDADE CULTURAL E VISITA A UMA ESCOLA (1928)



FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação – ABE (s/n.º)

Em 1929, durante a III CNE, em São Paulo, seis grupos escolares na Capital foram visitados, bem como as Escolas Normais, Profissionais, Inspetoria de Educação Sanitária e Escolas Superiores. Além das visitas às escolas compreendidas por modelares, foi elaborado para o evento, um livro chamado Álbum de Edifícios Escolares de São Paulo, apresentando os estabelecimentos de ensino daquele Estado. No mesmo livro encontra-se um levantamento indicando o número de escolas, os tipos de escolas e os valores destinados à educação nos anos anteriores. Com base nos conceitos de Chartier (1991, 2002) pode-se entender este elemento como uma representação do que se entenderia por investimentos na esfera educacional do Estado, naquela época. Essa representação, aqui elaborada por sujeitos presentes na direção da esfera educacional naquele estado (professores e ou diretores de instrução pública), chancela com um signo visível uma dada realidade escolar. Ressalta-se ainda que a representação não é

uma falsificação de uma imagem e, sim, uma construção que objetiva dar sentido a uma possível realidade. Dessa maneira, as representações não são únicas, muito menos universais.

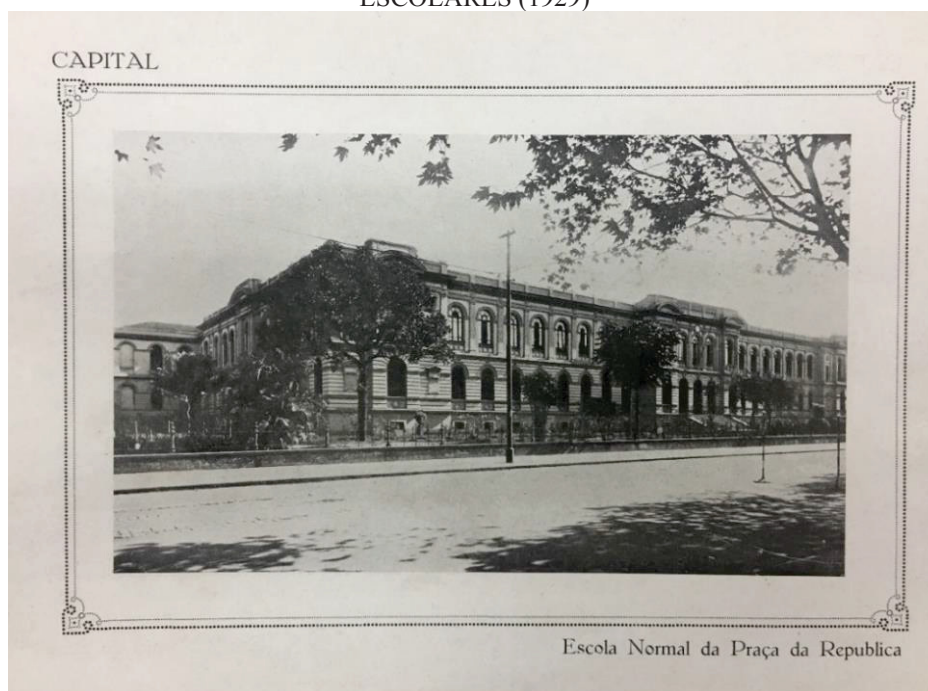
FIGURA 24 - RELATÓRIO INSERIDO NO ÁLBUM DE EDIFÍCIOS ESCOLARES DE SÃO PAULO, EM 1929

Estabelecimentos de Ensino do Estado de S. Paulo			
Cursos Normal, Secundario, Profissional e Primario.			
ESTABELECIMENTOS			
	Capital		Interior
Escolas Normaes:		Escolas Normaes:	
Officiaes	2	Officiaes	8
Livres	2	Livres	39
Gymnasios	1	Gymnasios	2
Escolas Profissionaes	2	Escolas Profissionaes	6
Grupos Escolares	47	Grupos Escolares	250
Escolas Reunidas	11	Escolas Reunidas	199
Escolas Isoladas	135	Escolas Isoladas	2.607
Jardim da Infancia, Escolas Maternaes e Creches	5	Jardim da Infancia, Escolas Maternaes e Creches	2
Escolas Municipaes	—	Escolas Municipaes	333
Escolas Particulares	458	Escolas Particulares	646

Valor dos proprios estaduais destinados a estabelecimentos de ensino, em 31 de Dezembro de 1927.... 105.068:626\$000

FONTE: Álbum de Edifícios Escolares de São Paulo (1929). Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação - ABE (A05-12. s/p.).

FIGURA 25 - IMAGEM DE UMA DAS ESCOLAS FOTOGRAFADAS, INSERIDA NO LIVRO EDIFÍCIOS ESCOLARES (1929)



FONTE: Álbum de Edifícios Escolares de São Paulo (1929). Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação - ABE (A05-12. s/p.).

Uma matéria no jornal **Diário Nacional**⁸³, de São Paulo, ilustra parte das visitas realizadas pelos professores às escolas e estabelecimentos durante a III CNE:

Em trem especial, que partiu da estação da Luz, às 8 horas de ontem, embarcaram para Campinas cento e pouco membros da Conferencia Nacional de Educação, ora reunida em São Paulo. Recebidos na vizinhança pelo prefeito dr. Orozimbo Maia, e por diversas autoridades do ensino, dirigiram-se os excursionistas ao 4 grupo, onde visitaram imediatamente a exposição de trabalhos escolares. Nessa visita foram os conferencistas assistidos por alunos e professores, que se mostraram extremamente gentis em prestar informes e acompanhar os educadores brasileiros. Do 4 grupo escolar passaram os excursionistas a visitar a Escola Profissional “Bento Quirino” onde tinha sido organizada uma exposição de trabalhos, executados nos estabelecimentos profissionais do Estado. Ahi foi especialmente apreciada a contribuição de Ribeirão Preto. O Gymnasio foi o terceiro estabelecimento percorrido pelos congressistas, que se dirigiram, em seguida, em automoveis, para o Tennis Clube, onde almoçaram (...) dirigiram-se à Escola Normal official, cujo edificio percorreram, em companhia de professores e alumnas, recebendo em cada classe, salvas de palmas. Nessa escola, assistiram, por fim um orfeão, tendo sido executado um programa que agradou sobremaneira. Usaram, ahi, a palavra o diretor da Escola Normal e os congressistas Lafayette Cortes, Alba Canizares do Nascimento, Pilotto e Barbosa de Oliveira. Os excursionistas regressaram a S. Paulo, em trem especial, tendo chegado a Estação da Luz às 19 horas e meia. O dr. Amadeu Mendes acompanhou os visitantes em toda a viagem. (DIÁRIO NACIONAL. 3 Conferência Nacional de Educação. Visita dos Conferencistas a Campinas. São Paulo, 13/09/1929, s/p, cl. 4, 5, 6, 7).

A nota acima sugere que as visitas às escolas eram cerimônias organizadas para causar impressões positivas, onde professores e diretores eram recebidos pelas autoridades locais, além de “alunos gentis, prestativos e informados sobre a escola” para responder a qualquer pergunta feita pelos visitantes. Apresentações e exposições, que segundo o jornal, agradavam aos congressistas. Tais registros parecem ter como objetivo representar uma dada realidade, diferente daquela existente no cotidiano. Recorre-se aqui à docente e jornalista Cecília Meireles como uma voz dissonante e crítica de algumas atividades da educação, naquele período. Meireles costumava visitar às escolas para motivar pautas e escrever a coluna Página da Educação, publicada no Diário de Notícias, que informava sobre assuntos da educação e ensino, da escola primária até a universidade. Em novembro e dezembro do ano de 1932 ela visitou 29

⁸³ **Diário Nacional** foi um jornal paulista diário lançado no dia 14 de julho de 1927 explicitamente como um “instrumento de ação” do Partido Democrático (PD) de São Paulo. A expressão é de um de seus diretores fundadores, Paulo Nogueira Filho. Os outros dois foram José Adriano Marrey Júnior e Amadeu Amaral. No decorrer do ano de 1928, teve grande presença nas páginas do jornal a figura de Luís Carlos Prestes. Segundo Nogueira Filho, o **Diário Nacional** foi o jornal que apresentou um dos mais detalhados mapas do trajeto da Coluna Prestes. Para os diretores do jornal, o objetivo de tais reportagens era divulgar o ideário de revolução democrático-libertadora, de seus líderes e feitos históricos. O rompimento com o governo Vargas, porém, ocorreu em janeiro de 1932, depois dos episódios que envolveram a sucessão de João Alberto na interventoria paulista. O Diário Nacional circulou pela última vez no dia 30 de setembro, com apenas uma folha, noticiando a proposta de imediata suspensão das hostilidades. Fonte <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/diario-nacional>

escolas no Rio de Janeiro, para observar, averiguar e narrar a situação dos prédios escolares, bem como algumas práticas realizadas nestes espaços. De acordo com a tese de doutorado⁸⁴ de Mariana Batista do Nascimento Silva (2015) que analisou as crônicas produzidas por Meireles, em vários textos a escritora narrava a situação de muitos prédios escolares em condições precárias, inadequados às crianças ou às suas necessidades. As visitas realizadas por Cecília Meireles eram como uma inspeção em que ela observava a estrutura física dos prédios, dialogava com os professores e investigava a realidade da escola, por meio do que via in loco.

Na realização do VII CNE, em 1935, no Rio de Janeiro, a prática de conhecer as escolas tidas como referência também ocorreu. Os debates concentraram-se, principalmente nos temas voltados à Educação Física. Na programação, consta a realização de visitas ao Instituto de Educação e aos novos prédios escolares do Departamento de Educação do Distrito Federal (não nominados no programa quais seriam esses prédios); à Escola de Educação Física do Exército e ao Colégio Militar do Rio de Janeiro. Um registro fotográfico encontrado na ABE indica uma visita ao Instituto Orsina da Fonseca⁸⁵, durante o Congresso.

FIGURA 26 - IMAGEM DOS CONGRESSISTAS NA ESCOLA ORSINA DA FONSECA, POR OCASIÃO DO VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EM 1935



FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação ABE.

⁸⁴ Em sua tese de doutorado, Mariana Batista do Nascimento Silva estuda sobre a Escola Nova na Página da Educação (1930-1933) navegando nas palavras de Cecília Meireles no Diário de Notícias. Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

⁸⁵ A Escola foi inaugurada em 1877. A partir de 1901, o prédio passou a abrigar o Instituto Profissional Feminino. Em 1912, a Escola passou a se chamar Orsina da Fonseca, em homenagem à esposa do Presidente Hermes da Fonseca, falecida naquele ano. Em 1933, na gestão de Anísio Teixeira, o Instituto passa a se chamar Escola Técnica Secundária Orsina da Fonseca, recebendo várias outras denominações até a criação do Município do Rio de Janeiro, quando passou a se chamar Escola Municipal Orsina da Fonseca. Fonte: <http://urbecarioca.com.br/> Acesso em: 16/11/2019.

Tais visitas escolares se constituíram em uma estratégia longeva. Nos anos 50, na XI CNE, realizada em Curitiba, mais especificamente em 1954, novamente se propõe a visitação de escolas e creches. Pelo programa da Conferência, os professores seriam levados a conhecer o Centro de Demonstração de Ensino Primário, o Grupo Escolar Barão do Rio Branco e Creche Ana Messias. Uma nota na **Gazeta do Povo** informa sobre a programação:

Iniçada auspiciosamente, a XI Conferência Nacional de Educação, vem despertando a atenção do povo curitibano, que participa de todas as reuniões congressuais, ouvindo as vozes mais destacadas que trabalham em favor da educação em nosso país, inteirando-se dos problemas educacionais que interessam à vida nacional. Essas reuniões, realizadas no Instituto de Educação, terão sequência hoje com a Reunião dos Comitês, às 9h. No período da tarde, às 15 horas, será instalado em nossa capital, o Centro de Demonstração do Ensino Primário, a Rua Lamenha Lins. (GAZETA DO POVO. II Conferência Nacional de Educação. Curitiba, 09/01/1954, CAPA, cl. 02).

O Centro de Demonstração do Ensino Primário (Centro Educacional Guaíra)⁸⁶, situado na Rua Lamenha Lins, foi inaugurado na XI CNE. Segundo a tese de doutorado de Waléria Adriana González Cecílio (2018), a professora Pórcia Guimarães Alves⁸⁷ foi a primeira diretora. “Ela foi designada pelo professor Anísio Teixeira para instalar no Paraná o Centro de Demonstração de Ensino Primário e dirigir o Estágio de Aperfeiçoamento para Professores no Paraná, com o objetivo de desenvolver técnicas e atividades pioneiras na prática da Educação (CECÍLIO, 2018, p. 111).

O jornal **O Estado do Paraná**⁸⁸ noticiou a inauguração do Centro:

⁸⁶ Em 1975, de acordo com a deliberação número 040/75 do Conselho Estadual de Educação, passou a se chamar Escola Guaíra – Ensino Regular e Supletivo de 1º Grau. Fonte Cecílio, 2018, p. 112.

⁸⁷ Pórcia Guimarães Alves nasceu em Curitiba em 1917 e faleceu em 2005. Educadora, licenciada em Pedagogia, pela UFPR, com cursos e estágios no Brasil e exterior, exerceu o magistério durante 45 anos. Lecionou do curso primário ao curso superior. Na UFPR, lecionou Psicologia na Educação, durante 30 anos, recebendo ao aposentar-se o título de Professor Emérito. Em 1954 instalou e assumiu a direção do Centro Educacional Guaíra, onde organizou em 1956 a primeira Clínica Psicológica do Estado, a primeira Classe Especial para Deficientes Mentais em 1958 e o primeiro Pavilhão de Artes Industriais do Paraná em 1960. Em 1961 instalou e assumiu a direção da Escola Mercedes Stresser. Em 1962 instalou e assumiu a direção do Instituto Decroly (particular), Clínica Psicológica e Escola de Recuperação, que, mais tarde, teve seção de seleção e orientação profissional. No instituto também fez funcionar Jardim de Infância e Classe para Superdotados, em 1968. Participou das reuniões para criação e instalação dos cursos de Psicologia no Brasil. Tem trabalhos publicados no Brasil e no exterior. Fonte: Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

⁸⁸ No ano de 1951, o governador do Paraná Bento Munhoz da Rocha sofria forte oposição política por todos os jornais locais que circulavam na época (Gazeta do Povo, O Dia e Diário da Tarde), e esse foi o motivo pelo qual foi criado o jornal O Estado do Paraná. Fundado em 17 de junho de 1951, por Fernando Alonso de Carvalho (advogado e cunhado de Munhoz da Rocha), Aristides Mehry e José Luiz Guerra Rego (empresários). No início dos anos 1960 foi comprado pelo então Secretário da Agricultura do Estado do Paraná, Paulo da Cruz Pimentel. Em dezembro de 2011 o jornal O Estado do Paraná é adquirido pelo Grupo Paranaense de Comunicação – GRPCOM, e tem nesse mesmo ano publicada a sua última edição impressa. Hoje as notícias veiculadas através da internet no site de notícias Tribuna do Paraná. Fonte: Ver a obra Análise cronológica dos aspectos socio-históricos dos jornais O Dezenove de Dezembro, Gazeta do Povo e O Estado do Paraná e as suas contribuições ao jornalismo

Com a finalidade de aprimorar melhor o ensino primário em nosso Estado, o Governo do Estado, através da Secretaria de Educação e Cultura, edificou magnífico prédio, situado à rua Lamenha Lins para que lá funcione o Centro de Demonstrações do Ensino Primário. Na tarde de ontem, com a presença dos drs. Lauro Portugal Tavares, Aramis Athayde e Rivadavia Vargas, respectivamente Secretários de Educação e Cultura, Saúde Pública e Viação e Obras Públicas, prof. Flávio Suplicy de Lacerda, Reitor da Universidade do Paraná; dr. Prado Kelly, presidente da A.B.E, Major Ney Braga, chefe da Polícia, outras autoridades civis e militares, além dos Congressistas da XI Conferência de Educação, realizou-se a inauguração solene, ocasião em que as portas daquele estabelecimento de ensino foram abertas para a infância estudantil do Paraná (...). (O ESTADO DO PARANÁ. Inaugurado o Centro de Demonstrações de Ensino Primário. Curitiba, 09/01/1954, p. 03, cl. 02 e 3).

FIGURA 27 - IMAGEM DOS CONGRESSISTAS EM VISITA AS INSTALAÇÕES DO CENTRO DE DEMONSTRAÇÃO DO ENSINO PRIMÁRIO, DURANTE A XI CNE, EM 1954



FONTE: Matéria publicada no O ESTADO DO PARANÁ. Acervo pessoal de Pórcia Guimarães Alves. IHGPR, pasta 2.

brasileiro, dos autores Romário Rosa CIDRÃO, João Victor Vasconcelos de MATOS, Daniel Pereira BRANDI, da Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, SE. Disponível no link: <file:///D:/Downloads/Analise%20cronologica%20dos%20aspectos%20sociohistoricos%20dos%20jornais%20O%20Dezenove%20de%20Dezembro...%20ROMARIO%20CIDRAO%20%20JOAO%20VICTOR%20MATOS%20%20DANIEL%20BRANDI.pdf>. Acesso em: 31/01/2020.

Um relato⁸⁹ da professora Pórcia descreve o dia da inauguração.

Tive o prazer de receber educadores de todo o Brasil e, entre eles, o professor Anísio Teixeira, educador de excepcional sensibilidade e inteligência, a quem devíamos tantas atenções e, principalmente, a verba para a instalação da escola. Verba esta, que nos permitiu equipá-la com material escolar básico e complementar para o seu funcionamento e que compreendia, entre outras coisas, projetor fixo e projetor móvel, microfone de pé e de mesa e toca-discos. Assim pois, no dia 8 de janeiro, às 15:00 horas, foi inaugurado o Centro de Demonstração do Ensino Primário, dentro da Programação da Conferência. Reuniram-se seus participantes, na entrada do prédio recém-terminado. Não havia calçamento e a rua era de pavimentação precária. Felizmente não choveu! Esperamos os convidados no patamar da entrada e quando o professor Anísio Teixeira, o Dr. Prado Kelly e o Professor Amaral Fontoura e tantos outros chegaram, fizemos a saudação agradecendo a presença de todos e, especialmente a do professor Anísio Teixeira, a quem, ao terminar, entregamos a chave da porta para que ao abri-la, a declarasse inaugurada. Os visitantes percorreram a escola e ficaram entusiasmados com o seu aspecto, completamente diferente das escolas de então. Salas claras com material escolar leve e colorido (...), (ALVES, 1980, p. 6 - 7).

Embora inaugurado na XI Conferência, em 1954, o Centro de Demonstração de Ensino Primário nasce dois anos antes no Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE). Segundo Bencostta (2006, p. 59) “após solicitação da diretora do Cepe à Secretaria de Educação do Estado, pedindo a instalação de um centro de aperfeiçoamento de professores paranaenses em Curitiba e com o apoio do Inep, foi criado, em 1954, o Centro Educacional Guaíra, que deveria funcionar como centro de demonstração do ensino primário”.

Destaca-se que este Centro foi administrado pela professora Pórcia, que planejou e executou as modificações consideradas por ela necessárias para implantar um espaço de renovação escolar e um laboratório de pesquisas que atendesse tanto o aluno quanto o professor. Contou com o apoio do Governo estadual e federal e obteve recursos para realizar os investimentos pertinentes ao projeto. Do INEP, com suporte do professor Anísio Teixeira, recebeu um auxílio de 500 mil cruzeiros para complementar a instalação.

As mudanças propostas pela professora passaram pela estrutura do prédio, adaptação das janelas para melhorar a qualidade da iluminação das salas de aulas, instalação das bandeiras em frente à escola (em posição vertical), pintura interna e externa, mobiliário escolar entre outros itens. De acordo com os registros da professora Pórcia (ALVES, 1980, p.6) a fase final de construção do prédio se arrastava, o mobiliário escolar estava em produção. “Para fazer móveis escolares completamente fora dos padrões usuais, tivemos que recorrer a uma firma

⁸⁹ Este relato está disponível no Instituto Histórico e Geográfico do Paraná (IGHPR) no acervo da professora Pórcia Guimarães Alves. O documento tem 22 páginas, encontra-se na pasta 5 e intitula-se Centro Educacional Guaíra – Contribuições à História da Educação do Paraná. Histórico, 1980.

pequena, quase artesanal, visto que as grandes firmas moveleiras tinham sua linha de montagem organizada, não interessando a produção de poucas unidades”. O mobiliário escolar foi elaborado sobre medida para o Centro.

Solicitamos a indústria moveleira do Paraná e de Santa Catarina modelos e sugestões para a carteira escolar. Uma vez que desejando abandonar a carteira escolar fixa e acoplada, toda nossa atenção se fixou de início, no local de trabalho do aluno... móveis Guelman, Móveis Cimo, Kastrup, mesmo firmas de Rio e de São Paulo colaboraram. Finalmente aceitamos o desenho-projeto de um arquiteto escocês que se encontrava no Rio e que o acaso nos fez conhecer. O modelo era leve, dinâmico e condizente com a sua finalidade. Trazia como inovação a tampa lisa e completamente horizontal, na parte superior, o que favorecia a sua justaposição, para formar mesa para trabalho em equipe. Dentro da caixa-carteira, a ranhura para a colocação do lápis e da caneta. Abolia-se assim o buraco tradicional da época do tinteiro! A mesa era sustentada por armação de ferro escuro. A cadeira móvel e igualmente leve, montada em armação de cano, também pintado em escuro e podia ser facilmente conduzida para qualquer local da sala de aula, onde o trabalho escolar exigisse. (ALVES, 1980, p. 3 - 4).

Aqui, pode-se perceber uma discussão sobre a modernidade do mobiliário. Pelo relato acima, a professora Pórcia buscava um móvel que contemplasse a necessidade da escola, que fosse leve e prático, com a possibilidade de ser adaptado em qualquer sala de aula. Mais tarde, ainda segundo o relato da professora Pórcia (ALVES, 1980, p. 7), o mobiliário escolar exibido no Centro de Demonstração de Ensino Primário serviu de modelo para outros centros que foram instalados no país. Para além do mobiliário, o centro contava com biblioteca, museu vivo, salão para recreio e tinha na sua proposta ser um espaço de aperfeiçoamento para os professores do ensino primário. Nessa perspectiva faz sentido que houvesse investimento em práticas consideradas inovadoras.

Ainda em 1956, na XII CNE, em Salvador, ocorreram algumas visitas às escolas consideradas como referência, entre elas destaca-se a visita ao Centro Educacional Carneiro Ribeiro (CECR), popularmente conhecido como Escola Parque. Nesta CNE, os temas debatidos foram compostos por: a contribuição da Escola à compreensão e à utilização das descobertas científicas e os processos da educação democrática nos diversos graus de ensino e na vida extra escolar.

Alguns anos antes, em 1947, Anísio Teixeira assumiu a Secretaria de Educação da Bahia. De acordo com a tese de Célia Rosângela Dantas Dórea (2003), em 1949, Anísio Teixeira apresentou ao governador um relatório da situação dos serviços educacionais do estado e traçou um plano de atuação específico para o interior e para a capital.

Para o interior do Estado, além do sistema de educação elementar, com atendimento para a zona rural, planejou um sistema de ensino médio ou secundário, que previa a construção de *centros regionais de educação*,

localizados em 10 regiões administrativas, que compreendiam jardim de infância, escola elementar modelo, escola normal, escola secundária, parque escolar, centro social e de cultura e internatos. Na capital, o plano escolar envolvia um sistema de escola elementares, seguido de um conjunto de escolas secundárias de cultura geral e técnica e da escola de formação de professores em nível de ensino superior. Mas, segundo Anísio, as escolas elementares teriam uma organização especial, constituindo *os centros de educação popular*, que localizados na periferia da cidade, funcionariam como núcleos de articulação de bairro, onde as funções tradicionais da escola seriam preenchidas em determinados prédios e as de educação física, social artística e industrial, em outros. O conjunto compreenderia, assim, escolas-classe e escolas parques. (TEIXEIRA, 1949 *apud* DÓREA, 2003, p. 134)

Do planejado, só foi possível a construção do Centro Popular de Educação Carneiro Ribeiro (CECR), a Escola Parque, que propunha uma experiência projetada como inovadora de educação integral, com atividades artísticas, socializantes e de preparação para o trabalho e a cidadania, e mais alimentação, higiene e atendimento médico-odontológico, complementavam as práticas educativas, voltadas às crianças de camadas populares. Em um discurso de inauguração de três escolas-classes, que integravam o conjunto CECR, é possível vislumbrar os objetivos e esforços voltados à escola pública primária.

Desejamos dar, de novo, à escola primária, o seu dia letivo completo. Desejamos dar-lhe os seus cinco anos de curso. E desejamos dar-lhe seu programa completo de leitura, aritmética e escrita, e mais ciências físicas e sociais, e mais artes industriais, desenho, música, dança e educação física. Além disso, desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive aspirações, prepare, realmente, a criança para a sua civilização – esta civilização tão difícil por ser uma civilização técnica e industrial e ainda mais difícil e complexa por estar em mutação permanente. E, além disso, desejamos que a escola dê saúde e alimento à criança, visto não ser possível educá-la no grau de desnutrição e abandono em que vive. (TEIXEIRA, 1959, p. 83).

Stela Borges de Almeida (2001), no artigo **Escola Parque da Liberdade, Bahia**, descreve as instalações:

inauguraram-se três pavilhões, integrantes do centro, com a finalidade de instituir uma escola primária em tempo integral, estruturada em dois setores: o da *instrução*, onde planejou-se o desenvolvimento do “trabalho de classe”, ou seja, o ensino da leitura, escrita, aritmética, ciências físicas e sociais, e o da *educação*, entendido como destinado às atividades socializantes, tais como: a educação artística, o trabalho manual e a artes industriais. Fixaram-se em 4000 mil as matrículas; denominou-se de escolas-classes as que atenderiam à primeira função e de Escola Parque o espaço escolar onde se realizariam as atividades sociais, artísticas, de trabalho e de educação física. (AMEIDA, 2001, p. 126, grifos da autora).

Pela proposta arquitetônica e pedagógica, as escolas-classes eram destinadas à instrução e a escola parque à educação. Anísio Teixeira em discurso proferido na XII CNE, em Salvador, no ano de 1956, seis anos após inauguração (21/09/1950) do Centro Popular de Educação

Carneiro Ribeiro (CECR) - a Escola Parque, defendia que educação era o instrumento fundamental para o regime democrático.

Somente pela educação poderíamos produzir o homem racional, o homem independente, o homem democrático. Não quero com isso, emprestar nenhuma especial onipotência à educação. Sempre foi ela o processo pelo qual a sociedade se perpetuou e se perpetua. Mas se introduzo na sociedade um elemento novo para a sua dinâmica, se graças ao conhecimento posso obter homens diferentes, capazes de produzir em condições diferentes e pensar de forma diferente do usual, ou seja, racionalmente, experimentalmente, tendo que dotar a sociedade do aparelhamento necessário para reproduzir essa força nova de ação e de pensar. (TEIXEIRA, 1956 *apud* ALMEIDA, 1988, p. 164).

Os congressistas da XII CNE visitaram as instalações da Escola Parque, que exibia prédios especialmente projetados, com programas específicos para cada tipo de escola, e que representava uma nova maneira de educar, tanto pela arquitetura quanto pela organização deste modelo de escola.

Adiante, seguem 2 registros dos congressistas da XII CNE (figuras 27 e 28), em visita à Escola Parque, em Salvador, no ano de 1956, conforme o arquivo da ABE. Os retratos evidenciam o pavilhão do trabalho, em uma área que compreende quatro mil metros quadrados, com ala direita reservada às meninas e à esquerda aos meninos. De acordo com Almeida (2001), as técnicas utilizadas neste pavilhão passavam por diversos tipos de ferramentas e de processos de produção tais como desenho, cartonagem, encadernação e recuperação de livros, modelagem, cerâmica, alfaiataria, corte e costura, bordados, confecção de bonecas e brinquedos, tapeçaria e tecelagem e diversos trabalhos com metal, couro e madeira (Almeida 2001, p. 131).

Sobre os registros abaixo, explica-se que as fotos que aparecem duplicadas foram reproduzidas pela autora, seguindo o material original extraído dos arquivos da ABE. A foto original apresenta uma folha de papel vegetal sobreposta a imagem nominando alguns participantes. Desta maneira, as fotos duplicadas são reproduções das anotações feitas pela ABE, elaboradas pela autora somente para este trabalho.

FIGURA 28 - ANÍSIO TEIXEIRA E DELEGADOS EM VISITA À ESCOLA PARQUE, SALVADOR, EM 1956



- | | |
|-----------------------------|------------------|
| 1 – Padre Álvaro Negromonte | 8 – Tobias Neto |
| 2 – Anísio Teixeira | 9 – Marina Gross |
| 3 – Rogério Tavares | 10 – Benjamin |
| 4 – Lucia Marques Pinheiro | 11 – Juracy |
| 5 – Terêncio Porto | 12 – Jayme |
| 6 – Zozimo | 13 – Joaquim |
| 7 – Carmita Teixeira | |



FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação – ABE (fotos avulsas)

FIGURA 29 - OUTRO ASPECTO DA ANÍSIO TEIXEIRA DA VISITA À ESCOLA PARQUE, SALVADOR, EM 1956



FONTE: Acervo Carmem Jordão, na Associação Brasileira de Educação – ABE (fotos avulsas)

A figura 28 registra uma vista panorâmica de um dos espaços da Escola Parque. Percebe-se que a imagem foi produzida com o desejo de expressar e evidenciar a dimensão do projeto arquitetônico, uma forte marca da concepção desta escola. Destacam-se as dimensões

estéticas e pedagógicas observadas nas fotografias conferidas, por exemplo: nas amplas janelas envidraçadas com entrada de luz natural; ao fundo exibe um dos gigantescos painéis⁹⁰ existentes na escola, denominado *A Força do Trabalho* (8,20 x 20,00 m), do artista plástico baiano Mário Cravo Junior e nas diversas possibilidades de aprendizado dispostas no pavilhão. O interior do pavilhão, com grande dimensão é composto por mobiliário como armários, mesas e cadeiras, quadros e demais elementos para as práticas educativas. Percebe-se ainda que as crianças localizadas no primeiro plano e no plano de fundo olham para cima, provavelmente orientadas pelo fotógrafo. Já os professores e delegados dividem-se entre olhar para o alto ou dialogar entre eles. O espaço também foi aproveitado para exibir uma mostra das atividades voltadas ao ensino profissionalizante, uma exposição dos trabalhos manuais e industriais, com a presença de professores e alunos da escola uniformizados.

Já a figura 29 exibe um outro ângulo, em que o fotógrafo aproxima a lente, centraliza e dá destaque em primeiro plano, à atividade profissionalizante - um dos aspectos da proposta pedagógica idealizada para a escola. Fica evidente que é uma foto preparada a partir de uma encenação. Percebe-se que aluno está usando o tear, sob o olhar do demais presentes, excetuando Anísio Teixeira que conversa com Demerval Trigueiro e Paschoal Leme.

2.4 Exibição de Exercícios Físicos

A luta do homem para obter alimentos, a busca por abrigo, o uso de armas e ferramentas para a própria defesa, foram os primeiros passos para a educação física. Na antiguidade, as civilizações árabes, persas e hindus usavam a dança como as primeiras formas de exercícios para fortalecer o corpo. Na Grécia, a luta, a carreira, o tiro do disco e a dança eram os exercícios mais usados. Já os romanos fizeram uso militar da ginástica. Na Idade Média os jogos e torneio mantiveram os exercícios, embora não sejam considerados como forma de ginástica educativa (BARAGIOLA, 1895).

⁹⁰ Os temas dos cinco gigantescos painéis localizados no Setor de Trabalho da Escola-Parque – o maior pavilhão do complexo, com 4.500 metros quadrados de área construída –, pintados entre 1953 e 1955 pelos mais importantes artistas plásticos baianos da época, foram definidos por Anísio Teixeira. Carybé pintou sobre um suporte de madeira o maior painel do complexo, tendo como tema *A Evolução do Trabalho* (11,00 x 20,00 m); Jenner Augusto e Carlos Mangano pintaram respectivamente os afrescos *A Evolução do Homem e Trabalho de Costumes* (ambos com 2,70 x 20,00 m); e Maria Célia Amado Calmon pintou sobre um suporte de madeira *O Ofício do Homem* (3,00 x 11,00). Destaque especial merece o painel *A Força do Trabalho* (8,20 x 20,00 m), de Mário Cravo Junior, pela sua tentativa bem sucedida de integração com o espaço arquitetônico, através das relações estabelecidas pelas linhas de força das figuras e pelas diagonais que compõem o painel com a estrutura metálica da cobertura do pavilhão. Para saber mais vide texto *Avant-Garde na Bahia: Urbanismo, arquitetura e artes plásticas em Salvador nas décadas de 1940 a 1960* dos autores Nivaldo Vieira de Andrade Junior, Maria Rosa de Carvalho Andrade e Raquel Neimann da Cunha Freire, indicado nas referências.

Carmem Lucia Soares (2005), em seus estudos sobre as imagens e educação do corpo, indica que a ginástica científica se firma, na Europa, como parte significativa dos novos códigos de civilidade, a partir do século XIX.

Forma-se no século XIX, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental, uma pedagogia do gesto e da vontade, configurando-se, assim, uma "educação do corpo", já reconhecida como importante. Os silêncios contidos nos gestos esboçam imagens que devem ser internalizadas em posições e comportamentos. A ginástica, com suas prescrições, enquadra-se nesta pedagogia e faz-se portadora de preceitos e normas. (SOARES, 2005, p. 17).

As descrições dos exercícios físicos privilegiam o corpo reto e aprumado e tentam dar conta de moldar e adestrar o corpo. A ciência e os estudos que ocorreram em diferentes países da Europa, dão origem ao Movimento Ginástico Europeu. “Como expressão da cultura, este movimento constrói-se a partir das relações cotidianas, dos divertimentos e festas populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia” (SOARES, 2005, p. 18). Aos poucos a ginástica é afastada de seu núcleo inicial para ser aceita como parte da educação dos indivíduos. Entre as práticas corporais estão exercícios militares voltados à preparação para guerras, jogos, saltos, corridas, esgrima, equitação, dança e canto.

O Movimento de Ginástica Europeu foi assumido pelos Estados nacionais como um instrumento na perspectiva de regenerar a raça e promover a saúde. Nesta direção fomentava a coragem, o amor à pátria, a preparação para atender às guerras e as indústrias. Mas para Soares, servia, sobretudo, para “moralizar os indivíduos e a sociedade, intervindo radicalmente em modos de ser e de viver” (SOARES, 2005, p. 20).

Um manual teórico e prático de ginástica nas aulas, publicado em 1895, dedicado ao professorado para ensino elementar de exercícios militares e ginásticos descreve como deveria ser a prática:

(...) a gymnastica nos bancos das aulas, deve ser uma gymnastica rapida, facil, delectavel, collectiva, conveniente as várias formas e disposições dos bancos e às dimensões do local; ella deve absolutamente abster-se de tudo o que é monotono e enfadonho, das combinações de exercícios muito difíceis; que não se adaptam à natureza das crianças; deve ter como fim principal a correta posição da pessoa, tanto nos bancos como fora deles; deve dar franqueza no modo de andar e cuhmprimmentar. (BARAGIOLA, 1895, p. 11).

Já o manual de ginástica para o ensino secundário de 1924, voltado aos estabelecimentos de ensino secundário, oferece conteúdos ligados à higiene, à respiração, os descansos, os comandos de vozes, os métodos da ginástica educativa e uma série de exercícios a serem

aplicados com o objetivo de desenvolver diversas partes do organismo, tornando o indivíduo forte e ágil, moldando assim o físico e o caráter. Em 1927, uma das teses apresentadas na I CNE, em Curitiba, versava sobre a educação física. Nas palavras de Ambrosio Torres⁹¹, “a gymnastica educativa, com base na cultura física deve ser dividida em gymnastica respiratória, pedagogica e medica” (TORRES, tese, 1927).

As exhibições de exercícios físicos ocorreram em 5 Conferências: na I, II, III, VII e VIII Conferências Nacionais de Educação, organizadas pela ABE, respectivamente na cidade de Curitiba (1927), Belo Horizonte (1928), São Paulo (1929), Rio de Janeiro (1935) e Goiânia (1942). Relacionados à vida moderna, os exercícios físicos, no clima cultural das décadas de 1920 e 1930, podem ser tomados como uma prática suscetível a integrar o projeto brasileiro de modernidade, em que se apostava na eficiência da escola como uma possibilidade para organizar e disciplinar a vida social. A prática da ginástica e de exercícios físicos tinha na escola a perspectiva do ideal para trabalhar um programa de educação e cultivo dos corpos das crianças, com ênfase no corrigir, constituir e cuidar dos corpos (CARVALHO, 1997).

Em 1927, durante a realização da I CNE, em Curitiba, estima-se que 6.000 crianças (conforme nota da imprensa citada na página 52 e figura 03) realizaram exercícios físicos em frente ao prédio da Universidade.

FIGURA 30 - ALUNOS DOS 3º E 4º ANOS DOS GRUPOS ESCOLARES DE CURITIBA EM EXERCÍCIOS EM FRENTE A UNIVERSIDADE



FONTE: Acervo Carmem Jordão - ABE (álbum de fotos da I CNE).

⁹¹ Ambrósio Torres foi professor da Escola de Artes e Ofícios Wenceslau Braz e associado de presença regular ao longo de todos os anos de existência da Seção de Educação Física e Higiene da A.B.E. Escreveu entre vários textos, a tese Methodologia do ensino da Educação Physica, apresentada na I CNE, em 1927. Fonte: ABE.

Deste registro fotográfico pode-se extrair alguns elementos que podem enriquecer a leitura: a quantidade de alunos simetricamente distribuídos no desenho ornamental da praça, usando o eixo central da mesma, conferindo assim uma dimensão estética à apresentação. Outro ponto interessante é a posição do fotógrafo para fazer o registro, colocando-se em um plano mais elevado, garantindo a perspectiva e a dimensão da imagem. Ainda é possível perceber que todos os alunos estão uniformizados, em posição organizada, talvez aguardando alguma sinalização para executar exercícios. Tal imagem também suscita refletir sobre a ginástica e exercícios com destaque para o caráter ordenador, disciplinador e metódico proposto nas escolas.

Em 1929, na III CNE, em São Paulo, houve uma exibição de cultura física de grande porte junto às comemorações do 7 de setembro. Uma nota no jornal **O Paiz**, informa:

A nota principal do dia, a parada escolar sportiva, realizada pela manhã, com o concurso dos quadros sportivos das unidades militares desta capital e das cidades vizinhas, as linhas de tiro, os clubs sportivos, os collegios officiaes e particulares, os esquadrões de cavaleiros e amazonas da Hippica Paulista, sonorizada de clarins, realçada de garbo, animada de cartazes enormes, elucidativos, honrou-se com a presença do ilustre presidente Julio Prestes, seus secretários de governo, prefeito Pires do Rio, chefe da policia da capital, delegações dos Estados da III Conferência Nacional de Educação, pessoas gradas e considerável massa do povo. Completando-a, no programa de S. Paulo, consagrou a 7 de setembro, teve lugar, na avenida Paulista, a parada militar, na qual formaram as tropas aquarteladas em São Paulo e os tiros de guerra da capital e interior. A tarde, realizou-se a grande audição das alumnas da Escola Normal, no theatro Municipal, e a recepção em palácio dos representantes estaduaes do congresso educacional. A noite, finalmente, com a instalação da III Conferência Nacional de Educação, S. Paulo completava as homenagens a ephemeride gloriosa de nossa independência, que ajudou a proclamar e nasceu em um grito histórico, proclamado dentro de sua terra generosa e grande. (O PAIZ. As comemorações do 7 de setembro em São Paulo. São Paulo, 10/09/1929, p. 01, cl.1 e 2).

Ainda nessa perspectiva, em 1935, no VII CNE, realizado no Rio de Janeiro, foi debatido o tema a Educação Física, e na qual ocorreu a Grande Parada Esportiva, que segundo registrou a imprensa, teve a participação de 15 mil atletas. A nota abaixo publicada no jornal é um convite ao evento:

Realiza-se hoje, às 15 horas, no campo do America F.C., à rua Campo Salles, a grande demonstração de Educação Physica com que as escolas Technicas Secundaria da Prefeitura contribuem para o programa da VII Conferencia Nacional de Educação. A entrada do campo será inteiramente franqueada ao público, pois o Departamento de Educação deseja que a demonstração tenha um caráter eminentemente educativo e constitua um incentivo à pratica de educação physica pelo povo. Adolescentes de ambos os sexos farão exhibições de exercício de flexionamento, de conjunto de grande efeito, de jogos sportivos, tudo baseado no methodo francez, que vem sendo praticado com grande efficiencia nas Escolas Technicas Secundarias. Trata-se, pois de

uma das partes mais interessantes do programma da VII Conferencia Nacional de Educação, por onde se poderá verificar que no Brasil já se pratica em nossas escolas secundarias educação physica com orientação segura. (O JORNAL. Grande demonstração de educação physica pelas escolas Thecnicas e Secundarias da Prefeitura. Rio de Janeiro, 06/07/1935, p. 08, cl. 5).

Nesta Conferência houve um grande número de apresentações em vários lugares da cidade do Rio de Janeiro. Seu programa contemplava apresentações, sessões, debates e parte das exibições e outros 3 cronogramas avulsos foram impressos, conforme citado anteriormente, para dar conta do tamanho do evento.

FIGURA 31 - APRESENTAÇÕES DE EXERCÍCIOS FÍSICOS DAS ESCOLAS TÉCNICAS SECUNDÁRIAS, EM 1935



Fonte: Revista da Semana, 1935. Edição 00031 (1) s/p. Biblioteca Nacional Digital.

Nas palavras do texto publicado pela Revista da Semana⁹²,

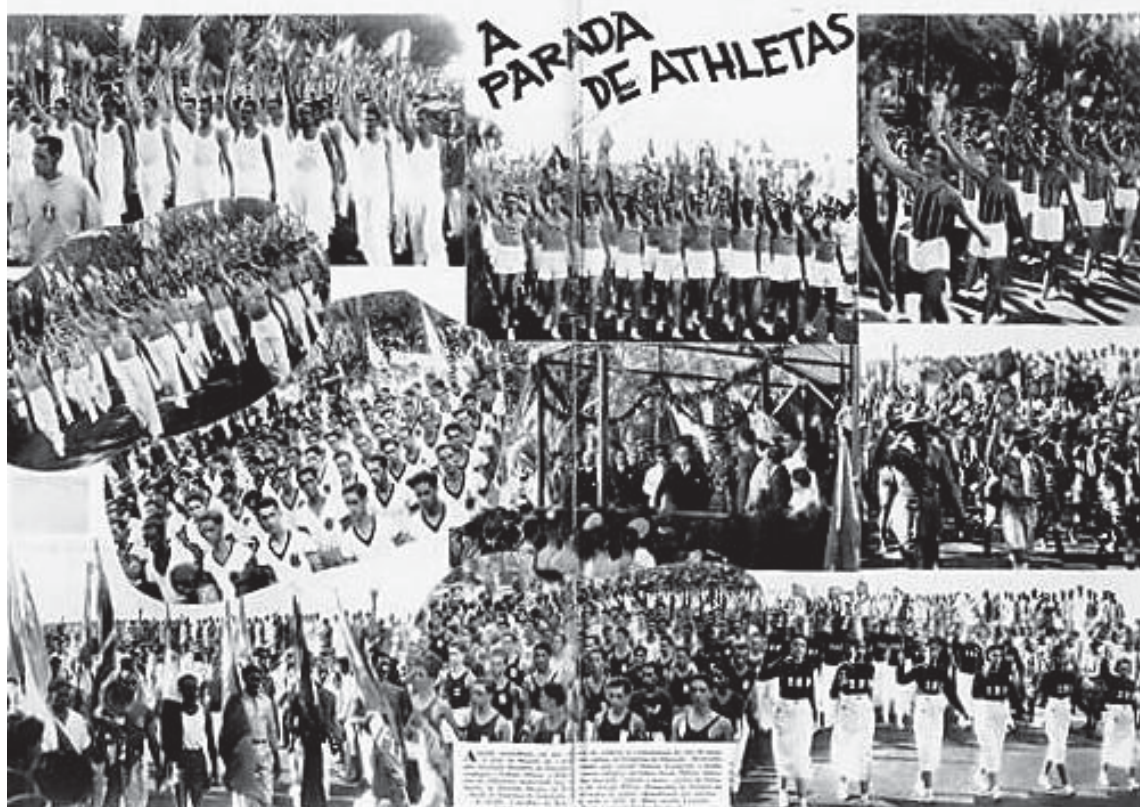
Os aspectos contidos nesta página definem o que foi a grande demonstração de Educação Physica levada a efeito no sábado ultimo no campo do America F.C., e que constituiu um dos últimos episódios do VII Congresso de Educação. Tomaram parte neste espetáculo as escolas Orsina da Fonseca, João

⁹² A Revista da Semana foi um periódico ilustrado de variedades fundado por Álvaro de Tefê no Rio de Janeiro em 1900 e extinto em 1959. Em um momento posterior, passou à propriedade do Jornal do Brasil, circulando como seu suplemento literário. Quando se desvinculou do jornal, seu conteúdo voltou-se para as atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se leve, alegre e elegante, transformando-se a partir de 1915, em mais uma revista feminina.
Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/REVISTA%20DA%20SEMANA.pdf>

Alfredo, Visconde de Caíru e Santa Cruz. (REVISTA DA SEMANA, 1935. Edição 00031, s/p.).

A figura 31 aponta a dimensão do evento. Pelas fotos e título da matéria, observa-se um grande número de alunas das Escolas Técnicas Secundárias do Rio de Janeiro. O grupo uniformizado realiza demonstração de exercícios físicos, tema central desta Conferência.

FIGURA 32 - A PARADA DOS ATLETAS COM APRESENTAÇÕES DE EXERCÍCIOS FÍSICOS, EM 1935



FONTE: Revista da Semana, 1935. Edição 00031 (1). Biblioteca Nacional Digital.

Segundo a Revista da Semana, milhares de atletas de vários colégios se concentraram no cais do Porto, à praia do Russel, no VII Congresso de Educação Física. Entre eles Colégio Militar, Escola Militar, escoteiros representando as modalidades de atletismo, basketball, box, ciclismo, natação e remo. A Escola de Intendência, de Educação Physica do Exército, de Aviação Militar, Companhia de alunos da Escola de Sargentos da Infantaria também participaram. No centro da página da revista evidencia-se o presidente Getúlio Vargas, o general Pantaleão Pessoa e o coronel Newton Cavalcanti.

Em 1942, no VIII Congresso, ocorrido em Goiânia, os participantes foram homenageados pelas alunas da Escola Normal de Goiás, com exibição de exercícios físicos.

FIGURA 33 - EXIBIÇÃO DOS EXERCÍCIOS FÍSICOS NO VIII CNE, EM 1942



FONTE: Anais do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação Goiânia, Junho de 1942, p. 52.

2.5 O Canto Orfeônico

No início dos anos de 1930 o Canto Orfeônico passou a integrar as leis e os decretos. Com a reforma de Francisco Campos, em 1931, a prática escolar desta disciplina torna-se obrigatória para os alunos do secundário e, posteriormente, no primário. A finalidade do ensino do Canto Orfeônico era desenvolver a sensibilidade musical nos estudantes. A reforma de Campos contou com o trabalho do maestro Heitor Villa-Lobos que atuava a favor da educação musical, em particular, do Canto Orfeônico, na escola. O maestro defendia que a partir do Canto Orfeônico seria possível dar disciplina, formação moral e cívica e educação artística aos estudantes brasileiros.

Em relação ao tema aqui investigado, o Canto Orfeônico ocorreu em dois momentos: na III CNE (1929) e no VII CNE (1935) que apresentaram concentrações orfeônicas representativas, tanto pelo número de crianças envolvidas, quanto pelo público que se mobilizava para assistir as apresentações. Esses espetáculos eram conhecidos como concentrações orfeônicas. De acordo com Paoliello⁹³,

(...) essas concentrações se constituíam da reunião de uma grande massa de cantores (orfeões), em sua maioria crianças, executando um repertório composto em sua maior parte de hinos patrióticos, mas também peças do

⁹³ Ver artigo Villa-Lobos e o canto coletivo na Era Vargas (1930-1945), de Guilherme Paoliello. O artigo está disponível em <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/804/0>.

cancioneiro infantil, além dos chamados “efeitos orfeônicos”, reprodução onomatopaica de ruídos naturais, articulados simultaneamente por todo o grupo de cantores. (PAOLIELLO, 2006, p. 154).

Durante o período compreendido pela Era Vargas (1930 a 1945)⁹⁴ muitas foram as intervenções políticas e sociais implantadas especialmente no Estado Novo. O Ministério da Educação tinha a tarefa de educar e formar o que se compreendia naquele contexto como o novo homem brasileiro. Libânia Xavier (1999) aponta que um dos instrumentos deste Ministério para auxiliar nesta tarefa era o Departamento de Propaganda do Governo Vargas que atuava pedagogicamente por meio da música, da educação física, do rádio e do cinema. Segundo a autora, o Departamento

(...) mobilizou recursos provenientes da cultura erudita e incorporou, tanto quanto possível, manifestações genuínas da cultura popular, logrando dessa maneira, estabelecer uma comunicação direta com as massas. A música, em especial o canto coral popular (ou canto orfeônico), desempenhou um forte papel na educação das massas. Na cidade do Rio de Janeiro, o então diretor de educação musical e artística, Villa-Lobos, regia milhares de crianças nas comemorações cívicas realizadas em ginásios, estádios de futebol e praças públicas, mesclando cantos tradicionais da área rural e música erudita. (XAVIER, 1999, p. 51).

Nesse período, o maestro Heitor Villa-Lobos foi o músico oficial deste regime devido a alguns fatores. Segundo o trabalho de Paoliello (2006):

Em primeiro lugar sua adesão imediata ao Governo Provisório da revolução de 1930, quando de seu retorno de Paris, no mesmo ano (...). Em segundo lugar o fato de, a essa altura, já ser considerado importante compositor de estética nacionalista, com uma obra relativamente conhecida e legitimada por sua temporada como ‘embaixador cultural’ na Europa durante a década de 1920. (PAOLIELLO, 2006, p. 153, grifos do autor).

Heitor Villa-Lobos atuou na Superintendência de Educação Musical e Artística – SEMA, criada pelo educador Anísio Teixeira em 1932, momento em que o maestro teve a oportunidade de implementar seu ambicioso projeto de educação musical, baseado no canto orfeônico composto por coral popular, sem a exigência de formação musical erudita.

Na III CNE, realizada em São Paulo, em 1929, ocorreu a apresentação do Orfeão Infantil, composto por 3.000 alunos oriundos dos Grupos Escolares da Capital, Escolas Normais

⁹⁴ Durante esse período e para alcance político e ideológico, sucessivamente foram sendo criados o Conselho Nacional de Educação (1931), a Diretoria Nacional de Assistência Médico-Social (1933), o Plano Nacional de Educação (1937), o Instituto Nacional de Saúde (1937), o Serviço de Patrimônio Histórico Cultural e Artístico Nacional (1937), o Serviço de Radiodifusão Educativo (1937), o Instituto Nacional de Cinema Educativo (1937), o Instituto Nacional do Livro (1937), o Conservatório Nacional de Canto Orfeônico (1938), o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (1938), o Departamento Nacional da Criança (1941), dentre outros órgãos públicos. Fonte: texto de Marta Maria de Araújo, p.10.

Livres anexas aos Colégios Santa Ignez e Baptista Brasileiro, Escola Normal do Braz e Escola Normal da Praça. Ainda em Campinas, na mesma CNE, o Orfeão das Escolas Complementares e Normais, oficiais e livres, juntamente com a cidade de Jundiaí também executou apresentação.

Wilson Lemos Júnior (2005), que analisou a prática do Canto Orfeônico na escola secundária pública de Curitiba entre 1931 a 1956, aponta, entre outras coisas, que o ensino de Música e do Canto Orfeônico se associava à nova tendência educacional que objetivava a formação das massas.

(...) se por um lado, havia uma preocupação estética para este ensino, por outro, as discussões sobre as vantagens do ensino de Música e Canto Orfeônico na primeira metade do século XX, estiveram voltadas a uma outra perspectiva: o utilitarismo. O ensino de Música poderia ser útil pela sua capacidade de educar para a sociedade, para a convivência em grupo e para o bem-estar físico e mental dos cidadãos. (LEMONS JUNIOR, 2005, p. 98).

No VII CNE, realizado em 1935, no Rio de Janeiro, cerca de 20.000 alunos das escolas públicas do Rio de Janeiro, sob regência do maestro Heitor Villa-Lobos, executaram várias canções. Pela descrição do texto publicado na **Revista da Semana**, o evento reuniu um grande número de pessoas para a apresentação de canto orfeônico.

Um espetáculo empolgante que teve por teatro, na tarde do domingo ultimo, o stadium do Vasco da Gama. Vinte mil vozes moças cantaram, numa formidável demonstração orfeônica, hymnos e canções tornando memorável o acto em que se encerrou o VII Congresso Nacional de Educação. Ao alto da página, à esquerda, vê-se a tribuna de onde o sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, assistiu ao lindo espetáculo, ladeado pelo Sr. Pedro Ernesto, prefeito da nossa capital, e Gustavo Capanema, ministro da Educação; à direita, o maestro Villa-Lobos, que dirigiu a esplendida demonstração orfeônica. (REVISTA DA SEMANA, 1935. s/p.).

FIGURA 34 - REVISTA DA SEMANA COM DESTAQUE PARA APRESENTAÇÃO DE CANTO ORFEÔNICO, EM 1935



FONTE: Revista da Semana, 1935. Ed 00031 (1). Biblioteca Nacional Digital.

Evidencia-se nessa imagem (Figura 34) o grande número de alunas uniformizadas, em posição para executar o programa musical ensaiado para aquele dia. Outro destaque é o grande público que prestigiava a apresentação cívica.

O canto orfeônico, conhecido também como as grandes concentrações orfeônicas (tanto do coral quanto de público), nas festas cívicas e também nas Conferências, pode ser

tomado como ações que davam visibilidade e legitimidade aos avanços educacionais, também como formas para se dar a ver. Nesse sentido a música executada no canto orfeônico poder ser considerada uma representação da ideia de disciplina, de formação moral e cívica e de educação artística daqueles estudantes.

CAPÍTULO 3 - ENTRELAÇANDO FIOS E AJUSTANDO O FOCO NO PARANÁ

Nesta investigação, as Exposições e Eventos e o repertório pedagógico são tomados como as cenas e as Conferências como cenários, conforme citado anteriormente. O fio de uma história se entrelaça ao fio dos vestígios e pode produzir uma nova trama em cada cena em que se apresenta, da mesma forma que a escolha da lente e o ajuste do foco - distanciar/aproximar - pode ser revelador de nuances e detalhes das narrativas históricas ainda a serem exploradas.

Nesta direção, este capítulo ajusta o foco e se aproxima do estado do Paraná, em ordem cronológica, em três momentos: a I CNE, realizada em 1927, na tentativa de ampliar a lente sobre as articulações realizadas pelo Inspetor Geral de Ensino do Paraná naquela época, Lysimaco Ferreira da Costa, para trazer a realização do evento para a cidade de Curitiba; na VIII CNE realizado em Goiânia, em 1942, quando o Paraná participa da II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística organizada pelo IBGE em parceria com a ABE; e, por último, na XI CNE realizada pela segunda vez na cidade de Curitiba, em 1954. Os critérios de escolha foram definidos pela possibilidade de evidenciar alguns vestígios das articulações para a produção de materiais relacionados a I CNE. Intenta ainda ilustrar parte da materialidade que o Paraná levou à Exposição de Goiânia, em 1942 e, por fim, dar destaque à narrativa da XI CNE, em 1954, com sua programação, ainda pouco explorada. As análises aqui desenvolvidas são ancoradas no pensamento de Ginzburg (1989), que afirma serem os pormenores, os sinais, os indícios elementos importantes para o que o historiador irá fazer: observar, ater-se aos detalhes e fazer possíveis associações.

Ao longo deste percurso, descrito nos capítulos anteriores, evidenciou-se que o repertório pedagógico das Exposições e Eventos se deu de várias formas, com ações que mantiveram uma certa permanência ao longo de quase 30 anos.

Neste sentido, é preciso retornar a 1927, ano em que, sob a coordenação da ABE, ocorre a I CNE, em Curitiba, no Estado do Paraná, dando início a uma série de 13 Conferências ao longo dos anos. Para além disso, deu espaço para os sujeitos que tentavam pensar e orientar a educação brasileira no início do século XX.

Instalação solene da 1ª Conferência Nacional de Educação⁹⁵
(...) para a instalação e os trabalhos da primeira Conferência Nacional de Educação, o grandioso certame mental que ora se inicia em nosso país e de que resultarão, sem dúvida, frutos dos mais ótimos para a grandeza pátria. Frise-se: deliberada a promoção da Conferência na benemérita Sociedade Brasileira de Educação, logo pensou-se em que o Paraná, pelo seu ambiente

⁹⁵ Material extraído/fotografado do Jornal Gazeta do Povo pela autora, disponível na Biblioteca Pública Municipal de Curitiba.

de intensivo progresso e pelas suas inigualadas realizações no campo da instrução primária, secundária e superior, devia ser e seria de facto o local admiravelmente indicado para os trabalhos de um tal e tão fecundo cometimento. Ontem, repletíssimo o Guaíra e com a presença dos delegados de quase todas os estados da República, entre eles nomes de larga projeção nacional como o professor Rocha Vaz e Dr. Belizário Penna, instalou-se a conferência (...). Falou instalando a Conferência o Dr. Lysimaco Costa, que no substancioso discurso, disse das razões da mesma, das suas finalidades e do grande júbilo que alegra o Paraná por ser escolhido para a sede do certame. O Inspetor Geral do Ensino, com abundância de dados, disse da situação lisonjeira, em que o nosso estado se encontra, no particular da instrução e educação e das nossas realizações nos últimos tempos. (GAZETA DO POVO. A instalação solene da 1ª Conferência Nacional de Educação. Curitiba, 20/12/1927. Capa, c.1 e 2).

O jornal **Gazeta do Povo**⁹⁶ noticiava e fazia saber, segundo o recorte acima, com entusiasmo e civismo, sobre a instalação da I Conferência Nacional de Educação, proposta pela ABE, entre 19 a 27 de dezembro de 1927, em Curitiba. O evento promoveu o debate sobre o ensino primário e a formação dos professores, e contou com a apresentação de 112 teses, ideias de modelo de organização da sociedade que pleiteavam uma educação de qualidade.

Entre os temas de importância para a educação naquele período estavam a higiene, o celibato pedagógico feminino, a educação religiosa e o caráter não laico do ensino, entre outros. Quatro temas foram considerados oficiais, discutidos nas sessões plenárias, juntamente com outros nove, os quais constituíram-se em eixos norteadores das discussões: 1) a unidade nacional: a) pela cultura literária; b) pela cultura cívica; c) pela cultura moral; 2) a uniformização do ensino primário nas suas ideias capitais, mantida a liberdade de programas; 3) a criação de escolas normais superiores, em diferentes pontos do país, para preparo pedagógico; e 4) a organização dos quadros nacionais, corporações de aperfeiçoamento técnico, científico e literário (COSTA; SHENA; SCHIMIDT, 1997).

Muitos congressistas circularam durante a I CNE; houve forte presença dos professores do Estado do Paraná, bem como de representantes de outros estados da Federação: Alagoas, Amazonas, Bahia, Distrito Federal (Rio de Janeiro), Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Pará, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo.

Para se ter uma base, na lista de presença⁹⁷ do dia vinte de dezembro de 1927, primeiro dia da Conferência, constam assinaturas de 218 participantes. Dentro da programação, a

⁹⁶ O jornal a Gazeta do Povo foi fundado em 3 de fevereiro de 1919 pelo paraibano Benjamin Lins e o alagoano Oscar Joseph de Plácido e Silva, quando a sua primeira edição foi as ruas da cidade de Curitiba e região.

⁹⁷ A lista de presença da I Conferência Nacional de Educação encontra-se publicada no site da UFSC, p. 19 a p. 25, acessado em 27/01/2019, no link <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123679>

Conferência ainda promoveu visitas a grupos escolares de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá, a pontos turísticos, às exposições escolares e realizou uma parada com apresentação de exercícios físicos, com aproximadamente 6 mil crianças, em frente ao prédio da Universidade. Um dos protagonistas da I Conferência Nacional de Educação foi Lysimaco Ferreira da Costa⁹⁸, então Inspetor Geral de Ensino do Paraná, com atividades docentes e administrativas no Estado. A revista local **Ilustração Paranaense**⁹⁹ também elaborou um material e deu destaque ao evento, estampando uma página composta de um mosaico das atividades, exibindo fotos recortadas e uma descrição de parte I CNE.

⁹⁸Sobre Lysimaco Ferreira da Costa consultar o trabalho de doutorado de Geysa de Abreu (2007), que aborda trajetória deste como educador, reformador e político no cenário da educação brasileira.

⁹⁹A revista **Ilustração Paranaense** recebeu o subtítulo de mensário paranista de arte e atualidades e circulou no Estado do Paraná entre 1927 e 1930. Foi a principal publicação que remete ao Movimento Paranista. Esse periódico refletia os temas e o ideário em voga naquele momento, apresentava uma ótima qualidade gráfica e editorial e contava com a colaboração de artistas e intelectuais. Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/titulos-periodicos-literatura/illustracao-paranaense-mensario-paranista-de-arte-e-actualidades/> Acesso em: 15/07/2019.

FIGURA 35 - MATÉRIA DA REVISTA ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE - Nº 02 - DEZEMBRO DE 1927



FONTE: Ilustração Paranaense, 1927 - Revista ano I - nº 2.

A revista dedica uma página para mostrar, em uma colagem de fotos, o que teria sido a Conferência. Registra as presenças do Presidente do Estado do Paraná, Caetano Munhoz da Rocha, do professor Lourenço Filho, delegado do Estado de São Paulo, de Barboza de Oliveira, então presidente do Congresso e de Lysimaco Ferreira da Costa, Diretor da Instrução Pública do Estado do Paraná, bem como dos demais congressistas. Ainda destaca a apresentação de

exercícios físicos que reuniu milhares de crianças das escolas públicas paraenses, em frente ao prédio da Universidade do Paraná e desfiles pela rua Quinze de Novembro.

Lysimaco Ferreira da Costa tinha contato com várias agremiações e associações¹⁰⁰ e circulava na esfera da educação e da economia do Paraná. No ano de 1927, além das atividades relacionadas à I Conferência Nacional de Educação, ele foi nomeado como Delegado do Estado no Congresso do Café. A nomeação de Lysimaco Ferreira da Costa como delegado do Paraná é a demonstração oficial do valor do então diretor de ensino também nas articulações relacionadas à economia do Paraná.

Na busca de alguns vestígios sob a guarda do Departamento do Arquivo Público do Paraná (DEAP -PR), encontrou-se no percurso desta pesquisa um recibo de pagamento de serviços fotográficos executados por João Baptista Groff¹⁰¹, custeados pelo então Inspetor Geral de Ensino do Paraná, Lysimaco Ferreira da Costa, em 1927. Tal documento aponta, aos olhos do pesquisador, pelo menos uma relação de prestação de serviços entre duas figuras públicas locais. Torna-se aqui uma pista, assim como “fio de Ariadne que guia o investigador no labirinto documental é aquilo que distingue um indivíduo de um outro em todas as sociedades conhecidas: o nome” (GINZBURG, 1989, p. 174), nos aproximando de momentos da história. Ainda segundo Ginzburg (2007), em um trabalho historiográfico, o tempo, a cronologia, seria o fio da história e é ele que nos orienta na busca pelos rastros deixados para trás (GINZBURG, 2007, p. 07). Nesse sentido o recibo abaixo é um rastro nominado que pode ser revelador

¹⁰⁰ Lysimaco pertenceu a várias sociedades relacionadas a Educação: Instituto Brasileiro de Filologia (RJ); Associação Brasileira de Educação-ABE(RJ), Associação Paranaense de Educação (PR), Sociedade Brasileira de Educação (RJ), Liga Pedagógica do Ensino Secundário(RJ), Instituto Nacional de Ciência Política (RJ), Instituto Científico de Estudos Corporativos (RJ), Sociedade Amigos de Alberto Torres(RJ), Centro Dom Vital (RJ), Instituto de Engenharia do Paraná (PR), Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (RJ), Sociedade Fluminense de Agricultura e Indústria Rurais (Niterói- RJ), Bureau Internacional de Educação – Instituto Jean Jaques Rousseau (Genebra-Suíça), Academia de Letras do Paraná (PR) Sociedade Magnética da França (Paris) segundo (COSTA, 1987, p. 595-596).

¹⁰¹ Sobre João Baptista Groff, conferir o trabalho de Daniele Marques Vieira (1998): Um olhar fotográfico no Paraná das primeiras décadas do século XX.

FIGURA 36 - RECIBO DE PAGAMENTO AO FOTÓGRAFO GROFF ASSINADO POR LYSIMACO FERREIRA DA COSTA

PHOTO-GROFF
Trabalhos para amadores
Material photographico
Vistas do Paraná, a mais bella
collecção de Photos do Sul

*Pague-se
em 9/8/27*

J. B. GROFF

37 - Rua 15 de Novembro - 37
CURITYBA PARANA

GROFF-FILM
Empresa
cinematographica
Assencios (-Agentes do "O DIA"
Jornal da maior circulação no
Paraná)

Factura Parcial
Curityba, 31 de *Julho* de 1927
O Snr. *Inspetoria Geral do Ensino*
comp. a prazo de _____ dias e na falta de pagamento pagar _____ o juro de 1% ao
mez pelo tempo que lhe _____ concedermos, a saber :
3ª Via

50 photographias 18x24 e 24x18 100.00
100 postais a 500 50.00
150.00
Cento e cinquenta mil reis

*Recibido J. B. Groff
Curityba 11 de Outubro 1927*

Sellado com boão federal

E G P 8-1261

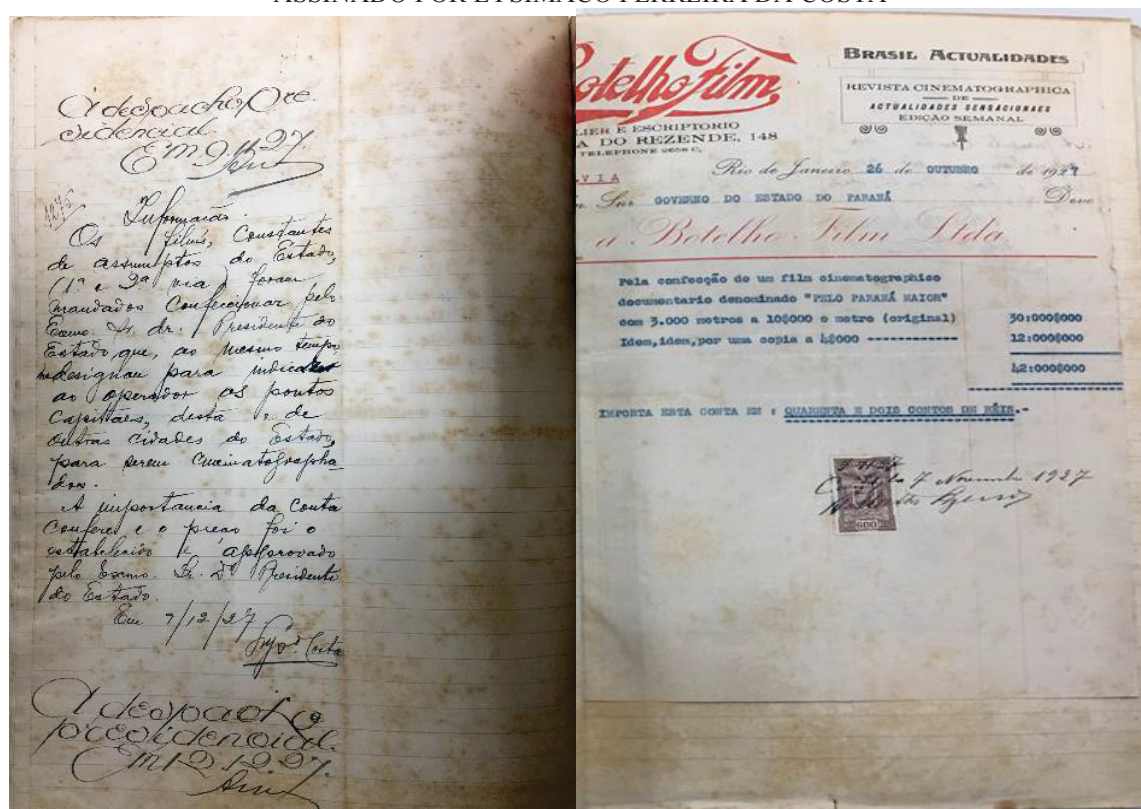
FONTE: Groff, J. B., 1927, AP. 2269, s/p. Arquivo Público do Paraná.

Seguindo pelo nome J.B. Groff, encontra-se a trajetória de fotógrafo, cineasta, editor da revista **Ilustração Paranaense** e pintor. Na fotografia, abordou inicialmente a cidade de Curitiba, passando para fotos de belezas naturais. Groff transitava na efervescência da cidade e dialogava com os intelectuais, a imprensa e o governo. Ao percorrer pelo mesmo fio do nome, Lysimaco Ferreira da Costa foi educador, intelectual, diretor do Ginásio Paranaense, Inspetor Geral do Ensino no Paraná e atuou na Secretaria da Fazenda do Estado ligado a economia com fortes vínculos ao café e também dialogava com intelectuais, educadores, governo e a imprensa. A data do recibo também pode ser condutora e instigadora, pois no cenário da Curitiba, em 1927, realizou-se a I Conferência Nacional de Educação. O recibo descreve, no corpo da nota, a prestação de serviços e refere-se à produção e entrega de 50 fotografias e 100 postais. Qual o intuito da Inspetoria Pública ao solicitar e custear este tipo de serviço? Para que serviriam essas fotos? Que imagens são representadas nas fotos e postais? Estariam ligadas à Instrução Pública? Seriam de escolas ou da cidade de Curitiba? Talvez de professores ou das turmas das escolas. Ainda, Groff poderia ter sido o fotógrafo que registrava a Instrução Pública nos anos 20 e 30? As fotos seriam um registro oficial e poderiam ter sido preparadas para compor um álbum, uma

galeria de quadros? Quem sabe exibidas em alguma exposição? A busca por tais respostas poderá fornecer indícios sobre a instrução pública e suas tramas. Talvez não seja possível responder a todos os questionamentos acima levantados.

Uma outra solicitação de pagamento, arquivada juntamente com um recibo e um deferimento, relacionados ao filme Pelo Paraná Maior¹⁰², produzido em 1927, também são documentos encontrados no Departamento de Arquivo Público do Paraná (DEAP- PR). Os documentos trazem as assinaturas do então governador e do Inspetor Geral do Ensino do Estado do Paraná, respectivamente, Caetano Munhoz da Rocha e Lysimaco Ferreira da Costa.

FIGURA 37 - RECIBO DE PAGAMENTO DO FILME DOCUMENTÁRIO PELO PARANÁ MAIOR ASSINADO POR LYSIMACO FERREIRA DA COSTA



FONTE: AP. 2269, s/p, 1927. Arquivo Público do Paraná.

No cenário da Curitiba de 1920, o governo do Paraná, representado por Caetano Munhoz da Rocha¹⁰³, parecia determinado a propagandear o progresso que ocorria no Estado. Um exemplar desta tentativa é o filme documentário **Pelo Paraná Maior**, produzido pela Botelho

¹⁰² Ver texto "PELO PARANÁ MAIOR". As representações da arquitetura nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá segundo os documentários do início do século (CORREIA, 2015).

¹⁰³ Caetano Munhoz da Rocha nasceu em Antonina, em 14 de maio de 1879. Governou o Paraná entre 1920-1924 e de 1924-1928. Disponível no site da Casa Civil no endereço, com acesso em 27/01/2109. <http://www.casacivil.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=60>

Films¹⁰⁴, para projeção na Exposição do Segundo Centenário Cafeeiro do Brasil, realizado em São Paulo, em 1927. O objetivo era de publicizar o Estado como grande exemplo de civilização e desenvolvimento social. Era o ideal de progresso exibido na tela. **Pelo Paraná Maior**, que por si só pode ser considerado como uma representação de uma tecnologia considerada moderna naquele momento do século XX, buscava retratar um Paraná atento às grandezas da região, ao progresso econômico que abarcava também instrução pública e estabelecimentos de ensino existentes naquele período. O texto de Ana Paula Pupo Correia (2015, p. 06) situa o leitor explicando que a seleção das imagens transmitia a ideia de modernização “quanto ao desenvolvimento das cidades, o documentário mostrava a organização do espaço”, com as cidades de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá urbanizadas e modernas. Além disso, a filmagem focou a construção de novos prédios públicos, e as imagens documentavam a ampliação de novas estradas. Na área da educação, “conformando as mentalidades”, as imagens da infraestrutura escolar enalteciam o cotidiano dos grupos escolares e das Escolas Normais de Curitiba, Paranaguá e Ponta Grossa.

Novamente passa pelas mãos de Lysimaco Ferreira da Costa, o encaminhamento para a produção de materiais para exibir o Paraná e seus feitos naquele período. O filme documentário **Pelo Paraná Maior** retratava os aspectos do Estado do Paraná e foi exibido em exposições, palestras, conferência e demais eventos. Tais documentos podem sugerir que a produção de fotos e filmes teria sido usada tanto pela Instrução Pública quanto pelo Governo do Estado como uma das estratégias para se fazer ver ou para se dar a ver. Poderia ser uma forma de propagandear a ideia do progresso que estaria ocorrendo no Paraná durante aquele governo.

O trabalho de Aurélio Bona Junior (2005) faz referência à realização de uma palestra proferida alguns meses antes do lançamento oficial do filme, por Lysimaco Ferreira da Costa, no Distrito Federal, no dia 23 de agosto de 1927, para ilustrar os *Aspectos do Ensino Paranaense* e articular a favor do Paraná, com intuito de sediar a I Conferência Nacional de Educação. Pelo relato da imprensa do Diário do Comércio de Paranaguá¹⁰⁵:

Na 1ª parte tratou de Curityba, como um grande centro da cultura do paiz, terra onde se encontram todas as espécies de escolas, desde o Jardim da Infância até a majestosa Universidade do Paraná. Terminada a 2ª parte foi projectado na tela um bello filme das escolas normaes de Curityba, Ponta

¹⁰⁴ A empresa Botelho Films foi criada por Alberto Botelho (1885-1973), na década de 1920. Adota um tom ufanista nos seus projetos de longa-metragem. Botelho foi contratado para a elaboração de vários documentários paranaenses. Tornou-se um dos maiores produtores de documentários ao longo dos anos 30 e 40, do século XX. (RAMOS; MIRANDA, 1997)

¹⁰⁵ **Diário do Comércio** de Paranaguá teve sua primeira edição circulando em 6 de janeiro de 1912, sob a direção do Dr. Francisco Accioly Rodrigues da Costa. Fonte: Cronologia do Paraná, de Carlos Zatti. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=ayB6DwAAQBAJ&pg=PA1912&lpg=PA1912&dq=diario+do+comercio+de+paranagua+fundado+em+6+de+janeiro+de+1912&as>. Acesso em 24/02/2019.

Grossa e Paranaguá, causando especial sensação na assistência o aspecto da creanças paranaenses, o museu escolar e a E. N. Secundaria, sobre cuja organização deu o conferencista amplas explicações. Na 3ª parte sua da Conferencia tratou o dr. Lysimaco da Universidade e do espirito universitario do Paraná, mostrando as suas reacções beneficás, produzidas no meio social paranaense. Dissertou sobre a acção do governo Sr. Munhoz da Rocha terminando com a expressão: eis ahi, srs., o resultado de 8 annos de um governo feliz! Em projecção animada foi lançado na tela o bello edificio da Universidade. Agradeceu o Dr. Lysimaco, a presença dos professores e demais pessoas, autoridades, bem como agradeceu a Empreza Botelho Film a gentileza com que se ofereceu para illustrar gratuitamente a sua conferencia (...) A Associação Brasileira de Educação promoveu essa conferencia, que foi assistida por um publico de professores e interessados no assumpto, notando-se a presença do Dr. Fernando Magalhães, presidente da Associação, e o Dr. Fernando de Azevedo, director da instrucção Publica do Districto Federal. (DIÁRIO DO COMÉRCIO. A Instrucção Pública no Paraná. Paranaguá, 30/08/1927, p. 1, c. 4 e 5).

Herbert M. Van Erven¹⁰⁶, que escreveu a biografia do professor Lysimaco Ferreira da Costa, no capítulo VIII denominado *Congressos Educacionais*, confirma a “interessante conferência” no anfiteatro da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, realizada no dia 23 de agosto de 1927. Segundo Erven, assistiram a fala de Lysimaco, um número elevado de estudiosos dos assuntos educacionais. “Depois de fazer projetar uma película cinematográfica sobre o Paraná educacional e qualificar Curitiba de um dos grandes centros culturais do país, faz sucinta exposição sobre o ambiente pedagógico” (ERVEN, 1944, p. 55).

Apesar do filme documentário **Pelo Paraná Maior** ter sido exibido oficialmente, em sua primeira sessão, no dia 5 de novembro de 1927, às 20hs, no salão de projeções da Exposição do Café de Rezende, em São Paulo, nada impede que partes dele possam ter sido exibidas anteriormente como material para mostrar o Paraná. Lysimaco Ferreira da Costa era membro fundador da Associação Brasileira de Educação (ABE) em 1924 e participou das discussões internas da mesma que debatiam projetos políticos educacionais a serem implantados no país. A ABE surge em um momento em que a crença era usar a educação para recuperar uma hipotética perspectiva de atraso cultural e científico no Brasil. Segundo Carvalho (1998), a ABE constituiu-se em

(...) um dos instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americano, e um dos mais importantes, se não o maior centro de coordenação e de debates para o estudo e solução de problemas educacionais, ventilados por todas as formas, em que inquéritos, em comunicados à imprensa, em curso de férias e nos congressos que promoveu

¹⁰⁶ Herbert M. Van Erven nasceu em Curitiba no dia 16 de abril de 1908. Em 1925, aos 17 anos, entre os intelectuais, escreveu seu primeiro artigo de colaboração à imprensa local como repórter policial. Fundou o 1º jornal de Bombeiros do Brasil. Mais tarde, denominou um novo jornal do Corpo de Bombeiros, “Labareda”, surgido de “O Incêndio”. Escreveu as obras: Catecismo Econômico, Lisímaco - Semeador de idéias, descortinador de riquezas e Júlia Wanderley - Uma vida que igualou o seu destino. Fonte: <http://hmve.blogspot.com/>

nas capitais dos Estados (...) aproximando educadores de todos os Estados e congregando-os em diferentes centros culturais do país, teriam propiciado o que chamou de “marcha resoluta para uma política nacional da educação. (CARVALHO, 1998, p. 31).

Nesse sentido, Lysimaco Ferreira da Costa articulou junto à ABE para trazer a I CNE para Curitiba, com apoio do governo na época. O evento certamente promoveria visibilidade e abrangência acerca das discussões voltadas à instrução pública, podendo se configurar em uma das estratégias para se fazer ver, como uma das grandes vitrines da instrução brasileira. As Conferências materializavam o projeto de educar a nação e legitimavam a ABE como um espaço privilegiado que validava a causa da educação. Pelo estatuto da ABE, as CNEs deveriam realizar-se anualmente, percorrendo vários Estados da Federação, fato que não ocorreu, pois as CNEs concentraram-se em 8 cidades do Brasil, ao longo de quase 50 anos (Curitiba 2 vezes; Rio de Janeiro 5 vezes e em Belo Horizonte, São Paulo, Niterói, Fortaleza, Goiânia e Salvador uma vez em cada cidade) completando as 13 edições.

Um outro documento também encontrado do DEAP pode ser considerado como condutor do uso de dispositivos para se fazer ver. Uma nota datada de 22 de setembro de 1927, sugere que antes mesmo da imprensa noticiar que a cidade de Curitiba seria a sede do evento, os organizadores e o governo já providenciavam algum tipo de material gráfico para publicizar a I Conferência Nacional de Educação.

FIGURA 38 - RECIBO DE PAGAMENTO DE MATERIAL GRÁFICO ELABORADO PARA A I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, EM CURITIBA, ENCAMINHADO PARA A INSPETORIA GERAL DE EDUCAÇÃO, EM 1927.

LIVRARIA MUNDIAL
FRANÇA & CIA., LIMITADA
RUA 15 DE NOVEMBRO, 52

Curitiba, 22 de Setembro de 1927

O Sr. Inspetoria Geral do Ensino

Rua _____

DEVE	
600 Sup. Primeira Conferência Nacional de Educação c/ 6 páginas	160.000
200 envelopes Cnacy em branco	20.000
	180.000

FONTE: AP. 2269, s/p, 1927. Arquivo Público do Paraná.

Pelo pedido descrito na nota fiscal da Livraria Mundial França e Cia., LTDA, comércio local, foram elaboradas 600 cópias de um material gráfico impresso, com 6 páginas, chamado

“Imp. Primeira Conferência Nacional de Educação”. A abreviatura (Imp.) pode ser entendida como um impresso, ainda que não descreva de que tipo. É possível deduzir que seja um material de divulgação, com informações relacionadas ao evento, um pequeno relatório, um convite ou o programa da Conferência. Também pela nota foram solicitados 600 envelopes em branco, a mesma quantidade do material impresso. É provável que envelopes tenham sido utilizados para encaminhar o material para divulgar a I CNE. Considerando que o programa era uma forma de divulgar a Conferência, os organizadores teriam em média 2 meses para fazer este material chegar aos interessados em educação distribuídos em toda a Federação.

Um outro documento, encontrado no arquivo da ABE, auxilia neste entendimento e dialoga com o recibo exposto na Figura 37. Trata-se de uma cópia do programa da I Conferência Nacional de Educação, de 1927, que apresenta seis páginas, com 9 fotos, e demais informações pertinentes como data, local, comissão executiva, tema e prazo de entrega das teses, conforme descrito no capítulo 2 deste trabalho.

O jornal paranaense **Diário da Tarde**¹⁰⁷ publicou, no dia 23 de setembro de 1927, uma matéria na capa com foto, informando que a cidade de Curitiba tinha sido escolhida pela ABE para sediar a I CNE.

Cumpre, pois ao Paraná demonstrar, por uma forma concreta, aos olhos dos que vieram trabalhar a 19 de dezembro próximo nesta gigantesca obra de engrandecimento nacional, não só o espírito de coesão das suas escolas e instituições literárias e científicas, como também a pujança da sua intelectualidade nova e liberal, rigorosamente nacionalista e animada com o mais vivo entusiasmo pela chama sagrada de um patriotismo sadio, capaz de dar normas ao resto do país, quanto ao seu esforço pela Unidade da Pátria (DIÁRIO DA TARDE, Primeira Conferência de Educação, Curitiba, 23/09/1927, capa).

Na sequência, destaca-se a imagem da matéria de capa citada (figura 39) e uma outra imagem referente à página 02 (figura 40) do programa da I Conferência Nacional de Educação, que apresentam grandes semelhanças. A foto utilizada em ambos os materiais é a mesma. Partes do texto foram copiadas na íntegra do programa e publicadas no jornal diário.

¹⁰⁷Matéria publicada no Jornal Diário da Tarde em 23 de setembro de 1927, ed. 09953, abordando a criação da ABE após jantar no Hotel Glória com a participação de Heitor Lyra da Silva, Everardo Backeuser, Barbosa de Oliveira e Lysimaco da Costa. O texto também anuncia ao leitor a escolha de Curitiba como a cidade sede da I Conferência Nacional de Educação. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/800074/32748>. Acesso em 25/01/2019.

4º A organização dos quadros nacionais, corporações de aperfeiçoamento técnico, científico e literário.

Além dessas teses serão aceitas quaisquer outras relativas a educação. (DIÁRIO DA TARDE, Primeira Conferência de Educação, Curitiba, 23/09/1927, capa).

O interessante aqui é atentar para as datas do recibo e da nota no jornal. Vale perceber que a matéria foi publicada um dia depois da data inserida no recibo custeado por Lysimaco Ferreira da Costa. A matéria também informa aos participantes a data de 10 de dezembro de 1927, como data limite, para o encaminhamento das teses que seriam avaliadas na I Conferência Nacional de Educação, em Curitiba. Tais vestígios poderiam sugerir que Lysimaco já tinha o aval da ABE e do governo do Paraná, para sediar o evento, algum tempo antes do noticiado, pois inclusive havia impresso 600 cópias de material de divulgação da Conferência, com local, data e parte da sua programação.

Ao trazer os recibos de pagamento das fotografias, filme e material gráfico para a discussão, propõe-se pensar as fontes locais, como fios condutores que podem compor essa trama e ajudar a perceber os possíveis caminhos percorridos para dar visibilidade a alguns aspectos da educação do Paraná naquele período.

3.1 A mostra do Paraná na II Exposição Nacional de Educação e de Cartografia e Estatística

O VIII Congresso Nacional de Educação, realizado em Goiânia, em 1942, promoveu a II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística organizada pelo IBGE¹⁰⁸ com a colaboração da Associação Brasileira de Educação¹⁰⁹ e o estado do Paraná se fez presente. O VIII Congresso Nacional de Educação ocorreu como uma espécie de pré-comemoração da

¹⁰⁸ O governo Vargas criou em 1934 o Instituto Nacional de Estatística, que seria implantando definitivamente em 20 de maio de 1936, como órgão diretamente subordinado à Presidência da República. Um ano mais tarde, em maio de 1937, criava-se o Conselho Brasileiro de Geografia incorporado ao Instituto Nacional de Estatística, que fundiu as duas siglas em uma só: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A criação do IBGE também está relacionada com a questão da educação das massas e da obrigatoriedade escolar do país, tema debatido nos anos 30. Àquela altura, os ‘congressos nacionais de educação’ valorizavam sobremaneira a chamada ‘estatística educacional’, que não podia prescindir da estatística territorial, a qual, por sua vez, exigia uma sólida base de informação geográfica precisa e diversificada. Então o diretor de Estatística Geral do Estado de Minas Gerais, Mario Augusto Teixeira de Freitas, preocupado com o desentrosamento entre as pesquisas estatísticas e geográficas, sugeriu a criação do Instituto Nacional de Estatística e Cartografia, que estaria incumbido de coordenar as investigações estatísticas e geográficas do país. FONTE: Nova Imagem, maio 1986, p.29.ABE.

¹⁰⁹ A I Exposição Nacional de Educação e Estatística se deu em 20/12/1936. Tal ação está ligada a um convênio inter-governamental, de 20 de dezembro de 1931, sob a presidência do professor Fernando Magalhães (ABE) com a colaboração entre a União dos Estados, do Distrito Federal e do Território do Acre para o levantamento das estatísticas educacionais e conexas. Graças a esse Convênio, realizado sobre forma original e rica de sugestões da IV Conferência Nacional da Educação, ficou afinal possibilitado o conhecimento exato e regular de todos os aspectos da vida e do país relacionados com a educação e a cultura. FONTE: Páginas 11 e 12 da publicação A Primeira Exposição Nacional da Educação e Estatística – notícia e discurso inaugural. Rio de Janeiro, 1941, ABE.

inauguração oficial de Goiânia¹¹⁰, nova capital do Estado do Centro Oeste. Foi realizado na segunda quinzena de junho de 1942 e contou com a presença de profissionais do ensino, vindos de vários estados da Federação, para debater o tema do Ensino Primário e Educação Demográfica.

O Congresso de Educação foi encerrado no dia 27 de junho. Porém, no programa há registro de convite para que os educadores permanecessem na cidade de Goiânia para participar da abertura oficial - Batismo Cultural - com início na sequência do Congresso. Para a inauguração oficial de Goiânia foram previstas uma série de atividades como feira agropecuária, festas regionais e esportivas, exposição de Goiânia, exposição cartográfica e semana ruralista. Uma matéria de página inteira publicada na imprensa descreve todas as atividades contidas na programação, das quais destaca-se este trecho:

Dentre os inúmeros pavilhões da Exposição, deve-se salientar os dos Estados de São Paulo, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Sul; e, quanto aos municípios goianos, os de Rio Verde, Goiaz, Goiânia, Anápolis, Santa Rita do Parnaíba, Ipameri, Bela Vista, etc... Nos pavilhões goianos, os visitantes puderam apreciar, sobretudo, amostras de minerais, plantas medicinais, cereais, peles de animais silvestres, madeiras, bebidas, cerâmica, salitre, marcenaria, fumos, mármore, areias de cor, laticínios, documentário fotográfico, etc.- tendo a Exposição constituído, sem dúvida, uma demonstração expressiva da potencialidade econômica de Goiaz. No período compreendido entre 18 de junho e 10 de julho de 1942, durante a realização do VIII Congresso Brasileiro de Educação, Semana Ruralista, solenidades de inauguração da capital, assembleias gerais dos Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística, II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística, I Exposição-Feira de Pecuária e Exposição Geral de Produtos de Goiaz, houve, também, várias festas regionais e esportivas, paradas, bailes e banquetes, promovidos pelo governo do Estado e entidades locais, não só para assinalar o 'batismo cultural', de Goiânia, como obsequiar os numerosos e ilustres visitantes que acorreram à nova capital procedentes de todos os Estados. (A MANHÃ. Rio de Janeiro, 12/07/1942, p. 12).

Os Anais do VIII Congresso Nacional de Educação, publicados em 1944 pela Gráfica do IBGE, registram oficialmente em 620 páginas, as narrativas daquele momento. No primeiro parágrafo da introdução, lê-se o trecho a seguir:

A Associação Brasileira de Educação, com o decisivo apoio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a colaboração dos poderes públicos, teve a ventura de realizar o seu oitavo congresso como participação dos educadores brasileiros em um dos mais relevantes acontecimentos na nacionalidade: o *batismo cultural* de Goiânia. (ANAIS, 1944, p. 3).

Pelo programa do VIII Congresso Nacional de Educação, um comunicado da ABE, destaca que a inauguração oficial da nova cidade de Goiânia, como a capital de Goiás, sob as

¹¹⁰ Inaugurada oficialmente em 05/07/1942

luzes de um certame cultural promovido pela ABE, seria oportunidade de aproximação entre pedagogos, professores primários e homens públicos no estudo dos problema da educação (Programa VII CNE, 1942, p. 21).

O entrecruzamento entre os dados publicados na imprensa e os registros dos Anais do VIII Congresso Nacional de Educação, evidencia que esse foi um evento de grande dimensão. Na descrição referente à II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística, destacam-se a solenidade de abertura, os stands das representações federais e regionais e as festividades de encerramento. A Exposição ocorreu no edifício da Escola Técnica, além de avizinhar-se da Exposição de Produtos Regionais, promovida pelo Governo do Estado. Houve abertura oficial das duas mostras, com a presença das autoridades. No discurso de abertura, o Sr. Raul Lima, funcionário da Secretaria Geral do IBGE, afirma:

A ideia de associar a Exposição ao VIII Congresso Nacional de Educação apresenta-se particularmente feliz, pois a solução de muitas das questões nesta memorável conferência pode ser mais facilmente encontrada a vista do que aqui se oferece ao exame dos estudiosos, frutos de amplos inquéritos no campo do ensino, livros, memórias, material didático, documentação fotográfica, esquemas, trabalhos escolares, relatórios e periódicos, tudo completado pelo documentário referente aos aspectos físicos, demográficos, econômicos, sócio-cultural de todo o país, de modo a permitir um sentido prático às fórmulas propostas, sabido que aquelas questões jamais poderiam ser convenientemente encaminhadas sem o perfeito conhecimento desses outros aspectos da realidade nacional. (ANAIS, 1944, p. 25).

A II Exposição Nacional de Educação e de Cartografia e Estatística foi composta por materiais do sistema estatístico, geográfico e censitário, apresentando um conjunto de quadros com vários aspectos da vida nacional, sistema cartográfico, 4 folhas da nova carta geográfica do Brasil, mapas e quadros do Brasil. Integraram os stands, referentes à esfera nacional, os Ministérios da Justiça; do Trabalho, Indústria e Comércio; da Agricultura, da Marinha e da Fazenda. Também o departamento de Imprensa e Propaganda e o Departamento Nacional do Café. Destaca-se que em relação à Educação o registro indica que os dados foram organizados pelo Serviço de Estatística da Educação e Saúde, com a exposição de gráficos do Ministério da Educação que demonstravam a disseminação do ensino no Brasil e a movimentação didática.

Na esfera regional, são descritos os esforços dos estados que contribuíram e exibiram stands compostos por elementos como gráficos, conjuntos fotográficos, mapas, coleções, trabalhos escolares entre outros. Cita-se aqui a participação do território do Acre e dos estados do Rio Grande do Norte, Pará, Piauí, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Bahia, Paraíba, Mato Grosso, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e o Rio Grande do Sul. Sobre o Paraná o documento registra:

Ao lado de uma bela documentação estatística sobre vários aspectos da vida paranaense, integravam a contribuição do Paraná, plantas e reproduções fotográficas de prédios escolares, formando um conjunto de real interesse dentro dos objetivos essenciais da Exposição. O D.E.E enviou todo o material em um auto-caminhão diretamente de Curitiba a Goiânia, cuidando da montagem funcionários orientados pelo próprio Sr. Lauro Schleder. (ANAI, 1944, p. 25).

A **Revista da Semana**, de 15 de agosto de 1942, ilustra alguns momentos do evento, contendo aspectos de algumas exposições, solenidade de abertura, pronunciamentos oficiais e reuniões.

FIGURA 41 - REVISTA DA SEMANA, COM DESTAQUE PARA AS EXPOSIÇÕES, AGOSTO DE 1942



FONTE: Revista da Semana, ano 1942, Ed. 33, p. 17. Biblioteca Nacional Digital.

Nesta imagem (figura 41) foram destacados os Estados da Paraíba e de São Paulo. No texto da legenda consta a informação que a Paraíba apresentou uma síntese da vida do progressista estado nordestino com motivos regionais. Já o stand de São Paulo, que ocupou dois salões, destacou o ensino profissional.

FIGURA 42 - REVISTA DA SEMANA, OUTROS ASPECTOS DAS EXPOSIÇÕES, AGOSTO DE 1942



FONTE: Revista da Semana, ano 1942. Ed 33, p. 16. Biblioteca Nacional Digital.

A II Exposição Nacional de Educação, Cartografia e Estatística trouxe importantes contribuições para este Congresso e contou com a participação de vários estados da Federação, do DIP, de diversos institutos autárquicos e estabelecimentos de ensino contribuíram com material como maquetes, mapas, quadros murais e fotos, compondo um rico mostruário do país. O jornal A Manhã do dia 10 de julho de 1942 descreveu as contribuições do IBGE para Goiânia.

A solidariedade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ao “batismo cultural” de Goiânia – expressão que serve para designar o conjunto das cerimônias programadas para solenizar a inauguração oficial da nova capital do Estado de Goiaz – afirma-se não somente pela participação direta da maioria dos seus membros nos certames culturais em realização ali, e mais ainda, pelo comparecimento à segunda Exposição Nacional de Cartografia e Estatística. Nessa Exposição está sendo exibida grande cópia de material estatístico-geográfico, constituído de numerosas gráficos, mapas, fotografias e outros documentos que registram aspectos ainda não conhecidos do nosso vasto território. Como contribuição de maior relevo para os fatos de cultura da nova capital goiana, assentou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no ano passado, realizar esse ano, em Goiânia, a 5 sessão ordinária das Assembleias Gerais de seus dois Conselhos dirigentes – o de Estatística e o de Geografia – os quais, anualmente, se reúnem com seus respectivos órgãos de suprema direção. A fim de tomar parte nos debates seguiu, igualmente, junto às delegações, selecionada equipe de técnicos do Instituto. Além das contribuições culturais de caráter estatístico, elaborada igualmente pelos órgãos central e regional, o I.B.G.E. compareceu por outro lado com vasta contribuição organizadas pelo Conselho Nacional de Geografia – contribuições que despertaram o mais vivo interesse pela oportunidade e importância de cada um dos trabalhos apresentados. Dentre esses trabalhos cumpre destacar, como material de maior valia, as quatro folhas iniciais da nova “Carta Geográfica do Brasil” desenhadas em escala de 1:500.000 representando a região circunjacente à Goiânia, o Vocabulário Geográfico do Estado de Goiaz, compreendendo cerca de 8.150 verbetes toponímicos; e a Bibliografia Geográfica e Cartográfica do Estado de Goiaz, em que se fazem 1.079 referências à documentação existente na respectiva secção do C. N. de Geografia¹¹¹ (A MANHÃ. Contribuições do I.B.G.E às festas de Goiânia. Rio de Janeiro, 10/07/1942, p. 04, cl. 2).

Outra nota de jornal faz saber sobre o aporte do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos para a II Exposição e, posteriormente, a Biblioteca Pública de Goiânia.

¹¹¹ O Conselho Nacional de Geografia preparou ainda, para distribuição pública em Goiânia, 6 outras contribuições: Vultos da Geografia do Brasil-Coletânea de Ilustrações e respectivos textos; Tipos e Aspectos do Brasil – conjunto de expressivas gravuras igualmente acompanhadas de texto sobre características regiões geográficas do País; Coleção de Fotografias de Aspectos Geográficos do Brasil, com legendas explicativas da 1 contribuição de uma série: Geografia e Educação, coletânea de estudos publicados na Revista Brasileira de Geografia; Goiânia (Como surgiu o nome da nova capital do Estado do Goiaz?) pequeno folheto elaborado pela sua Carteira de Intercâmbio e Publicidade e finalmente a monografia goiana, trabalho cuidadosamente organizado e de excelente confecção material na qual se enfeixam os principais documentos sobre a origem e o desenvolvimento da nova metrópole de Goiaz. Essas publicações, editadas especialmente como contribuições ao “batismo cultural” são destinadas a larga distribuição pública para que desse modo se torne mais eficiente o fim educativo cultural colimado. FONTE: A MANHÃ. Contribuições do I.B.G.E às festas de Goiânia. Rio de Janeiro, 10/07/1942, p. 04, cl. 2.

Como contribuição a II Exposição Pedagógica de Educação, Cartografia e Estatística a realizar-se em Goiânia, conjuntamente com o II Congresso Brasileiro de Educação enviou o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos um valioso mostruário de livros didáticos, de literatura infantil e de obras de educação, num total de 1022 volumes. Esse material, que será doado, ao encerrar-se a Exposição, a Biblioteca Pública de Goiânia, para nela constituir uma “Seção de Educação”, foi gentilmente oferecido pelas Casas Publicadoras Brasileiras 9 volumes; Companhia Editora Nacional 151 volumes; Edições Melhoramentos, 138 volumes; Editora Anchieta Ltda., 22; Editora Vozes Ltda., 170 volumes; Livraria Francisco Alves, 100; Livraria Universal, 10; Papelaria Rio Branco, 25; Revista Sítios e Fazendas, 10; W.M. Jackson e Inc. 18 e Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 400. A Empresa Brasileira Fornecedora Escolar Ltda. ofereceu para o mesmo fim os móveis necessários e que figurarão também na Exposição. O INEP preparou para distribuição no Congresso de Educação de Goiânia, um catálogo contendo a relação de todo o material oferecido. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS. A II Exposição Pedagógica a realizar-se em Goiânia – contribuição enviada num total de 1.022 volumes. Rio de Janeiro, 21/06/1942, p. 0, cl. 5).

Aqui, novamente as notas extraídas da imprensa ajudam também a perceber uma rede de editoras e casas de comércio de material didáticos que participavam e contribuíam para os eventos naquele período.

No Paraná, a imprensa local também noticiou a participação do Estado na II Exposição.

Trata-se de um certame deveras imponente ao qual compareceram várias unidades da Federação, estando o nosso Estado ali representado pelo senhor dr. Lauro Schleder. E em tão importante realização promovida pelo estado de Goiás, o Paraná está brilhando, tendo causado a melhor das impressões o seu “stand” na Exposição de Educação, Cartografia e Estatística. (O DIA. Exposição de Educação Cartografia e Estatística. Paraná, 04/07/1942, p. 03, cl. 01).

A partir das informações descritas nos Anais e na imprensa, a investigação seguiu as pistas sobre a contribuição do Paraná para este Congresso. Novamente pelo fio do nome foi possível seguir alguns rastros até o ano de 1942. Em busca pela figura de Lauro Schleder, localizou-se o acervo do Departamento Estadual de Estatística – DEE¹¹², atualmente sob a guarda do DEAP.

¹¹² Pelo histórico administrativo do DEE, o decreto nº 2551 de 06 de dezembro de 1934, integra o Departamento de Estatística ao Departamento do Arquivo Público, Estatística e Imprensa Oficial, do qual era apenas uma seção. Sob a Lei nº 120 de 08 de janeiro de 1937 criou-se o Departamento de Estatística e Publicidade com a repartição central de serviços de Estatística do Estado, subordinado à Secretaria de Interior e Justiça. Sob o Decreto-lei nº 7.164, de 26 de outubro de 1939, foi estabelecido que os serviços de estatística seriam coordenados pelo Departamento Estadual de Estatística - DEE, no qual se transformara o Departamento de Estatística e Publicidade. O DEE era subordinado à Secretaria do Interior e Justiça e filiado ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Em 1951, sob a Lei nº 682, de 12 de setembro, vinculou-se à Secretaria do Trabalho e Assistência Social. Em 1955, de acordo com o Decreto 16.023, de 17 de fevereiro (publicado em Diário Oficial de 18 de fevereiro de 1955), o DEE assumiu as atividades de estatística educacional de primeiro grau, até então de responsabilidade da Secretaria de Educação e Cultura. Em 1962, a Lei 8.035, de 3 de maio, definiu que o Departamento ficaria sob a supervisão da Secretaria do Governo. Em 1974, sob a Lei 6.636, de 29 de novembro, foi vinculado à Secretaria do

No relatório das atividades da Junta Executiva Regional do Conselho Nacional de Estatística e do Departamento Estadual de Estatística do Paraná (DEE), entre os registros do efetivamente realizado no ano de 1942, destaca-se:

Na Grande Exposição de Curitiba, bem como na Exposição de Educação, Cartografia e Estatística de Goiânia – nesta juntamente com outro órgão da administração dos estados o DEE fez-se representar condignamente, com trabalhos artisticamente executados. No Certame de Goiânia foi exposto o seguinte material: fotografias (49), Gráficos Estatísticos (40), Publicações (11), Cartograma(6), totalizando 106 itens. Além disso, na Capital goiana, foi feita copiosa distribuição do seguinte material: O Paraná em Números, Guia Turístico Rodoviário de Estado do Paraná, Curitiba Cidade Turismo, Boletim Trimestral de Estatística Demógrafo-Sanitária e amostra de erva mate. (RELATÓRIO DEE, 1942, p. 13 e 14).

No mesmo relatório há o item intitulado Publicidade, no qual o DEE registra a elaboração do material o *Paraná em Números*, a ser distribuído nos eventos acima citados. Tal distribuição é confirmada também nos Anais do VII Congresso Nacional de Educação que “em geral os expositores fizeram distribuir livros, folhetos, publicações de propaganda ou divulgação” (ANAIS, 1944, p. 28). Dentre os registros do DEE e sobre os elementos citados no relatório levados à II Exposição Nacional de Educação e de Cartografia e Estatística, esta investigação encontrou o material denominado de “O Paraná em Números”, que, conforme o mesmo relatório, foi elaborado para ser distribuído nos 2 eventos e para algumas instituições na cidade de Curitiba como escolas, autarquias e Biblioteca Pública. Este material foi encontrado na Biblioteca Pública do Paraná, um exemplar de O Paraná em Números. Ele constitui-se de uma brochura com 16 páginas no total, mais a capa e contra-capas, sendo seis páginas coloridas. Em relação ao conteúdo, volta-se às estatísticas e dados geográficos para exibir o estado do Paraná.

O argumento estatístico e numérico é um dos mecanismos postos à serviço da construção de determinadas realidades no fim do século XIX e início do XX. Em relação à educação Faria Filho e Biccás (2000) afirmam que:

(...) a estatística foi amplamente utilizada como uma forma de dar visibilidade, à educação escolar, suas mazelas, bem como de outro lado, para produzir a noção que o Estado brasileiro somente conseguiria atuar racionalmente no campo educativo-escolar, se se dispusesse a produzir, dados quantitativos escolares sobre o sistema escolar. (FARIA FILHO; BICCAS, 2000, p. 176).

Planejamento, no nível de atuação desconcentrada. Foi extinto pela Lei 8.485, de 3 de junho de 1987, quando a Secretaria de Planejamento e Coordenação Geral transfere suas atribuições, pessoal e patrimônio ao Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES. Toda a Documentação transferida ao IPARDES, em 1987, foi recolhida ao Arquivo Público do Paraná em maio de 2001, permanecendo sob a guarda do mesmo até hoje. Fonte: DEAP

Sobre os instrumentos escriturísticos, Certeau (1999, p. 242) afirma que “o instrumento assegura precisamente a passagem do discurso ao relato por intervenções que encarnam a lei em lhe conformando corpos, e lhe valem assim o crédito de ser relatada pelo próprio real”. Por essa perspectiva, a produção de dados quantitativos e qualitativos, constantes em estatísticas, podem apresentar uma produção da realidade. Ainda, faz sentido refletir sobre a ideia de dar a ver uma determinada escola ou investimentos em educação.

FIGURA 43 - CAPA DO O PARANÁ EM NÚMEROS, DISTRIBUÍDO NA II EXPOSIÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E DE CARTOGRAFIA E ESTATÍSTICA, NO VIII CNE, GOIÂNIA, EM 1942



FONTE: Biblioteca Pública do Paraná – PR330.98162. P223.

O conteúdo apresenta um panorama do Estado abordando aspectos da situação física, demográfica, econômica, social e cultural. Apresenta ainda os quadros com dados de exportação e da receita orçada e arrecadada naquele período. Na capa, uma imagem da araucária, símbolo do estado do Paraná, o emblema oficial, e a assinatura “publicação especial para a Grande Exposição de Curitiba, comemorativa ao decênio da administrativo do Exmo. Sr. Manoel Ribas na Interventoria Federal do Estado 1932 a 1942”.

Na página 2, a frase de Getúlio Vargas, abre o material: “Só a ordem assegura a confiança e a estabilidade” (O Paraná em Números, 1942, p. 2). Nas páginas 9, 10, 11 e 12 encontram-se os dados referentes à situação social do Estado. Entre os indicadores, o DEE apresenta os logradouros públicos e os melhoramentos realizados com dados sobre as ruas, praças, cemitérios, eletricidade, água canalizada e esgotos. Ainda neste cenário, apresenta o número de hospitais e quantidade de leitos, asilos e associações de beneficência. Também são descritos o número de sindicatos, a movimentação da Caixa Econômica Federal e organizações trabalhistas. Os dados do cenário da educação no Paraná são apresentados na página 12 (Figura 44).

FIGURA 44 - PÁGINA REFERENTE AO CENSO EDUCACIONAL DO PARANÁ EM 1940

Ensino Primário Geral no Ano de 1940									
MODALIDADE DE ENSINO Segundo a entidade mantenedora			Professorado		Matrícula		Frequência média	Promoções	Conclusões de curso
			Unidades escolares	Norma- listas	Não norma- listas	Geral			
Pré-primário maternal	{	Estadual	1	—	1	17	13	—	—
Pré-primário infantil	{	Estadual	34	43	33	2.440	1.851	1.275	439
		Particular	16	5	20	737	494	380	102
Ensino fundamental comum	{	Estadual	1.309	1.136	1.352	82.773	61.821	51.209	25.796
		Municipal	163	—	163	7.079	5.385	4.292	1.465
		Particular	95	78	234	10.710	8.389	7.420	4.668
Ensino fundamental supletivo	{	Estadual	34	62	6	3.246	2.037	1.736	460
		Municipal	2	—	2	76	60	58	36
		Particular	1	—	13	138	49	47	22
Ensino complementar	{	Estadual	35	63	3	1.246	1.639	989	317
		Particular	11	8	14	398	344	282	15

Dados referentes a diversas modalidades de ensino no ano de 1940						
NATUREZA DO ENSINO		Unida- des es- colares	Profes- sorado	Matri- cula	Freq. média	Promo- ções
Secundário	{	Estadual	5	103	2.307	1.913
	{	Particular	12	146	2.495	2.253
Escola de professores	{	Estadual	3	23	341	302
Ensino comercial	{	Particular	3	88	525	415
Ensino profissional	{	Estadual	1	11	110	95
		Particular	4	6	286	147

FONTE: O Paraná em Números. 1942, p. 12. Biblioteca Pública do Paraná – PR330.98162. P222.

Acresce-se que na página 13 do mesmo documento referido estão postos os dados da situação cultural do Estado, com a apresentação dos dados de patrimônio da Biblioteca Pública, bem como o número de consultas ao acervo separado pelas áreas de conhecimento.

FIGURA 45 - PÁGINA COM ASPECTOS DA SITUAÇÃO CULTURAL PARANÁ EM 1940

		13	
Especificação		Ano de 1940	Ano de 1941
V - SITUAÇÃO CULTURAL (cont.)			
Movimento da biblioteca pública de Curitiba	Número de consultas	Consultas totais.....	10.241 13.073
		De obras gerais.....	5.555 7.913
		De filosofia.....	125 97
		De religião.....	36 56
		De ciências naturais.....	245 466
		De filologia.....	389 492
		De ciências naturais.....	213 265
		De ciências aplicadas.....	248 618
		De belas artes e desportos.....	76 32
		De literatura.....	2.489 2.144
		De história e geografia.....	865 990
	Patrimônio	N.º de volumes existentes.....	12.600 15.000
		Adquiridos no ano { N.º de volumes	283 417
		Valor {	8.435\$000 3.145\$000
		Enriquecida no ano com (volumes).....	1.692 2.266
	Assinaturas	N.º de revistas e jornais.....	18 20
		Valor.....	1.177\$000 1.420\$100
	Encadernação	N.º de volumes.....	123 473
		Valor.....	1.120\$500 7.623\$000
	Publicações periódicas recebidas	Revistas.....	83 104
		Boletins.....	30 42
		Anuários.....	10 32
		Jornais nacionais.....	49 56
	Permutas.....	N.º de instituições com que foram feitas as permutas.....	67 72
		N.º de volumes permutados.....	824 639

FONTE: **O Paraná em Números**. 1942, p. 13. Biblioteca Pública do Paraná – PR330.98162. P222.

Esse registro aponta o uso de um indicador quantitativo relacionado à leitura na capital para exibir Curitiba como uma cidade que oferecia uma biblioteca, com amplo acervo em livros e diferentes publicações (conforme os dados na crescente), como uma ideia de métrica da cultura e educação ou do desenvolvimento intelectual.

3.2 A Exposição Internacional do Café, a Feira do Tarumã e as visitas às escolas de Curitiba.

Em 1953 a cidade de Curitiba é organizada para a Comemoração do Centenário de Emancipação Política do Paraná. Dois anos antes, um departamento de obras foi instalado para a realização dos projetos necessários à exposição. Foi nesse período também que ocorreram as construções de espaços culturais, bibliotecas, escolas e monumentos na cidade para expor a pujança do Estado e deixar marcas para o futuro.

Entre as celebrações, dois grandes eventos foram preparados pelo governo na época sob a tutela de Bento Munhoz da Rocha Neto: O Congresso Mundial de Café, que iniciou em 11 de dezembro de 1953 e encerrou no dia 19 do mesmo mês, bem como a Exposição Internacional do Café, que iniciou em 19 de dezembro de 1953 e perdurou por vários meses do ano de 1954. Estes eventos tiveram a participação de delegações internacionais provenientes da Europa, Estados Unidos e das Américas Central e Sul.

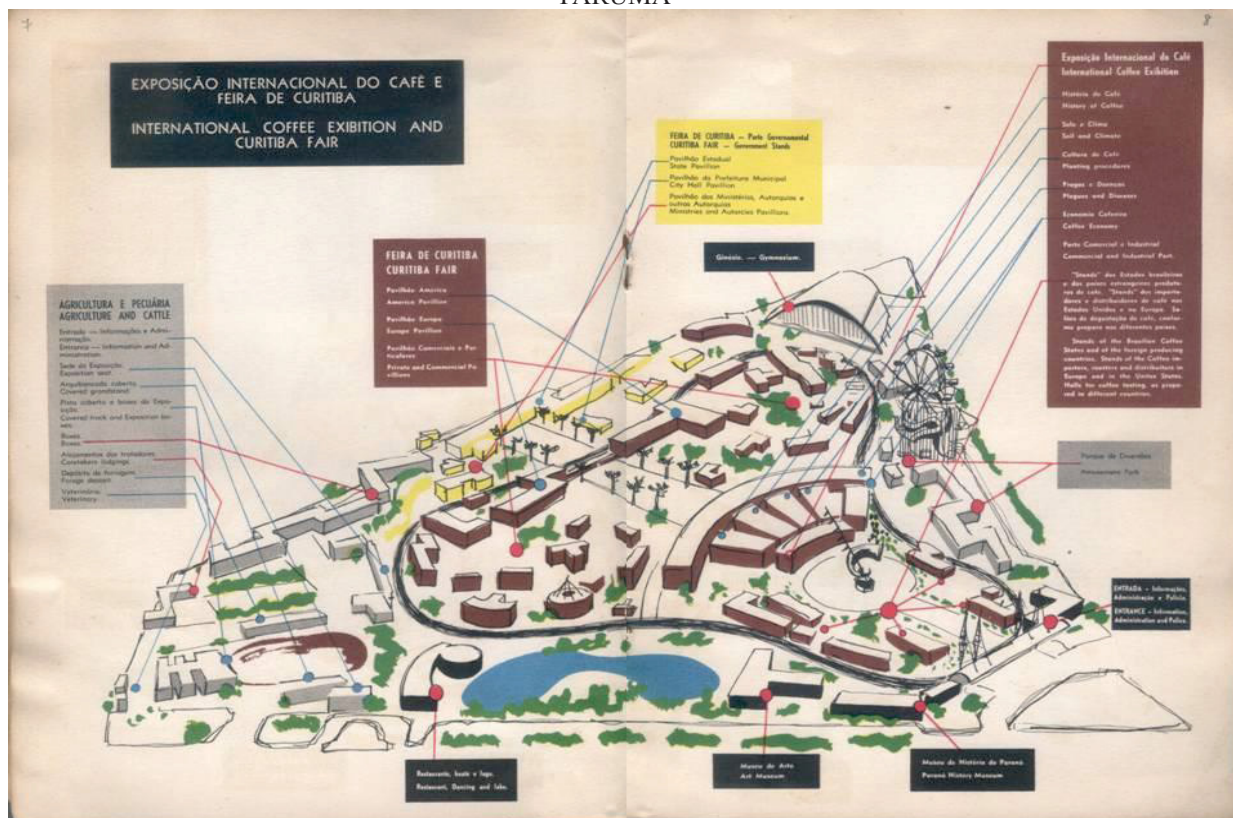
O governo Munhoz da Rocha Neto e o dr. Newton Carneiro, presidente da Comissão de Comemorações, secundados também pelo embaixador Sebastião Sampaio, executor de ambos os certames, têm acentuado o fato de que a Exposição e Congresso Mundiais do Café de Curitiba não serão realizados apenas pelos cafeicultores do Paraná, mas pelos homens de café de todo o Brasil. O governo paranaense, promotor dos dois certames, está trabalhando com o inteiro apoio e a valiosa colaboração do governo federal e dos outros principais Estados Cafeeiros, São Paulo, Minas Gerais, Estado do Rio, Espírito Santo e demais estados que produzem café em nosso país. (CENTENÁRIO DO PARANÁ, 1953, p. 03).

Ao lado da Exposição Mundial do Café, na região do Tarumã, foram construídos pavilhões para a Feira de Curitiba, que cobriu uma área de 262 mil metros quadrados com stands em estilo moderno (I CONGRESSO MUNDIAL DE CAFÉ, 1954, p. 32). Nestes pavilhões seriam expostos produtos industriais e comerciais, das representações municipais, estaduais e até mesmo de fora do país. A revista **A Divulgação** publicou o projeto descrevendo como a estrutura seria montada: comporia o primeiro bloco o centro de informações, o restaurante, a boate, o Museu de Arte, o Museu de História do Paraná e um pavilhão coberto; a Feira Internacional do Café teria espaços voltados à história, ao solo, à cultura do café, à fitopatologia, à economia, ao comércio e a indústria e pavilhões de países e dos estados produtores de café; a Feira de Curitiba exibiria os pavilhões da Europa, das Américas, os pavilhões particulares e comerciais; a parte governamental seria composta por pavilhões do governo, do estado, da prefeitura, dos ministérios, das autarquias e demais repartições; ainda o pavilhão de agricultura e pecuária com espaços para a exposição de animais, pista de exposição, arquibancadas

cobertas, alojamentos e etc.; ademais haveria um espaço com parque de diversões, montanha russa e roda gigante (A DIVULGAÇÃO, ANO V. set e out 1952, p. 14).

Adiante apresenta-se um croqui das instalações da Exposição Mundial do Café, na região do Tarumã, indicativo da dimensão dos eventos. O material foi publicado em português e inglês pela Comissão de Comemoração do Centenário.

FIGURA 46 - CROQUI DAS INSTALAÇÕES DA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DO CAFÉ, NA REGIÃO DO TARUMÃ



FONTE: Exposição Internacional do Café, 1953, p. 6 e 7.

Ao observar o croqui e imaginar a construção deste parque voltado ao evento é possível refletir sobre o sentido das Exposições Universais como modelares. Para Plum (1979, p. 155), além do seu papel no quadro do desenvolvimento econômico, a atração particular das Exposições Mundiais situava-se na formação do inventário do progresso, documentado na constante renovação dos inventos e das construções, na aceleração dos meios de produção e de bens materiais.

As exposições têm por objetivo mostrar a produção do homem em vários setores, assim como exibem o passado e a ideia de futuro. Nessa perspectiva era preciso exibir o Paraná, o mais novo dos estados da Federação, envolto no espectro da “capacidade realizadora”, do

progresso e da modernidade segundo o impresso da própria Comissão de Comemorações do Centenário. Ainda neste impresso destaca-se a monumentalidade do evento:

No conjunto interno figurarão 11 pavilhões térreos, exclusivamente dedicados ao café. Ao fundo desses 11 pavilhões situa-se a Feira de Curitiba, com a grande variedade dos produtos do Paraná. Serão levantados diversos outros edifícios também destinados às comemorações, entre eles o cassino, o salão de concertos, de conferências e exposições cinematográficas. (CENTENÁRIO DO PARANÁ, 1953, p. 03).

O projeto do Centenário recebeu várias críticas. Algumas obras não ficaram prontas em tempo hábil de serem inauguradas, como a Biblioteca Pública, o Teatro Guaíra e algumas edificações do Centro Cívico. Parte da imprensa criticava a administração pela falta de planejamento, pelos altos investimentos para a celebração do Centenário, configurando a crise em que o estado se encontrava. Mesmo assim, a festa do Centenário ocorreu e contou com a visita do presidente à época, Getúlio Vargas, que presidiu a solenidade de abertura da comemoração e visitou o Grupo Escolar Tiradentes e a Praça Zacarias, entre outros compromissos.

Simultaneamente às inúmeras celebrações do Centenário, ocorre a XI CNE de Curitiba, em janeiro de 1954, com o tema Divulgação das Nações Unidas e Financiamento do Ensino. Pela programação do evento, para além dos debates das teses, haveria visitas às escolas e às Exposições: Internacional do Café e à Feira de Curitiba. Entre os registros do programa e as notas da imprensa foi possível localizar parte deste itinerário.

Uma nota na imprensa no Rio de Janeiro informa a abertura do evento.

Curitiba, 9 - Agência Nacional - O Governador Munhoz da Rocha presidiu a inauguração da Conferência Nacional de Educação, conclave que reúne centenas de representantes dos círculos educacionais do país, entre os quais os professores Anísio Teixeira, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos; Pedro Gouvêa Filho, da diretoria da Associação Brasileira de Educação, e Prado Kelly. Na ocasião foi instalado o Centro de Demonstração de Ensino Primário, órgão subordinado à Secretaria de Educação do Estado, devendo realizar-se reuniões de comitês e uma conferência do professor Anísio Teixeira sobre os aspectos de maior relevo do problema pedagógico. (JORNAL DO COMÉRCIO. INTERIOR - Conferência Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 10/01/1954, p. 02, cl. 05).

A imprensa não deu muita atenção à XI Conferência Nacional de Educação NE. Talvez isso se explique pelo grande número de pautas e notícias relativas às celebrações do Centenário e atividades que acabaram por ofuscar o encontro educacional. A **Gazeta do Povo** noticiou a programação das solenidades de abertura e de encerramento da Conferência, com destaque à

presença do Ministro da Educação, Antonio Balbino, em Curitiba para prestigiar e finalizar os trabalhos. Entre os compromissos destacam-se:

(...) visita ao Grupo Escolar Tiradentes. Em seguida se dirigiu ao Centro de Demonstração de Ensino Primário, inaugurado na semana que findou e que se destina ao maior aprimoramento intelectual da infância da nossa terra. Prosseguindo suas visitas esteve na Exposição Internacional do Café, tendo na oportunidade inaugurado, o Pavilhão dos Ministérios, onde se acham expostos, através de gráficos e quadros demonstrativos as atividades atinentes dos diversos setores da administração pública federal. (GAZETA DO POVO. Entre nós o Ministro da Educação. Visitas realizadas pelo Sr. Antonio Balbino. Curitiba, 14/01/1954, p. 03, cl. 02).

Pelo programa da XI CNE, os congressistas foram convidados a participar da Instalação do Centro de Demonstração de Ensino Primário, a visitar o Grupo Escolar Barão do Rio Branco e à Creche Ana Messias e ainda a visitar à Exposição Internacional do Café e a Feira de Curitiba, no bairro Tarumã.

As Exposições e a Feira eram consideradas vitrines do Paraná, pois abrigaram exposições industriais e comerciais que no seu caráter didático pretendiam exibir o desenvolvimento econômico do Estado naquela época. Segundo Osinski e Silva (2015, p. 388), uma coleção de pinturas de crianças também foi exposta durante o evento. Indústria, comércio, história, cultura e arte foram exibidas. Nessa perspectiva, pode-se refletir sobre as grandes exposições modelares, uma representação do progresso e do moderno oferecida aos congressistas que aqui se encontravam naquele momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da pesquisa revelou-se profícuo na hipótese de que as Exposições e Eventos ocorridas nas Conferências Nacionais de Educação foram constituidoras de um amplo repertório pedagógico e agregaram muitas atividades. **As Exposições e Eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927-1956)** podem ser consideradas como modos de exibição, como uma possibilidade de externar e projetar a imagem da educação que se entendia como moderna. Desta forma é possível refletir sobre a representação da ideia de escola compreendida por moderna, bem como das Exposições e Eventos, consideradas como cenas e, como as próprias Conferências constituídas como os cenários, estiveram a serviço disso.

Diante do exposto, depreende-se a reflexão de que o repertório está para além da ideia de exposição de objetos e artefatos composto por uma infinidade de elementos - livros, mapas, quadros, móveis, filmes, brinquedos pedagógicos, laboratórios, equipamentos e objetos de uso para ensinar -, e incorpora as demais atividades como visita às escolas tidas como modelares, a exibição de exercícios físicos e de canto orfeônico para assumir uma estratégia de afirmação, de crítica e de difusão de uma dada escola primária e de sua materialidade. Nessa perspectiva, identificou-se que tais ações contribuíram para a produção de sentidos de uma escola primária brasileira que refletiu e projetou debates e ideias acerca de padrões compreendidos como modelares. Também podem ser pensadas como oportunidades para ocupar posições e espaços no panorama da educação para além das conferências, dos temas educacionais de relevância no âmbito nacional, das teses e das propostas debatidas.

A ABE era a instituição que propagandeava a causa educacional de várias maneiras, e também nas Conferências, no intento de disseminar a perspectiva de nação por meio da educação, principalmente nos anos 20 e início dos 30. Ela também se ocupou e utilizou as Exposições e Eventos para divulgar e dar a ver uma almejada educação. No dizer de Carvalho (1998, p. 39) “na ABE, um grupo de intelectuais se auto-representou como “elite” que se auto-incumbiu de organizar o país. Construiu portanto, representações de seu outro - o “povo” (...)”. Mais do que isso, sedimentou algumas práticas que permaneceram em uso nos programas das Conferências (1927-1956), e por consequência, nas Exposições e Eventos, vitrines de um dado repertório pedagógico. Este trabalho analisou 4 itens, mas não desconsidera os demais apresentados no apêndice. Todos foram importantes para construir uma representação de escola. Na tentativa de refletir sobre as várias atividades inseridas nas Exposições e Eventos,

tomadas como um amplo repertório pedagógico, pode-se perceber que muitas delas permanecem no cotidiano escolar até os dias atuais.

Conforme este trabalho, em um recorte temporal de quase 30 anos, período de permanências e mudanças na escola dita moderna, pública, obrigatória e de massa, evidencia-se que as Exposições e Eventos se constituíram em práticas longevas que apresentaram composição e disposição diferentes. Ora elas se deram exclusivamente organizadas pela ABE, ora em parceria com os governos locais, ora formando parcerias com os estabelecimentos de comércio de material didático. Às vezes, eram programadas e até mesmo alinhadas ao tema da Conferência, com publicações na imprensa, chamando os expositores e escolas à participarem. Citam-se aqui, o VII CNE, no Rio de Janeiro, em 1935 e o VIII CNE, em Goiânia, em 1942, em que as Exposições exibiram materiais voltados aos temas específicos. Em outros momentos, a organização aproveitava-se de celebrações e festejos que as cidades sedes das CNEs já tinham no seu calendário, incluindo-as no programa. Aqui se insere novamente o VIII CNE, em Goiânia, em 1942, que embora tenha oferecido uma exposição voltada ao tema, sua ocorrência se dá simultaneamente a inauguração da nova capital do estado de Goiás. Da mesma maneira, na XI CNE, em Curitiba, em 1954, os congressistas foram levados à Exposição Internacional do Café e à Feira de Curitiba, no bairro Tarumã, nesta cidade. Tais exposições não foram organizadas exclusivamente para a XI CNE, e sim para as celebrações do Centenário de Emancipação de Curitiba. Isso não quer dizer que essas Exposições deixavam de ter um caráter didático, apenas não eram voltadas exclusivamente aos objetos escolares.

Em relação a participação do Paraná na Exposição, no VIII CNE, realizado em Goiânia, em 1942, percebe-se que houve um esforço por parte do estado e do Departamento Estadual de Estatística (DEE) para compor um material expressivo que demonstrasse visualmente aos visitantes, o entendimento de progresso e a riqueza do Paraná. O relatório do Departamento aponta que 106 itens entre fotografias, gráficos estatísticos, publicações, cartograma compuseram a Exposição. Além disso, foram apresentados O Paraná em Números, o Guia Turístico Rodoviário de Estado do Paraná, Curitiba Cidade Turismo, Boletim Trimestral de Estatística Demógrafo-Sanitária e amostras de erva mate distribuídas aos participantes. Nesse sentido, verifica-se que a Exposição tanto foi direcionada aos congressistas, intelectuais e a imprensa, bem como à comunidade em geral, pois era uma oportunidade de exibir o estado do Paraná.

Em relação aos elementos materiais exibidos nas Exposições e Eventos, as notas publicadas na imprensa, demonstram de forma clara, descrições minuciosas e informes sobre tais Exposições. Elas revelaram uma série de estabelecimentos que comercializavam material

escolar, didático e de ginástica citados nas Exposições ocorridas nas III, IV, V, VI, VII e VIII CNEs, compondo assim uma rede de participantes que regularmente estava inserida nos Congressos. Essa rede indica uma relação entre ABE, governos e a iniciativa privada - empresas, fabricantes nacionais e internacionais – que se fez presente e atuante ao longo das Conferências Nacionais de Educação.

As visitas às escolas tidas como referências são atividades que permaneceram inseridas nos programas das Conferências por mais de 30 anos. Aqui novamente as descrições da imprensa sobre as visitas escolares, deixam transparecer uma dada realidade do universo escolar. As visitas não representam apenas o cumprimento de uma programação, elas também podem ser tomadas como estratégias para exibir prédios e escolas tidas como inovadoras, bem como espaços para algumas exposições, exibição de mobiliário e organização da escola, bem como de algumas práticas dos professores. Um exemplo disso, é a visita escolar ao Centro de Instalação do Ensino Primário na XI CNE, em que, segundo as fontes, houve uma preocupação em exibir um modelo de escola moderna, tanto da parte arquitetônica (estrutura, iluminação, ventilação, pintura e etc), bem como da parte do mobiliário escolar, que deveria ser inovador.

Ainda, o diálogo com as fontes sobre as articulações do Inspetor Geral de Ensino do Paraná, Lysimaco Ferreira da Costa, para realizar a I Conferência Nacional de Educação, em 1927, em Curitiba, contribui para encontrar outros elementos. A pesquisa deu-se a partir das notas fiscais e recibos de pagamentos de serviços realizados naquela época. Tais documentos, muitas vezes desprezados pelos pesquisadores, foram fundamentais para encontrar a programação da I CNE, bem como para perceber as articulações do Inspetor e do governo do Paraná na tentativa exitosa de sediar o evento em Curitiba. Ainda pode auxiliar a refletir sobre as estratégias utilizadas pelos sujeitos, bem como também na ideia de circulação do material produzido. Tanto o impresso da programação quanto o filme foram utilizados para divulgar, em diferentes momentos, o estado do Paraná.

Outro ponto a ser destacado é o esforço empreendido para encontrar imagens das Exposições e Eventos, como evidências históricas, inseridas neste recorte para compor parte da investigação. Nas palavras de Burke (2004, p. 233) “os testemunhos sobre o passado oferecidos pelas imagens são de valor real, suplementando, bem como apoiando, as evidências dos documentos escritos”. Tais registros imagéticos, fundamentais para a história da cultura material, apresentaram aqui contribuições importantes ao exibir elementos da cultura material escolar, que em alguns casos não existem mais, a própria disposição espacial dos objetos, dando uma ideia das dimensões e uso, os locais onde foram expostos, os estabelecimentos que expunham, auxiliando assim na reflexão sobre como as Exposições aconteciam.

Sobre as perspectivas de pesquisa, evidencia-se o apêndice como um material que poderá ser utilizado por outros pesquisadores interessados em explorar os demais temas indicados na dissertação. Ainda em relação aos impressos da ABE, citam-se os envelopes chancelados pela instituição, expostos no capítulo 2, como uma frente de trabalho rica e pouco usual nas pesquisas em história e história da educação, que juntamente com outras fontes, podem auxiliar no aprofundamento das mensagens ali descritas e dos protocolos de produção e circulação de impressos da ABE. As notas da imprensa, fundamentais para exhibir a relação entre as Exposições e Eventos e uma rede de fabricantes de objetos escolares, poderão também ser uma outra frente de estudos em pesquisas futuras.

O olhar retrospectivo, quase sempre, estabelece alguns sentidos, constrói um conhecimento factível com passado e se aproxima da representação do que poderiam ter sido as Exposições e Eventos, vinculados às CNEs. Sobre a cultura material escolar presente nesse amplo repertório pedagógico, considera-se importante destacar que para perceber sua visibilidade é preciso se deslocar do objeto em si e, tentar ampliar a lente, para os vestígios, os sintomas, as pistas e indícios (GINZBURG, 1989) que perseguimos, no intento de primeiramente mapear e, na sequência, compreender como elas podem estar sedimentadas em práticas e materiais que compõem o universo escolar, com potencialidade para ampliar as pesquisas sobre o tema. Dessa maneira, a pesquisa narrada neste texto, não se esgota nele. Entendo como uma pausa, que deixa em aberto alguns caminhos para que outras investigações possam trazer novas cenas, analisadas em outros cenários.

FONTES:**ACERVO MEMORIAL LYSIMACO FERREIRA DA COSTA**

BARAGIOLA, Manoel. *Gymnastica nas aulas, Manual Theorico-Pratico*. São Paulo, 1895. Editores J.B. Emdrizzi & Comp. - Acervo Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

FABIANO, Victorino. *Manual de Gymnastica para os estabelecimentos de Ensino Secundário*. São Paulo, 1924. Companhia Graphico-editora Monteiro Lobato- Acervo memorial Lysimaco Ferreira da Costa, Curitiba, PR.

TORRES, Ambrosio. *Methodologia do ensino da Educação Physica*. Rio de Janeiro, 1928. Oficinas Graphics “O GLOBO”, - Acervo Memorial Lysimaco Ferreira da Costa.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ:

1927, INSTRUÇÃO PÚBLICA DO PARANÁ, AP 2269. Nota Fiscal da Livraria Mundial França e Cia., LTDA referente a compra de materiais para a Instrução Pública. Requerimentos. Solicitação de pagamento datilografa da Inspeção Geral de Ensino e apresentação de recibo.

GROFF, J. 1927, AP 2269, s/p. Recibo de pagamento do fotógrafo João Groff. Requerimentos. Solicitação de pagamento datilografada da Inspeção Geral de Ensino com apresentação de recibo.

COSTA, L. 1927, AP 2269, s/p. Recibo de pagamento do filme Pelo Paraná Maior. Requerimentos. Solicitação de pagamento manuscrita, referente aos trabalhos da Botelho Film, pela elaboração do filme. Anexa a solicitação encontra-se o recibo impresso e assinado pelo Inspetor Geral de Ensino.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO

Anais do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação de Goiânia, Junho de 1942. Editado pelo Serviço Gráfico do IBGE, em 194. 626 páginas.

Páginas da história: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928/Arlette Pinto de Oliveira e Silva, Organizadora. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004. 187 p.

I CNE - Álbum de fotos da I CNE, 1927, impresso em capa dura, na cor verde, letras em dourado, patrocinado pelo governo Caetano Munhoz da Rocha. O material se encontra no arquivo de fotos do Acervo Carmem Jordão da Associação Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro. FOTO E CAPA (ABE, A08-02)

II CNE – Foto dos congressistas na II CNE, em Belo Horizonte, em atividade cultural e visita à escola, em 1928, (ABE, (s/n.º).

III CNE – Álbum de Edifícios Escolares de São Paulo, apresentado na III CNE, em 1929. Capa, página com relatório e uma foto da Escola Normal da Praça da República, ABE (A5-12).

VII CNE – Plateia assiste a demonstração de Canto Orfeônico no VII CNE, no Campo do Vasco da Gama. Foto avulsa com a legenda manuscrita abaixo do documento. O material fotográfico

se encontra no arquivo Acervo Carmem Jordão da Associação Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro, ABE.

XII CNE- Fotos de Anísio Teixeira, acompanhado dos delegados, na inauguração da Escola Parque, em 1956, ABE (FOTOS AVULSAS). O material fotográfico se encontra no arquivo Acervo Carmem Jordão da Associação Brasileira de Educação, no Rio de Janeiro, ABE.

Programas das Conferências e envelopes de divulgação – Todos os programas são oriundos do Arquivo Carmem Jordão, Rio de Janeiro, da ABE.

- I CNE – Capa do Programa da Conferência realizada em Curitiba, em 1927. (A1-I CNE).
- I CNE – Pág. 02 do Programa Conferência realizada em Curitiba, em 1927. (A1-I CNE).
- V CNE – Programa da Conferência realizada em Niterói, 1932/1933, (A5-12).
- VI CNE – Programa da Conferência realizada em Fortaleza, em 1934, (s/n.º).
- VII CNE – Programa da Conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1935, (A5-22).
- VII CNE - Programa avulso 1 da Conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1935, (A5-22).
- VII CNE - Programa avulso 2 da Conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1935, (A5-22).
- VII CNE – Programa avulso 3 da Conferência realizada no Rio de Janeiro, em 1935, (A5-22).
- VII CNE – Lista de revistas, folhetos e cartazes para a Exposição, em 1935, (A5-22).
- VII CNE – Lista de Catálogos de Livros para a Exposição, em 1935, (A5-22).
- VIII CNE - Programa da Conferência realizada em Goiânia, em 1942, (s/n.º).
- XI CNE – Programa da Conferência realizada em Curitiba, em 1954, (A5-46).
- XII CNE – Programa da Conferência realizada em Salvador, em 1956, (A5-52)

- PASTA A05-15. Acervo Carmem Jordão, ABE, Rio de Janeiro.

Documentos Diversos referentes à IV CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, contendo registros sobre Exposição de material e livros escolares, planetário e etc, entre elas encontra-se as cartas da Casa Carl Zeiss enviadas para a ABE, com as tratativas direcionadas ao Planetário e oferecimento de filmes para a Exposição de Material Escolar anexa à IV CNE

- Envelopes da ABE colados em uma folha avulsa, guardadas nas pastas da IV E V CNE.
- Envelopes da ABE colados em uma folha avulsa, guardadas nas pastas da IV E V CNE.

ACERVO DA COMPANHIA MELHORAMENTOS DE SÃO PAULO

- Mostuário Cia Melhoramentos, 1922 (C13-E248).

- Outro aspecto do Mostuário Cia Melhoramentos, 1922 (C13-E248).
- Entrada da Exposição, 1929 (C13-E249).
- Exposição de material, 1929 (C13-E249).
- Outro aspecto da Exposição, 1929 (C13-E249).
- Exposição de material escolar, 1934 (C13-E250).
- Outro aspecto da Exposição de material escolar, 1934 (C13-E250).
- Catálogo de Livros e Material Didático. Junho de 1929, p. 82.
- Catálogo de Obras da Nossa Edição, Agosto de 1924, p. 21.
- Catálogo de Livros e Material Didático. Junho de 1929, p. 80.
- Catálogo de Livros e Material Didático. Junho de 1932, p. 108.
- **CASA DA MEMÓRIA DE CURITIBA:**
- I CNE - Exposição de trabalhos manuais, em 1927, na Escola Normal de Curitiba (FO, 6088-SN, 6070)
- I CNE - Aspectos da Exposição de trabalhos manuais, em 1927, na Escola Normal. (FO, 6091-SN, 6082)
- A DIVULGAÇÃO, ANO V. set e out 1952, p. 14.

CÍRCULO DOS BANDEIRANTES

- **O CENTENÁRIO DO PARANÁ**, Exposição e Congresso Mundial do Café, 1953, p. 03.

- BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

- ILLUSTRAÇÃO PARANAENSE - Revista ano I - nº 2. Dezembro de 1927

-INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARANÁ

PASTA 2 – Congressos – Nota do jornal O ESTADO DO PARANÁ. Inaugurado o Centro de Demonstrações de Ensino Primário. Curitiba, 09/01/1954, p. 03, cl. 02 e 3). Acervo pessoal de Pórcia Guimarães Alves.

PASTA 5 - Escritos e cartas - Centro Educacional Guaíra - Contribuições à História da Educação do Paraná. Histórico, 1980, apresenta 22 páginas. Acervo pessoal de Pórcia Guimarães Alves.

- HEMEROTECA DIGITAL BIBLIOTECA NACIONAL/RJ.

*JORNAIS:

- A MANHÃ. Contribuições do I.B.G.E às festas de Goiânia. Rio de Janeiro, 10/07/1942, p. 04, cl. 2.
- A MANHÃ. Rio de Janeiro, 12/07/1942, p. 12.
- CORREIO PAULISTANO. A instalação solenne da III Conferência Nacional de Educação. São Paulo, 08/09/1929, p. 9, cl. 8.
- CORREIO PAULISTANO. III Conferência Nacional de Educação. São Paulo, 12/09/1929, cl. 2, 3 e 4.
- DIÁRIO DA NOITE. 4 Conferência Nacional de Educação. Exposição Pedagógica. Rio de Janeiro, 26/08/1931, p. 03.
- DIARIO DA TARDE. Primeira Conferência de Educação, Curitiba, 23/09/1927, capa.
- DIARIO DE NOTÍCIAS. A II Exposição Pedagógica a realizar-se em Goiania – contribuição enviada num total de 1.022 volumes. Rio de Janeiro, 21/06/1942, p. 04, cl. 5.
- DIÁRIO DE NOTÍCIAS. MEIRELES, 6/09/1931.
- DIÁRIO DO COMÉRCIO. A Instrução Pública no Paraná. Paranaguá, 30/08/1927, p. 1, cl. 4 e 5.
- DIÁRIO NACIONAL. 3 Conferência Nacional de Educação. Visita dos Conferencistas a Campinas. São Paulo, 13/09/1929, s/p. cl. 4, 5, 6, 7.
- GAZETA DO POVO. A instalação solene da 1ª Conferência Nacional de Educação. Curitiba, 20/12/1927, Capa, cl. 1 e 2.
- GAZETA DO POVO. Entre nós o ministro da Educação. Visitas realizadas pelo Sr. Antonio Balbino. Curitiba, 14/01/1954, p. 03, cl. 2.
- GAZETA DO POVO. II Conferência Nacional de Educação. Curitiba, 09/01/1954, CAPA, cl. 02.
- JORNAL DO COMÉRCIO INTERIOR. Conferência Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 10/01/1954, p. 02, cl. 5.
- JORNAL DO COMÉRCIO. IV CNE – A sexta sessão plenária – Exposição Pedagógica. Rio de Janeiro, 20/12/1931, p. 07, cl. 02.
- JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 20/08/ 1931, p. 3, cl. 4.
- JORNAL DO COMMERCIO. Exposição de Material e Livros Escolares- sua próxima inauguração na Capital. Rio de Janeiro, 20/08/1931, p. 03. cl. 04.
- JORNAL DO COMMERCIO. IV Conferencia Nacional de Educação. Inauguração da

Exposição Pedagógica na Escola Nacional de Bellas Artes. Rio de Janeiro, 16/12/1931 p. 04, cl. 01.

- JORNAL DO COMMERCIO. V Conferencia Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 11/12/1932, p. 07, cl. 4 e 5.

- O DIA. Exposição de Educação Cartografia e Estatística. Paraná, 04/07/1942, p. 03, cl. 1.

- O JORNAL. Grande demonstração de educação physica pelas escolas Thecnicas e Secundarias da Prefeitura. Rio de Janeiro, 06/07/1935, p. 08, cl. 5.

- O JORNAL. Impressões do Paraná. Primeira Conferência Nacional de Educação. Professor Lindolpho Xavier fala ao O Jornal. Rio de Janeiro, 12/01/1928, p. 03, cl. 1, 2 e 3.

- O PAIZ. As comemorações do 7 de setembro em São Paulo. São Paulo, 9-10/09/1929, p. 01, cl. 1 e 2.

- O PAIZ. Primeira Conferencia Nacional de Educação. Rio de Janeiro, 21/12/1927, p. 4, c. 6.

- O PAIZ. Segunda Conferência Nacional de Educação de Bello Horizonte. Rio de Janeiro, 07/11/1928, p. 04, cl. 1, 2, 3.

- O ESTADO DO PARANÁ. Inaugurado o Centro de Demonstrações de Ensino Primário. Curitiba, 09/01/1954, p. 03, cl. 02 e 3).

***REVISTAS**

- Revista Nacional. Abril de 1923. ANO II. N. 4.

- Revista da Semana, 1942, Edição 33.

- Revista da Semana, 1935, Edição 0031.

- Revista Vida Doméstica, 1933, Edição 00179.

- INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PARANAGUÁ

- DIÁRIO DO COMÉRCIO. A Instrução Pública no Paraná. Paranaguá, 30/08/1927, p. 1, c., 4 e 5.

OUTRAS FONTES:

BRASIL. **Constituição Brasileira de 1934.** Disponível online - <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html>

Dados **Educação** **Brasil:**
www.oei.es/historico/quipu/brasil/estadisticas/analfabetismo2003.pdf

VIII CNE – 2 fotos do VIII CNE extraídas dos Anais do Oitavo Congresso Brasileiros de

Educação. Disponível no site do IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-home?id=283807&view=detalhes>

Filme:

BOTELHO FILM. PELO PARANÁ MAIOR. Direção de Fr. M. MUCHA. Curitiba: Botelho Film, 1927. 1 cassete (90 mim.): mudo: p&b.

MUSEU PARANAENSE:

Dicionários:

FREIRE, Laudelino (Org.); CAMPOS, J. L. de (col). **Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro. A NOITE, S.A. Editora, 1939-1940.

NOEL, Fr. **Dictionnaire français-latin**. Paris.1834. 1082 p. Museu Paranaense.

PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira**. Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5414>. Acesso em: 12/08/2019.

BUISSON, Ferdinand. **Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire**. I Parte - Tomo I, p. 974-978 Paris: Librairie Hachette, 1887.

Encarte:

I CONGRESSO MUNDIAL DE CAFÉ, 1954, p.32

REFERÊNCIAS:

ARAUJO, Marta Maria de. A Plasticidade do Plano de Reconstrução Educacional de Anísio Teixeira (1952-1964). **Revista de Educação Educativa**, vol. 10, n 01. Disponível em: <http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1>. Acesso em: 02/02/2020.

ABREU, Geysa Alcoforado de. **A trajetória de Lysimaco Ferreira da Costa**: educador, reformador e político no cenário da educação brasileira. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.

ALCÂNTARA, Wiara Rosa Rios; VIDAL, Diana Gonçalves. Corpo e matéria: relações (im)previsíveis da cultura material escolar. In: GASPARD da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018, p. 243-268.

ALMEIDA, Stela Borges. A Escola Parque da Liberdade, Bahia. In: MONARCHA, Carlos (org.). **Anísio Teixeira**: a obra de uma vida. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001

ALMEIDA, Stela Borges. **Escola Parque: Paradigma Escolar (1947/1951)**. 1988. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Educação, Salvador - Bahia, 1988.

ANDRADE JUNIOR, Nivaldo Vieira de; ANDRADE, Maria Rosa de Carvalho; FREIRE, Raquel Neimann da Cunha. **Avant-Garde na Bahia**: Urbanismo, arquitetura e artes plásticas em Salvador nas décadas de 1940 a 1960. 8º Seminário DOCOMOMO 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/6251770/AVANTGARDE_NA_BAHIA_Urbanismo_arquitetura_e_artes_pl%C3%A1sticas_em_Salvador_nas_d%C3%A9cadas_de_1940_a_1960

ANJOS, Juarez José Tuchinski; SOUZA, Gizele. A Criança, os Ingênuos e o Ensino Obrigatório no Paraná. In: VIDAL, Diana G.; GASPARD da SILVA, Vera Lucia; SÁ, Elisabeth (org.). **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. 1ª ed. Cuiabá: Editora da UFMT, 2013, v. 1, p. 189-208.

BACELLAR, Carlos. Fontes documentais: uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKI, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 23-81.

BARBUY, Heloisa. O Brasil vai à Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. v. 4, p. 211-325 jan./dez. 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/viewFile/5342/6872>. Acesso em: 29/09/2018.

BARBUY, Heloisa. **A Exposição Universal de 1889**: visão e representação na sociedade industrial. São Paulo, 1995. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História/Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. **Da pedra ao pó**: o itinerário da lousa na escola pública paulista do século XIX. Goiânia: Gráfica UFG, 2016.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. A lousa de uso escolar: traços da história de uma tecnologia da escola moderna. **Educar em Revista**, Curitiba: UFPR, n. 49, p. 121-137, jul./set. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602013000300008>

Acesso em 05/12/2019

Bastos, Maria Helena Camara. A educação como espetáculo. *In*: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**, vol II, século XIX. Petrópolis - RJ: Vozes, 2005, p. 116 -131.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENCOSTTA, Marcus Levy. O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP0 e o Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CEPE): A experiência de um laboratório de ensino primário no Paraná (1952-1964). *In*: ARAÚJO, Marta Maria de; BRZEZINSKI, Iria. (org.). **Anísio Teixeira na direção do INEP: Programa para a Reconstrução da Nação Brasileira (1952-1964)**. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 51-58.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, (Obras Escolhidas v.1), p. 165 - 196.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1987. 3ª reimpressão.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BONA JUNIOR, Aurélio. **Educação e modernidade nas Conferências Educacionais da década de 1920 no Paraná**. Curitiba, 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 1996.

BRAGHINI, Katya. O que os instrumentos científicos nos contam sobre a educação dos sentidos, na passagem do século XIX para o século XX? *In*: BRAGHINI, Katya; MUNAKA Kazumi; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). **Diálogos sobre a história da educação dos sentidos e das sensibilidades**. Curitiba: Ed. UFPR, 2017, p. 67-91.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material e capitalismo (séculos XV-XVIII)**. Lisboa – Rio de Janeiro: Edições Cosmos, 1970.

BURKE, Maria Lúcia Garcia Pallares. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. **Caderno de Pesquisas**, Fundação Carlos Chagas, n. 104, p. 144-161, 1998. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/issue/view/49> acesso em 02/02/2020.

BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 7-37.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: Educs, 2004.

BURKE, Peter. *In*: PALLARES-BURKE, Maria Lúcia. (Org.). **As muitas faces da história: nove entrevistas**. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 185-232.

CABAS, Antonio Godino *et all*. **Paraná, O Século, O Asilo**. Curitiba: Criar Edições, 2004.

CAMARA, Sônia. **Reinventando a Escola e o ensino profissional feminino na Reforma Fernando de Azevedo de 1927 a 1930**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2013.

CARBELLO, Sandra Regina Cassol. A proposta da escola parque: notas para pensarmos políticas públicas para a educação no Brasil. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. **Anais Eletrônicos (...)**. Disponível em: http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1343-0.pdf. Acesso em: 15/06/2019.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas. *In*: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997, p. 395 - 415.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. *In*: LORENZO, Helena Carvalho; COSTA, Wilma Peres da (org.). **A Década de 1920 e as origens do Brasil moderno**. 1ª reimpressão, São Paulo: Editora da Unesp/FAPESP, 1997, p 115-132.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Molde nacional e fôrma cívica**: higiene, moral, e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931). Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História (s) da História da Educação. *In*: **História(s) da História da Educação**. Depoimento 3 em entrevista a Sonia Camara. Volume 1. Rio de Janeiro, 2011.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reformas da Instrução Pública. *In*: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica. 2000, p. 225-251.

CASTRO, Cesar Augusto (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925)**. São Luis - MA: Café & Lápis, 2011.

CASTRO, Cesar Augusto; VIDAL, Diana G.; PERES, Eliane; GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele. Cultura Material Escolar: Fontes para a história da escola e da escolarização elementar (MR, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). *In*: SOUZA, Rosa Fátima; GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SÁ, Elisabeth Figueiredo de. (org.). **Por uma teoria e uma história da escola primaria do Brasil**: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930). Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 273-316.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1982.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1 artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1999.

CERTEAU, Michel. **A Cultura no plural**. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. 7ª Ed. Campinas, São Paulo. Papyrus – Coletânea Travessia do Século, 2012.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11. 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. 2ª Ed. Portugal: DIFEL, 2002.

CORREIA, Ana Paula Pupo. “PELO PARANÁ MAIOR”. As representações da arquitetura nas cidades de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá, segundo os documentários do início do século. I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL DA CIDADE, Porto Alegre, março de 2015. **Anais Eletrônicos (...)**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/gthistoriaculturalrs/05CDANAPAU LAPUPOCORREIA.pdf>. Acesso em: 09/03/2018

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **Lysimaco Ferreira da Costa** (a dimensão de um homem) Curitiba: UFPR, 1987.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **Lysimaco Ferreira da Costa** (a dimensão de um homem – III) “O Economista” - Curitiba: 1994.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da; SCHENA, Denilson Roberto; SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. **I Conferência Nacional de Educação, 1927, PR**. Brasília: INEP, 1997.

CURY, Marília Xavier. **Exposição, concepção montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2005.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Tradução: Anísio Teixeira. São Paulo Comp. Melhoramentos: 1965.

DÓREA, Célia Rosângela Dantas. **Anísio Teixeira e a arquitetura escolar**: planejando escolas, construindo sonhos. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ERVEN, Herbert Munhoz Van. **Lisímaco semeador de idéias descortinador de riquezas** (ensaio bibliográfico). Curitiba: Tipografia Mundial, 1944.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO BENITO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 19-57.

ESCOLANO BENITO, Agustín. **A escola como cultura**: experiência, memória e arqueologia. Campinas, SP: Editora Alínea, 2017.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Etnohistória e cultura material da Escola: a educação nas Exposições Universais. In: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.) **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018, p. 93-118.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Rev. Bras. Educ.** [online], n. 14, p.19-34, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03>. Acesso em 30/01/2020.

FARIA FILHO, L. M. de; BICCAS, M. de S. Educação e modernidade: a estatística como estratégia de conformação do campo pedagógico brasileiro (1850-1930). **Educação e Filosofia**, v.14, n.27/28, p.175-201, jan./jun.- jul./dez. 2000.

FILHO, Ernesto de Souza Freire. **A trajetória da Associação Brasileira de Educação 1924-2001**. Rio de Janeiro. Publicação ABE, Editora do Educador, 2002.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de. Objetos de Utilidade Prática para o Ensino Elementar: museus pedagógicos e escolares em debate. IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL/CULTURA MATERIAL E PATRIMÔNIO CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Rio de Janeiro, 2016. **Anais Eletrônicos (...)**. Disponível em: br/hotsite_anais_ivspct_2/pdf_02/16%20%2011%20Trabalho%20VeraGaspar%20e%20GizelleSouza.pdf. Acesso em: 13/05/2018.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de. Objetos de Utilidade Prática para o Ensino Elementar: museus pedagógicos e escolares em debate. In: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.) **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018, p. 119-142.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Moderno, Modernidade e Modernização**: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Cia. das letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **A micro história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1989.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Educação física, ciência e saúde**: notas sobre o acervo do Centro de Memória do Esporte (UFRGS), 2010. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio

de Janeiro, v.17, n.2, abr.-jun. 2010, p. 527-536. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702010000200015. Acesso em: 19/06/2019

GOMES, Ângela de Castro. O Ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. *In*: GOMES, Ângela de Castro (org.). **Capanema: o ministro e seu ministério**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

HEIZER, Alda Lucia. **Observar o céu e medir a terra: instrumentos científicos e a participação do Império do Brasil na Exposição de Paris de 1889**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências) - Pós-Graduação em Ensino História e Ciências da Terra - Unicamp, 2005. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/287043>

HOELLER, Solange. A. O. **As Conferências Educacionais: projetos para a nação e modernidade pedagógica nos anos de 1920 – Brasil**. Florianópolis, 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas/SP, n.1, p. 9-43, jan./jun. 2001.

KINCHESCKI, Ana Paula de Souza; SOUSA, Gustavo Rugoni de, GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Objetos da escola: modernidades que (im)portam. **Plures Humanidades**, Dossiê Cultura Escolar, v.1, n.1, 2019. Disponível em: <http://seer.mouralacerda.edu.br/index.php/plures/article/view/479/358> Acesso em: 09/01/2020.

KUHLMANN JR., Moysés. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as Exposições internacionais (1862/1922)**. São Paulo: USF/CDAPH, 2001.

KUHLMANN JR., Moysés. História da Infância: Brasil e Modernidade. *In*: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto. (Org.). **Escola e Modernidade: saberes, instituições e Práticas**. Campinas/SP: Editora Alínea, 2004, p. 113-125.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1986.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª Ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2003, p. 525-541.

LE MOS, Junior Wilson. Os conteúdos para o ensino de música e canto orfeônico na escola secundária brasileira (1931-1946). **Rev. História da Educação**, v. 22, n. 54, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/70749> Acesso em: 30/01/2020.

LÔBO, Yolanda. **Cecília Meireles**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. *In*: PINKSY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MARTINS, Cláudio Souza. **O Planetário: Espaço Educativo Não Formal Qualificando Professores da Segunda Fase do Ensino Fundamental para o Ensino Formal Goiânia/GO**. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, UFG, 2009. Disponível em: <http://www.btdea.ufscar.br/teses-e-dissertacoes/o-planetario-espaco-educativo-nao-formal-qualificando-professores-da-segunda-fase-do-ensino-fundamental-para-o-ensino-formal>. Acesso em: 01/01/2109.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. n. ser., jan./dez. 1994, p. 9-42.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de educação 4**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina (org.). **Pedagogium: Símbolo da Modernidade Educacional Republicana**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2013.

MIGNOT, Ana Chrystina; XAVIER, Libânia Nacif. Apresentação *In*: SILVA, Arlette Pinto de Oliveira (org.). **Páginas da história**: notícias da II Conferência Nacional de Educação da ABE. Belo Horizonte, 4 a 11 de novembro de 1928. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2004, p. 11-16.

MASCARELLO, Fernando. Cinema Hollywoodiano Contemporâneo. *In*: MASCARELLO, Fernando. **História do Cinema Mundial**. Campinas: Papius, 2006.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, 1992.

MOTTA, Marly Silva da. **Rio, cidade-capital**. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2004.

NAPOLEÃO, Tasso Augusto. **Dos tempos do Império aos observatórios robóticos**. Disponível em: http://site.mast.br/pdf_volume_2/dos_tempos_imperio_observatorios_roboticos.pdf
<http://www.mast.br/HAB2013/index.html>. Acesso em: 3/01/2019

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. São Paulo: Edusp, 2001.

NEVES, Margarida. **As vitrines do progresso**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/FINEP/CNPq. 1986. Disponível em: https://www.academia.edu/38118529/As_vitrines_do_progresso?auto=download. Acesso em: 10/03/2019

NUNES, Clarice. (des)encantos da modernidade pedagógica. *In*: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (org.). **500 anos de educação no Brasil**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 19-4.

NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen. (org.). **A difusão mundial da escola**: alunos, professores, currículo, pedagogia. Lisboa: Educa, 2000.

OSINSKI, Dulce Regina Baggio; SILVA, João Paulo de Souza da. 1ª Exposição de Pintura do Centro Juvenil de Artes Plásticas: A presença da Criança nas Comemorações do Centenário do Paraná (1953). VIEIRA, Carlos Eduardo; OSINSKI, Dulce R. B.; STRANG, Bernadete de Lourdes Streisky (org.). **História Intelectual e Educação**: Trajetórias, Impressos e Eventos. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial 2015. p.381-404.

PAOLIELLO, Guilherme. Villa-Lobos e o canto coletivo na Era Vargas (1930-1945). **Revista Arte e Filosofia**, Número 1, p. 151-159, Julho 2006. Disponível em: <https://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/804> Acesso em: 11/05/2019.

PEREIRA, Margareth da Silva. A exposição de 1908 ou o Brasil visto por dentro. **ARQTEXTO 16**, 2010. Disponível em: http://ufrgs.br/propac/publicacoes/fr_arqtexto16.htm. Acesso em: 14/03/2018. Acesso em: 05/12/2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais**: Espetáculos da Modernidade do século XIX. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: Le GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (orgs). **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 237- 285.

PETRY, Marília Gabriela; GASPARD da SILVA, Vera Lucia. Museu Escolar: Sentidos, Propostas e Projetos para a Escola Primária (Séculos 19 e 20). **Revista História da Educação (UFPEL)**. v.17, p.79 – 101, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/38773>. Acesso em: 18/12/2019.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PLUM, Werner. **Exposições Mundiais no Século XIX**: Espetáculos da Transformação Sócio-cultural. Bonn: Friedrich-Ebert-Stiftung, 1979.

RAMOS, Fernão; MIRANDA, Luiz Felipe. **Enciclopédia do cinema brasileiro**. Editora SENAC: São Paulo, 1997.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. “Indispensáveis em todas as escolas”: uma incursão no mundo dos objetos escolares. **Educar em Revista**, vol.35, n.76, Curitiba, p. 95-118, jul./ago.2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602019000400095&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt#fn1 Acesso em: 02/02/2020.

RIVIÈRE, Claude. **As liturgias políticas**. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

SANJAD, Nelson. Exposições internacionais: uma abordagem historiográfica a partir da América Latina. **Hist. cienc. saúde-Manguinhos**, vol.24, n.3, Rio de Janeiro, July/Sept. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702017000300013>. Acesso em: 11/03/2109.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes do. **Vida material, via econômica**. Curitiba. SAMP. Recurso eletrônico. 2017. Disponível em: http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/Livros/Ebook_Vida_Material_Vida_Economica.pdf Acesso em: 11/05/2019

SCHWARTZMAN, Simon *et all.* **Tempos de Capanema**. São Paulo: EDUSP e Paz e Terra, 1984.

SOUZA, Gizele de. **Instrução, o talher para o banquete da civilização**: cultura escolar dos jardins-de-infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

SOUZA, Gizele de; ANJOS, Juarez José T.; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. O arquivo público paranaense: possibilidade para a pesquisa em história da educação no período provincial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 627-643, jul/set. 2013.

SOUZA, Luani de Liz. **O cinematógrafo entre os olhos de Hórus e Medusa**: uma memoriabilia da educação escolar brasileira (1910-1960). 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Educação. Florianópolis, 2016.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da Cultura Material Escolar: Um balanço inicial. *In*: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e Práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007, p. 163-189.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cad. CEDES** (online). vol. 20, n. 51, p. 9-28, 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622000000200002>. Acesso em: 11/03/2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. Objetos de ensino: a renovação pedagógica e material da escola primária no Brasil, no século XX. **Educar em Revista**, Curitiba, nº 49, 103-120, jul./set. 2013. Editora UFPR. http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602013000300007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em 05/05/2019.

SOUZA, Rosa Fatima de; GASPAR da SILVA, Vera Lucia.; SÁ, Elisabeth Figueiredo de (org.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil**: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930). Cuiabá: EdUFMT, 2013.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade. **Rev. paul. Educ. Fís.**, São Paulo, supl. 2, p. 6-12, 1996. Disponível em: https://feff.ufrj.br/up/73/o/Texto_65_-_Educao_o_Fisica_Escolar_-_Conhecimento_e_Especificidade_-_Carmem_Lucia_Soares.pdf Acesso em: 19/06/2019

STEFFANI, Maria Helena. VIEIRA, Fernando. **Planetários**. Disponível em: http://site.mast.br/pdf_volume_2/planetarios.pdf . Acesso em: 03/01/2019.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. Centro Educacional Carneiro Ribeiro. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, v. 31, n. 73, p. 78-84, janeiro/março 1959. Disponível em: <http://inep.gov.br/documents/186968/489316/Revista+Brasileira+de+Estudos+Pedag%C3%B3gicos+%28RBEP%29+-+Num+73/85f65e2b-02f1-4e8e-a7e3-aeb72af57d06?version=1.0>.

Acesso em: 30/01/2020.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro; ANDREAZZA, Maria Luiza. **Cultura e Educação no Paraná**. Curitiba, SAMP. Recurso eletrônico. 2017. Disponível em: <http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=204>
Acesso em: 11/05/2019

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino**: a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

VALÉRIO, Telma. F. **Associação Brasileira de Educação**: estratégias de intervenção da intelectualidade abeana na política educacional do ensino secundário no Brasil (1928-1942). Curitiba, 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

VEIGA, Cynthia Greive. A produção da infância nas operações escriturísticas da administração da instrução elementar no século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 9, p. 73-108, jan./jun. 2005.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história**. 4ª ed. Brasília: Editora UNB, 1998.

VIÑAO FRAGO, Antonio. História de la educación e história cultural: posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**, n. 0, p. 63-82, set./out./nov./dez. 1995
Disponível em: <http://educacao.uniso.br/pseletivo/docs/FRAGO.pdf> Acesso em: 02/02/20.

VIDAL, Diana Gonçalves; GASPARD da SILVA, Vera Lucia. Por uma História Sensorial da Escola e da Escolarização. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 29- 45, jul./dez. 2010.
Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2127/1629>
http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2317/2.por_uma_historia_escolar__cultura_material__museus_escola.pdf. Acesso em: 01/02/2020

VIDAL, Diana Gonçalves; SA, Elizabeth Figueiredo de; GASPARD da SILVA, Vera Lucia (org.). **Obrigatoriedade Escolar no Brasil**. 1ª Ed. Cuiabá - MT: Editora da Universidade Federal de Mato Grosso (EdUFMT), 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo. O discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). III CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. Curitiba/PR, 2004. **Anais eletrônicos (...)**, PUCPR, Curitiba/PR, 2004.
Disponível em: www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/.../244.pdf.
Acesso em: 13/09/2017.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal Diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcos Aurélio Taborda (org.). **Cinco estudos em Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 7-40.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Conferência Nacionais de Educação: Intelectuais, Estado e Discurso Nacional (1927-1967), **Educar em Revista**, v. 33, n. 65, 2017. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/educar/article/view/53670>. Acesso em: 13/09/2017.

VIEIRA, Daniele Marques. **João Batista Groff, um olhar fotográfico no Paraná das primeiras décadas do século XX**. Curitiba, 1998. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1998.

VITOR, Nestor. **A Terra do Futuro**: (Impressões do Paraná). 2ª ed. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. (Coleção Farol do Saber). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a03.pdf> Acesso em: 16/11/2019.

XAVIER, Libânia Nacif. **O Brasil como laboratório**: educação e ciências sociais no projeto do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1950-1960. Bragança Paulista: Edusf. 1999.

APÊNDICE:

Repertório de Ações	I CNE Curitiba/Paraná 1927
Atividades extras	
Concertos	
Desfiles/Marchas	Desfile cívico na rua XV de Novembro, em 19/12/1927.
Exibições Artísticas/culturais	Apresentações artísticas de danças como bailado russo entre outras realizadas pelos alunos aos congressistas.
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	Apresentação de exercícios ginásticos de conjunto e bastão, que reuniu 5 mil crianças para a demonstração realizada em frente à Universidade do Paraná, dia 19/12/1927.
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	Trabalhos de costura, bordado, crochê, tapeçaria e cartonagem. Exposição da matéria de Trabalhos Manuais do Curso Primário da Escola de Aplicação da Escola Normal de Curitiba no ano de 1927.
Formaturas Escolares	
Eventos sociais Jantares/almoços/bailes	Baile no Clube Curitibano oferecido pela Sociedade Paranaense.
Palestras	
Visitas escolares	Visitas e inauguração: à Escola Normal; ao Grupo Escolar Xavier da Silva e à Escola Profissional Feminina.
Visita a outros prédios e espaços	
Visita a pontos turísticos	Pelo programa houve visitas a pontos turísticos e demais localidades do estado. A imprensa também noticiou tais visitas.
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	Visita e recepção no Palácio, às 13 horas, dia 19/12/1927.

Fonte: Programa, livros e imprensa.
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	II CNE Belo Horizonte - Minas Gerais 1928
Atividades extras	
Concertos	Concerto no Conservatório Mineiro de Música, oferecido aos congressistas, às 20h, dia 07/11/1928.
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	Exibição de exercícios físicos (O PAIZ)
Exibição de Filmes	Demonstração com Ilustrações Cinematográficas da Missão Da Cruz Vermelha Juvenil, às 9hs, dia 07/11/1928.
Exposições Pedagógicas e Escolares	Exposição de Trabalhos Escolares no Grupo Afonso Penna
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Chá dançante oferecido aos congressistas pelo secretário do Interior, dia 10/11/1928.
Palestras	

Visitas escolares	Visita à Escola Normal, às 8h, dia 5/11/1928; Visita ao Grupo Escolar Pedro II, às 8h, dia 6/11/1928; Visita ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco, às 8h, dia 08/11/1928.
Visita a outros prédios e espaços	Visita ao Instituto João Pinheiro (proteção e a paz para menores abandonados), às 7h30, dia 10/11/1928.
Visita a pontos turísticos	
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	Visita e recepção no Palácio, às 21 horas, dia 5/11/1928.

Fonte: Livros editado pela ABE e imprensa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	III CNE São Paulo - São Paulo 1920
Atividades extras	Tarde da Aviação; às 14h, dia 13/09/1929;
Concertos	
Desfiles/Marchas	Desfiles das associações esportivas, às 7h30, dia 7/09/1929; Desfiles da Associação de Caça e Pesca, na Sede da Diretoria de Ind. Animal, na Avenida Água Branca; às 9h, dia 09/09/1929;
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	SÃO PAULO: Orfeão infantil (3.000 alunos) dos Grupos Escolares da Capital, Escolas Normais Livres anexas aos Colégios Santa Iñez e Baptista Brasileiro, Escolas Braz e Escolas Normais da Praça. CAMPINAS: Orfeão das Escolas Complementares e Normais, oficiais e livres, juntamente com a cidade de Jundiaí;
Exibição de Exercícios Físicos	Corrida a pé, às 7h30, dia 7/09/1929; Partida de futebol do A.P.E.A, às 16h, dia 7/09/1929; Abertura da temporada esportiva da 2 região militar, promovida pela Liga dos Esportes do Exército, às 8h, dia 08/09/1929; Partida de futebol nos campos do L. A. F. às 16h, dia 08/09/1929; Ginástica coletiva dos meninos das escolas particulares no Clube Atlético Paulistano; às 13h, dia 09/09/1929; Ginástica coletiva das corporações militares e militarizadas, às 8h, dia 10/09/1929; Final do Torneio de Esgrima do Clube Atlético Paulistano, às 20h, dia 10/09/1929; Ginástica em conjunto das escolas públicas, no campo da Sociedade Hípica; às 9h, dia 11/09/1929; Final do Campeonato de Tênis no campo da Sociedade Paulista de Tênis; às 14h, dia 11/09/1929; Final do Campeonato de Pugilismo no Frontão do Braz; às 20hs, dia 11/09/1929; Prova de Ciclismo com a chegada no Monumento do Ipiranga; às 8hs, dia 12/09/1929; Hipismo e Pólo no campo da Sociedade Hípica Paulista, às 14hs, dia 12/09/1929; Ginástica coletiva das meninas das escolas particulares no Clube Atlético Paulistano, às 14h, dia 14/09/1929; Final do Campeonato de Bola ao Cesto no A.A. São Paulo; às 20h, dia 14/09/1929; Provas Náuticas, às 15h, dia 14/09/1929; Ginástica em conjunto das escolas públicas, dia 11/09/1929; Bailado Sueco das alunas da escola complementar da Capital sobre a coordenação das

	<p>professoras Minervina Macedo de Carvalho e Maria Clara Martins da Silveira;</p> <p>Coletivo da Ginástica Sueca da Praça da República e do Caetano de Campos sob a coordenação do Cap. Fritjoh Detthow;</p> <p>Ginástica Rítmica pelas alunas da Escola Normal do Braz coordenadas pela professora D. Debora Dente;</p> <p>Exercícios com aparelhos suecos da Escola Normal da Capital coordenados pelo professor Albert Ebert;</p> <p>Coletivo rítmico das alunas da Escola Normal da Capital sob a direção da professora Carmem de Barros;</p> <p>Grande Coletivo de ginastica pedagógica com 4.600 crianças dos terceiros e quartos anos, dos grupos escolares da Capital, coordenados pelos professores Augusto Ribeiro de Carvalho e Cap. Fritjoh Detthow.</p>
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	<p>SÃO PAULO:</p> <p>Não sendo possível a visita a todos os grupos escolares da capital, a Diretoria Geral de Inspeção organizou grande exposição de trabalhos gráficos e manuais, com quadros explicativos e estatísticos e processos informativos das Escolas Normais do Braz, do Colégio Santa Ignez e Batista Brasileiro, Escolas Isoladas, Escola Normal da Praça e as Profissionais, nos próprios edifícios escolares, conforme certame pedagógico.</p> <p>CAMPINAS:</p> <p>Instalado na Escola Profissional Bento Quirino, os trabalhos de todas as escolas Profissionais do interior e no 4º Grupo Escolar, das Escolas Normais Oficial e Livres, dos grupos Escolares da Cidade.</p> <p>Haverá exposições escolares dos trabalhos das Escolas Normais, Profissionais e de Grupos Escolares.</p>
Formaturas Escolares	Formaturas escolares no Ipiranga, às 7h30, dia 7/09/1929.
Eventos Sociais	
Jantares/almoços/ bailes	
Palestras	
Visitas escolares	Para conhecimento dos processos e métodos pedagógicos foram programadas visitas a 6 Grupos Escolares na Capital para os membros da CNE, além das Escolas Normais, Profissionais, Inspeção de Educação Sanitária e Escolas Superiores.
Visita a outros prédios e espaços	
Visita a pontos turísticos	
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	

Fonte: Anais da CNE
 Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	IV CNE Rio de Janeiro - Distrito Federal 1931
Atividades extras	Festa Escolar, Teatro Municipal, oferecida pelo Município; às 15h, dia 20/12/1931.
Concertos	Concerto do Instituto Nacional de Música oferecido pelo Governo Federal aos congressistas, às 17h, dia 17/12/1931; Concerto para alunos e professores do Instituto Benjamin Constant, às 21h, dia 20/12/1931.
Desfiles/Marchas	

Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	
Exibição de Filmes	Exibição de Filmes recreativos do movimento educacional, no Museu de Expansão Comercial, das 16 às 19h, dia 16/12/1931; Sessões de Cinema Educativo com entrada franca (Jornal A NOITE).
Exposições Pedagógicas e Escolares	Exposição de Material e livros escolares e debate sobre planetário.
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Chá oferecido pela Instrução Pública Municipal, às 14h, dia 14/12/1931.
Palestras	
Visitas escolares	Vista à Escola Profissional Rivadavia Corrêa, às 9h, dia 14/12/1931; Visita à Escola Paulo de Frontim, às 14h, dia 14/13/1931, Visita à Escola de Debeis, na Quinta da Boa Vista; às 9h, dia 15/12/1931; Visita ao Colégio Bennett e palestra do Professor Anísio Teixeira, às 19h, dia 17/12/1931; Visita à Escola Normal Wenceslau Braz, às 14h, dia 19/12/1931; Visita à Ilha de Paquetá, oferecida pela ABE, às 7h, dia 20/12/1931.
Visita a outros prédios e espaços	Visita ao Museu Nacional; às 9h, dia 19/12/1931; Visita ao Preventório da Liga Brasileira contra a Tuberculose, dia 20/12/1931.
Visita a pontos turísticos	
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	

Fonte: Relatório de professor e imprensa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	V CNE Niterói - Rio de Janeiro 1932/1933
Atividades extras	
Concertos	
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	Exposição Pedagógica na Escola Normal, dia 26/12/1932.
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Festa oferecida aos membros da CNE pelo Governo Fluminense, às 22h, dia 02/01/1933; Almoço no Colégio Salesiano de Santa Rosa, no dia 03/01/1933; CAMPOS: Visita à cidade com almoço oferecido pelo Senhor Prefeito de Campos, dia 5/01/1933; Jantar na Escola Profissional Nilo Peçanha, dia 05/01/1933; Festa no Automóvel Club, 05/01/1933, RIO DE JANEIRO: Recepção da Federação dos Professores do Estado do Rio, às 16hs; Garden-party, às 17h, dia 06/01/1933

Palestras	
Visitas escolares	<p>Visita ao Grupo Joaquim Távora, Jardim da Infância no Campo de São Bento com sessão de cinema e músicas infantis a cargo do Maestro J. de Castro Botelho, Escola Aureliano Leal, dia 03/01/1933; Visita e almoço no Colégio Salesiano de Santa Rosa, dia 03/01/1933; Visitas à Escola Maternal Juliana Botelho, Grupo Nove de Abril, Escola Normal. Canto Orfeônico regido pelo Maestro Felicio Toledo. Escola de Trabalho, dia 03/01/1933;</p> <p>PETRÓPOLIS - dia 07/01/1933 Saída de automóveis às 9 horas. Visita à Escola Regional de Merity; Chegada a Petrópolis, às 11 horas Excursão pela Cremerie e Independência; Almoço no Grupo Escolar Pedro II e visita as dependências; Visita a Escola Normal Santa Izabel; Visita ao Colégio Sylvio Leite;</p>
Visita a outros prédios e espaços	<p>Recepção na sede da ABE, dia 04/01/1933;</p> <p>CAMPOS – visitas no dia 05/01/1933 Visitas ao Liceu e Escola Normal; Escola Maternal; Escola ao ar Livre Wenceslau Braz; Escola de Artificies; Usina dos Queimados; Escola Profissional Nilo Peçanha; Automóvel Club; Visita a Exposição do jubileu artístico do pintor Antonio Parreiras, às 15hs, dia 06/01/1933, em Niterói.</p>
Visita a pontos turísticos	<p>Embarque no meio de transporte noturno para visita a Campos, dia 04/01/1933. Regresso no trem noturno a Niterói, dia 05/01/1933; Visita a Petrópolis ao túmulo dos Imperadores, regresso pela Estrada de Petrópolis, no dia 07/01/1933; VASSOURAS: Excursão a cidade de Vassouras oferecida pelo Doutor Mauricio Lacerda, prefeito municipal, dia 08/01/1933.</p>
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	

Fonte: Programa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	VI CNE Fortaleza - Ceará 1934
Atividades extras	
Concertos	
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	Instalação da CNE, Orfeon e demonstrações de cultura física, às 20h, no dia 02/02/1934.
Exibição de Exercícios Físicos	
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	Abertura da Exposição de Arte Regional na Escola Normal Pedro II. Exposição de livros da Cia Melhoramentos de São de Paulo.
Formaturas Escolares	

Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Almoço no Açude General Sampaio, dia 10/02/1934.
Palestras	Palestra com Dr. Leonardo Mota, sobre folclore, no Auditorium e números de música regional
Visitas escolares	<p>Visitas a partir das 8h, dia 01/02/1934: Colégio Imaculada Conceição, Colégio Militar, Dorotéas, Santa Cecília, Faculdade de Farmácia, Instituto de Proteção à Infância, Aprendizes Artífices, Escola de Agronomia.</p> <p>Visitas à Fazenda Moda Pedra Fundamental da Escola Profissional de Menores, às 8h, dia 02/02/1934,</p> <p>Visita ao Sanatório e Escola Jose de Alencar, em Mecejana, às 16h, dia 02/02/1934;</p> <p>Visitas às escolas, dia 9/02/1934, a partir das 9h: Escola Normal Pedro II e aos Grupos Escolares: Santos Dumont, Fernandes Vieira, José de Alencar, Joaquim Tavora, Rodolfo Teófilo, Farias Brito, Porangaba;</p> <p>Visita ao Centro de Saúde e Escola Rural de Columinjuba; às 8h, dia 11/02/1934.</p>
Visita a outros prédios e espaços	Visita ao Museu Histórico do Estado, às 8 horas, dia 12/02/1934.
Visita a pontos turísticos	<p>Saída em trem especial para visitar os açudes Cedro e Choró, em Quixadá, às 4:30, dia 04/02/1934;</p> <p>Visitas ao açude General Sampaio, com almoço, às 8h, dia 10/02/1934.</p>
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	Visita e recepção no Palácio da Luz, oferecida pelo Governo do Estado, às 15 horas, dia 02/02/1934.

Fonte: Programa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	IV CNE Rio de Janeiro - Distrito Federal 1935
Atividades extras	
Concertos	Concerto histórico de música brasileira por professores, virtuosos especialistas, às 20h, auditório do Instituto de Educação, dia 24/06/1935;
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	<p>Demonstração Escoteira, às 22h, dia 26/06/1935;</p> <p>Demonstração de Folklore americano, às 20h30, dia 04/07/1935.</p>
Exibição de Canto Orfeônico	<p>Demonstração de Canto Orfeônico pelos alunos da Escola Pré-Vocacional Ferreira Viana, às 20h, no Auditório do Instituto de Educação, dia 23/06/1935;</p> <p>Demonstração de Canto Orfeônico com Orfeão de alunos da Escola Orsina da Fonseca, João Alfredo e Visconde de Cairú, às 20h, auditório do Instituto de Educação, dia 24/06/1935;</p> <p>Demonstração de Orfeão de Professores, às 20 horas, dia 26/06/1935;</p> <p>Demonstração de Canto orfeônico pelas escolas técnicas secundárias da Prefeitura do Distrito Federal sob a regência do maestro José Brandão da SEMA, às 20 h, dia 28/06/1935;</p> <p>Grande demonstração orfeônica no Clube Regatas Vasco da Gama com cerca de 20 mil alunos das escolas públicas do Distrito Federal, sob a regência do maestro Villa-Lobos, com a cooperação de mil músicos das bandas militares, regidos pelo Tenente Antonio Pinto Junior, maestro da Banda do Corpo de Bombeiros, às 14h, dia 07/07/1935 com o seguinte repertório: Hino Nacional, Alegria de Viver, Efeitos Orfeônicos, Hino à Bandeira, Meu Brasil, Canto do Pagé, Evocação à Ciência e Cantar para viver.</p>
Exibição de Exercícios Físicos	<p>Demonstração de boxe, savate e luta livre, às 22h30, dia 26/06/1935;</p> <p>Demonstração de educação física feminina das alunas da Professora Naruna Sutherland, às 22h, dia 27/06/1935;</p> <p>Demonstração de Educação Física e Volleyball pela Associação Cristã de Moços, às 22h20, dia 27/06/1935;</p>

	<p>Demonstração de educação física feminina por alunas do Colégio Bennett, sob a direção do professor Polly Wettwl, às 22h, dia 28/06/1935;</p> <p>Demonstração de educação física pela Polícia Especial e de Ginástica pelo Clube Alemão, às 22h30, dia 28/06/1935;</p> <p>Demonstração vocal e instrumental pela Superintendência de Educação Musical e Artística, às 20h, dia 29/06/1935;</p> <p>Demonstração de educação física das alunas dos professores Pierre Michailowky e Vera Grabinska, às 21h15, dia 29/06/1935;</p> <p>Grande parada esportiva, às 14 h, dia 30/06/1935;</p> <p>Demonstração de educação física das escolas secundárias particulares e federais, no Estádio do Fluminense Futebol Clube, às 9h, dia 05/07/1935;</p> <p>Demonstração de Educação Física por alunos das escolas primárias do Departamento de Educação do Distrito Federal, no Estádio do Fluminense Futebol Clube (rua Álvaro Chaves, 41), às 14h, dia 05/07/1935;</p> <p>Demonstração de educação física pelos alunos das escolas técnicas secundárias do Departamento de Educação do Distrito Federal, no Estádio do América Futebol Clube (rua Campos Salles 118), às 14h, dia 06/07/1935;</p> <p>Programação em homenagem ao VII Congresso Nacional, do Instituto de Educação a ser realizada no dia 29/06/1935, às 21horas, (Instituto de Educação).</p> <p>Nova Educação Físico Estética – segundo o método dos professores Pierre Michailowky e Vera Grabinska</p> <p>A Nova Educação Física *Infantil e Feminina*, com palestra orientadora do Professor Pierre Michailowky</p> <p>Marchas e Evoluções Rítmicas – por um grupo de discípulas do Curso de Iniciação Plástico – Rítmica da Extensão Universitária – meninas: Lucia, Maria José e Clotilde Belizário de Carvalho, Aga Montariol, Cloé dos Santos, Eddie Macedo de Oliveira, Maria Tarquino, Francisca Lauro, Alice Jacobsen, Esther Silveira Pinto, Norma de Castro Barreto, Helena Robstein, Delsa de Avelar, Lenny Ferreira Pereira e Helena Lassance.</p> <p>Exercícios de Plástica Estética Feminina - por um grupo de discípulas do curso do Botafogo Football Club e Tijuca T. Club – meninas: Angela Amaral do Valle, Norma de Castro Barreto, Laura Assis e Margarida Sonnenfeld.</p> <p>Dança com ideal de Educação Físico Estética:</p> <p>Danças infantis, artistas ambulantes, motivos populares com a bailarina Maria Luiza Tarquino e dançarino Eddie Macedo de Oliveira; Urso: Francisca Lauro, Boneca Dançante: Kreisler com Maria Henriqueta de Triviño;</p> <p>Brinquedo Russo: motivos populares com Maria Luiza Tarquino e Francisca Lauro, Maria José e Clotilde Belizário de Carvalho.</p> <p>Danças Cênicas:</p> <p>Alma Cigana (dança característica expressiva) Motivos populares- Laura de Assis.</p> <p>Dança Assyria (dança estilizada evocativa) Rubinstein – Angela Amaral do Valle.</p> <p>Biscuit de Sevres (dança clássica) Boecherini – Professora Vera Grabinska.</p> <p>Czardas (dança característica) – Grossman – Laura de Assis e Margarida Sonnenfeld.</p> <p>Idolo (dança impressionista) Staube - Angela Amaral do Valle</p> <p>Escrava Chicoteada (dança expressionista) – Rachmaninoff – Maria Sonnenfeld.</p> <p>Gitana (dança clássica expressiva) -Motivos Populares - Professora Vera Grabinska.</p> <p>Noivado de Jéca (cena e dança caipira) Nepomuceno com Professor Pierre Michailowky; noiva Laura Assis e as amiguinhas: Margarida Sonnenfeld, Norma de Castro Barreto, Djanira Araujo, Alice Araujo, Lourdes Guimarães, Angela Amaral do Valle, Delsa de Avellar, Helena Lassance, Lenny Pereira, Esther Silveira, Santinha de Sá e Helena Lopes.</p> <p>Coreografia Original do Professor Pierre Michailowky e acompanhamento ao Piano pela Professora Diva Belisario de Carvalho.</p>
--	---

	Coreografia Original do Professor Pierre Michailowky e acompanhamento ao Piano pela Professora Diva Belisario de Carvalho.
Exibição de Filmes	Sessão cinematográfica no Auditório do Instituto de Educação, às 21h40, dia 23/06/1935; Sessão cinematográfica às 20h, dia 27/06/1935;
Exposições Pedagógicas e Escolares	Exposição de livros e materiais de educação física e sanitária no Instituto de Educação, durante todo o congresso. No mesmo espaço Exposição material apropriado para Jardim de Infância oferecida pelo Diretoria do Estado de Pernambuco. Exposição sobre serviços de educação física efetuados em diferentes localidades do país, pelos Drs. Arno Enge, Renato Eloy de Andrade e pelos Profs. Guilherme Gaelzer, Heitor Rossi Belache, José de Oliveira Gomes, Lois Marieta Willians e Cap. Horacio Gonçalves, das 9 às 14h, dia 24/06/1935;
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Recepção pelo Departamento do Rio de Janeiro da A.B.E, às 21h, no dia 03/07/1935;
Palestras	
Visitas escolares	Visita à Escola de Educação Física do Exército (Fortaleza de S. João), às 9 horas, dia 27/06/1935; Visita aos novos prédios escolares do Departamento de Educação do Distrito Federal; às 9h, no dia 01/07/1935; Visita ao Instituto de Educação, às 9h, no dia 04/07/1935; Visita ao Colégio Militar do Rio de Janeiro, na rua S. Francisco Xavier 267, às 15h, dia 04/07/1935;
Visita a outros prédios e espaços	Visita à Associação Cristã de Moços e Associação Cristã Feminina, às 9h, dia 24/06/1935; Visita à Liga de Esportes da Marinha (Ilha das Cobras), às 9h, dia 28/06/1935; Visita à Casa de Correção, às 9h, na Rua Frei Caneca 463-67, dia 29/06/1935; Visita ao Ginásio Vera Cruz, às 10h, dia 30/06/1935; Visita ao Instituto de Pesquisas Educacionais do Departamento de Educação do Distrito Federal; às 16h, dia 02/07/1935; Visita ao Instituto de Educação, às 9h, dia 04/07/1935;
Visita a pontos turísticos	Passeio pela Baía de Guanabara e almoço na Ilha de Paquetá, oferecido pelo Dr. Lourival Fontes, diretor do Departamento de Turismo Distrital, às 7h, dia 26/06/1935;
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	

Fonte: Programas e Anais da CNE
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	VIII CNE Goiânia - Goiás 1942
Atividades extras	
Concertos	
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	O programa cultural das 2, 3 e 4 sessões, no Cine Teatro, às 21 horas, nos dias 22, 23 e 24, constam contribuições do Teatro da Casa do Estudante do Brasil e dos seguintes festejos típicos, promovidos pelo Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda de Goiânia: reisado ou festas de reis, entrada da rainha quebra-machado, umbigadas, congo ou dança do congo,

	dança do tapuiê cum cum, dança de velho, dança de vilão, dança de moço, bumba-meu-boi, muxirão (modas de viola), traição (desafios), catiras (bataques) recortes (côcos ligeiros, côco cúrucu) e aruanã (dança dos índios Carajás).
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	Exibição de exercícios físicos na Escola Normal de Goiás.
Exibição de Filmes	Durante todo o período do Congresso, o Instituto Nacional de Cinema apresentou filmes de sua produção focalizando aspectos naturais e culturais do Brasil.
Exposições Pedagógicas e Escolares	Anexa ao VIII Congresso Brasileiro de Educação em Goiânia realizar-se-á a II Exposição Nacional de Cartografia e Estatística organizada pelo IBGE com a colaboração da Associação Brasileira de Educação, abertura oficial às 15h, dia 20/05/1942.
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Coquetel oferecido aos congressistas pela Associação Goiânia de Imprensa, no Automóvel Clube, às 17h30, dia 19/05/1942; Recepção oferecida pelo Governo, no Automóvel Clube, às 21h, dia 20/05/1942;
Palestras	
Visitas escolares	
Visita a outros prédios e espaços	Passeio na cidade e visita as repartições públicas, às 8h, dia 23/07/1942.
Visita a pontos turísticos	Excursão à Fazenda Santa Genoveva, com almoço oferecido pela Associação Goiana de Pecuária, pela manhã, dia 22/05/1942.
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	Uma delegação de congressistas permanecerá em Goiânia depois do encerramento do Congresso, afim de participar dos festejos cívicos de inauguração oficial, da nova capital, dia 5 de julho.

Fonte: Programa e Anais
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	IX CNE Rio de Janeiro - Distrito Federal 1945
Atividades extras	
Concertos	
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	Exposição de Educação para a Saúde-SESP (única nota em Jornal)
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	
Palestras	
Visitas escolares	
Visita a outros prédios e espaços	
Visita a pontos turísticos	
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	

Fonte: imprensa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	X CNE Rio de Janeiro - Distrito Federal 1950 Pelo programa constam sessões plenárias, sem outras atividades.
Fonte: Programa Quadro elaborado pela autora	

Repertório de Ações	XI CNE Curitiba - Paraná 1954
Atividades extras	
Concertos	
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	Visita a Exposição Internacional do Café e a Feira de Curitiba, no Tarumã, às 17h, dia 12/01/1954.
Formaturas Escolares	
Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Recepção no Hotel Moderno.
Palestras	
Visitas escolares	Visita e instalação do Centro de Demonstração de Ensino Primário, na Lamenha Lins, às 9h, dia 08/01/1954; Visita ao Grupo Escolar Barão do Rio Branco e Creche Ana Messias, às 14h, dia 11/01/1954;
Visita a outros prédios e espaços	Passeio pela Cidade, às 15h, dia 07/01/1954.
Visita a pontos turísticos	
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	Visita a Exmo. Sr. Governador e ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, às 15h, dia 7/01/1954;

Fonte: Programa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	XII CNE Salvador - Bahia 1956
Atividades extras	Homenagem da Universidade as autoridades presentes, 1º decenário da Universidade, às 17hs, dia 02/07/1956; no Salão de Festas do Hotel da Bahia.
Concertos	Concerto Inaugural do 3º Seminário Internacional de Música Festival Mozart, às 20h30, dia 02/07/1956;
Desfiles/Marchas	
Exibições Artísticas/culturais	
Exibição de Canto Orfeônico	
Exibição de Exercícios Físicos	
Exibição de Filmes	
Exposições Pedagógicas e Escolares	
Formaturas Escolares	

Eventos Sociais Jantares/almoços/ bailes	Almoço à bahiana oferecido pelo Governador do Estado; às 12h, dia 02/07/1956; Almoço no Centro Regional do INEP, na Estrada de São Lázaro, às 12h, dia 04/07/1956; Almoço na Residência do Universitário, Avenida 7 de setembro, às 12h, dia 07/07/1956;
Palestras	
Visitas escolares	Visita à Casa Universitária, na Av. Araújo Pinho, número 12; às 11h, dia 01/07/1956; Visita a reitoria da Universidade, às 8h30, dia 03/07/1956; Visita as obras e serviços do INEP, às 8h30, dia 04/07/1956; Visita ao Centro Educacional Carneiro Ribeiro (Escola Parque) e Centro Educacional do INEP (CRINEP), às 15h, dia 04/07/1956;
Visita a outros prédios e espaços	
Visita a pontos turísticos	Excursão pela orla marítima (Barra, Rio Vermelho, Amarilana, Pituba e Itapoã), às 14h, dia 01/07/1956; Visita às Igrejas e monumentos da cidade, às 8h, dia 02/07/1956;
Visita ao Palácio do Governo e agenda oficial	

Fonte: Programa
Quadro elaborado pela autora

Repertório de Ações	<p align="center">XIII CNE Rio de Janeiro - Estado da Guanabara 1963 Pelo programa constam sessões plenárias, sem outras atividades.</p>
----------------------------	--

Fonte: Programa
Quadro elaborado pela autora